

colheita
de rubis

um romance

TESSA
AFSHAR



bvbooks

COLHEITA de RUBIS

TESSA AFSHAR

bvbooks

bvbook

BV Films Editora Eir
Centro | Niterói | RJ | 24.030-0
55 21 2127-26
www.bvbooks.com

EDITOR RESPONSÁVEL

Claudio Rodrigo

DIAGRAMAÇÃO

Colheita de Rul

TRADUÇÃO

Roseli Lir

Caio Amor

ADAPTAÇÃO DA CAI

Equipe Promo

REVISÃO

Ana Júlia Fer

Roseli Lir

Edição traduzida e publicada sob permissão contratual com a autora Tessa Afshar, da editora River North Fiction e Moody Publishers. Traduzido do título original em inglês "Harvest of Rubies". Copyright © 2012 por Tessa Afshar.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão por escrito da editora, exceto em caso de curtas citações incluídas em artigos de crítica. As referências às Escrituras são de Salmos 46:1-2; 3:25, Salmos 18:1-3; seleções do Salmos 25; Salmos 25-7; Salmo 31:8-9, Oseias 2:14-15a. A referência na citação de Oseias capítulo 26 significa "tribulação". As citações bíblicas são provenientes da Bíblia Sagrada, New International Version®, NIV Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 pela Bíblia, Inc. TM. Utilizada sob permissão da Zondervan. Todos os direitos reservados mundialmente. www.zondervan.com Algumas das citações bíblicas são provenientes da Bíblia Sagrada, New Living Translation copyright © 1996, 2004. Utilizada sob permissão da Tyndale House Publishers, Inc, Wheaton, Illinois, 60189, USA. Todos os direitos reservados. Publicado em associação com a Books Such Literary Agency, 52 Mission Circle, Suite 122, PMB 170, San Rosa, CA 94509-5370.

Editado por Pam Pugh; Design interior por Ragont Design; Foto da autora: Christine Richenburg; Design da capa: Bra Navigation, LLC. Imagens da capa: Fotolia (#44539542 / 43222776 / 13517409 / 3964088); Shutterstock (#43641661 93812500) e iStock (#18200424).

Esperamos que aprecie este livro da River North Fiction by Moody Publishers. Nosso objetivo é disseminar materiais de alta qualidade através de livros provocantes e produtos que conectem a verdade à vida real e seus desafios. Para mais informações sobre outros livros e produtos escritos e produzidos a partir de uma perspectiva bíblica, visite-nos em www.moodypublishers.com ou escreva para: River North Fiction, Imprint of Moody Publishers / 820 N. LaSalle Boulevard.

AFSHAR, Tessa

Colheita de Rubis. 1ª Edição – 2017. 360 p. Rio de Janeiro: BV Books, 2017.

ISBN – 978-85-8158-114-9

Impressão e Acabamento: Promove Artes Gráficas.

1. Escritas – Ficção. I. Título.

Impresso no Brasil

*À minha mãe e ao meu pai:
Obrigada por me ensinarem a rir e a amar.*

587-586 a.C. - Judá é levado cativo para a Babilônia e o Templo é destruído.

559-530 a.C. - Ciro, o Grande, estabelece o maior império que o mundo até então conheceu e funda a dinastia aquemênida. Em 538 Ciro liberta Israel de seu cativeiro na Babilônia, conforme profetizado por Isaías (44:24-45:5). Ele doa dinheiro de seu próprio tesouro para a reconstrução do Templo em Jerusalém.

530-522 a.C. - Cambises, o filho primogênito de Ciro, conquista o Egito. O seu reino é brevemente sucedido pelo seu irmão mais novo, Bardia, que morre pouco tempo depois sob circunstâncias insólitas.

521-486 a.C. - Dario, o Grande, expande o Império Persa para que, em seu auge, o império abranja aproximadamente treze milhões de quilômetros.

486-465 a.C. - Xerxes assume a grande dinastia de seu pai. Ele é mais conhecido pelo seu notório ataque à Grécia, e por escolher uma simples menina judia chamada Ester como sua rainha. A data desse evento é desconhecida. Para mais detalhes, leia o livro de Ester.

465-424 a.C. - Artaxerxes é conhecido como um rei benevolente, que substitui várias leis penosas por uma legislação mais humana. Ele envia seu copeiro, Neemias, de volta a Jerusalém em 445 para reconstruir os seus muros, que estavam em ruínas.

334 a.C. - Alexandre, o Grande, conquista a Pérsia.

33 d.C. (aprox.) Jesus de Nazaré é crucificado.

PERSONAGENS na ordem em que aparecem ou são mencionados.

Sara – escriba sênior da rainha

Simeão – pai de Sara

Lia – Tia de Sara

Neemias – parente de Sara e Simeão; copeiro do rei

Artaxerxes – rei da Pérsia

Damaspia – rainha da Pérsia, esposa de Artaxerxes

Amestris – a rainha mãe

Frada – assistente de Damaspia

Nebo – escriba de Amestris

Parisatis (Pari) – serva de Sara

Gaspar – escriba subordinado a Frada

Alogune – concubina de Artaxerxes e mãe de seu filho Sogdianus

Lorde Dario – marido de Sara

Lorde Vivan – pai de Dario

Teispes – mordomo da casa de Dario

Bardia – o jardineiro

Mandana – chefe dos empregados

Gobry/Gobryas – neto de Bardia

Aspasia – uma cortesã

Arash – sobrinho de Damaspia

Vidarna – novo mordomo de Dario

Capítulo Um

O Oitavo Ano do Reinado do Rei Artaxerxes Pérsia

No meu décimo segundo aniversário, meu pai descobriu que eu sabia ler.

Ele chegou à casa muito antes da hora do jantar naquela noite, uma ocorrência tão rara que, de tão chocada, esqueci-me de cumprimentá-lo. Em vez disso, sentei-me, estupefata, segurando uma tabuleta de argila que eu não deveria tocar.

“O que você está fazendo?” Perguntou ele, sem conseguir desprender o olhar da tabuleta presa ao meu peito.

Meu pai, um escriba real da corte persa, tratava suas ferramentas de escrever como se fossem objetos sagrados da Arca da Aliança.

Antes mesmo de eu saber andar ou falar, aprendi que jamais deveria aproximar-me de seus rolos e tabuletas, pelo receio de danificá-los.

“Você sabe muito bem que não deve tocar nisso,” disse ele quando demorei a responder.

Engoli o nó do medo que ficou preso à minha garganta, ciente de que fui descoberta. A verdade parecia ser a minha única opção.

“Eu estava lendo,” respondi enquanto colocava a tabuleta no chão com extremo cuidado.

Ele me estudou com o olhar sob o cenho franzido. “Mesmo que soubesse ler - o que não sabe - você não deveria sequer aproximar-se de minhas ferramentas de escriba. Você fez muito mal em mentir, Sara.”

“Eu não estou mentindo, Papai”.

Ele soltou um suspiro. Estendendo a sua mão em um irônico convite em direção à tabuleta, ele disse: “Demonstre”.

A tabuleta estava em persa, uma das mais complicadas línguas do mundo. Eu poderia ter

escolhido aprender aramaico por conta própria, uma língua mais simples para uma iniciante e mais apropriada para um judeu. Porém, a maioria dos documentos em aramaico era registrada em pergaminhos, e eu estava convencida de que haveria menos chances de danificar acidentalmente tabuletas de argila ou de pedra do que frágeis rolos de pergaminhos.

Passei a língua nos lábios e concentrei-me no complexo alfabeto diante de mim. Os símbolos pareciam uma série de pregos delicados em posição vertical ou deitados de lado, com um triângulo incompleto jogado ao acaso para confundir. Com uma acuidade hesitante, comecei a ler a primeira linha da esquerda para a direita. Depois a segunda, e então a terceira.

Meu pai afundou no tapete próximo a mim; seus movimentos lentos. Ele ficou silencioso por um longo momento. Depois perguntou: “Quem lhe ensinou a ler em persa?”

“Ninguém. Aprendi sozinha. Estou estudando há cinco meses.”

Ele parecia sem palavras. Então, com movimentos desajeitados, ele agarrou três pequenos cilindros de argila e os colocou diante de mim.

“Que palavra é esta? E esta? Consegue entender esta frase?”

Creio que ficamos lá sentados por horas enquanto ele testava o meu conhecimento, corrigia minha pronúncia e demonstrava regras gramaticais. Ele se esqueceu da minha transgressão secreta de mexer em suas ferramentas de escriba por meses a fio. Ele se esqueceu de protestar por eu ter aprendido a ler sozinha sem sua permissão.

No entanto, ele também se esqueceu de indagar *por que* eu quis aprender. Embora eu estivesse surpresa por ele não estar zangado com o meu comportamento, sua falta de interesse parecia bem familiar. Desde a morte de minha mãe, quando eu tinha sete anos, meu pai raramente conversava comigo sobre qualquer coisa salvo assuntos ordinários de cunho estritamente doméstico, e mesmo isso era raro. Meus desejos, minhas razões e minhas esperanças não lhe despertavam o mínimo interesse.

Ao fim daquela noite, depois de tantas horas em sua companhia, quando engatinhei até o meu fino colchão de enchimento de algodão, minha boca se abriu num largo sorriso. Eu havia finalmente achado uma forma de reter a atenção do meu pai. Ele havia passado mais tempo comigo naquela única noite do que normalmente o fazia em duas semanas. Meses de trabalho árduo me trouxeram o desejo do meu coração; ele tinha encontrado em mim algo digno do seu tempo.

Depois que perdemos minha mãe, Tia Lia, a única irmã de minha mãe, passou a vir uma vez por semana à nossa casa para nos ajudar com o serviço doméstico. Ela tentou me ensinar a

costurar, limpar e cozinhar. Nossas conversas sobre esses tópicos tendiam à frustração — para ela — e ao sofrimento para mim.

“Você não estava prestando atenção quando lhe mostrei como tirar os miúdos do frango?”

“Não, Tia Lia. Eu sinto muito.”

“Você não pode usar a vassoura desse jeito, Sara. Você só está movendo a poeira de um lugar para o outro. Isso não é limpeza. Isso é uma migração da sujeira.”

“Sim, Tia Lia. Eu sinto muito.”

“Essa panela não vai ficar limpa só de você olhar para ela e suspirar.”

O silêncio parecia a melhor resposta em momentos como esse.

Eu não podia ofender a minha única tia dizendo-lhe a verdade: que eu preferia bater com a panela na minha cabeça até perder a consciência a ter de enfrentar o tédio frustrador de esfregar o seu fundo enegrecido.

Meu único consolo era que a nossa casa era pequena — quatro cômodos e um corredor com um jardim minúsculo do tamanho de um tapete grande nos fundos, assim não havia muito para limpar. Os poucos tapetes que tínhamos eram de fios trançados, não feitos de nós, e eu apenas os batia contra a cerca viva do lado de fora. Nossa mobília, modesta para início de conversa, tinha servido minha família por uns bons vinte anos; nem mesmo o meu trato impaciente às peças conseguiu estragá-las mais do que já estavam.

Tia Lia veio à nossa casa no dia seguinte ao meu aniversário de doze anos e descobriu que eu estava praticando o alfabeto persa em uma tabuleta de argila fresca. A tabuleta cabia confortavelmente na palma da minha mão; eu segurava uma extremidade bruta com o meu polegar e usava o estilete para esculpir novas palavras na superfície úmida. Já que meu pai tinha descoberto o meu segredo e parecia apoiá-lo, eu não via razão alguma para continuar a escondê-lo.

Tia Lia estapeou o topo de sua cabeça: “Agora você sabe escrever?”

“Sim, eu sei,” respondi com orgulho, alongando minhas pernas, já com câibras, sobre o tapete rústico.

“Isso é um escândalo. O que dirá o seu pai?”

“Ele está me ensinando.”

“Isto é um escândalo,” ela repetiu. Obrigou-me a guardar a tabuleta e o estilete, e a ajudá-la a lavar roupas até que o meu pai chegasse.

Embora eu tivesse sido impedida de ficar na sala para que eles pudessem ter uma conversa em particular, eu pude ouvir partes da discussão através das cortinas arriadas que separavam a sala retangular em duas partes. Meu coração batia a um ritmo desconfortável enquanto eu pensava na possibilidade de Tia Lia conseguir convencer meu pai de parar de me ensinar. Esperei com ardente ressentimento, mal conseguindo me impedir de adentrar a sala e exigir que ela parasse de interferir na primeira boa coisa que me aconteceu em anos.

“A criança quer apenas aprender a ler e escrever, Lia. Não há vergonha nisso. Ela até demonstra um lampejo de talento.” Eu fiquei surpresa ao ouvir meu pai me defender; eu não conseguia me lembrar de alguma vez em que ele tenha feito isso. As simples palavras acalmaram a minha crescente indignação.

“A criança é uma menina.”

“Mulheres que sabem ler não são incomuns. A rainha lê tão bem quanto qualquer escriba, segundo dizem.”

“Sara não é uma mulher da realeza persa. Ela é uma simples donzela judia.”

Eu não consegui entender a resposta do meu pai. A reação da Tia Lia, no entanto, veio rápida e acalorada. “Nada de bom pode resultar disso, Simeão. Registre minhas palavras. Sua recusa obstinada em ouvir a razão acabará por prejudicar a criança.”

Ela deixou a casa bruscamente, não se dando tempo sequer para calçar corretamente os sapatos. Logo que ela saiu, juntei minha tabuleta de prática e as ferramentas emprestadas e entrei no quarto do meu pai. Ele estava sentado no chão, de cabeça baixa e com uma mão sobre os olhos.

Com cuidado, coloquei os apetrechos na frente dele. “Gostaria de ver o que eu fiz hoje, Papai? Não fiz muito; Tia Lia interrompeu minha prática.”

Isso era novo para mim, essa forma ousada de falar com meu pai. Há anos sabia que eu era um incômodo para ele. A minha conversa lhe era cansativa; minha presença o irritava. O meu empenho literário, porém, havia me dado uma nova confiança. Eu sabia que meu pai amava o seu trabalho. *Eu* podia ser um estorvo, mas o trabalho não. Imaginei que ele me toleraria enquanto houvesse uma tabuleta de argila entre nós.

Ele levantou a cabeça e me olhou fixamente por um bom tempo.

Um canto de sua boca elevou-se. Soltei a respiração após ele não ter esboçado nenhuma reprovação. “Vamos ver o que você conseguiu fazer, então”.

Tia Lia voltou na semana seguinte com reforços poderosos. Eu havia encontrado meu primo Neemias anos antes, durante o período em que minha mãe esteve doente. Nos anos recentes, porém, eu apenas ouvia as histórias de suas grandes realizações na corte. Ele havia sido promovido à posição de copeiro do rei.

Na Pérsia, a posição social era medida pela proximidade à pessoa do rei. Apenas àqueles de importância eram concedidas posições que os colocavam em contato constante com a realeza.

Neemias provava o vinho do rei como um escudo humano contra envenenamento. Contudo, ele também atuava como um de seus conselheiros, pois era comum o rei solicitar a opinião daqueles que lhe eram mais próximos. Até mesmo eu, uma criança de doze anos, sabia que Artaxerxes o tinha em alta estima. Isso era o suficiente para torná-lo um visitante assustador. Entretanto, o fato de ele vir com sua pompa e influência a pedido de minha tia me aterrorizou.

Será que ela o teria persuadido a intervir contra o meu desejo de me alfabetizar? Em caso afirmativo, ele era um homem importante demais para ser contrariado.

“Traga ao Lorde Neemias alguns aperitivos, Sara,” ordenou minha tia enquanto eu os assistia boquiaberta no pátio de entrada.

“Não, não, eu não preciso de nada. Deixe a criança se juntar a nós, Lia. Faz muito tempo que eu não a vejo. Você cresceu e se tornou uma mocinha.”

Ele era um homem alto de cabelos de um vermelho escuro chamativo e maneiras impecáveis. Até mesmo as unhas de suas mãos eram aparadas e limpas, muito diferentes das mãos ásperas e sujas do meu pai. Curvei-me desastradamente em reverência, não acostumada ao protocolo do palácio. “Bem-vindo, meu senhor. Por aqui, por favor,” eu disse, com minha voz trêmula pela ansiedade. “Chamarei meu pai para o senhor,” acrescentei e saí rapidamente, feliz por ter escapado de sua presença imponente.

Meu pai deixou o seu quarto apertado apressadamente. “Você nos honra,” disse ele, dirigindo-se a Neemias e direcionando à Tia Lia um breve aceno de cabeça. Ele gesticulou para que todos se sentassem em nossas finas almofadas, que haviam sido dispostas no chão.

“Já faz muito tempo, Simeão, desde que visitei sua casa. Você sabe o quanto o palácio toma o nosso tempo, mas isto não é uma boa desculpa; perdoe minha longa ausência. Estou contente em ver você.”

“E eu em ver você, meu senhor. Entretanto, temo que minha cunhada o tenha incomodado desnecessariamente com assuntos triviais da minha família.”

“Para dizer a verdade, Lia realmente mencionou algo sobre um assunto urgente em relação a Sara”.

Eu revirei os olhos. Meu pai apenas disse: “Verdade?”

Minha tia ficou tensa, sentando-se mais ereta e levantando a voz. “Uma donzela judia não tem que ler e escrever na língua persa.

O que ela precisa aprender são as graças femininas, e não encher sua cabeça com conhecimento que não lhe trará nenhum benefício.”

Fiquei irada diante das palavras dela. “Como pode não trazer nenhum benefício se eu posso ajudar Papai com o seu trabalho? Ou administrar as contas da casa e aliviá-lo de mais um dever?”

“Guarde a sua língua, Sara”, ordenou meu pai, com sua voz soando cansada.

“Vamos ouvir a criança. Pelo que me consta, ela é maior interessada nisso.” O incisivo olhar castanho do meu primo pousou em mim, e eu me contorci. “Diga-me, Sara, você quer aprender?”

“Oh sim, meu senhor. Mais do que tudo. E eu sou muito boa nisso. Pergunte a meu pai. Eu aprendi a ler em persa sozinha.”

“Entende?” Tia Lia gesticulou com a palma da mão para cima para dar ênfase. “Ela já esqueceu o valor da humildade”.

“É apenas a verdade,” disse eu, com voz hesitante.

Neemias cobriu a boca com sua mão elegante por um momento. As linhas rasas ao redor dos seus olhos se aprofundaram. Eu me perguntava se ele poderia estar rindo por baixo de seus dedos, mas, quando ele abaixou a mão, sua expressão era séria. “Se o Senhor Deus dotou essa criança, então talvez seja porque Ele tem um plano para a sua vida que venha a requerer tais habilidades. E quem somos nós para atrapalharmos os planos do Senhor?”

“O *Senhor*?” A voz da minha tia parecia uma gaita pastoril quebrada.

Neemias ignorou a interjeição. “Lia, você se lembra da Rainha Ester?”

Todo judeu na Pérsia sabia sobre Ester. Há apenas uma geração, toda a população judaica da

Pérsia teria sido dizimada se não tivesse sido por sua coragem e engenhosidade. Nós celebramos o Purim em homenagem à sua vitória.

“Claro que me lembro da Rainha Ester.”

“Ela tinha o dom da beleza extraordinária. Contudo, o que mais maravilhava a todos era a sua doçura. Eu a encontrei uma vez quando menino, sabe? Uma mulher inesquecível.” O rosto de Neemias tornou-se inescrutável por um momento e eu me perguntava se as suas memórias tinham se tornado mais reais do que a nossa presença. Quando ele falou novamente, sua voz parecia mais suave.

“Sua inteligência e graça a tornaram rainha do maior império que o mundo já conheceu, mas foi Deus quem a colocou sobre aquele trono. O Senhor, que conhecia o perigo a que seu povo estaria exposto, a preparou para ocupar aquela exata posição”.

“Eu não entendo,” interrompeu minha tia, com seu olhar como se tivesse comido frutas azedas: “O que tem Ester a ver com essa situação?”

“O que quero dizer é que devemos estar prontos para seguir o Senhor onde quer que Ele nos conduza. Ester assumiu uma posição real não sabendo que um dia seus dons e influência seriam necessários para o grande plano de salvação de Deus para o Seu povo.

Devemos entrar pelas pequenas portas que o Senhor nos abre, para o caso de elas desembocarem num caminho maior. Digo mais uma vez: quem somos nós para atrapalharmos os planos do Senhor para Sara? Se os seus dons se revelarem como um instrumento útil nas mãos de Deus, então temos de desenvolvê-los, e não esmagá-los.”

Eu me animei quando percebi que Neemias estava me defendendo. Tentei limpar o sorriso do meu rosto, sabendo que minha tia se ofenderia com a minha vitória presunçosa. Por dentro eu tinha vontade de pular e dançar. Por fora eu me educava para refletir um pouco da humildade que eu tinha deixado de lado mais cedo.

“Lorde Neemias, o senhor quer que uma menina judia aprenda para tornar-se uma escriba?” Tia Lia finalmente explodiu.

“Eu quero que uma menina judia cumpra o seu destino. Eu não sei qual é, mas eu quero que ela esteja pronta para aquilo que Deus lhe preparou.”

Após esse pronunciamento todos nós ficamos calados. Eu senti o peso de suas palavras com uma nova visão. A interpretação de Neemias de meus desejos infantis estava muito mais relacionada com a vontade de Deus do que com a vontade da Sara. Este conceito era por demais

perturbador para se compreender; com a facilidade da juventude, eu o enterrei em algum lugar em um cantinho do meu coração. Era mais agradável me concentrar no fato de que eu estava prestes a receber o meu mais querido desejo.

“Então, Sara, você tem que prometer que vai estudar muito e aprimorar o seu talento,” disse-me Neemias.

Era como se ele estivesse fazendo uma criança prometer que iria comer deliciosos bolos de mel. Incapaz de impedir o sorriso de se espalhar por toda a minha face, eu disse: “Eu prometo, meu senhor”.

Meu pai começou a me ensinar diligentemente depois disso.

Quando fiz dezesseis anos, além de persa, eu sabia ler e escrever em acadiano, outra língua complicada praticada apenas por escribas reais para a manutenção de importantes registros administrativos.

Ironicamente, a língua mais popular no Império Persa não era a persa — uma língua muito complexa para o povo comum de nações estrangeiras aprender. O aramaico, mais simples de entender e escrever e já praticado por muitos povos dispersos pelas guerras assírias e babilônicas nos duzentos anos anteriores, tornou-se mais popular do que outras línguas no império oriental. Então eu me tornei letrada em aramaico também.

Aprendi a escrever em tabuletas de argila usando uma cana afiada para esculpir a superfície crua e molhada delas. Papai também me trazia pergaminho feito de pele de carneiro ou vitela, alcalinizado e

esticado em um quadro de madeira para tornar a sua superfície lisa a fim de facilitar a escrita. Às vezes, ele até me dava um grande rolo de papiro, que era o mais frágil dos materiais de escrita, sendo susceptível tanto à umidade quanto ao calor.

Tornar-me capaz de registrar dados eficientemente em um império que dependia de sua própria habilidade administrativa para prosperar fazia de mim um bem valioso para o meu pai. Eu desenvolvi a capacidade de falar e interpretar várias línguas em um reino que enfrentava multidões de barreiras linguísticas, e precisava superá-las diariamente a fim de funcionar. Eu também aprendi a arte de registrar contas. Agora eu poderia ajudar meu pai a aumentar suas comissões.

Tia Lia passou a nos visitar cada vez menos depois que comecei a me aplicar ao aprendizado. Imagino que ela jamais tenha conseguido aceitar totalmente o pronunciamento do primo Neemias. No entanto, foi mais do que isso. Quanto mais livre acesso eu tinha ao mundo dos

escribas, menos tolerância eu tinha para com o mundo dela. Passava menos horas em sua companhia. Meu intenso horário de trabalho me dava uma desculpa razoável para escapar de suas tentativas de me arrastar para o seu mundo de mulher. Meu pai contratou uma serva para ajudar com o serviço da casa uma vez por semana, e eu fazia o meu melhor para cuidar de nossas necessidades diárias.

Numa outra situação, minha tia teria brigado comigo e me colocado sob alguma forma de disciplina. No entanto, acho que a combinação de meu pai, Neemias e Sara foi demais para ela.

Duvido que meu primo tivesse a intenção de que eu ganhasse maturidade como mulher sem influências femininas. No entanto, foi isso o que eu acabei conseguindo pela minha teimosia em recusar-me a dar à minha tia algum espaço em minha vida. Quando completei vinte anos, eu era mais escriba do que mulher. Minha tia, cansada de minhas constantes rejeições, finalmente desistiu.

O primo Neemias nos visitava de vez em quando para verificar o meu progresso. Uma vez, ele trouxe seu próprio pergaminho e pediu para eu ler. Eu desenrolei o frágil papiro sobre a mesinha do meu pai e encontrei um texto em hebraico muito bem trabalhado.

“Eu não consigo ler isso, meu senhor.”

“Você não lê hebraico?” Ele levantou uma sobrancelha. “A língua de seu próprio povo?”

Eu dei de ombros. “É de pouco uso em documentos da corte.”

Ele apertou os lábios. “Talvez você se lembre das palavras. Eu vou ler algumas linhas para você: *Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia*”

Lembrei-me bem, embora fosse uma lembrança dolorosa que eu logo esqueceria. Fiquei imaginando o que poderia tê-lo provocado a trazer-me esse salmo em especial. Esquivando-me das emoções que estavam amarradas às palavras, eu apenas disse: “Eu me lembro.”

“Uma vez ouvi você recitar esse salmo inteiro quando você era uma garotinha. Você sabia disso?”

“Não, meu senhor.”

Ele baixou a cabeça. “Foi quando sua mãe estava doente. Ela era a minha prima favorita quando eu era mais jovem e eu me angustiei muito com sua doença. Eu visitei sua casa muitas vezes naqueles dias, orando por um milagre.

Uma vez, já quase no fim, eu entrei no quarto dela. Você estava sozinha com ela. Ela segurou

a sua mãozinha. Nenhuma das duas tinha percebido a minha entrada, e eu permaneci em silêncio, na esperança de não perturbá-las. Foi quando eu ouvi você recitar esse salmo para ela. Você o recitou do início ao fim sem um erro. Não devia ter mais do que oito anos.”

“Eu tinha sete anos.”

Ele assentiu. “Os olhos dela estavam fechados. Ela estava magérrima, mas, de alguma forma, ainda adorável. Naqueles momentos, parecia haver algo santo sobre ela. Uma total falta de medo. Eu pensei: *Deus tornou-se verdadeiramente o seu refúgio e fortaleza*. Nem mesmo aquela doença vil pôde privá-la de sua tranquilidade”.

Limpei a garganta e olhei para o chão. Que gentil da parte dele ter lembranças felizes da doença de minha mãe. Eu não conseguia compartilhá-las.

“Você ainda se lembra das palavras de todo o salmo?”

“Sim, meu senhor.”

“Naquela época você acreditava naquelas palavras. Você ainda acredita nelas? Você acredita que Deus é o seu socorro bem presente na angústia?”

Eu olhei para cima. “Não, meu senhor.”

Ele tinha o tipo de semblante que refletia as suas emoções. O

desapontamento instalou-se em sua feição como um fino véu. “Eu havia suspeitado disso. É difícil ver aqueles que amamos sofrer sem questionarmos Deus.”

“Eu não me tornei uma idólatra,” disse eu, numa rápida defesa de meus sentimentos. “Eu acredito no Senhor. Só que essas promessas generosas perderam o significado para mim. Talvez tenhamos sido feitos para resolvermos os nossos problemas através de nossos próprios esforços. Talvez Deus esteja muito ocupado para se preocupar com nossas necessidades diárias.”

“Eu nunca encontrei esse princípio na Torá.”

“Pode ser. Mas eu o encontrei na vida.”

Ele saiu logo depois dessa conversa. Fiquei imaginando se a minha franca admissão tinha me custado o seu favor. Ele, porém, voltou para outras visitas e agiu como se nunca tivéssemos falado sobre o salmo favorito da minha mãe. E ele fez questão de que eu aprendesse a ler e a escrever em hebraico depois disso.

Meu trabalho de escriba ocupava os meus dias de tal modo que eu tinha pouca oportunidade de desfrutar dos prazeres típicos das mulheres jovens. Eu nunca saía em companhia de meninas da minha idade. Eu não tinha interesse no que considerava serem os passatempos casuais delas. Poucos convites chegavam para o meu pai e para mim, e a nossa vida social reduziu-se a algumas festas anuais obrigatórias.

Como resultado, o meu mundo estreitou-se e recolheu-se. Meu pai nunca notou essa falta, mas talvez Neemias tenha notado, pois com um rápido toque ele decidiu ampliar os limites da minha vida.

As visitas de Neemias, embora pouco frequentes, já eram tão normais que a sua aparição à nossa porta tarde da noite não era mais motivo para alarme.

Era hora do jantar e eu lhe ofereci sopa de cevada e pão fresco.

Ele examinou a mistura aquosa que eu tinha preparado e a recusou.

“Então, como está o progresso da Sara?” Ele perguntou ao meu pai.

Com um gole barulhento de seu prato, meu pai hesitou. “Ela é uma cozinheira terrível, mas suas habilidades como escriba agora superam as minhas. O que lhe falta em experiência, ela compensa em conhecimento.”

Neemias sorriu. “Isso deve satisfazer.”

“Satisfazer a quem?” Perguntei rapidamente, feliz com a ideia de ser satisfatória para alguém.

“A rainha.”

Meu pai endireitou-se com um movimento abrupto. “O que você fez?” Perguntou ele com a voz trêmula.

Neemias inclinou-se para trás. A manga flutuante de seu robe de seda movia-se como uma onda mexendo-se à luz da lamparina: “Eu agi em favor do melhor interesse de Sara.”

“Agiu *como*?”

Fiquei surpresa com a hostilidade do meu pai. A percepção de que meu primo tinha tomado algum passo importante em relação a mim começou a me tomar: “Meu senhor?”

“Sara, você será a escriba sênior da rainha.”

Capítulo Dois

O Décimo Sexto Ano do Reinado* do Rei Artaxerxes Persépolis

No início desta semana a rainha dispensou o seu escriba sênior,”

disse Neemias. “Ele se mostrou incompetente demasiadas vezes.” Meu primo encostou-se em uma almofada. “Ela já examinou cada eunuco disponível de Susã até Persépolis, porém nenhum conseguiu sua aprovação.” Ele parou de falar para limpar uma mancha invisível em seu ombro.

“É aqui que você entra, Sara. Acontece que a rainha recentemente leu um relato sobre uma mulher escriba na antiga Mesopotâmia.

Ontem à noite, enquanto ceava com o rei, ela lamentou a falta de uma mulher desse tipo na Pérsia.

“Eu estava presente durante essa conversa e tive essa oportunidade de dizer à Sua Majestade que eu conhecia essa mulher, desse tipo. Eu mencionei *você* para ela, Sara — sua capacidade, formação e paixão. Eu disse que você era exatamente a mulher que ela procurava.” Neemias deu um sorriso brando, como se o seu pronunciamento não tivesse acabado de mudar a minha vida.

“Você lhe disse que *eu* era essa mulher? O que ela disse?”

“Que ela deseja que você seja a sua escriba, a princípio por um período experimental. E, se você agradá-la, o que eu não tenho nenhuma dúvida de que vai acontecer, então o trabalho é seu.”

“Ela teria que viver no palácio por conta de tal posição!” O protesto do meu pai soou alto no recinto silencioso.

“Sim, teria, Simeão.”

“Você quer tirar minha filha da minha casa?”

“O que você prefere? Que ela permaneça nesta casa e passe os seus dias isolada? Sem uma única amizade, sem companhia?”

“E quem no palácio irá oferecer a ela tudo isso — a rainha? Você pensou sobre o futuro dela? Quem se casaria com ela: um eunuco real?”

Eu teria rido do humor sarcástico do meu pai se a tensão entre os dois homens não tivesse me reduzido a uma pilha de nervos.

Afundi na minha almofada e roí minhas unhas.

“Os servos reais não estão em cativeiro permanente. É mais provável que ela encontre seu futuro marido no palácio do que aqui.

Há muitos judeus a serviço da família real. Ela poderia se casar com quem quisesse,” replicou Neemias.

Toda essa conversa sobre casamento e maridos parecia conduzir o assunto para longe do tema que era de maior interesse para mim.

“Eu pensei ter ouvido algo sobre eu ser uma escriba, meu senhor.”

“Uma escriba *sênior*. Você nunca teria que cozinhar novamente, nem lavar sua própria roupa, limpar ou varrer. Os servos da rainha cuidam das necessidades gerais dos seus colaboradores. E você ainda pode ver o seu pai com frequência, já que ele também trabalha no palácio.”

Eu não conseguia digerir a imensidão das palavras de Neemias.

Eu sentia como se tivesse engolido uma das dançarinas do rei e ela ficasse dando cambalhotas na minha barriga. O pensamento de me mudar do único lar que eu conhecia era por demais assustador, e a ideia de me reportar à rainha da Pérsia era ainda mais. “Eu não posso fazer isso,” eu disse. “É demais para mim.”

Meu pai deu um suspiro que parecia ter subido dos seus dedos do pé.

“Sara, você consegue.” Neemias golpeou o ar com o seu braço revestido de seda para dar ênfase. “Eu tenho trabalhado com eunucos e escribas mais de metade da minha vida e ainda não vi ninguém mais talentoso do que você. O Senhor a preparou para este dia.”

As palavras lisonjeiras de Neemias recaíram sobre o meu coração como um bálsamo agradável. Será que ele realmente me achava tão talentosa assim? Então eu me lembrei da infinidade de outras deficiências que eu teria que enfrentar: “Eu não tenho a menor ideia a cerca das maneiras do palácio. Sem dúvida vou ofender a rainha antes mesmo de abrir a boca e , depois disso, minha condenação é certa.”

“Os membros do séquito da rainha vão lhe dar todo o treinamento que você precisar. Você não é a primeira pessoa de fora que se muda para o palácio e precisa de um pouco de polimento.”

Entre os talentos de Neemias havia uma habilidade extraordinária para a persuasão. Metade de mim achava a ideia ridícula. Eu não conseguia me imaginar ajustando-me a uma mudança inconcebível. A outra metade começou a pegar a centelha do entusiasmo do meu primo.

Viver no palácio — estar cercada de beleza, cultura e novas maravilhas.

Ocupar uma tão elevada posição — uma raramente desfrutada por uma mulher, nada menos que isso. Ter minhas habilidades reconhecidas de uma forma tão pública. Essas realidades tinham uma atração irresistível, enquanto o medo me empurrava para trás com igual força.

Sentei-me congelada, presa entre as duas forças dentro de mim mesma.

Como se sentisse a minha fraqueza, Neemias enfatizou sua vantagem. “Pense nisso Sara: você terá mais tabuletas e pergaminhos até do que você mesma pode contar. Os próprios escribas dela se reportarão a você e obedecerão às suas ordens. A rainha vai confiar em você para administrar as suas vastas propriedades. Muitos vão depender de você; a sua vida servirá a um propósito que você jamais poderia ter imaginado.”

“Eu... eu não sei o que dizer”.

“Esta é uma oportunidade única, Sara — do tipo que acontece só uma vez na vida. Reflita sobre isso: que chances haveria de a rainha ler um relato obscuro sobre uma mulher escriba? Que chances haveria de ela querer tal escriba e expressar esse desejo em minha presença? Que chances haveria de eu conhecer uma mulher desse tipo — ter pleno conhecimento de sua fidelidade, sua habilidade e sua sabedoria — as qualidades mais estimadas na corte? Quais são as chances de ocorrer uma configuração de circunstâncias tão improváveis?

Nenhuma! Não há nenhuma *sorte* em ação aqui, minha querida.

Essa é uma porta que o Senhor abriu para você. Entre por ela. Aquele que a chamou também a capacitará. Tudo o que falta em você será provido.”

Eu hesitei. Não podia prosseguir às cegas por uma questão de fé; eu não era como Neemias. Eu precisava de garantia humana. Raciocínio humano.

“Diga-me o que a impede,” perguntou ele.

Ele já sabia a resposta, eu pensei. Ele simplesmente queria me ouvir dizê-la. “Medo,” eu admiti, e então decidi abrir o meu coração para ele. “Medo de falhar. Medo de que eu não

consiga me ajustar ao palácio e transforme meu pai, você e a mim mesma em motivo de chacota.”

“Você pode falhar; isso eu não posso negar. Contudo, se você passar a vida tomando todas as decisões com base no que é mais seguro, um dia vai olhar para trás e descobrir que deixou de desfrutar do melhor. Você acha que pode rejeitar a oferta da rainha e voltar à sua existência tranquila sem arrependimentos? Não, Sara. Permitir que o medo conduza a sua vida só vai roubá-la do seu futuro.”

Encolhi os meus joelhos contra o meu peito. “Quanto tempo eu tenho para decidir?”

“Até amanhã.”

“Amanhã?”

“A rainha Damaspia enviará um servo para buscar você e os seus pertences no período da tarde.”

Virei-me para o meu pai. “O que o senhor acha, Papai?”

Ele meneou a cabeça: “Você deve escolher. Eu não sei.”

Por fim, apesar do conselho de Neemias, foi o medo que determinou a minha decisão, e não a vontade do Senhor. Eu tinha mais medo de recusar a oferta da rainha e lamentar pelo resto da minha vida do que de minhas próprias deficiências. Um medo superou o outro em seus próprios impulsos.

Um eunuco da casa da rainha compareceu na tarde do dia seguinte para transportar a mim e os meus escassos pertences para os aposentos da rainha em Persépolis.

“Adeus, Papai,” eu disse enquanto o eunuco esperava do lado de fora. Se eu tivesse esperado uma demonstração de emoção teria ficado desapontada. Entretanto, como meu pai nunca havia me dado um terno abraço sequer desde a morte de minha mãe, eu estava preparada para essa frieza constrangedora.

Ele puxou a barba. “Bem, eu a verei no palácio, sem dúvida.”

“Como eu devo fazer contato com você?”

“Você pode enviar uma mensagem através de um dos servos.”

E esse foi o fim da minha vida em casa. Eu teria chorado ao sair, entretanto, eu estava por

demais ocupada com pensamentos sobre Persépolis para me importar com o que estava deixando para trás.

O eunuco tinha amarrado a minha caixa de madeira à traseira de um carro. Subi ao lado dele e cobri o meu cabelo com um lenço longo, na esperança de não chegar ao palácio com uma aparência empoeirada e provinciana.

Persépolis tinha a fama de ter a estrutura mais requintada construída por mãos humanas que o mundo já conheceria. O palácio, cercado por paredes tão grossas quanto a altura de um carvalho antigo, ficava aninhado em uma paisagem sobre um terraço, de modo que era visível de uma grande distância. Como todas as pessoas que moravam na região, eu cresci vendo aquela imagem do palácio. Eu já tinha até espiado por dentro das portas maciças que se abriam durante o dia. No entanto, passar pelos guardas e *adentrar* a larga avenida que levava ao recinto do palácio em si era uma experiência inebriante.

Meu pai fazia este caminho todos os dias e estava acostumado às deslumbrantes esculturas e aos relevos esculpidos sobre cada superfície, as colunas altas que pareciam segurar os céus.

Para mim, todavia, cada visão era nova e inspirava reverência.

Nós tínhamos entrado pela Porta de Xerxes, um pórtico imponente feito de pedra calcária esculpida. Em ambos os lados ficavam duas estátuas gigantes de touros alados. Eu quase caí para trás dentro do carro na tentativa de ver o topo das imagens. O mármore que cobria a sinuosa entrada era mais luxuoso do que o piso de *dentro* da casa de minha infância. Em ambos os lados ciprestes majestosos demarcavam a estrada. O perfume inebriante de milhares flores de jacinto roxo e branco fez minha cabeça girar.

A Porta de Xerxes era a entrada mais próxima dos principais estábulos reais. O eunuco deixou o carro e o jumento em uma das maiores barracas que abrigavam as carruagens e os carros reais, e nós continuamos nossa viagem a pé.

Enquanto deixávamos os pátios de mármore e as largas escadarias de pedra calcária que subiam a alturas estupefacientes, os frisos das paredes deram lugar às esculturas de prata, marfim e ébano; detalhes em ouro, lápis-lazúli e cornalina cobriam muitas superfícies, como que para cegar os visitantes pela deslumbrante exibição de riquezas a cada passo. Parecia-me impossível que mãos humanas pudessem ter criado tanto luxo — em tal imensidão.

Outra maravilha que me surpreendeu naquele primeiro dia foi a ausência de odores desagradáveis. Toda a atmosfera do palácio parecia saturada com perfumes. Soube mais tarde que os engenheiros do palácio tinham instalado tubos de escoamento subterrâneos para

transportar o esgoto para longe da propriedade.

Para qualquer observador que possa ter me visto de relance, eu teria parecido uma estranha inexperiente. Duvido que eu tenha fechado a boca durante o tempo que levamos dos estábulos até o quarteirão das mulheres.

Meu guia me deixou em um quarto apertado, sem janela, e me informou que eu estaria compartilhando os meus aposentos com outras três mulheres, também servas da Rainha Damaspia, que naquele momento estavam ocupadas com seus trabalhos.

Afundi no chão acarpetado e olhei à minha volta. Até mesmo esse lugar pequeno, afastado e construído para servos tinha mais

luxo do que a casa da minha infância. As paredes eram pintadas de um azul claro e duas colunas lisas situavam-se em cada lado da porta.

Azulejos verdes e brilhantes cobriam o chão onde o tapete acabava.

Enrolados e encostados contra uma parede havia quatro conjuntos de colchões e roupas de cama; claramente alguém tinha preparado a minha chegada.

Fiquei me perguntando o que eu deveria fazer em seguida quando uma mulher de cabelo ondulado, vestida com roupas de linho, apareceu à minha porta.

“Eu sou a serva sênior da rainha. Ela me atribuiu a tarefa de recebê-la.”

Será que eu deveria me curvar diante dela? Deveria me apresentar? Seríamos consideradas socialmente iguais ou será que eu deveria dirigir-me a ela como uma superior? Eu senti o peso da minha ignorância me esmagando.

Minha visitante franziu o cenho enquanto me examinava da cabeça aos pés. Perturbada, cocei um lado do meu rosto nervosamente, irritada por conta de uma avaliação inflexível.

“Assim não vai dar.” Ela empurrou os meus dedos para longe do meu rosto. “Quando você estiver diante da rainha não haverá coceira, inquietação, tosse ou conversa, a menos que falem com você. E nem pense em assoar o nariz. Eu estou sendo clara, escreba?”

Esse foi apenas o começo do meu treinamento. Durante oito dias eu fui inundada com mais informações do que o meu pai tinha despejado sobre mim em oito anos. E isso era para simplesmente me preparar para minha primeira entrevista com a rainha.

Damaspia, a única esposa legítima do Rei Artaxerxes, não era o que eu esperava. Mais à

frente, quando eu ficasse mais familiarizada com as práticas reais, eu aprenderia a apreciar a discrição de sua corte. Ela esperava poucas honras, embora tivesse direito a todos os tipos de honra possíveis.

Havia poucas pessoas presentes em sua câmara quando eu fui anunciada para o meu primeiro encontro. Eu tinha recebido um banho tão completo que nem os anjos poderiam estar mais limpos. Contudo, nenhuma quantidade de sabonete poderia esconder o tecido grosso da minha vestimenta ou as arestas rudes de minhas maneiras. Se ela notou, não fez nenhuma menção.

Damaspia era a criatura mais linda que eu já tinha visto. Mesmo vestida com uma simples veste longa de linho sem joias, ela era de tirar o fôlego. Embora não estivesse mais na flor da idade, sua pele permanecia lisa e a sua figura alta mantinha o seu charme esbelto. Tudo nela era estreito: sua cintura, seu nariz, seus dedos — tudo exceto os seus lábios e olhos, que eram um tanto maiores do que os da maioria das pessoas. Seus cabelos, ao contrário dos meus, ondulavam naturalmente e tinham sido presos por baixo com presilhas de ouro de modo que pareciam muito mais curtos do que eram. O olhar azul cerúleo repousava sobre mim e ela fez um gesto para que eu me aproximasse.

“Então você é minha nova escriba,” disse ela quando eu me endireitei após curvar-me em uma reverência imperfeitamente executada.

“Se agrada a Vossa Majestade.”

“Eu vou lhe dizer o que me agrada. Seja honesta. Seja leal. Seja competente. Faça o trabalho que eu pedir e faça-o bem feito; assim não teremos problemas, nem você, nem eu.”

“Sim, Vossa Majestade.”

Ela sacudiu uma das mãos. “Bem, então vá e trabalhe.”

Esse foi o fim da minha apresentação à rainha, embora o meu treinamento completo em formalidades reais tenha durado meses.

O único momento no palácio em que eu não me sentia como se estivesse fazendo algo impróprio era nas horas em que passava no meu escritório apertado que compartilhava com dois eunucos, escribas que se reportavam a mim. Nos primeiros dias eles não tiveram muita coisa para falar comigo, então passavam muito tempo olhando para mim, como se estivessem observando um animal exótico em uma gaiola. Suponho que nunca tiveram de trabalhar com uma mulher antes. Com o tempo, ao perceberem que eu conhecia o meu ofício e que poderiam confiar em mim para lhes dar a orientação adequada, eles esqueceram que eu era uma mulher e passaram a me tratar como a um deles. Na presença deles eu não precisava me preocupar com a

etiqueta do palácio ou com as sutilezas sociais. O nosso trabalho era o nosso código de conduta. Eu me enfiava naquele aposento de um cômodo o máximo que eu

conseguia, até que a serva sênior de língua afiada da rainha me encontrasse e me arrastasse para fora para mais lições sobre a propriedade real.

Havia outras coisas que eu precisava aprender. A família do rei viajava com uma previsível regularidade para diferentes centros chave do império: Susã, Ecbátana, Pasárgada, e até mesmo para Babilônia. Eu passei a conhecer mais das maravilhas do mundo do que imaginei ser possível. De repente, eu não era mais aquela filha enclausurada que dificilmente saía de casa de um mês para outro. Eu tive que aprender a ser móvel. Tive que me ajustar às viagens e aprender a ser ambulante sem perder a minha eficiência.

Já tarde da noite, eu rastejava para a minha câmara, onde frequentemente encontrava minhas colegas de quarto já dormindo. Nas poucas vezes em que as vi por tempo suficiente para uma conversa, fiquei tão impressionada com o senso de superioridade delas e com a reprovação em relação à minha aparência simples que o meu horário de trabalho estendido passou a ser mais um alívio do que uma inconveniência para mim.

Apesar das irritações, acostumei-me à vida no palácio. A opinião de Neemias sobre mim foi confirmada; eu tinha sido feita para esse trabalho. Acabou sendo fácil para mim.

Os persas usavam poucos escravos; a maior parte da sua força de trabalho vinha na forma de servos assalariados. O salário de cada servo era pago em rações — grão, vinho, gado. Entre a vasta gama de minhas responsabilidades estava a necessidade de manter o controle de cada pagamento feito para cada um das centenas de funcionários da rainha. Eu tinha a responsabilidade de garantir que todos recebessem o pagamento justo no tempo certo, e que nenhuma das posses da rainha se desviasse para os bolsos de outrem. Como linguista, contadora, administradora, bibliotecária e mantenedora de registros tríplexes, meu trabalho tinha muitas facetas. E eu provei ser capaz de dar conta de todos os aspectos dele. Antes de completar um mês, a rainha me ofereceu permanência no cargo.

Eu tinha vinte anos. E eu era a Escriba Sênior da Rainha da Pérsia.

Uma vez por semana, eu me encontrava com a própria rainha. Sagaz e bem-educada, ela conhecia todos os detalhes de seus empreendimentos mais distantes. Na noite anterior a cada reunião, eu sofria de dores no estômago e náuseas. Não dormia a noite inteira, independentemente de quão bem preparada eu estivesse. Essa ansiedade só piorava com os anos, embora ela não economizasse nos elogios.

Uma vez, depois de uma longa e complicada reunião, ela me presenteou com um leque requintado para mostrar o seu apreço.

“Você está indo muito bem, escreba,” disse ela. “Você tem olhos afiados e um profundo conhecimento.”

Naquela noite, sentei-me cheia de medo. Preocupei-me com a possibilidade de ela mudar a sua boa opinião sobre mim. Comecei a imaginar que, por fim, ela perceberia que eu não era tão satisfatória quanto ela havia pensado. Parecia que quanto mais elogios ela despejava sobre mim menos confiante eu me tornava.

Cada louvor tornava-se um novo alto padrão que eu tinha de manter. Sabia que não conseguiria manter o mesmo padrão independentemente de quanto me empenhasse.

Por um lado, o meu sucesso foi a minha tábua de salvação. Depois de uma infância decepcionando o meu pai, eu tinha me tornado uma adulta que finalmente estava colhendo aprovação. Eu engolia aquela aprovação com ganância, mas eu descobri que eu nunca ficava suficientemente satisfeita. Assim, por outro lado, minhas conquistas me levaram à ansiedade. Eu sempre temia a possibilidade de acabar falhando.

Sob o meu aparente sucesso, a filha do meu pai se inquietava com o medo. Ela sabia melhor do que ninguém que se eu falhasse no meu trabalho não tinha mais nada a oferecer.

Os meses viraram anos enquanto eu permanecia ocupada com a minha vocação. Depois de três anos de serviço para a rainha, a corte se tornou toda a minha vida. Eu tinha certeza — assim como o meu pai — de que eu estava destinada a ser uma escriba até a velhice.

Estava certa de que serviria à rainha nos anos que se seguiriam. Eu tinha certeza, mas estava errada.

Capítulo Três

O Décimo Nono Ano do Reinado do Rei Artaxerxes Persépolis

Eu nunca imaginei que chegaria um dia em que quase ser devorada por um leão seria o menor dos meus problemas.

Eu tinha sorrateiramente caminhado para o exterior dos muros dourados do palácio. O alvoroço de sempre dos quarteirões da rainha tornou-se demais para a minha mente entorpecida, então eu procurei refúgio no meu monte favorito. Mesmo depois de três anos de trabalho para a rainha, eu tinha algumas poucas preciosas ocasiões para ficar só. Eu era uma raridade na corte, uma mulher fazendo um trabalho normalmente dado a eunucos. Para provar à rainha que eu era digna desse privilégio incomum, eu passava no trabalho cada minuto em que não estava dormindo, e permitia-me poucas oportunidades de lazer.

Embora eu tenha pago o preço pelas demandas do meu trabalho com um coração disposto, houve momentos em que eu desesperadamente precisava de descanso. Nesses dias eu escorregava para uma caminhada solitária que eu comecei a chamar de *meu* monte.

Longe de ser um lugar majestoso, o monte mais parecia algo que Deus resolveu criar de última hora — baixo, atarracado e negligenciado — indigno de atenção em um lugar tão glorioso quanto Persépolis. Talvez Deus tivesse me moldado do mesmo pó, pois eu também era baixa e atarracada, inexpressiva e ignorada.

Era um dia quente para aquela época do ano; só haviam passado quinze dias do ano novo persa, que foi comemorado no primeiro dia da primavera. Narcisos amarelos e brancos cresciam aos punhados à minha volta, acenando com a brisa preguiçosa. Sob o calor do sol, as tensões da semana começaram a me deixar. Eu havia trazido um grande enrolado de pão de trigo chato, generosamente besuntado com manteiga cremosa e geleia de uva doce, um dos meus repastos favoritos.

Mastigando lentamente a minha refeição, inclinei-me para trás sobre um cotovelo, considerando os méritos de uma curta soneca.

O barulho de pegadas de patas me fez abrir minhas pálpebras semifechadas. O cavalo, um

puro-sangue, disparou pelo terreno, indiferente às rochas e cascalhos. Não pude ver o rosto do cavaleiro, embora ele estivesse perto o suficiente para que eu notasse a túnica aristocrática de linho, o cinto adornado e a postura de soldado.

Eu me levantei com uma falta de graça abrupta, percebendo que ele estava em uma rota de colisão comigo. Ele me viu e desacelerou o cavalo, mas continuou a trotar até que quase passou por cima de mim.

A convivência de anos nos palácios do rei da Pérsia havia me ensinado a reconhecer patentes. Curvei-me e levantei-me novamente para estudá-lo com uma curiosidade silenciosa.

Seu cabelo escuro, embora longo e ondulado à moda da corte, não era uma peruca e nem estava muito penteado. Olhos da cor exuberante das florestas de Ecbátana olharam para mim através de um anel de cílios densos. Eu nunca tinha visto um homem com uma beleza tão desconcertante.

“Imagino que você não tenha visto um leão, você viu?” Ele me perguntou.

Por um momento eu fiquei muda. Falar com nobres bonitos e jovens não era uma ocorrência comum no meu mundo.

Contudo, estar cara a cara com um que começou uma conversa com uma pergunta incomum — pode-se até dizer ridícula — era, francamente, confuso. Animais selvagens eram rotineiramente importados para caças reais, mas eles eram mantidos em áreas de caça bem guardadas para que não adentrassem a região rural, aterrorizando os moradores locais.

“Você perdeu um, meu senhor?” Perguntei, tentando não rir.

Uma sobrancelha escura arqueou-se um pouco. “Pode-se dizer que sim.”

“Eles geralmente não vêm aqui,” respondi e me abstive de acrescentar que ele deveria tentar as áreas de caça real, assim como faz a maioria dos homens mentalmente sãos.

“A caça começou no recinto real,” disse ele, como que tivesse lido meus pensamentos. “Em seguida, o animal pareceu desaparecer no ar. Todos ainda estão no parque procurando por ele, mas eu segui o seu rastro até aqui.”

Eu olhei à minha volta casualmente, não preocupada em encontrar um leão de verdade. “Eu não vi nenhum sinal dele.”

Ele desmontou e começou a examinar o chão com uma atenção minuciosa. Endireitando-se, ele sacudiu a poeira das mãos. “Bem, ele esteve aqui, e não muito tempo atrás.”

Não querendo me mostrar cética sobre as suas proezas de caça, não falei mais nada. Ficamos em silêncio observando a paisagem, eu em uma direção e ele em outra.

De repente, ele sussurrou: “Não se mexa!”

Eu congelei pela urgência em seu tom. Minha boca se secou quando, sem compreender, eu o vi tomar o seu arco e flecha.

O que estava acontecendo? Será que ele estava planejando atirar em mim? Homens persas eram conhecidos pela acuidade de suas pontarias. Ele poderia ter me transpassado com facilidade a uma distância de dez vezes essa; perto assim, ele não erraria se quisesse me ver morta.

“Não se mova,” disse ele de novo, com sua voz sussurrando suavemente.

Um farfalhar suave no chão atrás de mim me fez segurar a respiração. Pela primeira vez, comecei a acreditar que um leão tinha realmente conseguido fugir da área de caça bem guardada, o que fazia a minha situação deixar de ser segura. Em vez de ser morta por um cortesão franco-atirador, eu estava prestes a me tornar a refeição do meio-dia de um animal feroz.

Muito perto, atrás de mim, eu ouvi um rugido tão feroz que quase me derrubou de susto. Como consegui ficar imóvel eu jamais saberei, mas isso salvou a minha vida. Em um momento ouvi o barulho de uma flecha que passou numa distância de um dedo da minha bochecha, e depois ouvi outro rugido seguido de uma pancada. A primeira flecha mal tinha sido atirada quando o atirador armou a segunda em seu arco.

Paralisada em meu lugar, fiquei imóvel mesmo quando ele abaixou sua arma, indicando que o perigo havia passado.

“Eu encontrei o meu leão.” No meu estado de exaustão, eu consegui notar que a sua voz permanecia fria enquanto falava, como se tivesse acariciado um gatinho, e não enfrentado um felino ameaçador.

“Que sorte a minha,” eu disse com os lábios secos.

“Você não quer vê-lo?”

Por um momento eu não consegui encontrar minha voz; lutando contra a náusea, cambaleei para o chão. Será que ele não notou que eu estava muito ocupada tendo um ataque do coração para admirar a sua habilidade?

Ele se agachou e me estudou. Perto assim eu vi que a simetria de seu rosto era ainda mais

impressionante do que eu tinha notado de início, ampliada pelo contraste inusitado entre os seus olhos verdes brilhantes e a sua pele cor de oliva. Fiquei surpresa em encontrar bondade naqueles olhos incomuns.

“Eu achei você muito valente. Você mal titubeou.”

“Isso foi porque eu não acreditei que havia um leão atrás de mim,” confessei.

Ele riu, revelando um sorriso branco afetado apenas pela sobreposição de um dente torto. A visão daquele defeito me trouxe, de alguma forma, certo alívio. Tornava-o mais humano.

“Você achou que eu tinha ficado no sol por muito tempo.”

“Eu pensei que você tinha uma abóbora no lugar do cérebro e as habilidades de um pardal para a localização da caça.” Quase ter sido morta tinha claramente afetado minha sanidade. Mesmo no melhor dos tempos eu tinha a tendência de falar com uma franqueza imprudente, mas dessa vez foi ridículo. Cobri minha boca com a mão.

Ele estava de pé com uma ligeira flexão dos membros atléticos.

Notei, para meu alívio, que o seu sorriso não desapareceu. “Você é muito direta para uma serva.”

Forcei-me a ficar de pé. “Perdoe-me, meu senhor.”

Era uma grande imprudência ofender a nobreza, e eu tinha conseguido fazê-lo com um sucesso estupendo. Na esperança de cobrir a minha grosseria com alguma bajulação vazia, eu usei a minha melhor expressão facial lisonjeira e disse: “Você é um caçador extraordinário.” Até para mim mesma isso soava falso.

O sorriso dele desapareceu. Era como ver uma máscara cair sobre o seu rosto. Sua expressão fria me confundiu. Ele havia sido receptivo e gentil quando eu tinha sido agressiva. Agora, porém, diante da minha adulação, ele agiu com uma fria aversão, como se eu tivesse sujado os seus sapatos lustrosos.

Percebendo a mudança e preocupada com o fato de eu tê-lo antagonizado de fato, virei-me para buscar mais ideias para o meu louvor desesperado. A visão da carcaça maciça a menos de cinco passos de mim levou as engrenagens da minha mente a uma parada repentina. Meus comentários vazios se transformaram em palavras sinceras. “Você salvou a minha vida,” eu disse com um nó na garganta. “Ele teria me matado se não fosse por você.”

“Que gentil de sua parte ter percebido isso.” De sua voz pingava sarcasmo.

Eu tentei novamente. “Sou grata por suas habilidades maravilhosas, meu senhor.”

Ele balançou uma mão como se espantasse uma mosca. “Esta bajulação não leva a nada; ela só me irrita.”

“Mas eu estou sendo sincera!”

“Claro. Agora que sabemos quais são os seus puros motivos talvez você pudesse ser amável a ponto de me oferecer a sua assistência.”

Eu compreendi finalmente que, embora ele não tivesse se importado com a minha grosseria anterior, o meu elogio lhe era desagradável. Eu não o tinha ofendido comparando-o a um pardal; ele ficou irritado quando eu o chamei de grande caçador a fim de atrair a sua simpatia. Aquela breve indiscrição me fez perder o seu respeito.

Eu tinha começado as minhas palavras com bajulação; ele estava certo ao suspeitar de mim. No entanto, eu não poderia ter sido mais sincera depois que vi o quão perto da morte eu tinha estado.

Ele era um estranho para mim; até mesmo o seu nome permanecia um mistério. Por que eu deveria me importar com sua opinião sobre mim? No entanto, eu me importava.

Estava claro que ele não tinha paciência para as minhas explicações. Engolindo o meu orgulho, perguntei: “Como posso ajudá-lo, meu senhor?”

“Envie-me dois guardas do palácio. Eu não consigo carregar esse animal sozinho.”

Curvei-me em reverência, com uma mão no coração. “Como queira. E, meu senhor? Eu lhe agradeço por salvar a minha vida.

Pode não significar muito, mas é tudo o que eu posso dizer.”

Ele virou as costas para examinar a sua presa. “Você não vai durar muito em Persépolis com essa sua boca,” previu com um frio desapego, e eu entendi que estava dispensada. Por mais um momento eu permaneci ali, com o olhar fixo naquelas costas largas. Algo em mim — uma saudade estranha e desconhecida — agitou-se com a visão. Ilogicamente, o meu coração apertou ao saber que esta seria a última vez que eu o veria.

Caminhei de volta para entrar numa tempestade. Mal meus pés tocaram o piso de mármore dos aposentos da rainha quando uma de suas servas agarrou-me pelo braço.

“Onde você esteve? A rainha perguntou por você uma dúzia de vezes.”

Eu franzi o cenho, irritada com o questionamento da serva. “Eu tive um encontro com um leão.”

“O quê?”

“Não importa. Onde está Sua Majestade?”

A Rainha Damaspia não tinha o hábito de me chamar de forma inesperada. Na maioria dos dias, minha vida funcionava em um cronograma tão exato quanto o nascer do sol. Uma vez por semana, eu me encontrava com a rainha para ajudá-la a gerenciar as suas vastas propriedades pessoais. Fora desses encontros marcados de antemão, ela não mostrava nenhum interesse em mim. Eu realizava a maior parte do meu trabalho no confinamento de meu escritório abafado, ou entre os registros da biblioteca da rainha — longe do encanto da corte.

Enquanto caminhava para o aposento privado de Sua Majestade, minha inquietação sobre essa convocação urgente crescia. Será que eu cometi algum erro? Um erro grave que a teria contrariado?

Era esta a reprovação que eu temia que poderia acontecer? Caso fosse, eu teria preferido a boca daquele leão selvagem. Minha cabeça começou a palpitar.

Eu encontrei Damaspia andando pelo seu aposento. A bainha flutuante de suas vestes, feitas de comprimentos intermináveis de seda de lavanda, arrastava-se pelo chão atrás dela como as penas da cauda de um pássaro exótico. Antes que eu tivesse a chance de me curvar com humildade suficiente, ela dispensou as suas assistentes. Eu a estudei sob as minhas pálpebras, tentando adivinhar o seu humor.

“Leia,” ordenou ela, apontando-me uma tabuleta de argila. Com um alívio considerável, eu vi que não tinha sido preparada por mim.

Então, não era sobre um erro meu.

Olhei para o selo e descobri que pertencia à rainha-mãe.

Amestris.

Mais histórias alarmantes sobre essa senhora assombravam os muros do palácio do que sobre qualquer outro membro da realeza.

Suas intrigas e maquinações políticas levantavam mais rumores do que de todos os

governadores do império juntos.

Quer a rainha acreditasse no pior dos rumores, ou tivesse suas próprias razões, minha senhora não suportava nem mesmo olhar para a sua sogra feroz.

Comecei a examinar a tabuleta com cuidado, tentando ignorar o terror da manhã, que havia roubado o meu equilíbrio. O registro explicitava uma queixa oficial contra um homem chamado Frada, um mordomo encarregado de consideráveis propriedades reais. Eu não precisei ler mais para saber a extensão exata de suas funções; eu já estava familiarizada com elas.

Frada trabalhava para Damaspia. Ele era um de seus servos favoritos. De acordo com a tabuleta, ele estava sendo acusado de roubar de Amestris. A rainha-mãe estava solicitando a vida dele como punição por esse crime.

Acusar o homem de confiança de Damaspia significava acusar a própria rainha. Isso não era nada menos do que uma declaração de guerra, uma batalha pública entre as duas mulheres mais poderosas do império: a esposa do rei e a mãe do rei. Frada era apenas um peão, um coitado. Eu mesma tinha trabalhado com ele em muitas ocasiões e sabia que ele era um homem rigoroso e honesto. O que quer que Amestris estivesse tentando com esta ação, não estava agindo de boa fé.

Estudei os detalhes da acusação novamente. Ficou claro o rígido autocontrole de Damaspia, pois ela não me interrompeu em sua agitação, mas me permitiu ler tranquilamente enquanto andava pela sua enorme câmara com passos ligeiros.

A rainha possuía uma grande aldeia da qual Frada era encarregado, à distância de um dia de Persépolis. Com uma terra rica e fértil, essa aldeia produzia mais frutos e grãos do que qualquer outra de suas aldeias. Ela tinha apenas uma desvantagem: a terra compartilhava uma fronteira com um grande bosque de nogueiras que pertencia a Amestris. Durante a última colheita, segundo constava no documento de Amestris, Frada havia roubado *suas* nozes e colocado-as na quota de Damaspia.

“Bem?” Retrucou a rainha quando viu que eu me endireitei ao fim do meu estudo.

Escolhi minhas palavras com cuidado. “Parece haver uma confusão.”

“Confusão! Essa é uma tentativa mal-intencionada de destruir um bom homem só para me prejudicar.”

A conclusão da rainha era a mais óbvia, eu tive que admitir.

Não havia nenhum amor perdido entre as duas mulheres. Se Amestris quisesse constranger sua

nora, até que esse não seria um plano ruim. No entanto, na linguagem do documento, notei um genuíno senso de ultraje. As palavras soavam mais emocionais do que de teor legal em alguns trechos, como se ditadas pelo lado injustiçado e não como escritas por um escriba imparcial.

Além disso, o documento foi escrito em persa, a prestigiosa língua da corte. Se o documento legal tivesse sido endereçado a uma pessoa comum, teria sido escrito em aramaico. Para um dossiê real como esse a tradição exigia o uso do acadiano, a língua complicada da antiga Assíria, que ainda gozava de alta estima entre os educados.

No entanto, o acadiano era conhecido predominantemente pelos escribas, e não por mulheres aristocráticas. Mais uma vez a natureza pessoal do documento me impressionou; não se tratava de um documento jurídico imparcial. Vazava afronta de cada palavra acusadora.

Eu tinha outro motivo para hesitar. O escriba principal da rainha-

-mãe, Nebo, por acaso era meu amigo. À nossa própria moda, nós, os funcionários do palácio, por vezes forjávamos laços singulares de camaradagem. Nebo e eu não compartilhávamos os segredos íntimos de nossos corações, mas nós nos apoiávamos assim como os escribas às vezes se esforçavam para apoiar o trabalho um do outro, e trocávamos as informações que podíamos, sem violar confidências. Nebo tinha me dito que a sua senhora, embora orgulhosa, era uma mulher justa.

Em mais de quinze anos de serviço, ele nunca soube que ela punira alguém sem provocação. A imagem que ele pintava dela não era a de uma mulher que causaria danos através maquinações mesquinhas.

“Vossa Majestade,” iniciei, mas hesitei. Sem a minha solicitação, as últimas palavras do caçador de leão ecoaram em minha mente: *Você não vai durar muito tempo em Persépolis com essa boca.*

“Eu ainda não vi você medir suas palavras antes, escriba. Fale antes que você me revolte o estômago.” Damaspia cruzou as mãos atrás das costas, fazendo os seus grossos braceletes de ouro tilintarem como sinos.

Eu me curvei. “Dê-me uma semana para analisar essa acusação, Vossa Majestade. Não vejo nenhuma vantagem na sua precipitação em iniciar uma inimizade aberta com a rainha-mãe.”

A rainha levantou uma sobrancelha bem torneada. “Quando eu convidei você para falar, eu quis dizer como escriba. Você se esquece do seu lugar. O seu trabalho é me dizer se esse documento é oficial.

Se eu desejasse aconselhamento político, apelaria para mentes maiores do que a de uma mera garota que sabe ler e escrever.”

“Imploro o seu perdão.” Parecia o meu dia de pedidos de desculpa. “O documento é inteiramente legal, no entanto...”

“O quê?” Retrucou ela com impaciência.

“A linguagem usada é estranha em alguns trechos. Para começo de conversa, está escrito em persa. O documento não soa como o trabalho de um escriba, mas de alguém que se sente pessoalmente ofendido.”

“Eu não ficaria surpresa se ela ditasse esse documento malévolo inteiro com os seus próprios lábios enrugados,” disse a rainha, fazendo um movimento de desprezo com a mão.

“Outra irregularidade é a data do crime. O roubo aconteceu durante a última colheita, o que teria ocorrido meses antes. Por que a rainha só decidiu se queixar disso agora?”

“Ela é excêntrica e irracional. Quem sabe o que tem na mente dessa mulher?”

Eu decidi que já havia falado tudo o que eu podia, e que o assunto estava fora das minhas mãos. A rainha claramente não tinha interesse em minha opinião.

Damaspia me dispensou com um régio aceno de cabeça e, curvando-me em uma reverência final, eu me retirei. Eu já estava na porta quando ela berrou: “Espere”.

Como eu poderia imaginar que aquela ordem relutante mudaria a minha vida?

“Explique-me as suas reservas.”

Como uma tola eu as expliquei.

“Você está dizendo que não acredita que isso seja uma armação fabricada por Amestris? Você acha que ela realmente acredita nessa baboseira a respeito de Frada?”

“Isso mesmo, Vossa Majestade.”

“Como isso pode ser quando você sabe tão bem quanto eu que Frada jamais roubaria uma única noz atrofiada daquela mulher ou de qualquer outra pessoa? É Frada ou Amestris. Da minha parte, eu sei em quem acredito.”

“Eu também acredito que Frada é inocente.” Mudei o meu peso de uma perna para a outra. A

tensão da longa audiência formal com a rainha estava começando a me desgastar. Meu braço coçava e eu tive que me esforçar para não reagir à coceira irritante. O protocolo da corte persa era rígido. “Eu não posso explicar esse mistério. Simplesmente suspeito de que nem tudo é como parece.”

“O que você sugere? Que eu sacrifique Frada com base na sua suspeita improvável a respeito da inocência de Amestris?”

“Obviamente que não, Vossa Majestade, mas dê-me uma semana — ou melhor, duas — para tentar resolver esse quebra-cabeça.”

“Eu lhe dou três dias.”

Meu coração afundou. Eu não conseguiria uma audiência com alguém tão humilde quanto um assistente de boticário nesse prazo, muito menos investigar um assunto tão complicado com a delicadeza necessária. Entretanto, eu sabia que não adiantava argumentar.

Resignada, curvei-me em reverência antes de me retirar.

Capítulo Quatro

Damaspia enviou a tabuleta de argila da rainha-mãe contendo os detalhes do pedido para o escritório que eu compartilhava com meus dois assistentes. A jovem serva curvou-se antes de entregar-me o documento coberto. “Sua Majestade me envia com os seus cumprimentos. Estou aqui para servi-la pelos próximos três dias, senhora.”

Surpresa, peguei a tabuleta de sua mão. A rainha não tinha o hábito de compartilhar seus servos. Nem eu tinha o hábito de tê-los. “Ah, obrigada,” eu disse. O que eu tinha que fazer com ela? Em sua veste amarela flutuante, ela parecia mais adequada para aplicar os mais recentes tratamentos de beleza em mulheres elegantes do que para servir uma escriba fatigada e manchada de suor. “Qual é o seu nome?”

“Parisatis, senhora. Todos, porém, me chamam de Pari.”

Ela tinha mais ou menos a minha idade, e era bela; seus longos membros e pescoço magro a faziam parecer como um jovem cervo quando ela se movia. “Bem, Pari, você é muito bem-vinda,” disse eu, tentando deixá-la à vontade.

Depois de alguns momentos de um silêncio constrangedor, pensei em uma tarefa útil para ela. Anotei um pequeno recado em um pergaminho, entreguei-lhe e a instruí a ir ao alojamento de meu pai no coração de Persépolis. Seus olhos se iluminaram; o palácio real guardava muitas maravilhas para uma serva constantemente restrita ao quarteirão das mulheres. Balancei a cabeça e me virei para estudar a tabuleta de argila de Amestris mais uma vez.

Será que cometi um enorme erro de julgamento? Será que três dias se escoariam sem avanços enquanto a rainha-mãe tecia a sua teia de intrigas para infligir danos irreparáveis à minha senhora?

Será que eu a coloquei, bem como a mim mesma, em uma posição precária irremediavelmente?

Dirigi-me aos exóticos jardins formais pelos quais os persas eram tão famosos. A presença deles aqui em Persépolis era um pequeno milagre, pois o clima nessa parte do império permanecia seco a maior parte do ano. Antes de os engenheiros do grande Rei Dario cavarem os *qanats* — um sistema de eixos e túneis delicados que se conectavam aos rios subterrâneos — esta terra tinha sido um deserto árido. Os *qanats* forçaram a terra a fornecer as suas águas

secretas sem secá-las, e transformou a terra em um paraíso de beleza.

Eu estava cega diante daquele fascínio exótico enquanto tecia o meu caminho através de uma avenida de mármore à sombra de sicômoros que foram plantados com espaçamentos tão exatos que exigiram as habilidades de um escriba para dimensionar os ângulos.

Segurei a tabuleta de argila com mãos trêmulas. A visão do familiar banco de pedra sob a amoreira preta me acalmou um pouco, e eu afundei em sua superfície lisa para aguardar o meu pai.

Ele serviu como escriba real durante trinta anos. Naquele tempo ele tinha ouvido falar de mais esquemas e conspirações do que os cabelos que eu tinha em minhas sobrancelhas nunca depiladas. Talvez ele pudesse me ajudar a resolver este enigma.

Agora que tínhamos o nosso trabalho para nos unir, passávamos mais tempo na companhia um do outro do que quando vivíamos na mesma casa. Éramos colegas. Nisto encontrávamos algo em comum. Através da minha vocação, finalmente eu tinha conseguido ganhar a estima de meu pai, já que não tinha conseguido uma ligação afetuosa.

Eu o vi distante andando em minha direção e levantei-me para cumprimentá-lo. Eu era a filha de meu pai em mais de um sentido; seus cabelos lisos e pretos, olhos escuros e baixa estatura; tudo isso tinha se repetido em mim, aparentando ainda menos atraente em uma mulher do que em um homem. Eu suspeitava de que ele nunca tinha totalmente me perdoado por isso — por parecer com ele, em vez de parecer com minha mãe que era, de acordo com todos os que a tinham conhecido, uma mulher de não pouca beleza. Quando ela morreu, ela levou a maior parte do coração do meu pai com ela.

“Desde quando você tem uma serva ao seu dispor?” Perguntou-me ele depois de me cumprimentar.

“Desde hoje. E a honra vai durar apenas três dias.”

Ele franziu o cenho ao assentar-se. “Uma serva temporária e uma convocação urgente para o seu pai no meio do dia de trabalho.

Parece importante.”

Descrevi o meu dilema para ele.

“Por que você se envolveu com isso?” Ele passou uma mão agitada pelos cabelos. “Isso é loucura. Você nunca deveria ter dito nada para a rainha.”

“Eu não conseguiria dar falso testemunho.”

“Não é falso testemunho segurar sua língua. Você não sabe nada do assunto.”

“Eu sei que nem tudo é como parece.” Tirando a capa da tabuleta, pedi-lhe para lê-la. “Veja por si mesmo se estou certa.”

Meu pai tomou a tabuleta com relutância e aproximou-a de seu nariz; os anos não tinham sido gentis com os seus olhos. Eu me perguntava o que eu faria se ele me dissesse que eu tinha chegado a uma conclusão errada. A pele do meu tórax começou a coçar com uma intensidade irritante; era uma reação à ansiedade aguda que eu tinha desenvolvido nos últimos anos. Sentei-me na ponta dos meus dedos, tentando segurar o desejo de me coçar, e esperei pelo pronunciamento do meu pai.

Finalmente, ele levantou a cabeça.

“Estou certa?”

Ele deu de ombros. “Ao contrário de você, eu não sou um leitor de mente. Mas sim, a linguagem é incomum. Pessoal.”

Eu suspirei aliviada. “Se a rainha-mãe estava indignada quando ditou isso, significa que ela acreditava que este crime foi cometido.

Ela acreditava que Frada havia roubado dela”.

“Então, há realmente um ladrão. Tudo o que você tem a fazer é encontrá-lo. Em três dias.”

A coceira no meu peito espalhou-se para os meus braços. “É

pior do que isso.”

“Como poderia ser pior?”

“Há duas possibilidades. Em primeiro lugar, um terceiro pode ter roubado as nozes e Amestris precipitadamente chegou à conclusão de que foi Frada. Esta é uma questão de roubo simples, embora o homem errado esteja sendo acusado do crime.”

Meu pai, como eu pude perceber a partir de seu olhar intenso, tinha se interessado, apesar de sua irritação. “E a segunda possibilidade?” Perguntou ele.

“Não a de um simples roubo, mas uma conspiração intencional para enervar Amestris contra

Damaspia. Esta é a situação mais provável. Por que o documento acusa Frada de roubar as nozes para contá-las na quota *da rainha*? Por que não dizer que ele levou a colheita para enriquecer seus próprios cofres? Certamente um ladrão pegaria a colheita e fugiria, sem deixar rastro para Frada ou Damaspia. Mas alguém interessado em causar problemas faria de tudo para implicar Frada, bem como a minha senhora.”

Meu pai inclinou-se para trás. “Este é um mau negócio, Sara.

Vocês se meteu em um ninho de vespas. Você conhece alguém da casa da rainha-mãe?”

“Seu escrivão principal.”

“Então é melhor você fazer contato com ele.”

Nebo era natural da Babilônia e largo como uma montanha.

Perto dele eu era uma cana delgada. Ele concordou em me encontrar com muito entusiasmo, o que era sinal de sua grande coragem por-

que se estivessemos implicados nas circunstâncias do momento, os dois seríamos severamente punidos.

Expliquei-lhe as minhas suspeitas. “Você pode me dizer o que você sabe?” Pedi. “Se resolvermos esse mal-entendido desastroso, tanto a sua senhora quanto a minha sairão em vantagem.”

Ele hesitou, pensando na minha história, sem dúvida tentando encontrar astúcia por trás de minhas palavras.

“É como você diz,” ele admitiu finalmente. “Amestris foi roubada, e ela está convencida de que este Frada é o culpado. E ainda por cima, ela acredita que ele fez isso por ordem da rainha. Eu raramente a vi tão zangada antes. Sua senhora deverá tomar cuidado com a saúde.”

Eu ouvi um barulho repentino atrás de mim nos arbustos de aloendro e preni a respiração. A noite já tinha caído e eu esperava que ninguém tivesse nos visto. Mas ouvimos um barulho. Será que nos ouviram? Um pequeno coelho saiu correndo de sob uma espessa folhagem. O alívio me deixou tonta por um momento. Como eu havia conseguido mudar de uma escriba sedentária para uma que saltava ao ver coelhos?

Tentei reunir os meus pensamentos novamente. “Por que a rainha-

-mãe está tão convencida de que o culpado é Frada? Que prova ela tem?”

“O ladrão deixou para trás um robe caro. Foi reconhecido pelas pessoas da aldeia como pertencente a um servo de sua senhora.”

“Um homem não poderia roubar meio pomar!”

“Não, ele teve ajuda. Mas ele próprio deve ter ido lá, e na pressa deixou para trás essa vestimenta.”

“Porque a rainha-mãe está convencida de que Frada estava roubando em nome de Damaspia?”

Nebo olhou em volta e baixou a voz ainda mais, de modo que eu tive que chegar o meu rosto quase à sua boca para ouvir.

“Há poucos dias um escriba assistente que trabalha para Frada buscou uma audiência com Amestris. Ele tinha consigo um pergaminho que claramente provava a perfídia de Frada. Além do mais, tinha o selo de sua senhora, indicando que ela não somente sabia sobre as suas ações, como também as instigou.”

“Posso ver esse pergaminho?”

“Impossível.”

“O nome do escriba? Isso, pelo menos, você pode me dar.”

Nebo gemeu. “Você quer nos colocar em perigo.”

“Eu jurei lealdade à minha rainha e você à sua. Não vale a pena correr algum risco?”

“Você é uma jovem tola. E eu um tolo velho. O nome dele é Gaspar.”

Curvei-me em reverência como se fosse para um aristocrata; eu queria que ele percebesse o quão grata eu estava por sua ajuda. “Por falar em perigo, por que Gaspar correria o risco de ser demitido ex-pondo o seu superior?”

“Ele disse que não poderia viver com a sua consciência, sabendo que a rainha-mãe estava sendo enganada.”

“Quão nobre.”

“Verdade.”

“Por que ele levou tanto tempo para ir a Amestris? Afinal de contas, o roubo aconteceu meses antes.”

Nebo coçou sua cabeça careca. “Suponho que sua consciência nobre precisava de tempo suficiente para ser convencida. Ele deve ter ficado com medo de voltar ao seu empregador; mesmo que Gaspar ainda não tenha retornado ao seu posto, todavia se encontra em algum lugar da cidade. Antes que você pergunte, eu não sei onde.”

“Isso não faz sentido. Frada não é o tipo de homem que inspira medo. Por que desistir de um emprego bem remunerado antes mesmo que alguém tenha ameaçado demiti-lo?”

Despedi-me de Nebo deixando-o mais perturbado do que quando cheguei. Este mistério ficava cada vez mais complicado a cada passo. Eu sabia que minha senhora não havia posto o seu selo em tal documento. Eu precisava falar com Frada, mas levaria mais horas preciosas do que eu tinha para convocá-lo. Eu decidi que eu teria de me contentar enviando uma mensagem. Enquanto isso, havia esse sujeito de consciência pesada, esse Gaspar, para encontrar.

§

A hora do jantar já tinha passado há tempo quando encontrei um dos mensageiros da rainha e confiei-lhe uma carta para Frada, e o pressionei sobre a urgência da situação. A velocidade dos mensageiros persas era lendária. Os reis aquemênidas pareciam saber de cada ocorrência importante em todo o seu vasto reino quase que no mesmo momento em que acontecia. O seu segredo era, em parte, devido à velocidade vertiginosa de seus mensageiros. Porém, mesmo aquela rapidez lendária poderia não ser suficiente para trazer as minhas respostas em tempo.

Tinha sido um dia desgastante, mas eu estava muito nervosa para pensar em dormir. O meu estômago resmungador lembrou-me que eu não tinha comido desde o café da manhã. Fui até às cozinhas dos servos no quarteirão das mulheres, sabendo que não haveria muito para se escolher naquela hora da noite. Consegui encontrar um grande pedaço de pão *lavash* e uma fatia generosa de queijo de ovelha. Dentro do canteiro de ervas avistei hortelã no escuro e a coloquei no meu pão junto com o queijo. Sentei-me perto de uma moita de estragão e mastiguei pensativamente. Água escorria suavemente em algum lugar por perto. O aroma de hortelã e estragão enchiam o ar. Tudo parecia estar bem com o mundo. Mas a minha mente não tinha tanta certeza.

Eu me perguntava o que aconteceria se eu não conseguisse encontrar a resposta para esse enigma em tempo. Eu sabia que o meu pai temia o pior — temia que ao envolver-me numa intriga política a minha vida corresse risco. Esse medo eu percebi que eu não tinha.

Damaspia não era uma mulher violenta, e nem era o seu hábito matar servos que a decepcionavam. Todavia, ela os rebaixava com uma rápida determinação. Ou, como o meu predecessor, livrava-se daqueles que deixavam de agradá-la. Só de pensar nessa vergonha pública eu começava a suar frio. O pensamento de não mais conseguir a sua aprovação — falhar

em realizar o que era exigido de mim — era o suficiente para me reduzir a uma massa trêmula de nervos. Eu não podia suportar o peso da falha.

Com um suspiro, retirei-me para a minha câmara estreita e abafada. Minhas três colegas de quarto já estavam dormindo quando cheguei, uma circunstância infeliz, porém regular; e como eu ainda precisava desenrolar a minha cama, provavelmente aumentaria a sua ira com o ruído que era obrigada a fazer. Para minha surpresa, encontrei minha cama já feita. Ao pé da cama dormia minha serva temporária, Pari. Eu a abençoei baixinho enquanto rastejava para baixo dos lençóis limpos. Em algum lugar, ela tinha adquirido essência de flores de laranjeira e perfumou a minha cama. Eu me dei conta de que eu poderia me acostumar a ter a minha própria serva, e em pouco tempo, caí em um sono profundo e sem sonhos.

Acordei por causa de uma dor de cabeça e do rosto sério de Pari.

“Está em apuros, senhora,” disse ela.

Ela fez parecer como se fosse uma reflexão pessoal sobre si mesma. Alarmada, eu disse: “O quê?”

“A cozinheira diz que você pegou comida sem permissão ontem à noite.”

Eu suspirei aliviada. “É só isso?”

Bocejando, procurei a minha túnica ao pé da minha cama onde eu a deixava todas as noites e não a achei. Olhei à minha volta, perplexa.

“Você precisa de uma roupa limpa, senhora,” disse Pari com sua voz suave.

“Esta precisa ser lavada.”

“Está bem.”

De trás de si, ela puxou a roupa disputada. “Eu vou lhe mostrar: isso é mancha de suor, está vendo? Isso aqui é uma crosta seca de comida de dois dias atrás; eu reconheço o molho do jantar do refeitório dos servos. E aqui, penso eu, é sujeira simples, de sentar-se no chão.”

Ela parecia chocada com a ideia.

“Oh. Eu não tinha notado.”

Pari era educada demais para me criticar. “Onde você guarda as suas roupas limpas?”

Mostrei-lhe a cômoda que continha todas as minhas coisas. Ela remexeu por alguns momentos e entregou-me uma longa túnica de algodão branco. Eu fiquei com muita vergonha de dizer à minha serva emprestada que o vestido estava apertado; forcei-me a entrar nele como uma folha de uva recheada. Pari suspirou quando viu o resultado e saiu para lavar minhas roupas.

Eu encontrei um lenço e o enrolei em volta dos meus ombros por conta da decência e me retirei para o meu escritório. Colocando a tabuleta persa diante de mim, sentei-me e a examinei novamente, tentando descobrir mais pistas. Se eu ao menos conseguisse convencer Damaspia de me dar um pouco mais de tempo. Se ao menos eu conseguisse encontrar esse Gaspar e forçá-lo a confessar a verdade. Se ao menos Frada pudesse revelar a chave da fonte do pergaminho com o selo da rainha. Minha vida estava em jogo com muitos *se ao menos*.

Um dos dois escribas assistentes subordinados a mim sentou-se estudando um pergaminho em sua mesa apertada à minha frente.

Deixando o pergaminho enrolar-se, ele virou-se para mim. “Eu não posso identificar este pagamento pelos registros da rainha.”

Os registros da rainha! Claro! Registros meticulosos de cada transação eram mantidos para membros da casa real ou proveniente deles ao longo dos anos. Nesses registros, podiam-se às vezes encontrar detalhes preciosos sobre o servo recompensado.

“Você é um gênio,” gritei enquanto voava para encontrar meu caminho para a sala de registros, deixando meu assistente estupefato, balançando a mandíbula no meu rastro.

Levei três horas para localizar os documentos pertinentes a Gaspar. A maioria deles referia-se a ele como um residente da aldeia onde ele trabalhava. Porém, a minha persistência finalmente valeu a pena quando um dos registros mais antigos me forneceu detalhes suficientes para localizar os seus pais.

Convenientemente, eles viviam não muito longe dos muros do palácio. Embora tecnicamente Persépolis fosse uma coleção de palácios, jardins e pavilhões espalhados, bem como o centro nervoso administrativo do império persa, era também cercada por uma cidade e várias aldeias que surgiram para acomodar os milhares que

trabalhavam junto ao palácio. O nome *Persépolis* invocava todas essas coisas: capital; palácio; zonas de caça; cidade; a mais magnífica estrutura que o mundo havia conhecido.

Eu decidi levar Pari comigo, na esperança de que a presença de uma serva me desse uma aparência mais oficial. Animada com a perspectiva de visitar a cidade, Pari esqueceu-se de que eu era uma aborrecedora de cozinheiros, uma crosta de sujeira e uma humilde escriba, e olhou

para mim com olhos de adoração. Apenas a sua ameaça de me dar um banho e de tratar o meu cabelo com azeite perfumado e só os anjos sabiam mais o quê quando voltamos para casa estragou o nosso agradável passeio. Isso e também a expectativa da próxima entrevista.

Os pais de Gaspar moravam em uma casa humilde localizada em uma rua estreita. Muitas moscas reuniam-se em torno de uma poça suja ao lado da entrada da frente; nós perturbamos o seu banquete quando nos aproximamos da parede de lama e elas começaram a tentar pousar em nós com uma persistência obstinada.

Eu estava balançando os meus braços em torno em uma tentativa de desencorajá-las quando a cortina foi aberta por uma mulher idosa com a pele curtida. Ela arregalou os olhos quando viu Pari e a mim. Baixei meus braços com pressa e tentei parecer respeitável.

“Eu sou Sara, escriba sênior da rainha Damaspia. Estou aqui em missão oficial.” Ela deu um passo para trás e colocou a mão sobre o peito.

“O que você quer?”

Eu dei um passo à frente. “Podemos entrar?”

Ela olhou ao redor por um minuto e deu um passo para o lado, permitindo que Pari e eu entrássemos. Após a claridade do dia, estava muito escuro para se ver bem do lado de dentro. Esperei ser convidada para sentar, conforme se espera de alguém educado. O convite nunca veio.

“Estou procurando por Gaspar,” eu disse, sem preâmbulos.

“Preciso fazer-lhe algumas perguntas.”

Ela deu de ombros. “Eu não sei onde ele está.”

Eu tinha certeza de que ela estava mentindo. “Seria de interesse dele,” pressionei.

Ela encolheu o ombro magro novamente. Meus olhos tinham finalmente se ajustados à luz fraca de dentro, e eu olhei ao meu redor.

O chão era de terra, sem nenhum piso; as paredes de barro, sem pintura. As moscas de fora tinham muitos primos, a maioria dos quais parecia viver do lado de dentro. Contra uma parede, avistei uma túnica tecida em lã cara, bordada em roxo e verde na borda. Não era uma peça de vestuário pertencente a uma família pobre.

“A quem aquilo pertence?” Apontei.

A velha empalideceu. “Meu marido.”

“Muito bem.”

“Nosso filho a enviou para ele para mantê-lo quente na sua velhice.”

“Diga ao seu filho, caso o veja, que me procure no palácio. Ele está em apuros, a senhora deve saber. Eu vou tentar fazer o possível para poupá-lo do pior.”

Ela olhou para mim com desconfiança. De repente senti pena desta mulher que estava tentando de tudo para proteger o filho do seu útero. Envergonhada, agradei-lhe a hospitalidade antes de sair, Pari atrás de mim.

“Você não acreditou nela, acreditou, senhora?”

“Não.” Eu estava me contorcendo dentro da minha mente. Que benefício resultaria dessa perseguição louca? Alguém estava prestes a sair machucado. Damaspia, Amestris, Frada, Gaspar, aquela mulher idosa e triste, cujo crime era amar um filho desonesto. E eu.

Chegamos ao palácio a tempo de jantar com o resto dos servos. Depois, Pari fez a sua ameaça se concretizar forçando-me para o banho. Embora eu estivesse limpa, eu não estava mais próxima das respostas que eu procurava.

Capítulo Cinco

Na manhã seguinte, o prazo que foi me dado pela rainha expirou. Levantei-me com as pernas doloridas, percebendo que eu tinha andado mais em dois dias do que eu normalmente conseguia andar em duas semanas. Minhas responsabilidades rotineiras, negligenciadas por muito tempo, transformaram-se em uma pilha, aguardando a minha atenção. Distraída, acabei fazendo pouco progresso, com metade da minha mente voltada para o que a carta de Frada pudesse esclarecer.

O mensageiro chegou muito tempo depois de anoitecer. Ainda coberto com a poeira da estrada, ele me entregou um cilindro de couro. Eu sabia que ele não tinha nem dormido e nem desfrutado de uma pausa desde que começou sua jornada muitas horas atrás. Expressando meu agradecimento, dispensei-o para o seu descanso, sabendo que eu não teria mais nada para aquela noite.

Debaixo da tampa de couro, encontrei um rolo de pergaminho.

Primeiro, examinei o selo para garantir que estava intacto. Quebrei-o e me sentei em meu escritório deserto para trabalhar com a resposta enviada por Frada.

Ele me contou como ficou chocado com as alegações levantadas contra ele e assegurou-me de sua inocência. A respeito de seu manto, ele disse que tinha sido roubado vários meses antes, e incluiu o testemunho de um dos homens do rei quanto à veracidade desta afirmação.

Ele tinha ouvido falar sobre o roubo ao pomar da rainha-mãe no outono anterior, mas não sabia nada sobre isso. Durante o tempo em que isso ocorreu, ele aumentou a vigilância sobre as terras da rainha Damaspia para o caso de haver outras tentativas de roubo. E

depois ele não tinha mais pensado sobre isso.

Ele escreveu que, duas semanas antes, Gaspar tinha deixado o seu emprego de forma abrupta, sem aviso prévio. No curto espaço de tempo que ele teve para responder a minha missiva, Frada havia procurado pistas sobre as atividades de Gaspar antes de sua partida, mas tinha encontrado muito pouco que valesse a pena mencionar.

Esses poucos detalhes ele descreveu na esperança de que pudessem ser de alguma ajuda para mim.

Várias semanas atrás, um mensageiro real havia pedido a um servo menino que lhe trouxesse

Gaspar. Antes de deixar o escriba na companhia do mensageiro, o menino ouviu o mensageiro anunciar que ele tinha sido enviado por Alogune da Babilônia.

Afastei-me de minha mesa. *Alogune!* Ela era uma das concubinas de Artaxerxes, isso eu sabia, e mãe de seu filho Sogdiano. O que ela tinha a ver com o servo da rainha? Por que ela lhe enviaria uma mensagem?

Voltei-me para a carta de Frada. Ele explicou que o menino tinha achado a visita do mensageiro incomum; os funcionários da aldeia não tinham o hábito de receber missivas de famílias reais com exceção das enviadas pela rainha, e também as cartas sempre vinham diretamente para Frada, e não para os escribas assistentes.

Com medo de incitar especulação contra seus superiores, o menino manteve silêncio até que Frada começou a interrogar a todos.

Infelizmente, ele não tinha como fornecer outros detalhes em relação a esse estranho acontecimento, tal como o motivo da visita do mensageiro. Ele só sabia o nome de quem havia encomendado o envio da mensagem.

Uma última estranheza: um pergaminho relacionado à aquisição de uma área de terra, originalmente enviado pela rainha e com o seu selo, havia desaparecido. Frada havia descoberto o desaparecimento por acaso, alguns dias antes, quando precisou consultá-lo.

Eu consegui me lembrar do documento exato ao qual ele se referia. Damaspia estava com pressa no dia em que o encomendou e menos paciente do que o habitual. Ela não quis esperar que nós preenchêssemos o pergaminho com outras instruções e o enviássemos no dia seguinte, mas nos pediu para enviá-lo imediatamente para proteger a aquisição da terra. Isso fez com que a missiva ficasse inusitadamente curta, com uma ampla margem de pergaminho não utilizado. Ela tinha se virado no momento em que coloquei o documento sob a sua mão para que ela colocasse o seu selo. Distraidamente, ela colocou o selo muito abaixo na base do pergaminho; com perfeita clareza agora me lembro do espaço em branco entre o seu selo e o texto em aramaico.

Dei graças a Deus rapidamente pelo rigoroso procedimento persa de exigir que cada documento seja feito em três vias, e pelo fato de que em algum lugar nos próprios registros da rainha nós poderíamos encontrar uma réplica da carta original que tinha desaparecido. Pelo menos tínhamos algum vestígio de verdadeira evidência.

Com precisão meticulosa, eu li a carta duas vezes mais, trabalhando lentamente sobre as diferentes peças do quebra-cabeça.

Alogune era a origem de tudo; Gaspar era uma ferramenta insignificante em suas mãos. De

modo frio e calculista, ela tinha colocado Amestris contra Damaspia, e pior, ela tinha planejado arruinar a reputação da rainha. Será que ela esperava suplantar a rainha? Será que ela planejava virar a afeição do rei contra a mulher que ele tanto amava, fazendo-a passar por uma mentirosa e uma ladra comum? Estaria ela tramando colocar o seu próprio filho, Sogdiano, na linha de sucessão ao trono no lugar do filho de Damaspia? Seria esta a instigação para todo este mal: as ambições insatisfeitas de uma mulher que já tinha tanta coisa?

Eu suspirei, enrolei o pergaminho e comecei a preparar um relatório oral para a minha audiência com a rainha no dia seguinte.

Meus únicos companheiros para a noite eram um grande prato de carne, torta de grão de bico e os meus próprios pensamentos conturbados.

Na manhã seguinte, eu vi que Pari tinha lavado e passado a minha melhor roupa. Eu não iria me submeter ao seu desejo de cachear o meu cabelo, mas eu permiti que ela fizesse um belo coque na base do meu pescoço. Eu sabia que não estava correspondendo aos seus elevados padrões e senti-me culpada por decepcioná-la.

A ansiedade me deixou esfomeada naquela manhã, mas eu não me atrevia a comer muito sob o escrutínio de Pari para que eu não derramasse nada sobre minhas roupas limpas. Após uma longa espera, a rainha me chamou à sua câmara. Ela estava completamente vestida com trajes reais; sua veste verde e roxa era ricamente bordada com fio roxo escuro. Sobre a testa ela usava uma coroa de ouro que devia pesar tanto quanto a cabeça de um homem. Joias do tamanho de ovos de ganso brilhavam sobre seu peito, braços e dedos. Ela devia ter acabado de voltar de uma recepção formal com o rei, segundo percebi.

“Você encontrou alguma validade para as suas bárbaras suspeitas, escreba?” perguntou ela, sem preâmbulos.

“Sim, Vossa Majestade.”

Ela me olhou com os seus grandes olhos azuis e dispensou as suas assistentes mais uma vez. Eu lhe disse tudo o que tinha descoberto. Quando descrevi a carta com o seu selo, e expliquei que provavelmente Gaspar podia ter se aproveitado da situação, Damaspia saltou de sua cadeira dourada.

“Aquele cachorro caluniador! Ele falsificou a minha carta?”

“Sim, Vossa Majestade. Embora eu não a tenha visto, eu suspeito de que ele tenha acrescentado algumas instruções por sua própria conta no final do pergaminho, instruções que implicam a senhora e Frada. Esta teria sido a fonte do atraso entre o roubo, que ocorreu no

outono passado, e a ação da rainha-mãe. Depois de providenciar o roubo, Gaspar teve de esperar para colocar suas mãos em uma carta que pudesse servir ao seu propósito. Ele então mostrou aquela carta adicionada de falsa informação à rainha Amestris como prova da culpa de minha senhora. Eu não acredito que ele tivesse se atrevido a continuar com o esquema sem a evidência do seu selo real. É por isso que a rainha Amestris não apresentou queixa até três dias atrás.”

Damaspia andava com passos inquietos em volta de sua câmara. Eu a assistia em silêncio, dando-lhe tempo para absorver a enormidade da trama que tinha sido tecida em torno dela. “Você me preparou uma boa saída, Sara,” disse ela com um súbito bom humor, que já se extinguia.

Pega de surpresa, meu queixo caiu. Em três anos, ela nunca tinha me chamado de qualquer coisa a não ser *escriba*. Eu nem sabia se ela estava ciente do meu nome. Fechando a minha boca, inclinei-me em reverência.

“Vejo que Pari conseguiu mesmo mantê-la limpa. Bem, você pode ficar com ela um pouco mais, e ir asseada à Rainha Amestris e explicar-lhe a verdade.”

“Minha senhora?” Gritei.

“Alguém tem que falar com ela. Ela ainda pensa que eu sou o vilão que a roubou.”

“Mas... Vossa Majestade, com certeza... Se talvez a senhora pudesse...”

Ela começou a rir, sacudindo os ombros divertida.

“Você vai precisar de mais eloquência do que isso quando for falar com Amestris ou...” Ela fez um gesto de estrangulamento contra o seu longo pescoço.

Olhei para ela com os olhos arregalados.

Ela riu mais ainda. “Você tinha que ver sua cara. Fique tranquila. Ela não ousará tocar em você. Não de imediato, quero dizer.”

Eu juntei os pedaços da minha dignidade esfacelada da melhor maneira que pude.

“Mas Vossa Majestade, não seria mais eficaz se a senhora fosse falar com a rainha-mãe?”

“Eu não falo com aquela mulher há dez anos e não pretendo começar agora.”

“Por favor, Vossa Majestade, eu sou meramente” — Eu quase disse uma *menina que sabe ler e escrever*, mas temi que ela pudesse não apreciar o meu sarcasmo e completei as minhas

palavras com “meramente uma escriba. A rainha-mãe não vai sequer dignar-se a me receber.”

“Escriba *Sênior*. Ela vai recebê-la porque ela sabe que eu a estou enviando. A curiosidade dela vai superar o orgulho. Eu não posso me arriscar a enviar outra pessoa. Você conhece os detalhes da situação, assim terá maior chance de convencê-la. Nosso problema é que temos muito pouca prova material, e ela não é uma mulher tão fácil de persuadir. Você deve saber onde pisa com ela, Sara.

“Enquanto isso, vou mandar buscar Frada e o menino que testemunhou a chegada do mensageiro de Alogune. Suas vidas estão correndo um grande risco. Alogune estava contando com que a rainha-mãe e eu caíssemos em sua armadilha e culpássemos uma a outra por este roubo, o que realmente teríamos feito, se não fosse pela sua percepção afiada. Mas agora que descobrimos a conexão com ela, ela vai ter que cobrir os seus rastros.

“Se Alogune tem outros espiões além de Gaspar plantados no meu palácio, ela vai saber que a sua única segurança será destruir as testemunhas que podem apontar o seu envolvimento.”

Horrorizada, levantei minha mão até minha boca. Será que a minha carta para Frada poderia provocar a morte do menino servo?

“Não tenha medo; Frada é um velho militante. Com certeza ele já pensou no perigo e já escondeu a criança em algum lugar seguro.

Mesmo assim, vou descansar melhor quando eu os tiver sob a minha guarda aqui em Persépolis.

“Eu também enviarei em busca desse Gaspar. Você fez bem em encontrar o esconderijo dele. Seu testemunho teria absolvido Frada, mas eu duvido que vou recuperar muito mais do que um corpo agora.”

Alogune não o teria deixado sobreviver, imaginei. Ele guardava muitos dos segredos da rainha. Ocorreu-me que o meu desejo ingênuo de buscar a verdade tinha colocado os inocentes e os culpados igualmente na rota do perigo. Orei desejando que eu não tivesse agido com arrogância; que eu não tivesse violado a vontade de Deus em prosseguir nisso tão obstinadamente. Eu devia ter orado *antes* de assumir essa tarefa, pensei, com um gosto amargo na minha boca.

§

Em seu mais famoso ato de vingança, Amestris pôs à morte a esposa de Masistes, o irmão de seu marido, depois de cortar fora seu nariz, orelhas, lábios e língua. Segundo alguns essa ação foi

motivada por ciúme, pois dizia-se que a filha dessa mulher teria se tornado amante do Rei Xerxes. Eu duvidava de que a rainha-mãe houvesse cometido um assassinato por conta de ciúme romântico. Diante do fato de que Masistes e seus filhos se levantaram contra o rei em uma revolta um pouco depois, imagino que Amestris muito mais provavelmente tenha sabido da trama antes dos outros e punido o instigador sem esperar pela prova legal, o que não ajudava a aliviar as minhas ansiedades pessoais.

A rainha-mãe era a mulher mais poderosa do império — ainda mais poderosa do que Damaspia. E ao contrário da minha senhora, ela não hesitaria em me condenar à morte se me julgasse culpada de traição. Eu tinha pouca evidência sólida, como Damaspia tinha observado. Minhas palavras somente eram meu emissário. Se eu fosse pouco convincente e Amestris chegasse à conclusão de que menti a fim de ajudar a esposa de seu filho, ela poderia desabafar sua raiva em mim, enquanto sua nora permaneceria fora de alcance.

A mãe do rei dignou-se a me receber, mas não sem antes fazer-

-me esperar em uma antecâmara abafada durante quatro horas. Ela era a terceira rainha de Xerxes. A primeira, a doce Vasti, tinha sido banida para sempre da presença do rei por recusar-se a comparecer quando ele a mandava buscar para uma festa pública. A segunda, Ester, uma judia como eu, nunca lhe deu um filho, por isso perdeu o seu lugar como rainha; dizia-se, porém, que o rei a tratou com bondade durante todos os dias de sua vida.

Talvez não ter sido a primeira escolha de Xerxes a irritasse demais, pois Amestris não permitia que ninguém perdesse de vista o seu grande prestígio. Ela era a filha de Otanes, um dos líderes mais prominentes da Pérsia, e aí de qualquer um que esquecesse sua linhagem ou posição. E eu não tinha a intenção de cometer esse erro.

Quando finalmente permitiu-me a entrada à sua presença, aproximei-me dela com minha mão à minha boca, conforme a tradição da educação formal das audiências reais, para que o odor de minha respiração não a ofendesse. Percorri a distância da sua longa sala de audiência encurvada, como se ela fosse o próprio rei em vez de sua mãe. Mesmo o rei só exigia tais honras em dias de tributo, quando delegados e cortesãos de diferentes partes do império traziam diante dele os presentes simbólicos de sua fidelidade ao império.

Contudo, a rainha-mãe não se opôs à minha reverência excessiva. Ela me deixou curvada por um bom tempo até que eu ficasse bastante familiarizada com o padrão colorido do seu assoalho. Cada peça era feita de uma pedra preciosa; nada além dos materiais mais requintados que o mundo tinha para oferecer era suficiente para Amestris. Finalmente, levantei-me quando ela me fez um sinal, tendo o cuidado de manter minhas mãos aos lados do meu corpo.

Apesar de seu rosto enrugado, era fácil de ver que ela havia sido uma mulher bonita. Ela se mexeu em seu trono de ouro e me estudou através dos olhos frios; em seguida, acenou para a serva que estava de pé ao seu lado.

A serva berrou: “Prossiga.”

Eu respirei fundo e engoli, pedindo a Deus que me lembrasse de meu discurso. “Vossa Majestade, a Rainha Damaspia me envia com seus cumprimentos. Ela me pediu para passar-lhe as últimas informações sobre o caso de Vossa Majestade contra Frada.” Em meu persa mais cortês, apresentei tudo o que eu sabia do caso.

O único detalhe que não revelei foi o que Nebo me contou sobre a carta que Amestris tinha recebido de Gaspar. Nebo ficaria sob suspeita se eu revelasse meu conhecimento sobre o referido documento.

A velha senhora me prendeu com os seus olhos desbotados.

“Você está acusando a Lady Alogune de um crime muito sério.”

“Eu não coloco nenhuma acusação diante da Lady, *duksis*,” respondi cuidadosamente, usando o título elamita que quer dizer *princesa*, um termo que eu sabia que ela preferia. “Talvez não haja ligação entre a visita deste mensageiro a Gaspar e o roubo ao pomar de

Vossa Majestade. Estou apenas descrevendo os fatos de que tenho conhecimento para que Vossa Majestade possa chegar à sua própria conclusão.”

Ela deu um suspiro. “Você quer me levar pelo nariz até uma conclusão, você quer dizer.” Ela virou-se para a serva ao seu lado e sussurrou algo que eu não consegui ouvir antes de ela virar-se para mim novamente. “O que você não sabe, escreba, é que eu tenho o próprio selo da sua senhora para provar a sua perfídia. Agora tente explicar isso, se você conseguir.”

“Selo da minha senhora?” Perguntei com falsa inocência da qual eu teria que me arrepender mais tarde; fiquei boquiaberta diante dela como se estivesse ouvindo aquilo pela primeira vez.

Ela virou o rosto como se estivesse entediada. “Você verá.” Então, ignorando-me, ela virou-se para sussurrar a uma de suas assistentes. Não tendo sido dispensada, eu estava de pé diante dela ereta como uma vareta, desesperada por um assento.

Poucos minutos depois veio Nebo ofegante através da porta, segurando um pergaminho. Ele empalideceu quando me viu.

Eu desviei o olhar, como se ele fosse um estranho para mim, um gesto que deve tê-lo

tranquilizado. Amestris apontou um dedo magro em minha direção e Nebo me entregou o documento. Eu não precisava mostrar que estava estudando o documento; eu só precisava encontrar algumas discrepâncias reveladoras entre a primeira parte e a segunda.

Gaspar claramente tinha um talento para a falsificação. Mesmo conhecendo bem o que eu tinha em mãos, levei um longo tempo examinando cuidadosamente o documento antes de encontrar o que eu procurava em um texto escrito em aramaico simples. Levantando minha cabeça, esperei pela boa vontade da rainha-mãe em falar, o que ela fazia em seu ritmo tipicamente vagaroso.

“Nós temos uma cópia desta carta na sala de registro da rainha, *duksis*,” eu disse . “ Eu devo mandar buscá-la para que a senhora veja a redação original. É muito mais curta do que isso, e termina nesta parte que trata da compra da terra. Mas por acaso a rainha colocou o seu selo na parte inferior do pergaminho que eu agora seguro em minha mão. Esta última parte, que condena Frada e a minha rainha é, na verdade, uma adição fraudulenta. A falsificação é muito bem feita, tenho que admitir, e difícil de detectar. Não é por culpa de seus escribas, *duksis*, que não conseguiram perceber. Eu mesma só descobri a irregularidade porque escrevi o original com minha própria mão.”

“Mande buscar este original agora,” Amestris exigiu. Percebi que ela não queria que eu tivesse tempo para fazer a minha própria falsificação. Eu sinalizei com a cabeça para Pari aproximar-se e dei-lhe as instruções que ela deveria levar para o meu assistente. Ela olhou amedrontada o suficiente para desmaiar quando ela olhou para a velha do canto de seus olhos.

Quando Pari começou a se retirar, a rainha-mãe voltou sua atenção para mim. “Mostre ao meu escriba aqui estas discrepâncias das quais você fala.”

Comecei a mostrar a Nebo a diferença nos cursos de tinta quando Amestris bradou: “Mais alto!”

Em seus costumes retrógrados, ela considerava indigno de si mesma envolver-se diretamente em assuntos plebeus; contudo, ela também não estava nem um pouco disposta a abrir mão do controle da situação. Eu então fiquei pensando em o quão diferente da minha rainha ela era na administração do seu palácio e no quão grata eu era por trabalhar para a rainha mais jovem. Falando mais alto, eu comecei minhas explicações mais uma vez, apontando para cada letra, com Nebo seguindo a explicação cuidadosamente. Quando eu terminei, Amestris sinalizou com a cabeça uma vez e Nebo foi para o seu lado para uma conversa sussurrada que eu não conseguia ouvir.

Pari apareceu na porta, e ao meu sinal veio ao meu encontro com passos rápidos. Olhando para

o documento para ter certeza de que era o correto, entreguei-o a Nebo. Ele estudou-o antes de engajar-se em uma nova longa conversa sussurrada com a rainha-mãe.

Finalmente, Nebo afastou-se e a assistente da rainha-mãe gritou: “Você já pode se retirar.”

Eu posso me retirar? Mas qual foi o veredicto? Eu olhei para Amestris confusa, mas não consegui fazer nenhuma leitura de seu

rosto impassível. Nebo me deu um sorriso tranquilizador, e tendo que me contentar com isso, despedi-me oficialmente. Eu me perguntava o que eu poderia relatar à rainha. *Nebo sorriu, então está tudo bem?*

Damaspia exigiu cada detalhe da minha audiência com Amestris. Longe de estar decepcionada, ela ria como uma criança e batia palmas. “O que eu não daria para ver a cara dela. Ela odeia admitir que está errada.”

“Não foi muito divertido, Vossa Majestade. O rosto dela nunca mudava de expressão; ela na verdade não mostrou nenhum sinal de remorso por ter acusado Frada falsamente.”

A rainha riu. “Ela é como a esfinge — velha e inexpressiva. Nós podemos deixar tudo nas mãos dela agora.”

Eu fiz uma careta. “Vossa Majestade, eu duvido que ela vá tomar qualquer medida. Ora, ela me dispensou sem sequer me dizer se ela acreditava em mim.”

“Oh, ela acredita em você, minha pequena escriba, ou você teria ouvido a extremidade afiada de sua língua.”

“Eu não acho que a sua língua tenha uma outra extremidade.”

Os olhos de Damaspia brilharam de alegria. Eu estava sendo bastante divertida, aparentemente. Para mim essa era uma experiência inebriante, ser da confiança da rainha da Pérsia, desfrutar de sua aprovação.

De repente, lembrei-me que todo o perigo ainda não tinha passado. “E quanto a Lady Alogune?” Eu temia mais os danos de uma mulher que já tinha chegado a grandes extremos.

Damaspia acenou com a mão. “A rainha-mãe tomará o assunto em suas próprias mãos. Amestris não permitirá que tais manobras fiquem impunes. Não se mexe com a rainha-mãe sem se enfrentar as consequências.”

“O que você acha que ela vai fazer?” Perguntei fascinada.

“Ela vai recorrer ao rei, e Alogune vai se ver empacotada e entregue de volta ao seio da mãe que a deu à luz lá em Babilônia. E eis o melhor de tudo: eu não terei que abordar o rei para queixar-me de uma das suas queridas concubinas. Sua mãe me fará o serviço.

Para ajudar a si mesma, Amestris terá que me ajudar.” A rainha girou com graça no centro da sua câmara. “Que resultado glorioso! Não só frustramos uma trama injuriosa como também forçamos a rainha-mãe a fazer o trabalho sujo para nós.”

Ela ria e me batia na bochecha carinhosamente. “Estou muito satisfeita com você, escriba.”

Agora que minha missão especial tinha acabado, enviei Pari de volta aos aposentos da rainha. Eu sentia falta da atuação discreta da moça. Ela tinha provado ser uma companheira agradável e útil.

Três dias depois, os homens da rainha recuperaram o corpo de Gaspar. A rainha me disse que isso era inevitável; ele tinha irritado muitas pessoas poderosas, e se alguém não o tivesse eliminado no escuro de um beco, a justiça do rei o teria punido severamente à luz do dia por se atrever a cometer fraude contra uma pessoa real. Em vez de castigar os pais de Gaspar por escondê-lo, no entanto, Damaspia deu-lhes um pouco de dinheiro e os despachou para uma aldeia que possuía perto de Susã. Ela queria garantir que eles continuassem seguros.

Eu comecei a perceber que era típico dela mostrar clemência a um velho casal que teria lhe causado danos por desespero. Ela disse muitas vezes que o maior rei da linhagem aquemênida, Ciro, ganhou muitas nações tanto por sua misericórdia quanto por sua espada. Ele tinha libertado o meu povo, os judeus, do cativeiro na Babilônia, assim eu mesma o tinha em grande estima. Ele foi o único gentio a quem os nossos profetas se referiram como *o ungido*. Eu apreciava os esforços da rainha em seguir os seus passos.

Nós ainda nem tínhamos começado a fazer as malas para a nossa viagem anual de verão para o norte quando a Lady Alogune foi oficialmente deportada para a Babilônia em desgraça pública.

Artaxerxes, que tinha vivido o assassinato de seu próprio pai e irmão mais velho em um golpe no palácio, não tinha paciência com

conspirações. Eu respirei mais fácil depois disso, sabendo que Frada e o menino servo sob os seus cuidados estavam seguros agora do risco de danos. Senti que a vida havia voltado ao normal e me ocupei com o tedioso trabalho de preparação da nossa viagem de verão para as montanhas frias da Média.

Capítulo Seis

A rainha arruinou a minha vida com a sua bondade. Os Aquemênidas consideravam os atos de fidelidade na prestação de serviços dignos de recompensa. Durante gerações, eles se acostumaram a conceder favores tangíveis àqueles que lhe forneciam um auxílio notável. Geralmente esses presentes vinham na forma de uma oferta luxuosa — colares e pulseiras adornadas com pedras preciosas, peças de vestuário tecidas à mão, cálices de prata e ouro, cesta de alimentos contendo vinhos e grãos finos. Se Damaspia tivesse me concedido quaisquer dessas coisas em reconhecimento por eu ter descoberto e frustrado a trama de Alogune, eu teria me chafurdado em um grato entusiasmo por meses. E ainda que ela tivesse me dado uma sela decorada para um cavalo que eu não possuía — um outro presente real muito comum — eu teria voado nas asas da alegria.

Mas não. A rainha escolheu me conceder a mais alta honra conferida pela mão real: ela me deu um marido. Um aristocrata persa.

Uma semana antes de nossa partida para Ecbátana, Damaspia mandou me buscar. Perplexa com essa irregularidade, tentei esquecer que a última vez em que ela me convocou dessa forma me vi envolvida em uma perigosa teia de intriga. Ignorando o nó no estômago, forcei meus pés relutantes a andar mais rápido, e me vi conduzida à sua presença.

Ela sorriu largamente quando me viu. Ela estava de bom humor, pensei comigo, um pouco tranquilizada. Parecia que cada membro da sua corte havia se reunido à volta dela; suas servas, eunucos e servos menores viraram-se uniformemente para me contemplarem. Comecei a sentir-me transpirar sob o escrutínio de tantas pessoas. Eu não estava acostumada com tanta atenção.

Desconcertada pelos olhares incessantes, aproximei-me da rainha com desconfiança.

“Você é muito boa em descobrir segredos, escreba. Mas eu tenho guardado alguns de você já há alguns dias,” disse Damaspia.

Fiz alguns comentários imbecis sobre a sua sabedoria e comecei a sentir um formigamento de preocupação. Estava claro para mim que todos no recinto sabiam a respeito do segredo e se divertiam à minha custa.

“Algumas noites atrás enquanto eu ceava com o rei, meu marido, ele me falou a respeito do dilema de um de seus primos, o Lorde Vivan. Eu gostaria de compartilhar com você este dilema,

Sara, porque agora também diz respeito a você. Antes de eu fazê-lo, no entanto, devo contar-lhe a história de Vivan.

“Muitos verões atrás, quando Lorde Vivan ainda era um jovem, ele apaixonou-se pela filha de seu mordomo, uma bela moça chamada Raquel.”

Meus olhos se arregalaram com esse nome, que não era persa porém judaico. A rainha percebeu o meu reconhecimento com um leve aceno de cabeça e continuou. “Ela era alguém de seu povo – uma judia. O amor do Lorde Vivan por Raquel era tão intenso que ele recusou-se a tomá-la por concubina, o que convinha à sua posição, porém casou-se com ela, o que a elevou acima de suas outras esposas. O filho dela, a quem deram o nome Dario por causa do grande rei, tornou-se herdeiro do Lorde Vivan.

“Obviamente o Lorde Dario não foi criado como um judeu, mas como um persa. Quando ele tinha dezessete anos, para a tristeza do pai e do filho, Raquel faleceu.

“Desde então, Dario provou ser um filho honroso em todos os aspectos, exceto um: ele se recusou a tomar uma esposa, embora já tenha passado da idade de casar-se. Isto tem sido uma tristeza para seu pai, cujo maior desejo é contemplar os filhos de seu filho. Vivan tem este dissabor contra Dario, pois em todos os outros aspectos ele é um homem de honra, e o epítome do que um nobre persa deve ser.”

Eu não entendi por que a rainha queria demonstrar as qualidades admiráveis desse jovem para mim. Eu balançava minha cabeça para cima e para baixo como uma tola, esperando a boa vontade da rainha em oferecer uma explicação.

“Algumas semanas atrás, motivado pela grande infelicidade demonstrada por seu pai, Dario finalmente confessou-lhe o motivo por trás do seu desejo obstinado de permanecer solteiro.

Acontece que antes de sua morte, Raquel fez o seu único filho prometer que sua primeira esposa seria uma moça judia. Ele sabia que seu pai queria que ele casasse com alguém da nobreza persa. Encurralado entre a promessa da sua juventude feita à sua mãe e certo da decepção e da ira de seu pai, Dario manteve o silêncio, esperando que uma solução se apresentasse com o tempo.

“A essa altura, o Lorde Vivan já está tão aliviado que seu filho esteja disposto a casar-se que pouco se importa com a origem da moça. O dilema que ainda persistia era encontrar a moça judia certa para o seu filho.”

Uma sensação incômoda de formigamento fez com que eu me contorcesse onde eu estava. Por que teria a rainha expressamente me convocado à sua câmara com o intuito de partilhar fofocas

de família?

Damaspia prosseguiu. “Como eu disse, o rei me contou esta história enquanto ceávamos duas noites atrás. Seu copeiro, Neemias, estava servindo, como de costume. Ele é seu primo, creio eu; não é, Sara?”

“Sim, Vossa Majestade, por parte de minha mãe.”

“Um bom homem.” Damaspia acenou uma mão pesada de tantas joias para enfatizar suas palavras. “O rei admira a sabedoria desse homem. Então eu lhe perguntei, quando o rei tinha acabado de me entreter com sua história, se Neemias poderia recomendar uma esposa digna para o filho do príncipe Vivan. Antes que ele pudesse responder, no entanto, eu disse que eu mesma tinha um nome para sugerir.

“O rei e o seu copeiro viraram-se para mim como se de repente eu tivesse aprendido a falar a língua dos gregos. ‘Quem você tem em mente, meu amor?’ — o rei me perguntou. Você sabe que nome eu apresentei, Sara?”

“Não minha senhora,” eu disse, começando a me sentir enjoada.

“O seu, tolinha!”

“*Meu?*” Resmunguei.

Todos na sala riram. O som chegou até a mim como se viesse de muito longe. Senti o recinto balançar e temi perder os sentidos.

Talvez eu acordasse e descobrisse que toda esta cena era um pesadelo — que eu tinha adormecido enquanto supervisionava a pilha de registros. Eu acordaria babando em cima de um pote de tinta e riria dos absurdos que a minha mente pudesse conceber.

“O seu,” a rainha repetiu sem remorsos, sem se importar com o efeito que suas palavras tinham sobre mim. “Eu disse ao rei que foi você que tinha descoberto a perfídia de Alogune, e que foi você quem abordou a rainha-mãe com a verdade. Depois eu perguntei a Neemias o que ele achava de você e de sua família.

“Ele disse que tinha você na mais alta consideração; e que embora fosse pobre, você era digna de confiança e leal. Bem, eu poderia ter dito a mesma coisa. Eu disse ao rei que lhe devia uma recompensa por proteger o meu bom nome. Um casamento com um aristocrata persa — nada menos do que o primo do próprio rei — parecia o melhor prêmio que alguém poderia receber. E Lorde Vivan satisfaria o desejo de seu coração, que era o casamento de seu filho. Era uma

solução perfeita para todos. O rei e o seu copeiro concordaram comigo completamente, então na noite seguinte convidamos Lorde Vivan e lhe demos a boa notícia.”

Eu fiquei esperando pelo final da história, a parte onde a rainha iria me dizer que alguém voltou a si e parou essa cadeia de eventos desastrosos. O mundo funcionava de acordo com regras e regulamentos. Escribas judeus insignificantes simplesmente não se casavam com aristocratas persas. Já era raro o suficiente os aristocratas persas se casarem fora de seu nível hierárquico. Mas quando o faziam, eles não escolhiam mulheres que não traziam nenhuma vantagem política, nenhuma riqueza ou beleza. Alguém tinha que ter pensado nisso em algum momento e chegado à conclusão da impossibilidade desse esquema. Eu ficaria bem, assim eu continuava assegurando a mim mesma. Não haveria nenhum casamento com algum cortesão mimado que me sufocaria com suas expectativas elevadas.

Isso só podia ser uma brincadeira.

“Há uma dificuldade,” a rainha começou, e eu respirei de alívio.

Ali estava a voz da razão. “Lorde Vivan deve partir para Ecbátana.

Ele ficará fora por um ano inteiro em uma missão para o rei. E ele não vai querer esperar tanto tempo para ver o seu herdeiro casado.

Ele quer celebrar o casamento de seu filho antes de sua partida no final da semana.”

Meu queixo caiu. Coloquei a mão contra o meu decote e o puxei para baixo para me dar um pouco de ar. “Fim *desta* semana?”

“Sinto muito que tenha que ser um assunto apressado, uma festa de uma noite em vez de uma apropriada celebração de sete dias. Em sua generosidade, o rei ofereceu o uso do novo salão Sala do Trono, em Persépolis; ele espera que a magnificência compense pela curta comemoração. O Lorde Vivan terá de arcar com as despesas, é claro; o rei não *é tão* generoso assim.” Todos riram. Eu comecei a acreditar que este casamento era algo real na mente da rainha. Ela já contava com esse acontecimento em algum momento no futuro.

“Mas, com certeza, Vossa Majestade, eu sou muito insignificante para um lorde tão nobre da tribo Pasárgada desposar. Não seria adequado,” eu disse, desesperada para tentar lembrá-la da razão, e para escapar desse destino insuportável. Os Pasárgadas eram a maior família na Pérsia. Até mesmo os reis aquemênidas descendiam deles.

“Bobagem. É apropriado se eu disser que é. Você não precisa se preocupar com nada, Sara. Eu mesma lhe darei alguns móveis e algumas roupas para que você não vá para a casa de seu marido

de mãos vazias. Não há nenhuma razão para você se envergonhar quando uma rainha está apoiando você. Os contratos foram assinados por seu pai e pelo Lorde Vivan esta manhã. Tudo já foi providenciado.”

Quando ela mencionou contratos, eu desmoronei no chão; minhas pernas já não podiam me apoiar. Eu ouvi o barulho de risadas em torno de mim mas não me importei. Então eu senti um braço suave ao meu redor e um copo foi levado aos meus lábios. Senti o gosto de vinho. Vi que a própria rainha me segurava.

“Venha, venha, tudo isso tem sido demais para você, pobre criança. É melhor você ir descansar agora.”

Eu imaginei que se eu saísse de sua presença, eu poderia não conseguir assegurar uma outra audiência antes que fosse tarde demais. “Perdão, Vossa Majestade,” murmurei e me forcei a ficar de pé. “Eu estou bem.” Eu me debatia descontroladamente, esperando conseguir alguma inspiração. “Mas, minha senhora, quem será o seu escriba sênior se eu me casar? Não haverá tempo suficiente para me substituir. Eu não posso suportar a ideia de seus registros se transformarem em uma bagunça sem o devido cuidado.”

Damaspia afastou-se meio passo. “Você revelou uma fraqueza no meu plano, eu admito. É muito inconveniente para mim mesma este seu casamento. Você foi a melhor escriba que eu já tive. Porém, a minha consideração por você é tanta que eu de bom grado faço esse sacrifício.”

“A senhora não precisa...”

“Chega!”

Eu conhecia aquele tom. A voz régia que declarava o fim da discussão.

Lembrei-me de que ainda não havia lhe agradecido, e que eu não podia me dar ao luxo de quebrar o protocolo. Com a voz embargada, eu disse: “Eu estou muito grata por sua imerecida generosidade, minha rainha.” Em seguida, curvando-me, saí.

Meu pai, eu dizia para mim mesma, iria encontrar uma maneira de eu sair dessa. Eu desmaiei no banco familiar no jardim do rei, totalmente cega para a beleza que me cercava, e me esforcei para me segurar à minha sanidade enquanto esperava pela chegada do meu pai. Poucas horas atrás, aparentemente, minha vida era exatamente como eu a queria; eu tinha o meu trabalho, eu tinha o respeito de minha rainha; eu tinha a satisfação de saber que eu escolhia o meu próprio caminho.

Damaspia tinha me dito que o meu casamento seria inconveniente para ela, contudo ela jamais

pensou sobre a minha inconveniência. Todos em sua câmara tinham olhado para mim como se eu tivesse recebido as chaves da felicidade, como se eu devesse beijar a orla do manto da rainha com gratidão absoluta.

Mas eu sabia sobre casamentos aristocráticos entre os persas; eu via minha rainha, valorizada por seu marido real, e ainda assim tendo que compartilhá-lo com muitas mulheres. Ele chamava Damaspia de *amada*, e ainda assim tinha filhos gerados por outras. Eu não teria o luxo do amor. Eu não era nada além do cumprimento de uma promessa a uma mulher morta. Com quantas mulheres eu teria que partilhar a minha casa? Quantas mulheres iriam me intimidar e desprezar?

No palácio, eu compartilhava o meu humilde aposento com outras; mas aquele pequeno espaço era meu; ninguém disputava comigo o seu uso. Eu o ganhei com o meu serviço.

O trabalho da minha mão me trouxe respeito, assim como salários. Eu sabia que tinha ganhado a admiração da rainha, e como resultado, da sua família. Apesar da minha relativa obscuridade, eu era digna de estima por aqueles que me conheciam no palácio. Dentro da casa do primo do rei eu não seria ninguém. Pior. Eu seria uma decepção. Esses pensamentos me encheram de tanto pânico que eu comecei a tremer, e não conseguia parar.

Eu vi meu pai caminhando lentamente em minha direção a distância, e corri para ele.

“O que foi que você fez?” Perguntou ele, sem me cumprimentar.

Ele parecia cansado.

“Foi a rainha que fez. Eu só descobri sobre isso esta manhã. Pai, como podemos parar com essa loucura?”

“Não pode ser interrompido, Sara. Eu mesmo selei os contratos.”

“Por quê?” Gritei. “Por que não se recusou?”

“Recusar o primo do próprio rei? Você está louca? Ele veio munido com as bênçãos do próprio rei e da rainha.”

Afastei-me dele para descansar a minha cabeça contra o tronco de um sicômoro. “Por que eu?” Eu gemi. “Sem dúvida, existem muitas belas e doces jovens judias que adorariam tornar-se esposas de um Pasárgada. Eu mesma vou encontrar uma e entregá-la na porta do Lorde Vivan antes do fim da semana. *Por que eu?* ”

“Sara, está feito.”

“Não está não!” Gritei. “Eu vou dar um jeito. Procurarei o primo Neemias.”

“Ele estava lá quando eu assinei o contrato,” disse meu pai suavemente. “Estava lá para ajudar, e não para impedir.”

Sua resignação deixou-me furiosa. “O senhor não se importa comigo,” disse eu, sentindo um frio no rosto. “Nunca se importou.

Este casamento me trará a morte.” Fiquei satisfeita em ver os seus olhos cheios d’água. Algo endureceu-se em meu coração quando afastei-me do meu pai. Nesses momentos, era como se todos os anos de um amor desesperado e de um anseio insatisfeito por ele que eu tinha carregado tivessem se transformado em uma ira amarga. Eu sabia agora que eu estava realmente sozinha no mundo.

Eu estava trabalhando em meu escritório apertado, tentando colocar os registros de Damaspia em perfeita ordem antes da partida da corte para Ecbátana quando três servas de Damaspia apareceram.

Meu peito começou a coçar ferozmente ao vê-las.

Avistei Pari no meio delas. “Qual é o significado disto?” Perguntei, quase me levantando.

Uma mulher de meia-idade, claramente atuando como a chefe do pequeno exército, disse: “A serva sênior da rainha nos envia com os seus cumprimentos. Estamos aqui para ajudá-la a se preparar para o seu casamento.”

Engoli em seco enquanto examinava suas cestas transbordando de óleos e o que parecia com instrumentos de tortura para mim. Só de pensar em passar as minhas horas restantes de liberdade na companhia delas fazia a coceira do meu peito espalhar-se para minha barriga.

“Quanta consideração.” Eu lancei um olhar furtivo aos eunucos que atuavam como meus escribas assistentes. “Mas deve haver algum engano. Eu já tenho assistentes.”

“Oh. Perdoe nossa intrusão. Os aposentos de Sua Majestade estavam em convulsão ontem. A rainha-mãe anunciou que visitará a nora esta semana. Todas nós estamos muito ocupadas com todos os preparos. Não há dúvida de que a serva sênior esqueceu-se de que já tinha lhe enviado ajuda.”

Eu dei um sorriso falso, embora eu não pudesse evitar enrubescer com a sensação de culpa. Era apenas uma pequena mentira, eu disse a mim mesma. Afinal, eu *tinha* recebido ajuda. Era culpa minha que meus assistentes eram escribas por natureza? Além disso, eu não ficaria nada

surpresa se os meus eunucos soubessem mais do que eu sobre tratamentos de beleza persas.

Para meu alívio, as servas da rainha saíram de meus aposentos sem mais discussões. Perto da porta, no entanto, Pari virou-se.

“Quem ela enviou para ajudá-la?”

“Eu não consigo me lembrar.”

Ela cruzou os braços. “Isso não é nada típico da senhora.”

Apertei os olhos e sussurrei: “Não é da sua conta.”

Ela ergueu as sobrancelhas perfeitamente depiladas. “Se eu não fizer meu trabalho, senhora, quem você acha que vai estar em apuros por isso?” Eu não tinha nada a dizer e ela se virou como se fosse sair.

Na porta ela hesitou. “Vou lhe dar algumas horas então. Mas lembre-se, vou voltar.”

Levei dois dias para conseguir uma audiência com o copeiro do rei. Como o meu casamento seria em quatro dias, a demora desta importante reunião — minha última esperança de absolvição — mostrou-se difícil de suportar. Quando eu estava indo encontrar Neemias, Pari me parou pela quinta vez em dois dias.

“Senhora! Devo prepará-la para o casamento. Temos muito a fazer: seu cabelo, unhas, pele —”

“Mais tarde,” eu disse, e a afastei.

“Mas não há tempo. Você não pode ir para o seu leito conjugal dessa forma! O seu noivo —”

“Pode sentar-se sobre a sua própria lança, se quer saber.” Eu lancei sobre Pari um olhar irado e saí, deixando-a boquiaberta.

Fora de sua presença eu podia chamá-lo de *primo* Neemias, mas ele era um oficial muito importante para ser tratado com intimidade casual. Eu o cumprimentei curvando-me; eu precisei de toda a minha força para esperar ser abordada por ele antes de abrir minha boca.

Com apreensão, estudei-o tentando encontrar sinais de seu humor.

Como sempre, ele estava impecável; seu cabelo vermelho escuro tinha sido cuidadosamente

disposto em ondas e coberto na coroa por uma touca de feltro. Seu rico manto arrastava-se no chão em um esplendor colorido; nenhuma ruga se podia achar em nenhum lugar daquela veste. Eu me perguntava se o tecido se atreveria a enrugar-se.

Ele olhou para mim com olhos despreocupados, e lembrei-me com desconforto que, em contraste com sua aparência exigente, eu estava uma bagunça ainda pior do que o habitual; em minha grande agitação, eu havia negligenciado os pontos mais importantes de minha higiene pessoal por alguns dias.

“A noiva,” disse ele finalmente, depois de me estudar por um longo tempo; sua voz imersa em reprovação.

“Eu não quero ser,” lamentei.

Ele se sentou em um banquinho e estendeu os pés com calçados de couro diante de si. “Que trágico.”

Fiquei boquiaberta, abalada por sua falta de simpatia. “Você não vai me ajudar?”

“Como? A rainha escolheu você; os contratos foram selados; a data foi marcada; o rei planejou uma festa elaborada. É a vontade do

Senhor, Sara. Como nosso compatriota Mordecai disse à sua *prima* Ester uma geração atrás: *Quem sabe por que você chegou a essa posição real num momento como este?* ”

“A vontade do Senhor? Ou é a vontade de Neemias! Você poderia ter dito a rainha a verdade quando ela sugeriu o meu nome; você poderia ter dito que eu era inadequada para ser a esposa de um nobre persa.”

“Isso não é verdade ou eu teria dito isso.”

Cruzei os braços, exasperada. “Quer fazer o favor de simplesmente olhar para mim? Não há nada em mim que possa agradar a um jovem mimado apenas interessado em jovens bonitas e caça”.

A mais simples sugestão de um sorriso tocou os lábios de Neemias. “Eu não sei a quem você insulta mais: a você mesma ou ao seu noivo. De qualquer maneira, você subestima a ambos. Você é uma mulher sagaz, sensata e amorosa. Eu sempre achei você muito bonita, Sara, apesar de você cuidar de si mesma o tanto quanto um cão sarnento se cuida.”

Eu não me ofendi por ser comparada a um cão sarnento; na minha opinião, foi a coisa mais próxima da verdade que ele tinha dito até então. Mais uma vez, eu tentei fazê-lo raciocinar. “Meu

único talento é ser escriba. Meu marido não vai se importar com quantos idiomas eu falo, mas no palácio sim. Aqui, eu valho alguma coisa.”

“Você não vale alguma coisa por causa das muitas línguas que fala,” disse ele, começando a exasperar-se.

Meus olhos encheram-se de lágrimas de modo que eu não podia controlar. Sua implacabilidade me acertou com o peso de um gigante das colunas de Persépolis. “Por favor, por favor, primo. Eu imploro!

Impeça este casamento.”

Ao ver as minhas lágrimas, o rosto de Neemias suavizou-se.

Ele veio e posicionou-se perto de mim. “Minha criança, confie em Deus. Ele não teria colocado você nesta posição sem uma razão.”

Eu balancei minha cabeça. “Eu confio em minha capacidade de cometer erros mais do que na habilidade de Deus em fazer os Seus planos prosperarem!” Desabafei, e sem permissão saí correndo de sua câmara, sabendo agora com certeza que ele não faria nada para impedir o casamento.

Caminhei até o meu monte favorito, desmoronei em sua suave poeira e chorei até pegar no sono. Já era manhã quando acordei. Em choque, eu me dei conta de que na noite seguinte, eu seria uma mulher casada.

Capítulo Sete

Voltei para o meu escritório e passei várias horas certificando-me de que eu tinha deixado todos os negócios da rainha em boas condições para o escriba que iria me substituir. Perdida em meu trabalho, eu podia fingir que não havia nenhum noivo e nenhum novo lar me esperando ao final do dia seguinte. Eu tinha acabado de terminar quando Pari entrou com seus braços repletos de coisas de modo que eu mal podia ver o seu rosto.

Para meu espanto, ela largou tudo aos meus pés. Seu rosto estava branco e manchado de lágrimas. “Senhora, devo prepará-la para o seu casamento. Eu sei que não tem nenhuma outra ajuda, e há muito a ser feito. Eu não vou sair até terminar.” Ela então derreteu-se em lágrimas.

Ver a sua tristeza feriu minha consciência. Será que a minha recusa à sua ajuda tinha lhe trazido problemas com seus superiores?

“Eu sinto muito, Pari. Você pode fazer o que quiser comigo. Alguém a repreendeu por minha causa?”

Ela levantou a cabeça em direção ao teto, um gesto persa que significa *não*.

“O que foi então?”

“Meu pai está muito doente, senhora. Recebi a notícia mais cedo, minha mãe diz que ele está morrendo.”

“Eu sinto muitíssimo! Ele mora na cidade de Persépolis?”

“Sim.”

“Então você deve ir visitá-lo. Por que você ainda está aqui? Vá, vá!”

“Seria impossível! Temos que nos apressar para aprontá-la”.

“Eu faço isso sozinha, Pari. Isso não pode ser difícil. Muito antes de a rainha enviá-la para mim, eu aprendi a tomar banho.”

“Senhora, a rainha enviou tratamentos de cabelo e pele e cosméticos. Além disso, depilatórios para remover,” ela acenou com a mão em direção ao meu rosto, “excesso de pelos. Ela também enviou o seu próprio robe, que eu terei que ajustar para caber em você. Eu não acho que você vai

conseguir se arrumar sozinha.”

Nem eu achava também. Eu sabia que podia me livrar da sujeira na minha pele, mas eu provavelmente não seria capaz de dizer a diferença entre o depilatório e o condicionador capilar, o que poderia revelar-se problemático.

“Eu não tenho que usar tudo isso.”

“Com certeza você tem. Sua Majestade exigiu que você usasse tudo o que ela enviou.” Pari enxugou suas lágrimas, porém novas lágrimas rolaram.

“Então vou usar tudo. Vá para casa. Eu não direi a ninguém. Vá para casa e despeça-se de seu pai.”

Finalmente consegui convencer Pari a ir. Peguei o pacote que a rainha tinha enviado e o levei para o meu quarto. Como era o início da tarde, as mulheres com quem eu partilhava os meus aposentos estavam ocupadas em seus postos e não retornariam até o jantar.

Analisando o pacote, tentei decifrar o propósito dos cremes e óleos em cada frasco e ânfora. O mundo das mulheres permanecia um mistério para mim. Ironicamente, embora eu vivesse entre elas, eu ocupava o estreito mundo da administração acadêmica. Eu entendia os cálculos. Já os cosméticos faziam tanto sentido para mim quanto os rituais funerários egípcios.

Agarrei o manto que a rainha tinha me dado. A seda de um azul pálido tinha sido moldada em um corpete simples e uma saia rodada; o corpete tinha mangas largas plissadas que ficavam penduradas e quase tocavam o chão. Damaspia era mais estreita e mais alta do que eu. No entanto, como o robe abria-se totalmente na frente, e era feito para ser transpassado sobre o peito e fechado por um cinto, consegui colocá-lo. Com certeza Damaspia o teria usado sobre uma túnica apertada de seda, que apareceria delicadamente sob o robe azul.

Ela não tinha me enviado essa roupa de baixo, sabendo que eu não poderia caber em suas roupas, feitas para ela sob medida. Então eu tive que me virar com uma de minhas próprias túnicas usadas em casa.

No pacote eu encontrei um espelho de prata polida e olhei para o meu reflexo. A veste abria-se na frente, mostrando demais minha túnica manchada que estava por baixo. Aos meus pés o excesso de tecido se embolava de uma forma nada charmosa.

Suspirei. Isso pelo menos eu conseguiria resolver. Essa foi a única habilidade feminina com a qual a Tia Lia havia conseguido saturar a minha cabeça. Eu peguei minha caixinha de costura e sentei-me para fazer bainha no meu vestido de casamento. Levei horas; havia tanto tecido

inserido na saia que quanto mais eu costurava, mais tecido aparecia para eu costurar. Eu estava exausta quando finalmente dei o último ponto com minha agulha de marfim, pois enquanto os meus dedos permaneciam ocupados, minha mente continuava a lidar com pensamentos atormentadores.

Que tipo de homem seria o meu marido? Ele tinha o nome do segundo maior rei aquemênida. Seria isso uma indicação de seu orgulho, seu senso de auto importância? Será que ele era cruel? Como a esposa do primo do rei eu não teria permissão para trabalhar, obviamente.

Mas será que ele me permitiria a liberdade de ler e escrever? Será que eu o acharia repulsivo? Arrogante? Tirânico? E os meus maiores temores: Será que ele se decepcionaria comigo? Será que me reprovaria?

Perguntas ansiosas rodopiavam na minha mente com uma intensidade tão brutal que eu até pensei que devia estar ficando louca com o peso delas. Eu não tive tempo para me ajustar ao meu destino.

A luta contra este casamento tinha tomado todo o meu foco nos primeiros dias, e agora menos do que o ciclo de um dia inteiro restava para eu me acostumar com a finalidade da mudança na minha vida.

Atirei a roupa azul requintada ao pé da minha cama e comecei a vasculhar os frascos enviados pela rainha. As mulheres com quem eu compartilhava meu quarto entraram, e ao virem a minha pilha de produtos começaram a suspirar a cada artigo que viam com entusiasmo. Por que não podia ser o casamento de uma delas, pensei comigo. Elas estariam felizes agora. Eles estariam comemorando sua boa sorte em vez de lamentando o seu destino cruel.

A alegria incessante daquelas mulheres começou a me irritar, então eu me arrastei para a minha cama e coloquei um fim aos seus comentários indesejados. Minha cama! Eu me dei conta de que aquela era a última noite em que eu dormiria nesse confinamento estreito e confortável. Eu tinha realmente perdido tudo.

Quando acordei, já era o final da manhã e eu estava sozinha.

Eu peguei o espelho de prata enviado pela rainha e olhei para o meu reflexo ligeiramente turvo. Meu cabelo precisava de uma boa lavada e os meus olhos estavam vermelhos e inchados como resultado de minha noite perturbada. Meus lábios, talvez a minha melhor característica, normalmente macios e cheios, tinham ficado secos e rachados. Logo acima deles, uma sombra nebulosa e escura lembrou-me de que eu deveria remover todo o excesso de pelos do meu corpo.

As mulheres persas atacavam os pelos faciais e corporais como se fossem um inimigo do

império. Eu nunca tinha visto nenhuma razão para isso, pois eles simplesmente cresciam novamente. Além disso, eu não tinha a menor ideia de como fazer isso.

Eu puxei um pote de cera fria e as tiras de pano que vinham com ele de dentro do pacote. Graças ao entusiasmo das minhas companheiras na noite anterior, eu agora conseguia identificar a maior parte dos objetos que Damaspia tinha me enviado, embora eu ainda não tivesse uma clara compreensão de como usá-los.

Eu decidi tentar um pouco de cera na minha perna. Uma gosma pegajosa parecida com mel grudou na minha pele como um nódulo pouco colaborador. Eu o espalhei em volta e coleí sobre ele uma tira de tecido de linho. Depois puxei com força. Gritei surpreendida pela dor pungente. Como as mulheres faziam isso com tanta regularidade?

Eu não tinha feito corretamente, obviamente, pois apenas alguns dos pelos teimosos tinham saído, enquanto outros se agarravam tenazmente às suas raízes. Após algumas outras poucas tentativas eu desisti, com nojo. Eu tinha me tornado uma bagunça pegajosa e não tinha perdido tanto cabelo diante da encrenca dolorosa.

Frustrada, coloquei a cera de lado. Dario Pasárgada teria que lidar com uma noiva cabeluda, e que Deus o ajudasse. Eu não tinha pena do seu sofrimento.

Sem entusiasmo, eu peguei alguns frascos de creme de tratamento de pele e saí para providenciar um banho, e fiquei lá até a água ficar fria. Eu nunca tinha ficado coberta com o cheiro de tantos perfumes diferentes. Meu cabelo cheirava a jasmim, minha pele como rosas e limão fresco, e minha respiração fedia com o forte odor de menta. Eu me sentia como uma tigela gigante de frutas e flores. Eu esperava que meu noivo apreciasse todo este bom gosto; já eu estava dando a mim mesma uma dor de cabeça.

A rainha esperava que eu enrolasse meu cabelo, sem dúvida, então eu enrolei o meu cabelo molhado em tiras de pano. Ocorreu-me, porém, que eu deveria ter feito isso na noite anterior pois o meu cabelo, que era cheio e reto, nunca secaria para o final daquela tarde.

Lembrei-me de que o vestido ainda precisava ser afrouxado em cima, mas quando examinei o tecido vi que as costuras não tinham nenhum espaço. Eu teria que usá-lo assim como estava, com a frente transpassada com uma larga abertura no tecido que mostrava uma grande extensão da minha túnica caseira de algodão.

Não houve tempo para lavar roupa, e eu só tinha duas peças de roupa que poderiam servir. Uma delas estava velha e desbotada e parecia ainda mais decrépita aparecendo sob a seda azul primorosamente tecida. A outra era decente o suficiente, e eu a vesti para ter certeza de que ela

ficaria no tamanho certo sob o meu vestido de noiva. Então eu decidi que isso teria que ser suficiente.

A reclamação do meu estômago lembrou-me de que eu não tinha comido nada desde a manhã anterior, e com algum alívio, abandonei os meus preparativos para ir em busca de alimento. Quinze mil pessoas, incluindo os soldados do rei, eram alimentadas diariamente em Persépolis. Dizia-se que mil animais eram mortos todos os dias para alimentar o apetite de muitos. Ainda assim, não se encontrava quase nenhuma comida na cozinha deserta dos criados. Depois de uma busca meticulosa, encontrei um grande caldeirão de uma espessa sopa de erva com macarrão mole de trigo, que alguém tinha inusitadamente deixado em um dos lados. Despejando um pouco em uma tigela, eu consegui esgueirar-me de volta para o meu quarto sem ser vista.

A primeira colherada quase envesgou os meus olhos; colocaram naquela sopa alho o suficiente para fazer uma manada de cavalos selvagens desmaiar. Não é de admirar que tivessem abandonado a sopa na cozinha. Eu resolvi que eu estava faminta demais para me importar. Para minha desgraça, eu encostei uma colher cheia de sopa na minha melhor túnica, que eu ainda estava usando. Apesar dos meus melhores esforços, eu não consegui eliminar a mancha, pois a sopa tinha sido temperada com açafrão e o seu teimoso amarelo tinto agarrou-se ao tecido bem no meio do meu peito.

Agora eu tinha duas opções para usar sob o meu vestido de casamento: uma velha túnica desbotada gasta nas beiradas ou uma manchada com sopa. Eu escolhi a velha. Chocada, eu percebi que eu tinha muito pouco tempo antes de ser levada para a celebração de casamento.

Freneticamente, puxei os trapos do meu cabelo; como eu receava, meu cabelo ainda estava muito molhado para conseguir firmar algo parecido com um cacho. Eu peguei a peça de cabelo cacheado que Damaspia havia me dado e enfiei a presilha na minha cabeça. As perucas eram populares no império; cada uma custava tão caro que os proprietários eram obrigados a pagar um imposto especial ao governo para ter o privilégio de ter uma. Apesar do seu valor, esta em particular não se ajustou bem em minha cabeça. O falso cabelo ondulado misturado com minhas próprias madeixas molhadas e retas ficavam estranhamente fora de lugar.

A aplicação adequada de produtos cosméticos não parecia tão relevante dentro do meu conjunto maior de problemas. Eu segui todos os passos por causa da ordem da rainha, mas o meu coração estava cheio de resistência.

Cobri o meu rosto com pó branco. A ânfora adornada com prata continha kohl recém-preparado que eu apliquei aos meus olhos castanhos com uma mão trêmula. Havia um pote vermelho para minhas bochechas e outro para os meus lábios; estes eu apliquei com a tênue esperança de que eu tivesse colocado o pó certo na parte devida.

Quando terminei de usar todos os itens de luxo enviados por Damaspia, examinei-me ao espelho e suspirei.

Eu estava horrível.

Eu tinha usado muito pó branco sobre as minhas sobrancelhas grossas que nunca haviam sido depiladas e se juntavam no meio da minha testa; a brancura falsa da maquiagem sobre a minha pele me fazia mais semelhante a um cadáver do que a uma mulher viva.

A forma como apliquei kohl aos meus olhos me fez parecer com um perdedor depois de uma briga séria. Com algum desconforto, comecei a perceber porque as mulheres persas removiam o excesso de pelos, pois o meu bigode peludo assentava-se sobre os meus lábios estranhamente vermelhos como um inseto sobre uma fruta madura. A imagem no espelho espremia até a última gota de bravata e resistência de mim.

Antes que eu pudesse limpar meu rosto, um das damas de Damaspia em espera correu para o meu quarto.

“Onde você esteve? Todos já estão reunidos — ! Oh, grandes fogos santos, o que você fez consigo mesma?”

“Eu — eu estava prestes a limpar o meu rosto e a começar de novo.”

“Não há tempo!” Ela lamentou.

“Você não vai me ajudar, por favor?” Eu implorei, dando um passo em direção a ela, finalmente entrando em pânico em pensar na desgraça que certamente me aguardava.

Ela levantou a mão à boca e ao nariz. “O que você anda fazendo?”

Mastigando alho cru por toda a manhã? Sua respiração cheira mal!”

Eu coloquei a mão na frente da boca. “O que eu faço?”

“Não há tempo,” disse ela novamente. “Você já corre o risco de ofender a rainha, para não mencionar ao Lorde Vivan e seu filho por demorar tanto tempo. Rápido, coloque o seu robe e vamos.”

Mais tarde eu pensaria naquele momento — na minha decisão de obedecê-la — com grande arrependimento. A obediência ao protocolo do palácio tinha sido martelada na minha cabeça por três anos, então eu obedeci sua ordem com muita facilidade. De sua parte, ela devia estar pensando no cumprimento do seu dever, que era simplesmente a entrega pontual da noiva para a

festa de casamento.

Tirar a pintura do meu rosto teria consumido muito tempo; teríamos chegado atrasadas. No entanto, lembrando o passado, estou certa de que o meu atraso teria sido menos ofensivo para a rainha e para o Lorde Vivan do que minha aparência. Eu, porém, suspeito que a serva estava em pânico por não ter realizado a tarefa que lhe fora atribuída. Não que a sua decisão a tenha salvado de recriminações mais tarde. Eu não ficaria surpresa se Damaspia a repreendesse por levar-me à festa do jeito que eu estava. Nós duas erramos.

Nós caminhamos pelos longos corredores do quarteirão das mulheres e chegamos à Porta da Torre, que levava ao corredor cerimonial. A festa de casamento seria realizada na Sala do Trono, uma estrutura majestosa recentemente concluída por Artaxerxes, que estava posicionada ao fim do corredor cerimonial. Mas a cerimônia de casamento em si seria mais privada, localizada em uma pequena sala de reunião ao leste da Sala do Trono.

Preso em um transe que parecia um sonho, eu quase não notei o esplendor que passava diante dos meus olhos enquanto eu corria. A serva da rainha puxava-me atrás de si, obrigando-me a acompanhar os seus passos apressados, com o clique dos nossos saltos ecoando no piso de pedra. Então, fizemos uma curva desajeitada e chegamos.

Os casamentos persas exigiam que o noivo e a família imediata e os amigos íntimos chegassem primeiro. A noiva entrava na sala quando todos já estavam reunidos, e se assentava ao lado do seu noivo à frente da sala onde armava-se uma tenda feita de tecidos delicados que ficavam pendurados. Diante deles, colocava-se alguns itens requintadamente decorados, cada um com um significado simbólico: um grande pedaço de pão plano, cortado ao meio; trigo e cevada pintados e decorados, inseridos nas gravuras de uma bandeja de prata; mel e doces; espelhos e candelabros.

Eu iria entrar na sala e desfilar diante do olhar atento de todos e tomar meu assento ao lado do meu noivo agora. Embora soubesse de tudo isso, eu não estava preparada para a pressão do olhar daquelas pessoas; elas se voltavam para me estudar quando a serva da rainha me empurrou para dentro da sala e desapareceu.

Eu ouvi os cochichos antes de eu conseguir me concentrar o suficiente para ver os rostos. A cena que veio ao meu encontro me fez perder a capacidade de locomoção: estranhos cobrindo o riso com as mãos; Damaspia aparentando indignada; Neemias com sua boca aberta em choque total; meu pai de cabeça baixa e as mãos trêmulas.

E então eu o vi — o meu noivo. Instantaneamente reconheci os vívidos olhos verdes, o rosto moldado, os ombros largos.

Dario Pasárgada não era outro senão o meu caçador de leões.

Por uma fração de momento eu vi seu rosto exprimir uma infinidade de expressões. Perplexidade. Choque. Embaraço. Traição. Ira. Então, de repente, foi como se ele tivesse colocado um véu sobre a sua face.

Seu rosto tornou-se inescrutável, uma máscara de pedra que não exprimia nada. Notei que vários jovens, provavelmente seus amigos, tentavam segurar suas risadinhas, porém falhavam.

A minha última resistência desapareceu quando eu percebi como eu o havia aviltado com minha tolice. Uma avalanche de vergonha e arrependimento me cobriu com tanta força que eu quase gritei. Eu me virei para me retirar, para fugir desta vergonha devastadora, para libertar Dario Pasárgada da humilhação que eu havia lhe trazido.

Uma mão de ferro se fechou sobre o meu pulso. Para minha surpresa, descobri que era o próprio rei que me segurava. Com a altura adicional de seu *kidaris*, a coroa da realeza decorada com ouro em sua cabeça, ele se elevou sobre mim como um gigante.

Ele sorriu para mim meio divertido e se inclinou para sussurrar no meu ouvido para que apenas eu pudesse ouvir: “Eu não sei o que você está prestes a fazer, menina. Mas você tem que terminar o que começou. Você vai envergonhá-lo mais se sair correndo agora.”

Eu consegui concordar com um aceno de cabeça.

Ele não largou a minha mão; ele a segurou — uma rara demonstração de um surpreendente favor real — e ele mesmo me levou de volta para a tenda do casamento. Aquela mão direita, famosa por ser mais longa do que a esquerda devido a um defeito trágico de nascimento, manteve-se perto de mim como um escudo protetor até eu me posicionar diante do meu noivo. Depois Artaxerxes colocou as minhas mãos nas mãos de Dario e me ajudou a sentar no meu banco.

Ninguém ria agora. O rei levantou uma sobrancelha e lançou um olhar em direção às minhas mãos, frias e fracas seguradas pelas mãos rígidas de Dario, e acenou com a cabeça para Dario. Tardamente, o meu noivo lembrou-se de elevar as minhas mãos aos seus lábios para um beijo que tocou o ar acima da minha pele, não chegando a tocar a minha carne. Ninguém percebeu a sua fria repulsa exceto eu, e talvez o rei; para o observador casual, o beijo habitual de boas-vindas exigido tinha sido dado.

Ao sinal do rei, a cerimônia começou. Será que toda noiva se lembra dos detalhes de seu casamento? Eu não sei. Eu só sei que para mim aquela noite está coberta por neblina. Lembro-me do momento em que alimentamos um ao outro com pão, significando a nossa união; lembro-

me de ele abrir a sua boca para o bocado que eu lhe dei com os dedos trêmulos; lembro-me de vê-lo engolir sem mastigar, como se estivesse tentando livrar-se de um veneno amargo, que melhor seria se ingerido sem se sentir o gosto. Em seguida, a bênção dos magos e a bacia de mel, que foi levantada diante de nós; e mais uma vez eu vi, para meu espanto, que era a mão do rei que a segurava.

Meu marido molhou seu dedo mínimo na tigela e eu fiz o mesmo, imitando-o envolta em uma névoa, desatenta. E havia um gosto de mel em meus lábios — um símbolo da doçura de nosso convívio.

Cometi então o erro de olhar em seus olhos rapidamente; quase me engasguei quando a cortina de impassibilidade levantou-se e deu lugar a um lampejo de um ódio tão grande que eu pensei que meu coração fosse derreter.

“Agora você,” sussurrou o rei em meu ouvido, lembrando-me de que eu devia retribuir às ações do meu marido, dando-lhe mel com os dedos. Receosa de ele me desprezar diante dos convidados, meus dedos tremiam enquanto eu os levava à sua boca. Mas ele escondeu-se atrás de sua expressão pétrea mais uma vez e lambeu o mel tão rápido que eu mal senti o seu toque. O rei soltou um longo suspiro ao final da última parte da cerimônia.

Aparentemente estávamos tendo um casamento incomum em todos os aspectos, pois Artaxerxes, um zeloso seguidor da divindade persa Ahura Mazda, chamou Neemias para pronunciar a bênção do Senhor sobre nós. Em um canto periférico da minha mente, eu estava ciente de que através deste reconhecimento público, o rei tinha colocado seu selo de aprovação sobre a escolha do meu marido de uma noiva judia e, por extensão, sobre mim.

Neemias aproximou-se e nos abençoou primeiro em hebraico, e depois em persa. Meus olhos piscaram com as lágrimas indesejadas quando ele começou a proferir as doces palavras de Salomão: *Eu sou do meu amado, e ele é meu.*

Eu me senti totalmente indefesa naquele momento; despojada da proteção do meu pai, da estima da minha rainha, da amizade de Neemias e dos meus sonhos mais queridos. Eu pensei, não sem uma certa ironia, que talvez a única pessoa naquele salão que entendia talvez uma fração da minha agitação interna era meu marido.

Dario e eu nos levantamos para ficar lado a lado, cuidando para não nos tocar e aguardando as felicitações habituais que demoravam incomodamente. Mais uma vez o rei tomou o assunto em suas mãos e abraçou meu marido calorosamente. Do canto do olho, vi um homem aproximando-se de mim de maneira rápida e desajeitada.

Não houve dúvida quanto à sua identidade pois suas características tinham uma semelhança notável às do meu marido. Seus olhos, porém, eram de um azul fosco, em vez de verde, e a sua pele tinha a cor herdada de seus antepassados. Dei um passo para o lado inconscientemente quando percebi a indignação fervente na superfície do semblante do Lorde Vivan. Ao contrário de seu filho, ou ele não tinha nenhum talento para disfarçá-la ou nenhum desejo de escondê-la.

Meu passo apressado trouxe-me para muito perto da pessoa do rei, e de repente a lança com ponta de ouro de um dos imortais, os guarda-costas pessoais do rei Artaxerxes, foi empurrada contra o meu rosto. A maçã dourada na extremidade daquela lança distinta quase bateu no meu nariz. Fiquei triste de que não tenha acontecido; imaginei que um nariz sangrando poderia me dar uma boa desculpa para fugir da entrevista que me aguardava com o meu sogro.

Artaxerxes notou o gesto do guarda e indicou com um gesto para que ele se posicionasse ao lado. Antes de o Lorde Vivan me alcançar, o rei segurou a minha mão mais uma vez. Desta vez ele se curvou para beijar-me nos dois lados do rosto.

Este gesto raro de favor, de acolhida, de condescendência pessoal foi tão surpreendente que os suspiros dos convidados encheram o salão. Seus lábios eram frios e secos, e sua barba meticulosamente cacheada fez cócegas no meu rosto.

“Você é a noiva mais engraçada que já vi,” disse ele de modo que só eu pudesse ouvi-lo.

Não havia espaço para uma reverência adequada; ele estava muito perto. Curvando minha cabeça, sussurrei: “Imploro seu perdão, Vossa Majestade. Não era minha intenção.”

“Entretanto, você deve pagar por isso. Eu só posso ajudá-la até aqui. Já há pessoas demais neste salão querendo um pedaço da sua pele no momento, e não menos do que todos eles a minha querida rainha.”

Capítulo Oito

Sob a espessa camada de pó que cobria meu rosto, empalideci.

Artaxerxes sorriu para mim com que dizendo *agente firme e seja corajosa*; em seguida, virou-se e apontou para seu primo, o Lorde Vivan.

“Conheça a sua nova filha, Vivan,” disse ele em voz alta, com uma severidade na voz que soava como uma advertência. Lorde Vivan entendeu a mensagem implícita nas palavras do rei, assim como todos os outros que estavam presentes no salão do banquete. Ele esperava que aquela noite prosseguisse com toda a honra devida a um casamento nobre.

Artaxerxes ficou ao lado, dando espaço ao Lorde Vivan para aproximar-se. Tentando compensar o desrespeito implícito na minha aparência, curvei-me quase até o chão diante de meu sogro. Sua voz era fria quando ele disse: “Bem-vinda ao seu novo lar, filha.”

Mordi o lábio e murmurei: “Obrigada, meu senhor.” O que eu poderia ter dito no espaço daqueles curtos momentos que pudessem explicar a minha estranha aparência? Se eu tivesse aceitado os preparativos oferecidos por Damaspia e permitido que Pari me arrumasse dias antes, eu ainda teria sido uma decepção tanto para o pai quanto para o filho, pois eu sabia que estava muito aquém de suas expectativas de beleza. Mas a minha resistência obstinada e a minha mentira atrevida tinham transformado mediocridade em repulsa. Eu desejei que o Lorde Vivan pudesse detectar o arrependimento no meu rosto.

Se ele detectou, não mostrou sinal disso.

Artaxerxes parou perto de nós em um notável esplendor até que a última pessoa o saudou. Sua presença forçava toda língua ser cortês e cada sorriso malicioso desaparecer. Eu tinha ouvido histórias a respeito de sua bondade antes; porém, naquela noite, eu a experimentei. E eu jamais iria esquecê-la. Meu noivo e eu fomos levados para a Sala do Trono, uma estrutura quadrada magnífica, decorada com uma centena de colunas pregueadas de mármore preto, com uma abertura para oito portas esculpidas que fazia a sala parecer ainda maior. O pórtico norte era ladeado por dois touros dourados enormes. Sob nossos pés, tapetes inestimáveis tecidos à mão faiscavam com o brilho dos fios de ouro e prata, e acima de nós o teto era tão alto que vinte homens altos de pé, uns sobre os ombros dos outros em uma coluna, ainda não tocariam os caibros de cedro. Centenas de lâmpadas iluminavam a sala como o brilho das estrelas. O brilho, no entanto, perdeu-se para mim, enquanto eu me revolia no meu abismo particular de tristeza.

Dario e eu estávamos sentados próximos um do outro mais uma vez. Ele pegou uma taça de prata com vinho e olhou fixamente para sua ardente profundidade antes de tomar um longo gole.

“Por quê?” Disse ele em uma voz ao mesmo tempo suave e perigosa. “Por quê você importunou a rainha para que arranjasse o nosso casamento para em seguida humilhar-me publicamente?”

Virei o meu rosto para ele com espanto. “Importunei a rainha para organizar o nosso casamento? Eu não fiz isso!” Então chorei de tão indignada com essa mentira que até esqueci que eu o *tinha* ofendido, embora sem intenção.

“Todo o palácio está alvoroçado por causa da forma como você manipulou Damaspia para arranjar essa união.”

“E todo mundo sabe que os rumores do palácio são totalmente confiáveis.”

Ele tomou outro grande gole de seu vinho. “Não, nem sempre”.

Aqueles olhos verdes lançaram um olhar em minha direção que foi breve e suficientemente insultuoso para me fazer enrubescer. “Mas por que outro motivo Damaspia quereria me fazer desposá-lo?”

O cheiro de nossa suntuosa festa de casamento nos cercava: avestruz e cervo assados, codorna defumada, cordeiro ao molho de marmelo, pato marinado em pasta de romã, almôndegas com ervas temperadas com alho e cebola; canela, açafrão e cominho, pães ainda quentes dos fornos. Os servos comiam uma alimentação diferente dos convidados aristocráticos e dos residentes reais de Persépolis; eu nunca tinha visto uma festa assim. Cruzei meus braços sobre meu estômago e achei que fosse vomitar.

“Você mesma terá que fazer-lhe esta pergunta.”

“Qual seria o benefício?” Ele sinalizou pedindo a um servo para reabastecer seu copo. “Você agiu astutamente,” disse ele quando o servo saiu. “Mas marque minhas palavras. Você não será feliz.”

Sob os tons bem modulados, eu ouvi uma ameaça implacável.

Naquele momento, eu preferiria ter enfrentado o seu leão faminto.

“Por favor, Dario —”

“Não presuma que você tem intimidade comigo, mulher; você pode me chamar de *meu*

senhor, porque isso é tudo o que eu sempre serei para você.” Ele terminou o seu vinho com uma rápida inclinação da cabeça para trás e tomou toda a jarra de vinho da mão de um servo que passava.

Dario passou a hora seguinte com seu vinho e vários amigos divertidos, enquanto eu, negligenciada e sufocada pelo vestido de seda azul de Damaspia. Meu terror solitário revelou-se um péssimo companheiro na véspera do meu casamento.

Vi que o rei havia se reclinado em seu assento exclusivo, perto da rainha, desfrutando do banquete distraidamente. Não era um segredo o fato de ele ter um péssimo paladar. Todos os dias de sua vida o homem mais rico do mundo recebia a comida mais deliciosa disponível para humanidade e nada provava. Nesta noite, eu pude lamentar.

Ele deve ter sentido a presença da minha atenção, pois ele virou-se em minha direção e ergueu sua taça cravejada com joias em uma saudação. Damaspia acompanhou o rei mas afastou-se rapidamente quando percebeu que era a mim que o rei Artaxerxes tinha saudado.

Meu primo Neemias aproximou-se naquele momento, trazendo um presente para Dario. Neemias esperou que Dario voltasse para ele sua atenção antes de colocar diante do noivo um rolo de papiro.

“Eu conheci a sua mãe, meu senhor,” disse Neemias.

O semblante aborrecido de Dario tornou-se hostil. “E daí?”

“Ela amava os salmos do Rei Davi. Imaginei que o senhor talvez apreciasse ter uma coleção deles em sua biblioteca. Sua esposa também costumava apreciá-los durante sua infância.”

“As preferências de *minha esposa* não são do menor interesse para mim, copeiro. E nem você, sendo seu primo e participante desse insulto de casamento. Meu pai *confiou* em sua palavra!”

“Nem tudo é o que parece,” respondeu Neemias em um tom moderado, embora um rubor impregnasse suas bochechas. “Você poderá descobrir um dia que o que parecia ser um insulto é, na verdade, uma bênção.”

“E você poderá descobrir um dia que você é mais astuto do que devia para o seu próprio bem.” Dario pegou o rolo de valor inestimável e o amassou entre os punhos antes de jogá-lo para trás ao chão.

Neemias apertou os lábios e deu um passo, aproximando-se.

“Essas palavras costumavam consolar a sua mãe em seus momentos de provação e solidão.

Ela as usava para aproximar-se do Senhor e encontrar força e direção em Deus. Trate-as com respeito!”

Dario deu uma guinada para frente, batendo com seu punho fechado contra a mesa diante dele. De repente o rei se pôs diante de nós, com a rainha segurando o seu braço.

Dei um suspiro de alívio e me forcei a me curvar em reverência. Dario e Neemias fizeram o mesmo, disfarçando suas hostilidades por causa da presença real. Ao gesto de Artaxerxes, Neemias recuou.

“A rainha e eu nos retiraremos agora. Eu arrumei um espaço para você ficar aqui em Persépolis esta noite; está tarde demais para tomar as estradas escuras até o seu palácio, primo.”

“Vocês dois são sempre prevenidos, Vossas Majestades,” disse Dario; suas palavras pingando sarcasmo.

Horrorizada, prendi minha respiração. Damaspia enrubescou e me lançou um olhar afiado como uma adaga, mas o rei meramente deu um sorriso sem graça. “Não se esqueça disso.”

“É improvável que eu esqueça.”

“Venha. Vamos acompanhá-lo até a sua câmara. Isto vai poupá-lo de ter de suportar a rude companhia de outros, caso você saia mais tarde. Eu suponho que você não vai querer esse tipo de alarde.”

Dario passou a mão pelo cabelo. “Não, eu não desejo esse tipo de alarde.”

Peguei rolo esmigalhado de Neemias pois a escriba em mim era incapaz de suportar um tamanho desperdício, e acompanhei o rei, a rainha e o meu marido, deixando a Sala do Trono. Por um breve momento, senti-me aliviada só de pensar em fugir do escrutínio de tantos olhos que me condenavam, até que me lembrei que eu estava saindo da minha cerimônia de casamento para a minha noite de núpcias.

Sozinho na câmara iluminada, Dario retornou à jarra de vinho e às taças delicadas de vidro deixadas para nós. Sentei-me na beira de um sofá bordado à mão, mas logo descobri que eu não conseguia ficar quieta e comecei a perambular. No silêncio opressivo do quarto, cheguei à conclusão de que eu precisava falar com o meu esposo. Eu precisava fazê-lo entender que eu não tive parte nesse casamento, e o mais importante, que eu não tive a intenção de humilhá-lo com a minha aparência. Finalmente resolvida a tomar algum tipo de atitude, coloquei minha timidez em um canto da minha mente e sentei-me perto dele em seu sofá.

Ele já tinha feito incursões impressionantes ao vinho. Embora ele segurasse a taça frágil com mão firme, algo sobre a forma cuidadosa com que ele manobrava a taça me dizia que ele não estava totalmente lúcido. Suspirei e me aproximei, tentando me certificar de que ele estava prestando atenção. “Meu senhor, permita-me explicar—”

Um olhar estranho tomou conta do seu rosto. Com um pouco de pressa, ele colocou uma palma calejada de empunhar espadas e flechas contra os meus lábios. Ele torceu o nariz e correu para trás de mim. Tardamente lembrei-me do insuportável cheiro de alho no meu hálito e da meticulosidade da aristocracia persa em relação a odores desagradáveis.

“Por favor, não fale. E se você conseguir, não respire,” ordenou ele retirando sua mão.

Coloquei minha cabeça no meu colo, arrasada. “Peço perdão,” murmurei contra a minha mão, esperando impedir a minha respiração ofensiva. Tentando colocar alguma distância entre nós, levantei-me, achando mais seguro falar com ele estando na outra extremidade do quarto. Para minha surpresa, ele me agarrou pelo braço e puxou-me de volta.

“Vamos acabar logo com isso,” disse ele, e eu percebi pelo ângulo sombrio de sua mandíbula que ele não estava falando sobre a conversa. Antes que eu pudesse reagir, ele colocou a mão na minha perna e me puxou de modo que eu fiquei esparramada diante dele no sofá.

Ele se inclinou sobre mim; seu cenho sobriamente franzido enquanto ele me estudava com os olhos desfocados. Para meu alívio, ele saiu de cima de mim com um pulo, mas eu percebi que ele estava apenas saindo para apagar as luzes. O quarto afogou-se em escuridão.

Eu aproveitei para girar para trás do sofá, mas ele agarrou um punhado do meu vestido e me puxou de volta. Ele segurou o meu cabelo para obter um melhor controle pois eu me contorcía; a peruca de Damaspia, que eu tinha prendido muito frouxamente ao meu cabelo liso, soltou-se quando ele puxou.

“O que —?” Ele pulou para trás, olhando para o ofensivo acessório capilar. “Eu não consigo fazer isso!” Ele gritou. “É impossível; eu não consigo.” Ele se levantou e lutou no escuro para acender uma lâmpada. À luz fraca, encontrou o caminho da cama sofisticada em uma extremidade da câmara. Depois de diminuir um pouco a claridade da lâmpada com um cuidado exagerado, ele se jogou atravessado sobre a colcha recheada de penas com um baque pesado. Dentro de instantes, o som de seus roncos suaves encheu a sala.

Um alívio inundou o meu corpo. Pela primeira vez em muitas horas fiquei sozinha com meus pensamentos. No dia seguinte Dario estaria lúcido o suficiente para ouvir a voz da razão. No dia seguinte eu lhe explicaria que eu não tive a mínima intenção de desrespeitá-lo.

O alívio, entretanto, foi de curta duração. Eu mesma não era capaz de acreditar que tanta desconfiança e ódio poderiam ser banidos com algumas simples explicações. A simples visão da minha pessoa era detestável para ele.

Suas palavras soavam em minha mente: *Eu não consigo fazer isso! É Impossível*. Meus piores temores sobre ser indesejada se concretizaram. Não eram os cosméticos mal aplicados ou a túnica esfarrapada ou o cheiro de alho que ele rejeitava. Era a própria Sara. Era a totalidade da minha pessoa que ele achava desagradável. Desamparada, comecei a chorar até que meu nariz começou a escorrer, e eu tive que usar um dos guardanapos reais para limpar meu rosto. Meu mundo tinha desmoronado. E agora eu teria de suportar uma vida inteira pertencendo a um homem que me detestava. Só de pensar comecei a chorar ainda mais. O som deve ter perturbado o sono de Dario porque ele parou de roncar por um momento e murmurou: “Shhh. Vai ficar tudo bem.” Depois ele se virou e começou a roncar novamente. Aquelas palavras sonolentas, com certeza, não eram para mim, mas para alguma imaginação mais afortunada de seus sonhos.

Não, não vai ficar tudo bem, eu pensei com uma forte convicção.

Finalmente, depois que minhas lágrimas cessaram, encontrei um jarro de água e esfreguei o meu rosto até me livrar dos cosméticos insuportáveis. Ao contrário de Dario, eu não tinha o benefício do excesso de vinho para me ajudar a entrar em um estado de inconsciência; então parei no meio da suntuosa câmara do rei, tentando descobrir o que eu iria fazer para me impedir de enlouquecer.

Abandonado em uma mesa, avistei o presente de casamento de Neemias e o peguei. O papiro estava enrolado em cilindros de madeira, decorados com esculturas de marfim em forma de flores de lótus em ambas as extremidades. O trato grosseiro que Dario conferiu ao papiro o tinha danificado, mas com as ferramentas certas eu seria capaz de repará-lo.

Por muitos anos os filhos de Israel haviam memorizado as palavras sagradas de nossos profetas e líderes. Mas nos últimos tempos, escribas judeus passaram a registrar a nossa lei e as Sagradas Escrituras. Cópias como a que Neemias tinha dado a Dario eram raras e de valor inestimável.

As palavras de Neemias ecoavam em minha mente, evocando uma grande sensação de culpa como ele sem dúvida tinha tido a intenção de provocar: *Sua esposa também costumava apreciá-los durante sua infância*. Uma vez eu recitei as palavras deste rolo com admiração e reverência. Eu acreditava nessas promessas. Eu apreciava a sabedoria ali contida a respeito de Deus e da humanidade. Mas a morte de minha mãe mudou tudo.

Eu tinha poucas lembranças de minha mãe. Uma memória, no entanto, permanecia viva.

Quando ficava doente, ela sempre me pedia para recitar os salmos. Foi numa dessas ocasiões que Neemias nos viu.

Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Portanto não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares.

No meu fervor infantil, eu tinha recitado as palavras do salmo como uma oração, e disse para mim mesma que eu podia confiar que a promessa de Deus seria um socorro *bem presente* na angústia. Que eu poderia aceitar essa promessa assim como estava escrito. Então eu pedi Sua ajuda para a minha mãe enferma. Eu pedi com a confiança e a esperança de uma criança.

Minha mãe morreu. Gritando de dor. Eu já não conseguia mais me lembrar da cor de seus olhos, ou da forma do seu rosto, ou do toque de suas mãos amorosas. Mas lembrava daqueles gritos.

Eu não entendia por que Deus permitia que uma das criaturas mais doces que já viveram na terra passasse por tal agonia. No início, protegi as minhas questões. Agarrei-me à minha fé. Com firme determinação, implorei pelo amor do meu pai. Como Davi, sussurrei: *Deleita-te também no Senhor, e Ele concederá os desejos do teu coração*. Só que Ele não cumpriu.

A partir daquele ponto eu parei de recitar as Escrituras e de confiar no Senhor. Eu ainda guardava as tradições da lei, quando possível, vivendo entre os gentios como eu vivia, mas meu coração já não abria espaço para Deus. Eu aprendi que era muito melhor confiar em mim mesma. Eu me tornei a guardiã da minha própria segurança, a construtora de meus próprios sonhos. Parecia-me que minha força, minha inteligência e minhas habilidades se mostravam muito mais confiáveis do que o socorro bem presente de Deus.

Mas eles não foram suficientes, é claro. É por isso que eu estava nessa câmara, com um estranho ressentido como marido e um futuro amargo que não prometia nenhuma alegria. Eu havia colhido o que semeei com minhas próprias mãos. Esta foi a recompensa da minha força e do meu talento.

Agora eu não tinha nenhuma ajuda: não de mim mesmo, nem de Deus. O desespero tomou conta de mim, e eu estava presa em sua garra brutal a cada hora daquela noite de modo que eu cheguei a um ponto além da esperança e da perseverança.

Logo após o amanhecer a rainha enviou-me sua serva. Dario ainda dormia quando eu saí. Eu sabia que essa entrevista viria, embora eu tenha ficado surpresa com a hora em que veio; Damaspia não tinha o hábito de estar acordada no nascer do sol. Ela reuniu-se comigo sozinha,

ainda vestindo suas roupas da noite anterior, e eu percebi que ela ainda não tinha ido para a cama. Eu notei os seus cabelos soltos, olhos borrados e lábios machucados; cheguei à minha conclusão de que ela não tinha ido para a *sua própria cama*.

Prostrei-me e disse com a metade do meu rosto contra o mármore frio e a outra metade na borda do tapete de seda: “Perdoe-me, *duksis*. ”

Ela virou as costas para mim. “*Por* quê? Por que você me constrangeu daquele jeito? Por que você ridicularizou-se a si mesma, ao seu novo marido e a mim diante de toda a corte? Eu a considerava como uma *amiga* leal. Como você pôde trair a minha confiança em você?”

Suas palavras me fizeram querer ceder a outra tempestade de lágrimas. Porém engoli o choro, sabendo que ela perderia toda a sua paciência. “Eu nunca quis prejudicar ninguém, muito menos a senhora, minha rainha. Minha grande culpa foi minha ignorância; eu jamais iria traí-la de bom grado.”

“Sua ignorância! O que lhe faltava que eu não lhe dei? Será que eu não lhe dei mais riquezas do que você merece a fim de superar a sua ignorância? Será que eu não lhe enviei as minhas próprias servas para ajudá-la a preparar-se para o seu casamento? Nunca me ocorreu que você seria tão tola a ponto de dispensá-las. Se Amestris não estivesse por me visitar, eu teria descoberto o seu ludíbrio e teria posto um fim rápido a isso. Mas aquela mulher virou minha casa ao avesso pela simples ameaça de sua presença.

“Ainda assim minhas servas terão que enfrentar a minha ira por sua desobediência. Elas deveriam ter ignorado as suas desculpas e insistido em fazer o trabalho que lhes fora ordenado.”

Sua referência às servas, especialmente Pari, fez todo o meu corpo paralisar de tensão. Essa era a única razão pela qual eu queria falar com Damaspia. Eu sabia que ela não iria ouvir as minhas desculpas sobre a minha própria conduta. Essas mulheres, no entanto, eram inocentes; foram apanhadas na rede da minha tolice. Eu tinha que tentar ajudá-las.

“Vossa Majestade, não foi culpa delas. Eu menti para elas. Eu disse que já tinha ajuda. Pari não se deixou enganar e retornou quatro dias seguidos para tentar me ajudar. Eu a dispensei todos os dias por estar me achando ocupada demais; e naquele último dia eu insisti com ela que eu poderia me preparar sozinha, e na minha arrogância, eu realmente acreditava que eu poderia. Ela não teve escolha senão obedecer-me.”

“Então você admite ter mentido. Para não mencionar que nesse meio tempo você estava ocupada tentando jogar o presente que eu lhe dei de volta na minha cara.”

A culpa fez com que eu permanecesse quieta, e Damaspia balançava a cabeça para cima e para

baixo. “Ocupada, forjando maneiras de escapar do casamento que eu escolhi para você. Sim, eu soube disso. E eu estou meio convencida de que o que aconteceu ontem à noite não foi simplesmente uma questão de uma ingênua ignorância porém um estratagema final de sua parte para escapar dessa união. Talvez você esperasse que o seu noivo acabasse com o casamento no momento que colocasse os olhos em você?”

Respirei com dificuldade e levantei a cabeça do chão. “Não, Vossa Majestade! O que me traria esse estratagema senão a sua ira? Eu teria elaborado um plano melhor se essa tivesse sido a minha intenção.”

Os cantos da boca de Damaspia tremiam. “Essa é a primeira vez que alguém me diz que teria elaborado um estratagema melhor contra mim do que um que eu possa imaginar.” Ela cruzou os seus longos braços dentro de sua cadeira dourada. “Oh, levante-se. Você está ridícula curvada aí em baixo.”

Levantei-me desajeitadamente. “Obrigada, *duksis*.”

“Então você é realmente tão incompetente *assim*?”

“Temo que sim, Vossa Majestade.”

“Foi o que Artaxerxes imaginou. Quando eu protestei contra você, ele defendeu sua inocência; por alguma razão ele gostou de você. Ele também apostou comigo uma moeda de ouro que Dario não consumaria o casamento. Será que ele ganhou?”

Para completar a experiência mais humilhante da minha vida, ser o objeto de uma aposta real parecia uma conclusão adequada para as últimas vinte e quatro horas. “O rei ganhou.”

Com um movimento lento dos braços longos ela girou em sua cadeira para ficar mais confortável; ocorreu-me que ela devia estar exausta. Sua voz, no entanto, estava tão possante como sempre ao dirigir-se a mim. “Não mais do que você merece. Você poderia ter assustado uma criança ontem à noite. Para uma mulher tão brilhante você certamente consegue ser uma idiota.” Suas unhas bem cuidadas tamborilavam sobre o braço da cadeira. “Bem, vamos ver se podemos reparar o dano que você criou.”

“Não é possível reparar,” desabafei.

“Como nós já percebemos você é extraordinariamente incompetente nesses assuntos, então não levaremos em conta a sua opinião.”

“Sim, Majestade.” Ela estava errada, obviamente. Mas eu não podia dizer-lhe isso. Eu já tinha

problemas demais.

“Agora, em relação Pari. Se ela suspeitou de que você estava mentindo, ela deveria ter relatado à serva sênior. Obviamente ela falhou ao não fazê-lo, ou eu teria ficado ciente de tudo.”

Suspirei horrorizada com o fato de que, na minha tentativa de provar a inocência de Pari, acabei trazendo-lhe mais problemas.

“Mas...”

Damaspia acenou com a mão exigindo silêncio. “Já que ela acha melhor obedecer a você do que a mim, ela pode deixar de ser minha serva e passar a ser sua. Você terá que pagá-la, é claro. Você ainda não recolheu todos os salários que guardou ao longo dos últimos três anos. Com este valor você deve pagar pelo treinamento da Pari; deve custear suas roupas e comida durante toda a sua estadia no palácio, um ano de salário adiantado, e uma indenização por danos causados a mim, dada a inconveniência que me causou tomando uma de minhas servas da minha casa. Acredito que não lhe sobrarão muito, tendo que pagar por tudo isso.”

“Vossa Majestade é sobremaneira generosa,” eu disse, incapaz de fazer o meu rosto corresponder às minhas palavras de gratidão.

Ela riu. “Eu estou fazendo um favor a você, enviando-lhe uma criada para servi-la em uma casa onde você pode não conseguir encontrar um amigo sequer por algum tempo.”

Eu percebi sabedoria em sua ação, embora me custasse muito caro; então respondi com um sentimento mais genuíno desta vez: “Muito obrigada.”

“Você deve passar o resto do dia de hoje se preparando como uma noiva. Eu mesma passei um ano me preparando para o meu casamento com o rei, então apenas um dia quase não será suficiente.

Mas já é um começo.”

Eu tentei esconder o meu medo, embora não o suficiente. Damaspia revirou os lindos olhos. “Não seja infantil, Sara.”

“Eu vou fazer o meu melhor.”

“Partirei para Ecbátana amanhã com o resto da corte.

“Será que você e Dario nos acompanharão?”

“Eu não sei, Vossa Majestade.”

“Entendo. Eu suponho que Dario não tenha se sentido disposto a falar eloquentemente sobre seus planos futuros na noite passada”.

“Não exatamente.” Sua pergunta só reiterou o quão pouco controle eu tinha sobre o meu futuro... e o quão pouco eu sabia sobre o que me aguardava.

A rainha franziu o cenho e mordeu o lábio. “Venha visitar-me se ele trouxer você. Eu vou querer saber como você está se saindo.”

Capítulo Nove

Anoite já havia caído há muito tempo quando fiz o caminho de volta à câmara que o rei havia cedido para Dario e para mim. Pari andava no meu rastro; sua trouxa de objetos e acessórios sempre amarrada contra o seu peito. A pobre moça tinha acabado de perder seu pai, e agora, graças a mim, perdera a posição que amava. Mesmo assim ela não proferiu uma palavra de reclamação sequer desde que eu a peguei uma hora antes. Ela virou o longo e fino pescoço em minha direção e assustou-me com um sorriso pálido. Ela podia estar infeliz, era o que parecia, mas ela não me culpava. Em todo o palácio, ela deve ter sido a única pessoa que não me responsabilizou por um erro grave. Eu não consigo expressar o quão especial ela se tornou para mim.

Minha pele ardia em todos os lugares; ela me depilou, beliscou, esfregou, areou e hidratou durante a maior parte do dia. Ao invés de aparentar rosada e macia, eu estava agora coberta de vergões vermelhos dos pés à cabeça. Minha pele, não acostumada a tais rigores, tinha respondido com erupções nada atraentes.

Na porta da câmara, uma serva sonolenta acordou quando me aproximei. “Minha senhora! Lorde Dario ordenou que a senhora o encontre em casa após a rainha dispensá-la. Devo levá-la diretamente para lá. Os seus pertences já foram enviados.”

Um grande alívio me inundou só de pensar em não ter que enfrentar o meu marido pelas próximas duas horas. Enquanto eu estava no quarteirão das mulheres, um pouco da força de Damaspia e a familiaridade com o meu ambiente impulsionava o meu espírito. Essa fina camada de esperança desaparecia à medida que a sua carruagem luxuosa me aproximava de seu palácio.

Estávamos viajando já por uma hora quando o servo de Dario me informou que havíamos adentrado suas terras. No escuro, eu podia notar o vago contorno das fazendas. Era comum a aristocracia arrendar terras para agricultores e dar-lhes sementes e material em troca de uma parte da colheita, então eu não fiquei surpresa com toda aquela terra cultivada. O que me surpreendeu foi a extensão de suas terras. Nós percorremos uma hora completa antes de nos aproximarmos da propriedade e jardins particulares de Dario. Meu marido era mais rico do que eu imaginava. Esse pensamento era um tanto deprimente para mim. Como eu poderia me inserir neste mundo como uma senhora em vez de uma serva? Eu tinha ainda menos em comum com Dario do que eu tinha imaginado.

No escuro, a minha nova casa parecia ameaçadoramente grande. Paredes de mármore e

colunas caneladas de pedra calcária emitiam um branco estranho sob o luar. O palácio do meu marido era tão arrogante quanto ele mesmo. O mordomo, um homem alto de lábios finos e mandíbula protuberante, encontrou-me à porta. Seus olhos, frios e escuros, não me deram as boas-vindas. Ele me disse que Lorde Dario me esperava no grande salão, e ele mesmo me levou ao local. Suas maneiras, embora impecáveis, não deixaram nenhuma dúvida de que ele não me tinha por bem-vinda. Ordenei que Pari encontrasse meu quarto e o preparasse para minha chegada da melhor forma.

Desprovida de desculpas para atrasar a próxima entrevista, permiti que o mordomo me levasse até o salão. A luz de muitas lâmpadas brilhava na grande sala, de modo que eu fiquei momentaneamente cega quando entrei.

Antes de os meus olhos se ajustarem, Dario agigantou-se sobre mim. Um canto da minha mente registrou sua aparência impecável — um casaco feito à mão de uma lã espessa, na altura do joelho, com mangas longas e apertadas, que fechava-se por um cinto com argolas de ouro; calças amarelas justas, e nenhum fio de cabelo fora do lugar.

Eu ainda usava o meu ridículo traje de casamento.

“O que aconteceu com seu rosto? A rainha bateu em você?” Ele perguntou com a voz perplexa.

“Não, meu senhor.”

“Oh.” Ele pareceu desapontado.

Eu não queria dizer-lhe que esta era a minha aparência *depois* de um tratamento de beleza. Em vez disso eu disse: “Ela enviou uma serva comigo.”

Ele cruzou os braços. “E eu tenho que pagar por ela, é isso?”

“Eu paguei por ela do meu próprio salário. O seu primeiro ano de salário também já foi pago.”

“Entendo.” Os cantos dos seus olhos enrugaram-se, como se ele estivesse segurando uma risada. “Damaspia não bateu em você; ela apenas faliu você.”

Eu dei de ombros. “Ela me poupou do pior quando eu lhe expliquei as circunstâncias.”

“Aí está a Rainha Damaspia apoiando você. Ela acredita em qualquer baboseira que lhe toca as cordas do coração.”

“Estamos falando sobre a mesma rainha? Aquela que reduz homens adultos a lágrimas com

um olhar? Aquela rainha?”

Em vez de responder, as sobrancelhas de Dario juntaram-se em um cenho franzido. Ele apontou um dedo em minha direção e gritou: “Eu reconheço você agora! Ontem à noite isso me vinha à mente, essa sensação de que eu já tinha visto você antes. Você parecia tão familiar, porém sob tanta pintura eu não conseguia ver como você realmente era. Mas agora me lembro. Você é a garota do monte — a garota do leão.”

“Eu sou aquela cuja vida você salvou, sim.”

“Ah! E você diz que você não manipulou em causa própria esse casamento? Você me viu naquele dia e esquematizou este plano! Você sabia que eu tinha achado você dócil, honesta e corajosa quando eu a vi pela primeira vez? Como um homem pode se enganar! Você mostrou sua verdadeira natureza já naquele dia com a sua bajulação insincera. Eu tenho tratado com pessoas do seu tipo toda a minha vida. Criaturas descaradas que usam sua astúcia para se dar bem na vida.”

Ele bateu na própria testa com o seu punho fechado. “Por tudo que é sagrado, logo *essa* veio a ser minha esposa? Isso é mais do que se pode suportar.” Ele parecia sem palavras por alguns instantes. Engolindo em seco, ele se dirigiu a mim de novo com uma voz áspera.

“Há milhares como você nos palácios de todo grande rei, homens e mulheres que maquinam uma forma de subir aos patamares mais altos. E você parece ser melhor nisso do que a maioria, devo reconhecer, porque não é nada fácil pavimentar o próprio caminho até a família real. Parabéns, mulher. Suas habilidades são impressionantes até mesmo para mim; eu enfrentei víboras menos venenosas e calculistas do que você.”

“O que? Não! Eu não planejei casar-me com você. Eu nem sequer sabia o seu nome. Eu só soube que Dario Pasárgada era o mesmo homem que tinha salvado a minha vida no dia de nosso casamento.”

“Eu não consigo tolerar suas mentiras.”

Eu joguei minhas mãos para cima em frustração. “Eu não estou mentindo! Eu nunca quis casar com você ou com qualquer outra pessoa. Eu gostava da minha vida como era. Eu gostava de ser a escriba sênior da rainha. Você está enganado em suas suposições sobre mim, meu senhor.”

“O que eu não entendo,” ele continuou como se eu tivesse falado em uma língua que ele não conseguia compreender, “é o porquê de você envergonhar a mim e ao meu pai com tanta perversidade ontem à noite. Qual foi a razão daquilo? Você já tinha conseguido chegar à posição de nobreza. Por que diminuir a sua conquista na frente da corte? Por que você me envergonhou

tanto?”

Ele tinha me atacado com tantas acusações falsas que uma avalanche de ressentimento enterrou o sentimento de pesar que eu sentia sobre o meu comportamento no casamento. “Não foi intencional,” eu disse, pronunciando as palavras deliberadamente devagar através de dentes cerrados. “Eu nunca tinha usado cosméticos antes de ontem à noite. Eu não sabia como aplicá-los corretamente.”

“E agora? Você espera que eu acredite que Damaspia não lhe ofereceu orientação ou ajuda? Ela não lhe enviou suas próprias servas para ajudá-la com o que você precisasse?”

A vergonha me bateu ao ouvir este lembrete sobre o momento mais tolo da minha vida. Baixei meu olhar até os meus pés; covarde demais para lhe responder.

“Eu sabia. Ela lhe enviou ajuda. Como você conseguiu evadir-se de sua ajuda? Elas não a teriam deixado sem cumprir a ordem da rainha.”

Eu olhei para cima por um momento, sentindo-me enjoada.

“Você mentiu?” Ele supôs.

A pele do meu peito começou a queimar. “Sim, meu senhor.”

“Você disse uma mentira descarada? Claro que você disse. Pelo menos isso é um fragmento de verdade. Você dispensou as servas porque ninguém que trabalha para Damaspia teria permitido que você comparecesse ao seu banquete de casamento parecendo um demônio das trevas exteriores.”

“A princípio eu as dispensei porque eu não queria enfrentar o meu casamento iminente. Eu queria fingir que isso não estava acontecendo, eu acho, e pensei que eu poderia conseguir me livrar dessa união, de alguma forma. Mas no último dia quando percebi que não havia esperança, eu descobri que o pai de Pari estava morrendo e a enviei para casa para dizer-lhe adeus. Eu teria pedido ajuda a outra pessoa se eu soubesse o que iria acontecer.”

“Essa é uma história muito conveniente.”

“Eu posso assegurar-lhe, meu senhor, de que eu nunca passei por tão grande inconveniência.”

Dario virou-se e afastou-se de mim. Eu tive uma ideia momentânea sobre por que ele estava tão relutante em acreditar em mim.

Ele tinha passado a sua vida inteira achando que ele era um prêmio.

A maioria das mulheres desmaiaria com a oportunidade de tornar-se esposa de um rico cortesão, devastadoramente atraente e ligado ao rei. A ideia de que eu não tinha nenhum interesse em me casar com ele era tão estranha ao seu mundo que soava como uma mentira. Eu pensei em explicar as circunstâncias que levaram ao nosso noivado, esperando que se ele soubesse por que Damaspia tinha escolhido me recompensar com um casamento real ele se convenceria a respeito da minha história. Mas eu tinha dado a minha palavra de nunca trair as confidências da rainha.

Eu não poderia compartilhar o seu segredo com este homem a quem eu mal conhecia.

Seus passos, rápidos e sem rumo, fizeram-no girar pela sala várias vezes antes que ele retornasse para mim. “Eu não consigo tolerar mentirosos. Eu não sei se consigo tolerar você. Sua presença é como um punhal envenenado pressionado contra a minha carne”.

“Eu sinto muito,” disse eu, passando meus braços em volta do meu estômago.

Ele levantou uma das mãos exigindo silêncio. “Isso é o que vamos fazer. Você vai ficar aqui por enquanto. Vou passar o verão em Ecbátana com o resto da corte. Quando eu voltar, decidirei o seu destino. Mas senhora, se eu fosse você, acostumaria com a solidão, porque embora você tenha casado e entrado na nobreza, não há nada de nobre em seu caráter. E eu vou dar um jeito para que você viva em conformidade com a sua falta de nobreza.”

Antes que eu pudesse tentar me defender de novo, meu marido virou as costas e me deixou no grande vazio de sua opulenta sala de recepção. Eu já podia sentir as paredes se fechando sobre mim. Se ele tivesse me enterrado viva em uma tumba egípcia, eu não teria me sentido mais abandonada.

“Minha senhora, não pode ficar na cama o dia todo novamente.

Já passou do meio-dia. Você deve levantar-se.”

Através de uma névoa de sono, ouvi as advertências de Pari e acenei para que ela saísse. “Deixe-me em paz.”

“Isso não vai dar certo, minha senhora. A senhora vai ficar doente.”

Eu rosnei para ela. “Você é a serva; eu sou a senhora. Você tem que fazer o que eu digo.”

“E eu vou. Assim que a senhora subir.”

Desistindo dos preciosos resíduos de inconsciência, sentei-me e tentei focar os olhos turvos. “Para quê? Não há nada para se fazer.”

“Para começar, você pode tomar um banho. Depois disso, vamos pensar em alguma coisa.”

Corri a mão pelo meu cabelo despenteado. Quanto tempo se passou desde que eu saí da cama? Quanto tempo desde que a minha vida serviu a algum propósito? Semanas se passaram desde que Dario me abandonou, deixando-me apodrecer em seu palácio vazio.

Dias e noites se misturaram até que eu perdi a conta do calendário.

No fim da primeira semana, minhas mãos começaram a tremer.

Eu não conseguia controlá-las. Ao final da segunda semana do meu casamento, eu parei de falar; quando eu tentava falar, minhas palavras soavam confusas e tolas. Eu só comia e dormia. Às vezes, parecia que eu comia montanhas de comida, mesmo a fome tendo já sido satisfeita. Eu comia por conta do tédio. Por conta da raiva. Por medo.

E eu dormia para esquecer. Para esquecer que a minha vida estava arruinada e que não tinha escapatória.

“Você é uma moça irritante,” disse eu, com raiva de Pari por interromper o meu único refúgio.

“Perdoe-me, minha senhora.”

Ocorreu-me que essa súbita demonstração de desobediência obstinada custou à minha serva dócil muita coragem. De muitas maneiras eu tinha a sua vida em minhas mãos. Se eu a dispensasse, ela não teria qualquer recurso. Sem uma referência emitida por mim, suas chances de encontrar um emprego remunerado seriam inexistentes. Suas bravas objeções começaram a derreter as bordas da minha resistência. Por causa dela, eu me forcei a sair da cama.

“Traga-me um banho, então,” disse eu mais suavemente.

Quando terminei de me banhar e me vestir, pedi o almoço. Eu estava sentada em um banquinho resistente, penteando meu cabelo molhado quando Pari me trouxe meia tigela de um caldo ralo e um prato de romãs descascadas.

“O que é isto?”

“Sua refeição do meio-dia, minha senhora.”

“O cozinheiro está doente ou algo parecido?”

Ela virou o rosto. “Não.”

“Então, onde está o resto da minha comida?”

Pari enredou os dedos à sua frente e os girou para um lado e para outro. “Não é saudável para a senhora.”

“O que quer dizer com não é saudável para mim?” Minha cabeça estava começando a latejar e eu comecei a almejar o conforto da minha cama.

“Minha senhora, suas roupas mal lhe cabem mais. O que deve fazer? Andar para lá e para cá sem roupa? Nós não temos acesso aos armazéns do meu senhor. Aquele mordomo cabeça de pombo, Teispes, não vai me deixar nem chegar perto deles.”

Alguma coisa no tom de sua queixa chamou minha atenção, de modo que eu deixei de lado o foco no almoço parcimonioso bem como o fato de que a minha serva tinha insinuado que eu tinha engordado e ficado irreconhecível. “Por acaso o mordomo foi rude com você?”

Ela encolheu os ombros. “Ele é um homem rude e impertinente.”

“Ele provavelmente está seguindo ordens de seu senhor.”

“Ah, não, minha senhora. Não acredito nisso. O Lorde Dario é conhecido por suas boas maneiras e bondade.”

Eu fiz um som de reprovação. A defesa firme que Pari fez do caráter do meu esposo me irritou. O que ela sabia sobre ele além das fofocas do palácio? Ela devia passar algumas horas a sós com ele antes de cantar-lhe louvores.

“Ele pode estar zangado com você, mas ele nunca permitiria que um servo seu desrespeitasse sua esposa,” disse Pari com honrosa insistência.

Eu fiquei imóvel. Dario era um verdadeiro nobre persa, isso eu tinha que admitir. Mesmo no auge de sua raiva, será que um homem nobre diria a seus servos para tratar sua esposa com impertinência? “Você é sábia,” disse eu com um leve sarcasmo, e peguei dela a tigela de caldo.

Ocorreu-me que, escondendo-me em meus aposentos e cedendo ao desespero, eu tinha permitido que os servos do palácio perdessem o pouco respeito que pudessem ter por mim. E eu tinha tratado Pari de modo ainda pior, pois ela tinha suportado o peso de lidar com eles. Meu mergulho cavernoso na autopiedade tinha causado a uma jovem mulher inocente as dores diárias da humilhação e do sofrimento. Com súbita clareza, embora inconveniente, eu percebi que eu não poderia continuar me escondendo de meu destino, porque eu era agora responsável pelo bem-estar de uma outra pessoa, além do meu próprio.

Eu drenei os pedaços sólidos do meu caldo em um gole apressado e disse: “Vamos enfrentar este monstro, Teispes.”

“Sim, minha senhora. Imediatamente, minha senhora.”

Pari saltou como uma mola e, com seu inconfundível movimento, puxou a porta esculpida pesada da minha câmara e a abriu. Pela primeira vez em muitos dias eu coloquei meus pés fora da porta de entrada do palácio. Prontamente tropecei num obstáculo cabeludo e quase caí de cabeça. Firmando-me contra a parede, virei-me e encontrei o que tinha causado a minha quase colisão; deparei-me com os olhos castanhos brilhantes de um mastim castanho poderoso.

“O que é isso?” Gritei.

“Este é Cáspio, o cão de caça do meu senhor.”

“Encantador. E o que ele está fazendo, acampado na porta da minha câmara? Não, não me diga. Você tem dado a ele a minha comida, não é?”

“Eu fico tão solitária, minha senhora.”

Fechei os olhos e balancei a cabeça. “Por que seu mestre não levou a sua fera consigo? O que há de errado com ele?”

“Nada! Ele é maravilhoso. Meu senhor levou seu falcão consigo para Ecbátana desta vez. Cáspio e o falcão não são melhores amigos, e Lorde Dario os reveza levando um ou o outro em suas viagens.”

Estudei estrutura maciça do cão, seus ombros atarracados, suas coxas e canelas longas. Ele respondeu ao meu olhar com uma aparente inteligência; seu largo focinho preto elevava-se em uma pose tão digna que parecia olhar-me com desdém. Eu fiz uma careta.

“Esse cachorro é treinado para guerra e caça. Por que ele não está no canil sob os cuidados do zelador?”

Pari baixou a voz. “Não há nenhum zelador. Teispes o dispensou, assim como um monte de outros servos, alegando que não há necessidade de eles permanecerem já que o meu senhor frequentemente viaja. Só restam alguns poucos servos. Alguns são espiões do Lorde Dario e alguns outros servos mais inúteis que a senhora ainda terá que ver. Há alguns servos antigos que ele não se atreveu a dispensar, e Teispes os sobrecarrega. A senhora tem que conhecer melhor esse lugar. É uma desgraça.”

Eu estava começando a gostar deste mordomo cada vez menos.

Enquanto Pari e eu caminhávamos pela casa tentando encontrá-lo, o mastim nos seguia como um guarda dedicado; então eu comecei a entender a indignação de Pari. A casa era suntuosa em tamanho e estrutura, e a poeira cobria toda a superfície. Pisos de ágata e lápis-lazúli não viam uma vassoura há um mês, pelo menos. Em um dos quartos eu, na verdade, encontrei fezes de rato nos tapetes de lã.

Mas houve um benefício inesperado em nossa busca infrutífera: forçadamente acabei me familiarizando com a minha prisão. Com tão poucas pessoas à volta, eu tinha uma liberdade não proporcionada à maioria das mulheres aristocratas, e poderia examinar cada quarto destrancado da enorme casa do meu marido a meu bel-prazer. Pilares de cedro, cornijas entalhadas, cortinas bordadas, mesas de ouro e prata e janelas de treliça fazem deste palácio uma joia de beleza. Embora muito menor do que o de Persépolis, este continha um elemento charmoso que faltava ao próprio palácio do rei.

No canto em frente à minha câmara descobrimos um conjunto exuberante de apartamentos de frente para o leste, cheio de luzes que atravessavam as janelas. Assim que entramos, percebi que pertencia a Dario. Para começar, não havia nenhuma partícula de poeira sobre qualquer superfície. Alguém vinha mantendo esses quartos intocados. Eu imaginei que nem mesmo Teispes se atrevia a abandonar os aposentos de Dario à sujeira. E também porque os aposentos eram requintadamente decorados com riquezas de todo o mundo: tecidos egípcios, mobiliário de ébano esculpido da Índia, ouro de Sardes, urnas de Ionia, tapeçarias da Babilônia. Esses aposentos refletiam as inúmeras viagens do meu marido.

O selo distinto da sua personalidade presente em cada canto daquele aposento me fez sentir incomodada, então me retirei rapidamente. Eu sabia que ele iria achar que eu estava violando a sua privacidade por ter ido lá.

Mas ao entrar, eu não consegui banir sua imagem da minha mente inquieta. Sem eu querer, recordei as palavras que ele dirigiu a mim em minha primeira noite lá. *Você sabia que eu achei você dócil, honesta e corajosa quando eu a vi pela primeira vez?* Eu tinha me concentrado tanto em suas acusações beligerantes que eu tinha esquecido das únicas palavras amáveis que ele tinha proferido para mim durante aquele encontro. Por um tempo curto, quando inicialmente ele me viu, ele tinha gostado de mim. Ele tinha achado que eu possuía qualidades admiráveis. Ele tinha me achado *dócil*.

Como seria minha vida se meu marido continuasse a me ver dessa forma — continuasse a me achar honesta e corajosa?

Para mim, suportar esse pensamento era ainda mais difícil do que lembrar das acusações

amargas que ele havia lançado sobre mim.

Havia muita perda nisso. Minha ignorância juntamente com suas suspeitas equivocadas tinham me custado muito. Para escapar da agonia indigesta das minhas conclusões, imprimi um ritmo ao nosso passeio pelo resto da casa do meu marido, fazendo com que Pari e o cão tivessem que se apressar atrás de mim para que me acompanhassem.

Para meu alívio, encontrei uma certa ordem nas cozinhas. Uma mulher com ombros ossudos e quadris largos se levantou quando entramos. Ela tinha a pele lisa, e não podia ter mais que trinta e cinco anos, embora o seu rosto comprido a fizesse parecer mais velha.

“Não ouse trazer esse cão para minha cozinha,” disse ela com uma voz rouca, levantando sua colher de pau e apontando-a para Cáspio para dar uma ênfase maior.

“Ah, cozinheira, esta é a minha senhora, Sara,” Pari interrompeu.

A mulher olhou para mim com um olhar comedido, e em choque eu percebi que ela tinha um olho postiço feito de pedra mármore. Fiz o melhor que pude para não olhá-la nos olhos. Ela inclinou a cabeça em reverência com um movimento tão rápido que eu não teria percebido se não a estivesse observando com tanta atenção.

“Certo, então. Não ouse trazer esse cão para minha cozinha, *minha senhora*. ”

Eu meneei a cabeça para Pari e ela levou Cáspio para fora. “Como a cozinha parece ser um dos poucos lugares limpos neste palácio, eu imagino por que a senhora não iria querer um cão nela.” Um silêncio constrangedor foi a única recompensa que eu recebi pela minha tentativa de conciliação. Tentei novamente. “Eu queria agradecer-lhe pelas deliciosas refeições que você tem preparado para mim.”

“Eu faço o melhor que posso com o que me fornecem.”

Fiquei muito surpresa pelo seu tom irônico. No início, tive medo só de imaginar toda aquela hostilidade dirigida a mim. Foi então que ocorreu-me que nas últimas semanas eu não havia comido carne mais que uma vez por semana. Muitas vezes, o alimento consistia apenas de vegetais e grãos. A cozinheira conseguia tornar o alimento palatável, e até mesmo delicioso. Mas para a casa de um lorde, a alimentação estava muito modesta.

“Você não recebe quantidade suficiente do que você precisa?”

Tal como carnes, aves e especiarias raras, como convém à mesa do Lorde Dario?”

“Não fiz nenhuma reclamação.”

“Eu sei disso. Eu sei também que você faz um ótimo trabalho mediante o pouco que lhe fornecem. A culpa não é sua.”

Os ombros rígidos começaram a se inclinar. “O Lorde Dario merece algo melhor do que isso. Ele possui mais ovelhas e gado do que se pode contar, e ainda assim carne fresca não entrou nesta cozinha mais que uma vez nesta semana.”

“Você é a única cozinheira que trabalha aqui? Você não tem auxiliares?” A ideia parecia ridícula. Em Persépolis havia duzentos e setenta e sete cozinheiros, mais um adicional de treze cozinheiros especializados em pratos lácteos, vinte e nove auxiliares de cozinha e dezessete preparadores de bebidas. Obviamente aqui não era Persépolis, mas ainda era um palácio de um nobre. A falta de um bom número de cozinheiros era um ultraje.

“O mordomo cedeu um dos seus servos para auxiliar na cozinha durante uma parte do dia. Eu prefiro trabalhar sem a sua ajuda. Fomos reduzidos a um número tão pequeno que eu consigo me virar sozinha.

É mais difícil quando Lorde Dario e sua comitiva estão todos aqui.”

Lembrei-me que Pari havia me dito que os servos contratados por Teispes agiam como seus espíões, e não podia culpar a cozinheira por preferir trabalhar sozinha. “Compreendo. Verei o que posso fazer. Você sabe onde posso encontrar o mordomo?”

“Ele saiu esta manhã. Disse que não estaria de volta até o fim da tarde.”

Meneei a cabeça e virei-me para me retirar.

“Minha senhora,” ela me chamou e entregou-me um osso. “Para o cão. Está bem cozido. Ele ainda deve gostar de roer osso.”

Eu sorri. Apesar de sua inadequada rigidez, um coração bondoso batia dentro daquele peito magro. “Posso saber o seu nome?”

“Shushan.”

“Esse nome não é muito comum.” Shushan era a pronúncia persa da fortaleza de Susã.

“Nasci lá, é por isso. Meus pais serviram à família do Lorde Vivan desde que ele era bem jovem. Eles estavam viajando com ele vindo do norte quando minha mãe entrou em trabalho de parto prematuramente. Eles conseguiram chegar a Susã em tempo de eu nascer lá.”

“Eles devem ter um carinho especial por Susã, então.”

“A parte engraçada é que foi o Lorde Vivan que sugeriu o nome.

Meu pai disse que o Lorde Vivan ficou coberto de suor só de pensar que uma mulher iria dar à luz ao lado da estrada. Ele ficou tão aliviado quando conseguimos chegar a Susã, na segurança de seu palácio, antes que eu surgisse que recompensou a minha mãe com uma moeda de ouro. Você deve entender; ele não tinha mais do que vinte e cinco anos na época. É por causa dele que eu ainda estou viva,” disse ela.

Fascinada, perguntei: “Ele salvou sua vida?”

Ela apontou para o olho falso. “Acidente. Aconteceu no último ano do governo do rei Xerxes, quando eu ainda era criança. Eu estava brincando com espadas com um dos meninos servos e sua espada escorregou e vazou o meu olho.

“Em vez de me mandar para o médico da cidade, Lorde Vivan pegou-me em seus próprios braços, galopou para o palácio e exigiu os serviços de um médico da família real. Ninguém se atrevia a recusar atendimento ao primo do rei. Um médico egípcio cuidou de mim. Ele disse que eu teria morrido se o Lorde Vivan não tivesse me socorrido rapidamente. O meu senhor até mesmo pagou por um olho postiço,” disse ela, apontando para o globo de mármore pintado que ocupava sua cavidade ocular.

“Como você se tornou cozinheira?” Perguntei-lhe. Geralmente, os homens ocupavam esse posto; certamente nenhuma mulher se tornava o tipo de chefe de cozinha que Shushan parecia ser naquele palácio. Tendo eu mesma já ocupado um posto masculino, fiquei imaginando a história de Shushan.

“Levou meses para eu me recuperar do meu ferimento. Um dia de verão, eles levaram minha cama para o jardim, tentando me animar. Eu estava deitada na minha cama e observando uma serva lavando roupas ao sol. Eu fiquei tão melancólica com aquilo, imaginando que eu jamais teria qualquer utilidade tendo apenas um olho.

Lorde Vivan estava me observando; às vezes ele vinha me visitar durante meu período de convalescença.

“ ‘Shushan, vou lher fazer uma promessa’, disse ele. ‘Quando você melhorar, poderá escolher como quer trabalhar para mim.’ Ele era tão bom quanto a sua palavra. Eu sempre quis trabalhar nas cozinhas.

Quando soube disso, ele me fez aprendiz de seu melhor cozinheiro.”

Eu pensei sobre essas histórias. Meu sogro, que não me poupou a sua carranca no dia do meu casamento, tinha se preocupado com a possibilidade de uma serva dar à luz uma criança na rua. Ele havia cuidado de uma criança camponesa ferida da mesma forma que teria protegido o seu próprio filho. Ele ofereceu uma grande oportunidade de trabalho a uma mulher que teria sido desprezada por outra pessoa de classe.

“E como você passou a trabalhar para o Lorde Dario?”

Ela sorriu. “Meu senhor sempre gostou da minha culinária. Ele nunca se importou com o fato de eu ser mulher, cega e magérrima.

Ele me fez prometer que eu me tornaria sua chefe de cozinha assim que ele se estabelecesse em sua própria casa. Seu pai reclamava que Dario lhe havia roubado a sua melhor cozinheira, mas era só por brincadeira. Ele teria dado ao meu senhor até a lua, se ele lhe tivesse pedido.

“Costumávamos ter festas magníficas nos velhos tempos sempre que Lorde Dario estava na residência. E depois, ao final das festas, ele às vezes me chamava e me apresentava aos seus convidados importantes. Ele dizia que tinha orgulho de mim.”

Eu podia ver que Shushan adorava o meu marido, e ficava deslumbrada com essa imagem que tinha dele, que o retratava como um mestre generoso e amoroso. Eu não gostava de pensar nele naqueles termos; era mais confortável imaginá-lo como rude e irracional.

Ao ouvir o cachorro latindo do lado de fora, fiquei preocupada de ele correr para dentro da cozinha em seu entusiasmo e acabar irritando Shushan. Acenando com o osso, eu disse: “Muito obrigada, Shushan,” e fiquei surpresa em vê-la sorrir.

Eu percebi que esse passeio pela casa do meu marido tinha acabado de me proporcionar a minha primeira amizade. De repente, deixar a minha cama não mais pareceu ser algo tão ruim.

Capítulo Dez

Tire essa criatura de cima de mim,” gritei enquanto me desviava da grande língua do mastim, que estava tentando encher meu rosto de beijos molhados. Para evitar outra lambida entusiasmada, eu o empurrei. Ele pesava tanto quanto um homem adulto.

“Eu não tenho nenhum biscoito para você.”

Pari riu. “Ele não está procurando comida. Ele quer atenção.”

Era nítido que Cáspio estava acostumado à companhia humana e carinho. A maioria dos persas era composta por caçadores vorazes e passava um bom tempo na companhia de seus animais. Considerando seus filhos, família e império, eles amavam muito mais os seus cavalos. Muitos acabavam estendendo esse amor para os seus cães de caça também. Julgando pela expectativa prementória do afeto de Cáspio, cheguei à conclusão de que o mastim gostava de Dario de uma forma especial. Fiquei espantada quando Teispes se atreveu a maltratá-lo.

“Vamos levá-lo para um passeio no *jardim*.” Assim que mencionei a palavra *jardim*, Cáspio começou a grunhir e deu um salto à frente; em seguida, correu de volta para lamber minha mão, e saltou para frente novamente.

“Faz sentido. O cachorro entende a língua persa melhor do que o seu mestre,” resmunguei.

Estava um dia fantástico. Os céus estavam completamente azuis, esticados sobre nós como um teto esculpido em cor turquesa. Respirei o ar fresco e senti minha alma voltando à vida.

Os jardins formais de Dario haviam sido projetados no estilo tradicional, cortados em quatro parques enormes que se ligavam através da interseção de duas longas avenidas. Um comprido riacho artificial corria ao longo do centro de uma delas. Nós escolhemos uma pista lateral que nos levava até um pomar. Flores cor de rosa e brancas perfumavam o ar. Pari pegou algumas delas e as colocou no meu cabelo.

Eu não era jardineira, mas podia ver que, apesar de sua beleza, o pomar mostrava sinais de descuido. Pilhas de folhas do outono anterior ainda permaneciam imóveis e enrugadas na base dos troncos das árvores. O mato crescia com o abandono. Ainda assim, o pomar devia ter sido muito bem cuidado anteriormente, pois as árvores pareciam fortes e saudáveis. Mais uma vez eu fiquei intrigada com o estado deste palácio, que era ao mesmo tempo tão rico e estranhamente

negligenciado.

Cáspio veio em minha direção e começou a latir. Achei um graveto no chão e o lancei para ele ir buscar. Quando ele se aproximou, comecei a correr atrás dele, gritando: “Corra!” e, antes que eu percebesse, Pari, o cão e eu estávamos correndo como crianças despreocupadas entre as árvores. O som de latidos, gritos e risadas misturavam-se uns com os outros. As flores voaram, desprendendo-se do meu cabelo, e caíram no chão; eu as esmaguei enquanto corria, inevitavelmente. O cheiro delas se levantou mais fortemente após terem sido esmagadas, perfumando o ar.

Não demorou muito tempo para que eu ficasse exausta; então deitei-me, sem fôlego, perto de um pessegueiro,.

“Eu acho que você perdeu essa corrida, minha senhora,” disse uma voz masculina atrás de mim, fazendo-me saltar e bater minha cabeça contra um galho.

Colocando minha mão sobre minha cabeça temerosamente, virei-me na direção da voz. “Quem é você?”

Com uma expressão assustada e cabelos brancos, o rosto enrugado do homem dividiu-se em dois, com a cortesia de um largo sorriso que mostrava seus cinco dentes remanescentes. “Meu nome é Bardia, minha senhora. Eu sou o jardineiro-chefe.”

Fui bastante educada em dizer-lhe que ele parecia um pouco velho demais para um trabalho que exigia muito esforço físico. Não era de se admirar que o pomar parecesse estar abandonado. “Foi Teispes que contratou você?” Perguntei, imaginando que isso era uma medida típica de um mordomo sovina que contrata um homem idoso para gastar menos.

“Teispes *me* contratou? Eu diria que não. Minha família tem trabalhado para a família de meu senhor há três gerações. Tenho lavrado as terras de Pasárgada desde que me conheço por gente. Teispes chegou há mais ou menos três anos.”

“Peço perdão.”

“Está tudo bem, minha senhora. Você não tinha como saber disso.”

Tentei não sorrir. Tal demonstração de magnanimidade de servo para com os senhores era incomum, para não mencionar inadequada. Ficou claro que seus longos anos com a família haviam lhe ensinado a ter certas liberdades com ousadia e falta de discrição conscientes.

“Há muitos homens ajudando você a cuidar da terra?”

A cabeça branca se curvou. “Eu costumava ter.”

“Deixe-me adivinhar. O mordomo dispensou a maioria de seus trabalhadores.”

“Você não acha que eu permitiria que o pomar estivesse nesta condição se eu tivesse ajuda suficiente, não é, minha senhora?”

“Por que você não pede ajuda ao Lorde Dario?”

Aquele sorriso largo e desdentado se apagou, acompanhado de movimentos de uma das mãos cheia de veias. “Não precisa. Não precisa. O jovem senhor tem muitas responsabilidades para ser incomodado com as minhas preocupações. Todos os anos ele é enviado para uma nova província, uma nova guerra, uma nova dificuldade para lidar. Este é o tempo mais longo em que ficou fora de casa desde que um cão sarnento ainda era um rapaz. E eu ainda vou tomar seu tempo em casa com meus resmungos?”

Dei um passo em direção a ele. “Posso ver que você é um bom homem e um empregado dedicado, Bardia. Mas você não acha que

o Lorde Dario prefere suportar a inconveniência de lidar com este problema em vez de permitir que sua propriedade caia em ruína?”

Ele puxou o lóbulo da orelha enrugada. “Eu mesmo vou cuidar desse lugar, enquanto eu puder. Somente quando perder as minhas forças incomodarei o jovem senhor. Não faz sentido perturbá-lo agora.”

Eu me perguntava que tipo de homem poderia inspirar tanta devoção. O Dario que eu conhecia era cruel e cínico. Eu ficaria feliz em adicionar outros adjetivos parecidos. Claramente, Bardia o via com outros olhos. Talvez ele ainda o enxergue através do prisma de suas memórias de quando ele era um jovem rapaz, amável e dependente, carente de sua proteção.

Ele devia ter visto seu mestre matar um leão sem mover um cílio. Ou falando mal do meu futuro com sua língua afiada. Não tenho qualquer ilusão sobre aquele homem. Ele conseguia lidar com todos os inconvenientes lançados no seu caminho. Além disso, depois de se casar comigo, lidar com um mau mordomo dificilmente o tiraria do sério.

Eu não me iludi pensando que eu conseguiria convencer o jardineiro a contar para o seu jovem mestre a verdade. Era óbvio que proteger Dario de todo e qualquer problema era sua principal preocupação.

Se eu conseguisse ter alguma influência sobre esse mordomo mesquinho, talvez eu pudesse

forçá-lo a contratar alguma ajuda para esse idoso. Eu seria capaz de melhorar um pouco a sua vida árdua.

“Como quiser,” disse eu, e virei-me para ir embora.

“É bom ter uma dama aqui na residência novamente. Não houve uma sequer desde que o meu senhor Vivan passou a propriedade para seu filho. Uma dama como você seria muito útil nesse lugar.”

Ele não diria isso se ele soubesse as circunstâncias do meu casamento ou a razão pela qual o seu mestre tinha ido para Ecbátana com o resto da corte, abandonando-me aqui. “Eu não sou o que se pode chamar de uma dama,” disse eu com um sorriso frágil.

“Claro que você é. Não fique magoada por ele ter saído assim.

Os homens jovens são orgulhosos. Ele perceberá o erro, você verá.”

Tossi, engasgada com minha saliva. Até que ponto ele sabe sobre o meu relacionamento com o seu mestre? Os servos são conhecidos por suas fofocas domésticas. E ainda assim, ele não disse nada em tom de crítica. Ele parecia realmente feliz em me ter ali.

“Obrigada,” eu disse.

“Venha me visitar amanhã se desejar, minha senhora. Estarei no pomar novamente.”

Ali estava mais uma alma solitária presa nas gaiolas douradas do meu marido, pensei. Talvez ele tenha me aceitado por isso, uma mulher que havia traído seu amado mestre. Talvez me ter por perto ainda era melhor do que não ter ninguém. É evidente que ele estava sedento por uma companhia.

Um jardineiro-chefe normalmente teria um exército de ajudantes como companheiros. Ele podia até mesmo contar com as visitas regulares de seu mestre, uma vez que os persas eram fascinados por seus jardins. O rei era conhecido por cuidar de seu jardim com suas próprias mãos reais sempre que podia. Mais de uma vez, um rei aquemênida colocou um jardineiro talentoso no cargo de governador, pois se alguém podia transformar um pedaço de terra estéril em um pomar florido, o que não poderia fazer por uma província?

No passado, Bardia teria sido considerado um funcionário de alto nível e dignidade. Ele teria desfrutado da devoção do seu mestre.

Agora ele estava velho e abandonado. Indesejado, como eu. Resolvi visitá-lo no dia seguinte.

Na manhã seguinte, enviei Pari à procura do mordomo mais uma vez. Nós o esperamos até meia-noite na noite anterior, mas ele não havia chegado. Ela voltou com a notícia de que o mordomo havia saído bem cedo.

“Bem cedo? O sol nem nasceu direito! Onde ele foi dessa vez?”

“Ninguém sabe. Ele não tem o hábito de dar satisfação.”

“Bem, ele está prestes a mudar os seus hábitos.” Vesti o robe pela cabeça. Tive que segurar minha respiração para que ele passasse pela minha barriga. “Um pequeno café da manhã para mim,” murmurei.

Pari me dirigiu um olhar do tipo “eu bem que te avisei,” o qual fiz questão de ignorar. Cáspio esbarrou seu focinho molhado contra o meu braço. “Pare com isso, seu monstro sarnento. Eu não posso acreditar que ele ficou uivando à porta do meu quarto ontem à noite.”

“Eu não posso acreditar que você o deixou entrar,” disse Pari com uma risadinha.

“Desde que ele não suba na minha cama. Você me ouviu, cachorro?”

Cáspio choramingou. “Talvez devêssemos ir até a cozinha para pegar algo para o Cáspio comer.” Antes que fôssemos para a cozinha, no entanto, eu tinha mais uma parada para fazer. Eu queria examinar as contas do Teispes. Será que Dario exigia a prestação de contas do dinheiro que era economizado dos gastos da casa? Se assim fosse, ele teria que encontrar outras formas de economia para que o meu marido não percebesse a despesa adicional das mudanças que eu desejava fazer. Entretanto, encontramos a sala de registros tão fechada e selada quanto a tesouraria do meu marido. Teispes estava realmente começando a me irritar.

Cáspio conseguia ser gentil e obediente quando queria, e ao meu comando ele esperou sem problemas do lado de fora da porta da cozinha.

Shushan apareceu quando entramos. “Bom dia,” disse. “Você por acaso tem alguma sobra para o cachorro? Ele está se comportando como um cavalheiro no momento, mas um pouco de comida pode ajudar a manter o seu temperamento dócil.”

“Sim, minha senhora. Na verdade, venho guardando algumas coisas.” Cáspio estava em êxtase com a sua refeição. Fiquei imaginando o que ele comia antes de Pari se interessar por ele. Certamente Teispes não seria tão tolo a ponto de negligenciar o cão de caça favorito de seu mestre.

“Poderia me dar um pouco de iogurte e mel?” Disse quando voltei para a cozinha. Tinha

decidido que iria domar o meu apetite nada saudável e parar de comer como um passatempo. Pari recusou a se juntar a mim, já que não era adequado para uma serva comer antes de sua senhora. No final, eu a convenci a comer em um canto da cozinha enquanto eu comia no outro. Eu não poderia fazê-la andar pela propriedade passando fome.

“Nós vamos visitar Bardia no pomar hoje novamente,” informei Shushan através da distância que nos separava. Ela estava um pouco escandalizada ao me ver comendo na cozinha, eu acho, então tentei deixá-la à vontade. “Uma vez que não conseguimos encontrar o mordomo, pensei em conversar com o jardineiro para ver o que está faltando para ele.”

“Oh, minha senhora, se estiver indo para lá, será que a sua serva estaria disposta a levar para o velho um pouco de comida que guardei? Ele se esquece de comer, às vezes. Antes do novo mordomo chegar, os homens de Bardia vinham diariamente e levavam para ele as suas refeições. Agora, ele tem tão pouca ajuda e fica tão preocupado com suas árvores e flores que não dá atenção para a sua fome.”

“Ficaríamos felizes em ajudar.”

Entretanto, nós não conseguimos encontrar Bardia nos pomares. Perguntei a Pari se sabia onde o velho morava e ela me levou a uma pequena cabana construída na borda de uma pequena lagoa.

Batemos na porta, mas não obtivemos nenhuma resposta.

“Vamos deixar a comida lá dentro, fora do calor do sol,” eu disse.

Sentindo-me estranha por causa da minha intrusão, entrei com a intenção de deixar o pacote e ir embora. Mas o que vi me paralisou. A sala cheirava a mofo e estava coberta de poeira. Paredes precisando de reparos estavam se desintegrando em alguns pontos e uma grande poça de água no chão indicou a fonte da umidade. Havia apenas uma cadeira, e quando eu a examinei, percebi que estava quebrada. Sua roupa de cama, jogada contra a parede, tinha absorvido o cheiro de mofo e precisava de uma boa lavagem.

Eu me irritei com a falta de cuidado de Dario com seu fiel escudeiro. O velho merecia algo melhor.

“Este lugar precisa de uma limpeza,” disse Pari, puxando para cima a bainha de sua saia para mantê-la longe do chão.

“É preciso muito mais do que isso. Aquele pobre homem gasta todo o seu tempo nos jardins de seu mestre; ele não tem tempo para cuidar de sua própria casa.”

Deixei a comida na cadeira desequilibrada e sai. Ao voltar para o palácio, solicitei a Pari que pegasse todos os materiais de limpeza que pudesse e voltamos para a casa no campo.

“Minha senhora, você não pode esfregar o chão! Por que não espera lá fora e deixa que eu faça o trabalho?”

“Quero terminar isso antes que ele retorne; ele irá se sentir envergonhado se nos encontrar aqui, limpando sua sujeira. Mesmo com nós duas trabalhando, não vamos conseguir terminar de limpar esse desastre em uma única tarde. Isso aqui precisa de trabalhadores braçais, e não de mulheres faxineiras.”

“Mas, minha senhora!—”

“Pare de fazer discursos e junte-se a mim. Não posso suportar que esse homem volte para uma casa com tanta bagunça mais uma vez.”

Voltamos para o palácio novamente para buscar lençóis e um cobertor resistente, que eu tirei da minha própria cama. Também trouxe um banquinho feito de mogno e marfim, um dos presentes da rainha para o meu casamento. Depois de várias horas de trabalho, a casa estava limpa, mas nós não fomos capazes de acabar com a umidade que estava se infiltrando através dos alicerces.

Teríamos de encontrar uma solução permanente para as condições de vida de Bardia. Sua casa teria que receber reparos necessários, ou ele teria que se mudar para o palácio. Eu tinha pouca esperança de convencê-lo da segunda opção, então resolvi procurar Teispes e obrigá-lo a resolver a situação.

Em uma dessas coincidências inexplicáveis da vida, na nossa jornada final de volta para o palácio, demos de cara com Teispes.

Assim que me viu, assustou-se ainda mais.

“Exatamente a pessoa que eu queria encontrar,” falei, aproveitando-me da sua surpresa. “As condições de vida de Bardia são deploráveis. Sua casa está cheia de umidade e mofo e deve ser reformada.”

“Bardia?”

“O jardineiro-chefe, embora seja difícil saber de quem ele é chefe, parece estar trabalhando nos jardins e pomares praticamente sozinho. Ele precisa de mais ajuda.”

“Minha senhora, não precisa se preocupar sobre o funcionamento da propriedade. Esse é o

meu trabalho.”

Mordi o lado da minha boca em uma tentativa de controlar a raiva. “É um trabalho de grande responsabilidade. Estou feliz em ajudá-lo sempre que posso.”

“Não há necessidade de se envolver.”

Eu notei que seu semblante caiu, seu tom de voz endureceu e ele cruzou os braços; pareceu-me prudente mudar de assunto. “Gostaria de ver os registros que se encontram na câmara e examinar as contas.”

O mordomo deu um longo passo para trás. “Essa câmara está fechada.”

“Percebi. Você tem a chave, eu presumo.”

Ele não respondeu, mas olhou para mim sem titubear.

Tomei isso como um sim. “Muito bom. Nesse caso, vamos continuar.”

“Eu não poderia abrir a porta sem a permissão do meu senhor.”

“Não seja ridículo. Sou a esposa do seu senhor. Exijo que você me mostre as contas.”

Ele teve a ousadia de sorrir para mim. “Então talvez você devesse escrever para o seu marido e pedir sua permissão.”

Se o meu cabelo não fosse tão escuro teria ficado vermelho como o resto de mim. A vergonha me atacou como uma força física. Nunca havia me sentido tão menosprezada. Era nítido que Teispes sabia como as coisas entre mim e meu marido estavam.

E ele acreditava estar acima de qualquer forma de represália, independente de como me tratasse. Ocorreu-me que eu estava totalmente vulnerável ao poder deste homem. Na ausência de Dario, ele controlava tudo. Eu não poderia nem mesmo enviar uma carta sem a sua aprovação.

A raiva substituiu a vergonha. Ele havia abusado de sua posição maltratando muitos servos. O que eu não sabia era se o seu mestre estava de acordo com seus métodos, ou se ele era culpado apenas por confiar no homem errado. Em ambos os casos, resolvi não ceder à forma como Teispes me intimidou. Havia pessoas que precisavam de mim agora; eu não podia me dar ao luxo de ficar com medo.

Capítulo Onze

Acordei com o som de risadas abafadas. Pari estava na beira da minha cama tentando sem sucesso cobrir com a mão o som da sua risada.

“Você o deixou subir na sua cama,” disse ela, apontando para a criatura peluda que estava descansando aos meus pés.

Bocejei. “Ele insistiu. De qualquer forma, contanto que ele fique onde está não tem problema.”

“Você havia dito antes que não o queria na cama.”

“Ele chora. O que posso fazer, ignorá-lo?” Abaixei-me para acariciar aquele enorme dorso de cor amarelada. Ele virou a sua cara preta e lambeu a minha mão. “Nossa! Ele está fedorento.”

“Ele é um cão de caça. Passa seu tempo perseguindo animais na floresta.”

“Ele era um cão de caça. Agora ele dorme na minha cama, então talvez devêssemos lhe dar um banho.”

“Vou fazer uma troca justa com você, minha senhora. Dou um banho no Cáspio se você se submeter a alguns tratamentos de beleza.”

Essa menina deve ter trabalhado para o rei como uma comerciante real; suas habilidades de barganha eram convincentes. Em poucos minutos, ela tinha me feito concordar com seus termos, como se a ideia tivesse partido de mim mesma.

Satisfeita por ter me convencido, Pari sentou-se na beira da minha cama ao lado do cachorro e o acariciou com uma distraída ternura. “O que vamos fazer com o terrível Teispes? Talvez o Senhor a ajude a lidar com ele.”

Sua estranha declaração me pegou de surpresa. “O Senhor?” Encostei-me em um travesseiro confortável, surpresa por ela conhecer aquele nome. “O que você sabe sobre o Senhor?”

“Quando eu era uma menina, uma lavadeira judia vivia no nosso bairro. Ela amava crianças, mas não tinha nenhuma. Às vezes ela me deixava acompanhá-la quando minha mãe não precisava de mim. Ela me contou algumas das histórias do seu povo. A minha favorita era a do

jovem pastor Davi, que matou um gigante com uma funda.”

“Golias,” murmurei.

“Esse mesmo. Talvez você seja Davi e Teispes, Golias. Ele certamente tem o queixo dele.”

Eu ri. “Eu não acho que atirar pedras nele vai resolver os nossos problemas.”

“Não, mas o poder de Teispes é grande, como um Golias. Você é pequena, comparada a ele. Você não tem riquezas ou conexões ou a atenção do seu marido. As chances não estão do nosso lado, assim como não estavam do lado de Israel. No entanto, algumas vezes, as chances não são o mais importante.”

Fiquei bastante impressionada com a sagacidade de Pari. Neemias adoraria a minha serva, pensei.

Uma batida na nossa porta nos fez ficar em silêncio. Eu não me lembrava de alguém procurar meu aposento desde que cheguei ao palácio, semanas atrás. Cáspio levantou a cabeça, enrugou sua testa e, em seguida, deitou seu focinho sobre o cobertor sem uma única objeção. Aquilo era demais para as suas habilidades de caça.

Pari levantou, ajeitou a saia e abriu a porta. Bardia estava do lado de fora, com o chapéu entre os seus dedos tortos.

Vesti um roupão e corri para fora. “O que aconteceu?”

“Nada, minha senhora. Vim para lhe dar isso.” Ele se abaixou e pegou um vaso cheio de jasmims delicados. Enterrei meu nariz na pilha perfumada de flores e respirei fundo. Você quase consegue esquecer dos seus problemas quando o seu nariz está enterrado em um vaso de jasmims recém-colhidos.

“Minha mãe costumava pegar jasmim para mim de manhã. Ela os colocava em meu travesseiro enquanto eu ainda estava dormindo para que eu acordasse com o cheiro deles.” Peguei uma pequena flor e a girei entre os meus dedos. “Faz muito tempo desde a última vez em que alguém me trouxe um jasmim.”

“Eu os trouxe para lhe agradecer, minha senhora.”

“Agradecer-me? Por qual motivo?” Era de se esperar que ele imaginasse que eu estava por trás da mudança na sua casa.

“Limpou minha casa. Desculpe-me por eu tê-la deixado ficar daquele jeito.” Ele mantinha a

cabeça baixa enquanto falava.

“Eu não o culpo por isso, Bardia. Você sabe que você trabalha sozinho mais do que dois servos do rei juntos.”

A cabeça branca permaneceu baixa. “É aquele mordomo arrogante, Teispes,” continuei, tentando animá-lo. “Não consigo entender o que ele ganha administrando a propriedade de maneira deplorável. Se eu pudesse examinar as contas dele, poderia encontrar algumas respostas. Mas aquela raposa astuta as mantém sob sete chaves.”

“Sim, e mantém a chave em uma corrente ao redor do seu pescoço dia e noite. Eu mesmo o vi usando-a na casa de banho uma vez.”

Bardia coçou sua barba branca.

Suspirei. “Como podemos convencê-lo a entregar a sua preciosa chave?”

“O que eu sei é que ele é mais facilmente convencido no terceiro dia da semana.”

Pari gargalhou. “Como pode um dia da semana ser diferente de outro no que diz respeito ao temperamento de um homem?”

“Bem, uma coisa é certa, ele dorme melhor as segundas-feiras.”

Teispes tirava todas as segundas-feiras de folga, saindo antes de o sol nascer e chegando no meio da noite, bem cansado. Ninguém sabia

onde ele passava esse tempo, mas ficou bem claro para nós, pelo cheiro forte e pelo seu jeito mole de andar, que onde quer que ele tivesse andado, havia muito vinho. Então, nós escolhemos a segunda-feira como o dia ideal para pegar *emprestado* as chaves do Teispes.

Bardia insistiu que ele deveria tentar recuperar a chave, já que seria inapropriado para uma mulher entrar no aposento de um homem. Eu disse aos meus cúmplices que, se eu não enfrentasse o Teispes, todo o plano estaria arruinado. Imaginei que se eu fosse pega o mordomo não poderia me jogar na rua, independente do que Dario sentisse por mim. Já os servos seriam mais vulneráveis ao seu poder.

Quando já era meia-noite, Bardia, Pari e eu esperamos o retorno do mordomo em um corredor escuro, perto do seu aposento. Ficamos em nosso esconderijo por pelo menos uma hora depois que ele voltou para garantir que o mordomo estivesse dormindo profundamente. Eu não tinha nenhuma lâmpada por medo de que pudesse acordá-lo quando eu entrasse no seu aposento. Após esperar no escuro por pelo menos uma hora, meus olhos se ajustaram e eu conseguia ver bem o

colchão estirado no chão através da luz da lua.

Um barulho de um piso rachado soou de forma barulhenta sob os meus pés assim que eu entrei no quarto. Parei feito estátua assim que o Teispes virou de lado com um movimento inquieto. O que eu estava fazendo ali? Tinha me colocado em uma posição comprometedora ao estar no aposento de um homem desacompanhada. De alguma forma, enquanto planejava essa ideia estúpida, esses detalhes não pareciam tão importantes quanto agora.

Se eu fosse apanhada no aposento de um homem estranho, poderia ser banida para alguma parte deserta da Pérsia com um nome impronunciável e um inverno que seria mais longo do que o Rio Nilo. E isso se Dario fosse generoso. Como se isso não fosse ruim o suficiente, havia me tornado uma ladra na casa do meu próprio marido. Esta aventura me marcaria para o resto da vida, eu tinha essa certeza; nunca tinha roubado nada antes.

Pensei em me virar e ir embora desta loucura. Então lembrei-me das deploráveis condições da casa do Bardia, dos armários vazios do

cozinheiro e da falta de ajuda para todos eles; então forcei meus pés para que continuassem.

Logo eu estava sobre o mordomo. O rosto dele estava virado para o outro lado. Um braço estava atravessado na cama, e o outro, dobrado sob sua cabeça. Ajoelhei-me e inclinei-me sobre ele, o mais silenciosamente que pude. Ele cheirava a vinho azedo. Agora, tão perto, eu podia ver o brilho da corrente ao redor do seu pescoço.

Nessa posição, não havia como remover o objeto de seu pescoço sem acordá-lo.

Eu poderia sentar e esperar, torcendo para que ele mudasse de posição. Ou poderia fazer algo sobre isso. Fazer algo parecia ser o menor dos males; pelo menos isso acabaria mais rapidamente com a minha tortura. Levantei a barra da minha saia e segurei um pequeno pedaço do tecido dela em minha mão. Sussurrando uma rápida oração em minha mente, fiz cócegas na ponta do nariz do Teispes com o tecido. Seu nariz se mexeu como o de um coelho, e ele levantou a mão para empurrar para longe minha intromissão. Consegui me desviar do alcance da sua mão sonolenta e fiz cócegas nele novamente.

Teispes gemeu e virou-se de costas. Congelei, com medo de mover um único músculo. Ele aquietou-se e começou a roncar. Seu movimento fez com que a corrente ficasse acessível. Com movimentos bem lentos, agarrei a chave para impedir que ela ficasse balançando na corrente e, com um único movimento, agarrei ambos. Logo a chave estava sobre a sua cabeça; porém, a parte de trás da corrente ficou presa atrás do pescoço, pressionada pelo travesseiro. Para removê-la, eu teria que puxar com força pelo lado do seu pescoço e da cabeça.

Ele não iria permanecer dormindo com aquele movimento.

Fechei os olhos e permaneci assim por um momento, para ganhar coragem. Então soprei em seu ouvido. Ele levantou a mão com um vigor inesperado para me golpear. Eu mal consegui afastar-me do caminho do seu tapa. Assim que eu imaginei que teria de recorrer a medidas mais drásticas e perigosas, ele virou a cabeça para o outro lado no travesseiro, liberando a corrente que estava presa.

Com mais velocidade do que eu imaginava ter, agarrei essa corrente e a chave e saí na ponta dos pés.

Nossa esperança era manter Teispes no escuro em relação à perda da chave. Eu teria uma chance melhor de ir contra ele se eu pudesse pegá-lo de surpresa. Isso me deu algumas horas para examinar os registros e encontrar pistas para seu comportamento.

Corri para a câmara que continha os registros da família e deixei Pari para trás para ficar de olho no quarto de Teispes, enquanto Bardia montava guarda no escuro, à porta da sala de registros, onde resolvi passar o resto da noite.

Comparei os registros dos diferentes aspectos das propriedades de Dario, de um ano antes da chegada de Teispes a até três anos depois de ele já ocupar a função de mordomo. Havia muitos detalhes relativos a várias propriedades para que eu fizesse apenas um exame superficial. Eu precisaria de pelo menos um mês para um trabalho completo. Mas eu tinha experiência suficiente para notar algumas irregularidades no pouco tempo que tinha. Quando a minha pesquisa começava a ficar interessante, Pari e Bardia entraram na câmara de registros.

“Ele está vindo! Ele está vindo!” Eles falaram ao mesmo tempo.

Fiquei de pé, em pânico por um momento. Então peguei dois grossos rolos de pergaminho e coloquei o resto cuidadosamente em suas prateleiras.

“Corra, senhora!” Pari sussurrou. “Ele está vindo para cá.”

Meu coração batia tão forte no meu peito que eu podia sentir o sangue através dos meus ouvidos. “Saia! Saia imediatamente,” ordenei. Meus cúmplices correram para fora e eu fiz o mesmo, com tempo suficiente para trancar a porta.

Na direção contrária, vi Cáspio correndo em minha direção.

Eu não tinha ideia de como aquele cachorro tinha conseguido sair do meu aposento onde eu o havia trancado algumas horas atrás com medo de que ele pudesse nos denunciar com um

barulho. Ao vê-lo agora, tive uma ideia. Mas não havia tempo para elaborar a ideia porque agora eu conseguia ouvir os passos pesados de Teispes já bem próximos.

Abaixei-me e entreguei a corrente para o cachorro. “Leve isso para Teispes,” eu disse. “Teispes. Entendeu?”

Ele olhou para mim com seus olhos castanhos inteligentes, e por um momento eu estava convencida de que o cão falava persa tão fluentemente quanto eu. Ele pegou a corrente obedientemente em sua boca, deixando uma ponta longa para baixo da sua mandíbula com a chave e correu na direção dos passos de Teispes enquanto eu corria na direção oposta.

Parei na frente do meu próprio aposento e preendi a respiração.

Na escuridão, ouvi a voz indignada do mordomo. “Sua besta imunda. Onde você conseguiu isso? Seu monstro. Devolve isso.”

Ouvi o rosnado baixo do cão e temi pelo destino dos dedos de Teispes. Por um momento pensei que eu deveria salvá-lo. Então ouvi um gemido de Cáspio, e então soube que o mordomo o havia ferido de alguma forma. Fiquei indignada. Jogando os rolos de pergaminho nas mãos da Pari, sussurrei: “Esconda-os,” e apontando para Bardia eu disse: “Ajude-a”.

Segui o barulho dos latidos de Cáspio e dos palavrões proferidos por Teispes através dos corredores escuros do palácio até que ele pudesse me ver. Fingindo um enorme bocejo e modos sonolentos, como se eu tivesse acabado de acordar, dei uma súbita parada.

“O que você está fazendo, seu idiota? Como se atreve a bater no cão favorito do seu senhor?”

Pego de surpresa, o queixo de Teispes caiu. “Eu.. Eu... Ele é um ladrão! Ele roubou minha corrente com as chaves.”

“Não seja ridículo. Ele é apenas um cachorro. Se você deixar suas coisas por aí, ele vai brincar com elas.”

“Esta corrente nunca sai do meu pescoço. O cachorro a roubou de mim, é o que estou dizendo.”

“Você está fora de si, mordomo. Leve a sua corrente e me devolva o cachorro. Seu mestre vai ouvir sobre esse seu comportamento.

Você pode esperar.”

Sem dizer mais nenhuma palavra, Teispes, envergonhado, tirou a corrente entrelaçada entre os

dentes de Cáspio. O cachorro entregou o prêmio com uma obediência inocente enquanto eu estava por perto. Depois ele trotou em minha direção e nós nos afastamos.

Finalmente, abrigada em meu aposento e segura, inclinei-me para acariciar Cáspio. “Menino valente. Por que você o deixou bater em você? Você devia ter arrancado a mão dele.” Logo me dei conta de que, embora Cáspio tivesse sido treinado para lutar em batalhas, ele deve também ter sido cuidadosamente ensinado para honrar aqueles considerados como seus mestres. Uma fera extraordinária. Encostei minha cabeça na dele. “Meu amigo valente.”

“Ele não vai descobrir que você roubou aqueles rolos?” Pari perguntou-me com uma voz preocupada.

“Há pouca chance de ele descobrir. Ele é um mordomo, não um escriba; assim a maioria de suas atribuições são relativas às contas atuais, e eu peguei dois dos registros mais antigos. A menos que ele os procure por algum motivo, nós estaremos seguros.”

Nós nos reunimos na horta onde Bardia estava ocupado trabalhando. Pari e eu nos juntamos a ele, arrancando as persistentes ervas daninhas e ajudando-o a plantar algumas das últimas mudas. Assim como vinha acontecendo com a maioria das coisas, Bardia estava atrasado com o plantio de suas ervas. Seu assistente, que o ajudava em regime de meio expediente, estava ocupado no bosque de amêndoas, então ele só podia contar conosco.

Ele não fez nenhuma objeção sobre a nossa ajuda pois isso era considerado um passatempo nobre, adequado para pessoas da alta ou baixa hierarquia. No entanto, Pari me fez usar luvas de linho para proteger minhas mãos e insistiu em trazer-me um guarda-sol para me proteger. Eu sempre me sentia como uma fraude quando ela me tratava como uma dama, o que eu não era. Posso ser casada com um homem nobre, de acordo com os documentos oficiais, mas na verdade eu ainda era a filha de um escriba e, no coração, uma serva. E saber que meu marido e eu estávamos perfeitamente alinhados sobre este assunto não ajudava muito. Para o bem da paz, suporrei as demonstrações de cortesia da parte de Pari com um incômodo contido.

“Minha senhora, eu quero lhe mostrar uma coisa,” disse Bardia, e me chamou para ir até ele. Ele estava em pé, perto de um pé de salgueiro com ramos deslumbrantes, com suas estreitas folhas já enrugadas e cintilando sua cor verde brilhante para dentro do canal de irrigação que fluía. Era uma visão de tirar o fôlego. O salgueiro era meu ponto fraco, uma transposição recente desta parte do império. Um viajante aventureiro o tinha trazido pela Rota da Seda para Persépolis, onde a planta ganhou fama e rapidamente se espalhou pelo resto da Pérsia.

“É lindo,” disse. “Quando você o plantou?”

“Não fui eu. Meu senhor Dario o plantou quando ainda era um rapaz.”

“Foi o pai dele que ordenou que ele o plantasse?” Perguntei, imaginando que seria improvável Dario ter paciência para passatempos agrícolas.

“Ah não, minha senhora. Meu senhor, ele próprio, foi quem me procurou. Ele estava em casa, em um raro dia de folga do palácio. Os magos tinham acabado de terminar um treinamento agrícola para os rapazes de sua idade na corte. Com tão poucas horas à sua disposição, ele achou uma boa ideia passar um tempo plantando essa árvore.”

Eu achei difícil imaginar o meu marido enquanto um jovem estudante. Os filhos dos aristocratas eram enviados para o palácio com sete anos de idade para receber uma educação rigorosa e abrangente.

Durante esses anos de estudo, eles aprendiam as artes de guerra e liderança. Eles recebiam aulas de respiração para que suas vozes se tornassem audíveis em um campo de batalha barulhento. Um escriba grego uma vez me disse que os guerreiros persas eram conhecidos por terem as vozes mais altas do mundo. Eu nunca tinha ouvido meu marido gritar; ele nunca precisou. Sua voz baixa já era suficiente para reduzir-me a um estado de quase pânico.

Os magos também ensinavam aos alunos mais velhos comportamento ético e um estilo de vida correto, e os treinava para considerar a verdade como a mais sagrada das virtudes. Seu objetivo era levantar líderes honrados que praticavam os princípios do viver fundamentado na verdade. Eu não sabia que os magos incluíam jardinagem em sua formação.

“Foi você que escolheu esta árvore para ele, Bardia?”

“Não, não. Ele escolheu sua própria árvore.”

“Isso é estranho. Eu nunca imaginaria que ele gostasse de salgueiros. Talvez uma nogueira. Ou até mesmo uma cerejeira, algo forte, com uma colheita útil.” O salgueiro não tinha quaisquer frutos comestíveis e oferecia pouca utilidade prática além de sombra fresca nos dias quentes.

“Ele amava o salgueiro — e ainda ama — não por causa de sua utilidade, mas por causa do que ele é. Essa árvore toca a alma, é isso.”

Dei de ombros, sem compreender. Na verdade, não entendi porque Bardia estava tão decidido a compartilhar a história desta árvore comigo. Eu preferia plantar minhas próprias ervas a ouvir as histórias de proezas do meu marido na horta.

Se Bardia percebeu minha impaciência, ele a ignorou e continuou com sua história. “Meu

senhor veio e me procurou. Ele disse: *Bardia, eu não consegui conversar com você por meses. Você pode me supervisionar, mas você não vai tocar em nada. Vou fazer o trabalho.*

Apenas me faça companhia.”

“Ele mesmo escolheu este lugar e, enquanto trabalhava, me contava histórias sobre a vida no palácio. E ele não me deixou cavar uma pá de terra para ele. Ele era um jovem de se orgulhar — forte, humilde, carinhoso. Ele era tudo o que um senhor deveria ser.”

Cerrei os meus dentes. “Por que você está me contando isso?”

“Porque você não conhece o seu marido. Você vê o estado deste palácio e o culpa. Você acha que ele cuida mal dos seus funcionários.”

“Eu nunca disse isso.”

“Você nem precisou dizer. É fácil de ver em seu rosto. Você não tem respeito por ele. Perdoe-me se estou falando fora de hora, minha senhora, mas você está cometendo um grave erro sobre o que pensa dele.”

Meu queixo teria despencado na base do salgueiro se não estivesse ligado à minha cabeça. “Estou cometendo um grave erro com o que eu penso dele? Que ironia.”

Bardia acariciou sua barba. “Você realmente apareceu no seu casamento parecendo uma criatura das trevas?”

Será que havia uma única pessoa em todo o Império Persa que não conhecia o tamanho da minha desgraça? Senti-me como Jó, pois o que eu temia me sobreveio; o que eu temia tinha acontecido comigo. Eu tinha me transformado em motivo de riso entre os cortesões e os criados.

“É verdade.”

“Então você não pode culpar o meu senhor por ter se enganado com você.”

Eu me sentei no chão e inclinei-me contra a árvore que meu marido tinha plantado. “Sabendo o que você sabe, como é que você nunca me tratou com desprezo, Bardia? Por que você não se ressentiu do fato de eu ter maltratado o seu amado senhor?”

“Estou ciente de algumas coisas que o Lorde Dario não pode saber. Ele estava longe, frequentando a escola em Persépolis na época, e não vai se lembrar, mas anos atrás, meu senhor e a minha senhora tinham uma grande amizade com o copeiro do rei.”

“*Neemias?*”

“O próprio. Ele muitas vezes ceava com o Lorde Vivan e com a senhora Raquel. Às vezes eles passeavam pelos jardins. Sempre que eu estava presente, o Lorde Neemias me colocava na conversa e me tratava com um respeito cordial.”

“Sou bom em analisar as plantas e as árvores. Posso dizer-lhe, com apenas um olhar, qual é a resistente e qual é a fraca. E sou bom em analisar as pessoas também, e vejo que este homem é sábio e confiável. Cada palavra que saía da sua boca era verdadeira, embora às vezes ele fosse impetuoso ao expressá-las.” Bardia esboçou um largo sorriso. *Impetuoso* era uma boa palavra para o meu primo, pensei.

“Com o tempo, Lorde Vivan foi transferido para uma região diferente, e em seguida minha senhora morreu. As visitas do copeiro do rei passaram a ser raras, embora eu ache que o espírito da amizade permaneceu forte ao longo dos anos.

“Sabendo que tanto Neemias quanto a rainha tinham aprovado você, concluí que existe muito mais do que o olho pode ver por trás da história do seu casamento. Neemias não é um homem que indicaria seus parentes unicamente por causa de suas pretensões. Se ele a tinha em alta conta, ele devia ter um bom motivo.”

Então, o Lorde Vivan havia conhecido Neemias e confiava nele.

Agora entendo por que ele tinha corrido para fazer o contrato de casamento. Ele não tinha apenas a recomendação da Rainha da Pérsia, mas também a confiança de um velho amigo. Ele viu que não haveria problemas e queria o melhor para o seu filho.

Lembrei-me da acusação que Dario lançou ao meu primo: *Meu pai confiou em sua palavra*. Ele colocou a sua vida nas mãos de um amigo e de uma rainha, e ambos o traíram. Um homem que protegeu o seu casamento contra todas as pressões possíveis e expectativas razoáveis tinha finalmente cedido, confiando na palavra de alguém que havia sido um amigo da sua mãe. Não me admira que ele tenha ficado tão zangado com Neemias. *E comigo*.

Estiquei minhas pernas e fiquei balançando meus pés dentro do canal. A água estava muito fria. Ela acalmou os meus pensamentos inflamados. “Por que você não me julgou quando meu próprio marido concluiu o pior sobre mim e negou a mim o benefício de me explicar?”

Bardia começou a tirar os galhos quebrados da árvore. Apesar de sua idade, havia uma agilidade confiante em seus movimentos.

Seus antebraços, repleto de músculos, flexionavam-se e relaxavam na medida em que ele ia

cuidando da árvore. “Perdoe-me a ousadia em dizer isso mas, você não é minha esposa, minha senhora. Por mais que eu ame o meu senhor, eu ainda consigo raciocinar, independente das circunstâncias; mas o meu senhor, estando no centro dos problemas, com certeza não consegue.”

“Você tem uma resposta para tudo, velho. Vou voltar para os meus registros roubados. Eles não me incomodam com argumentos complicados.” No caminho de volta para o meu aposento parei em uma divisa de flores para escolher um buquê de lírios amarelos. Bardia havia inspirado em mim uma paixão por flores. A visão de suas belas pétalas alegrou o meu coração no momento em que eu saía de uma situação complicada e entrava em outra.

Capítulo Doze

O problema era que os meus preciosos registros roubados acabaram sendo tão complicados quanto as revelações de Bardia. Eu os analisei durante dias e fui ficando cada vez mais confusa, pois Teispes não estava guardando nenhum dinheiro através de suas ações econômicas.

Para aumentar a minha aflição, eu não conseguia sentar para trabalhar quando uma interrupção ou qualquer outra coisa tomava meu tempo. Cáspio cortou a minha linha de raciocínio com seus latidos e mordidas, até que desisti e o levei para um longo passeio lá fora. Bardia me mantinha ocupada em seus jardins, obrigando-me a desfrutar do ar puro, dizia ele. Na maior parte do tempo, eu acho, eu não passava de uma ajudante barata e uma companhia humana. Pari me afastava dos meus registros para me submeter a um tratamento de beleza ridículo projetado para melhorar minha aparência e melhorar o meu humor. Até mesmo Shushan juntou-se a eles insistindo que eu deveria comer longas refeições formais à mesa, como convém a uma nobre senhora. Minhas porções permaneciam pequenas apesar do fato de que Pari e a cozinheira levavam uma hora para servi-las.

Nos velhos tempos, eu teria passado horas ininterruptas afogada em números e traduções, e as minhas únicas companhias humanas eram aquelas pessoas que trabalhavam comigo. Mas meu mundo tinha sofrido uma reviravolta, de modo que a companhia se tornou o centro de tudo. Por mais que eu tentasse forçar minha existência a voltar para o velho molde, eu não conseguia. Criaturas vivas disputavam minha atenção. Por mais que eu achasse suas interrupções frustrantes, até mesmo extenuantes, eu também podia ver que, ao passar tempo com eles, eu satisfazia um anseio profundo em minha alma. E com uma reviravolta inesperada, descobri que não poderia lidar com Teispes sem eles. A ajuda deles revelou-se essencial para o cumprimento da difícil tarefa que estava diante de mim.

“A coisa mais estranha sobre esses registros,” eu disse a Bardia, Pari e Shushan onze dias depois que comecei a minha pesquisa, “é que não há nenhuma mudança no montante de dinheiro que está sendo gasto nas propriedades do Lorde Dario desde a chegada de Teispes. Mesmos rendimentos. Mesmas despesas. Ele não está poupando nenhum dinheiro com sua drástica... *empreitada*, se podemos considerar assim?”

Estávamos trabalhando na horta. “Empreitada?” Shushan levantou a cabeça e fez um ruído grosseiro com a sua língua que assustou vários pássaros e os fez voar. “Eu não dou a mínima para a sua empreitada.” Todos riram.

“Aquele é um homem esperto. Mas não tão esperto a ponto de me enganar.” Fiz uma pausa por um período torturante. Meu público parou de fazer suas tarefas para prestar atenção.

“Bem, o que houve?” Pari perguntou. “Resolveu o quebra-cabeça?”

“Não exatamente. Ainda não. O que eu descobri é que o dinheiro que ele poupa, ao empobrecer esta propriedade, está sendo direcionado para uma outra propriedade do Lorde Dario. Uma fábrica têxtil que o Lorde Dario possui em Ecbátana. É administrada por uma *arassara*.”

“Isso não é um tipo de supervisor do sexo feminino?” Shushan perguntou, comprimindo o seu olho bom.

“Exatamente. A família real as usa com frequência. A *arassara* supervisiona uma variedade de fábricas, particularmente aquelas que exigem trabalho infantil. Estas mulheres são hábeis na gestão e ganham bons salários, às vezes tanto quanto um homem, embora permaneçam solteiras. Quando eu trabalhei para a rainha Damaspia, eu supervisionei o pagamento de salários de várias *arassaras*. Então, eu estou familiarizada com o valor de seus pagamentos.”

“E esta está recebendo mais do que deveria, não é isso?” Pari perguntou.

“Muito mais. No primeiro ano em que Teispes chegou aqui, os registros mostram que Mandana, que é o nome da *arassara* do Lorde Dario, teve filhos gêmeos. Como se sabe, mães de recém-nascidos recebem salários maiores, de acordo com a lei Persa. Elas recebem salários ainda maiores quando têm meninos. Imagine o tamanho do aumento quando são meninos gêmeos. Aqui as coisas se tornam interessantes. O aumento dos ganhos conferido a Mandana é dez vezes maior do que normalmente teria sido dado a uma mulher na sua posição.”

“Espere! Eu pensei que você disse que ela era solteira,” Pari interrompeu.

“Nunca conheci uma *arassara* que não fosse.”

“Podem parar de achar que essas crianças pertencem ao Lorde Dario agora mesmo,” disse Bardia, fazendo cair por terra uma das minhas teorias favoritas. “Se o meu senhor tivesse tido filhos gêmeos, independe de quem fosse mãe, ele os teria reconhecido publicamente ao invés de escondê-los e sustentá-los secretamente. Esta não é uma família que nega seus filhos.”

Sua objeção soou verdadeira. A aristocracia não era muito exigente sobre o local de onde seus filhos vinham, desde que fossem produzidos. Nada demonstrava mais a virilidade de um homem, fora suas realizações em combate, do que o número de filhos que possuía.

Ter filhos gêmeos era um motivo de orgulhar-se publicamente, não algo a ser escondido em um canto escuro.

“Teispes, então?” Disse Shushan.

“Não é impossível,” eu disse. “Os ganhos de Mandana têm subido a cada ano, de modo que, de acordo com os registros, ela agora recebe o equivalente a vinte *arassaras* de honra. Isso não é normal.”

“Esse verme desse administrador está levando essa propriedade à falência a fim de sustentar a sua amante?” Shushan explodiu.

“Sustento em grande estilo,” disse Pari. “Ela deve estar tão rica quanto uma sátrapa agora.”

Eu arrumei a minha manga torta. “Suposições e conjecturas. Nós não podemos provar nada disso. E embora pareça razoável, poderia haver dezenas de outras explicações. O Lorde Dario pode estar por trás desse acordo.” Levantei minha mão como uma proposta de paz antes que Bardia pudesse discordar.

“Não que ele seja pai dos gêmeos, mas por razões desconhecidas por nós.”

“Meu mestre não permitiria que esta propriedade caísse em ruí-

na de propósito. Essa era a propriedade favorita de sua mãe e ele tem uma terna consideração por ela.”

“Então por que ele iria permitir isso? Por que ele não acabou com isso nesses três anos?”

“Ele não sabe. Aqueles entre nós que estão próximos dele desde a sua infância não têm a intenção de sobrecarregá-lo com queixas.

Os servos mais novos têm medo de abordá-lo. Além disso, Teispes sempre contrata servos temporários durante as visitas do meu senhor. Ele faz com que as áreas mais visitadas pelo Lorde Dario estejam em boas condições.”

“Bardia, está nos registros. Ele não sabe ler?”

“Meu senhor sabe ler e escrever. Ele inclusive fala três idiomas.

Mas estar atento às contas não é um dos seus pontos fortes. Você disse que a renda e as despesas de suas propriedades não mudaram desde a chegada de Teispes. Duvido que o meu senhor as teria examinado depois disso. Você é uma escriba e levou dias para encontrar a fonte

do problema. Ele com certeza não viu.”

Angustiada porque o argumento razoável de Bardia deixou lacunas em minhas próprias teorias, passei a mão pela minha cabeça, um movimento que foi impedido pelas presilhas que Pari tinha colocado no meu cabelo. Eu estava presa por todos os lados: pela ausência de Dario, pelo sigilo desonesto de Teispes, pela minha incapacidade de viajar, por minha falta de acesso a mensageiros reais.

Agora, até mesmo o meu cabelo estava preso. Eu enviei um olhar mal-humorado para Pari.

“Precisamos de mais informações. Eu precisaria conseguir um mensageiro real.” Cada resposta que precisávamos estava em Ecbátana. E estávamos presos aqui. Um mensageiro, no entanto, seria capaz de ir onde não podíamos.

Mensageiros reais tinham permissão especial para viajar por estradas públicas. Embora a Pérsia tivesse um dos sistemas viários mais complexos do mundo, eles eram fortemente vigiados.

Os viajantes precisavam de vistos especiais, algo a que eu já não tinha acesso sem o poder da minha antiga empregadora ou a influência do meu marido. Teispes era quem estava no lugar do meu marido. Ele tinha o selo de Dario. Se eu quisesse viajar, ou até mesmo enviar um mensageiro, precisaria da permissão de Teispes, o que não aconteceria tão cedo.

“Você precisa enviar uma mensagem?” Bardia me perguntou, com um brilho em seu rosto. “Eu posso ajudar com isso.”

A manhã seguinte começou com alguma emoção. Pari, o cão e eu estávamos descendo pelos degraus de pedra que levavam ao jardim quando uma das pedras, inexplicavelmente, soltou-se. Todo o meu peso estava sobre ela quando ela saiu debaixo dos meus pés, fazendo com que eu torcesse o meu tornozelo direito. Perdi o equilíbrio e caí de cabeça. Cáspio, de alguma forma, conseguiu colocar-se onde eu aterrissei, evitando o pior na minha queda.

“Você está bem?” Pari e eu gritamos ao mesmo tempo, ela falando comigo, e eu com o cachorro. O cão escapou milagrosamente sem ferimentos, mas meu tornozelo doía pulsando persistentemente, o que me impediu de tentar movê-lo por algum tempo.

Bardia deve ter ouvido nossos gritos de socorro pois ele correu para perto de onde estávamos depois de alguns minutos na companhia de um rapaz que eu nunca havia visto antes.

“Minha senhora! O que aconteceu?”

“Ela caiu da escada e machucou o tornozelo,” disse Pari.

Bardia abaixou-se para examinar a parte que estava machucada.

“Não parece estar quebrado. Devo levá-la a um médico?”

“Não. Eu só preciso de alguns minutos para recuperar o fôlego.”

Pari sacudiu a cabeça. “Uma das pedras se soltou. Este lugar está caindo aos pedaços por falta de cuidados adequados. É perigoso.”

O jovem foi examinar a pedra. Agachou-se ao lado dela por alguns instantes antes de arrumá-la. “Estranho,” disse ele.

“Devo apresentar-lhes esse jovem,” disse Bardia. “Este é o meu neto, Gobry. Quando ele era um menino, ele me ajudava aqui, mas agora ele é um mensageiro real.”

Várias coisas se encaixaram ao mesmo tempo, fazendo-me esquecer o desconforto no meu tornozelo. Em primeiro lugar, o neto de Bardia era um mensageiro, exatamente a pessoa que eu precisava para aprofundar minhas investigações.

Em segundo lugar, Gobry era o diminutivo de Gobryas, um nome familiar para mim em meus estudos dos registros de Dario. Para meu espanto, descobri que durante vários anos a maioria dos rendimentos de Bardia tinha sido dirigido a um Gobryas, presumivelmente o mesmo jovem que estava ali comigo. E agora eu sabia o porquê.

Na teoria, pelo menos, qualquer homem na Pérsia podia receber uma educação de um filho de um *lorde*. Na prática, porém, as questões financeiras faziam com que isso fosse um sonho impossível. A maioria das famílias precisava que seus jovens trabalhassem o mais cedo possível, a fim de aumentar os seus rendimentos. Havia a complicação adicional de custo; educar um jovem exigia recursos adicionais — comida, bebida, cavalo e sela, alimentação, taxas do estábulo, armadura, armas; tudo isso custava dinheiro. Era um empreendimento caro. Não era de admirar que Bardia tivesse tão pouco.

Ele tinha direcionado a maioria de seus salários para a educação de seu neto durante anos. Agora Gobry sabia montar como um nobre e tinha credibilidade para fazer entrega de mensagens contendo segredos de um império.

O terceiro pensamento que me veio à mente foi a percepção de que Gobry havia dito que havia algo de estranho com a pedra solta.

“Prazer em conhecê-lo, Gobry. O que há de estranho sobre a pedra?”

“Minha senhora,” disse ele, fazendo uma respeitosa inclinação, embora breve, em saudação a

mim. “Aquela pedra estava solta por acidente.” Ele pegou a laje plana e me mostrou seu lado de baixo.

“Consegue ver aqui, este dente? Isto vem de uma batida repetida por um instrumento sem corte. Alguém arrancou esta pedra do lugar.”

“Entendo,” eu disse.

“Você quer dizer que alguém quebrou isso de propósito para causar uma queda?” Pari perguntou, com as bochechas rubras, se de raiva ou de timidez eu não saberia dizer, por abordar um jovem atraente.

“Esta é a minha serva, Pari,” eu disse.

Gobry virou seus olhos para a minha serva envergonhada. “Parece uma suposição razoável.”

Eu me abaixei para arrumar os cadarços do meu sapato. “Eu temo que Teispes tenha descoberto os seus pergaminhos perdidos. Isso pode ter sido um aviso para que fiquemos fora dos seus negócios.”

“O mordomo?” Perguntou Gobry. “Eu vou arrancar a cabeça dele. Já não é o suficiente que ele maltrate o meu avô, mas começar a conspirar para prejudicar a dona da casa —”.

Eu limpei minha garganta. “Nós não podemos provar isso. Nem isso, nem mais nada. Mas você poderia nos ajudar a encontrar a verdade, Gobryas. Então poderíamos apresentar o nosso caso ao Lorde Dario e deixá-lo decidir sobre o assunto.”

Ele colocou a mão espalmada sobre o seu peito. “Eu vivo para servir, minha senhora.”

Rapidamente, expliquei para Gobry a nossa situação. “O que preciso é de alguém que possa ir para Ecbátana e descobrir este mistério.” Eu não poderia enviar um mensageiro real em uma missão pessoal para mim, é claro. Eu não tenho a autoridade. “É possível que você seja enviado para uma missão em Ecbátana em breve? Assim, enquanto estiver lá, você poderia, talvez, trabalhar um pouco para a casa do Lorde Dario?”

“Fácil de programar. Com tantas cortes em Ecbátana, mensagens são enviadas para lá quase que diariamente. O que gostaria que eu fizesse quando eu estiver na cidade, minha senhora?”

Eu não precisava ser lembrada de que a corte residia em Ecbátana; se não fosse pelo meu casamento, eu também estaria lá agora.

“Nós temos que descobrir se Mandana está envolvida com Teispes,” eu disse. “Será que

alguém na cidade sabe quem pode ser o pai dos gêmeos? Traga-me qualquer novidade que você possa conseguir, mesmo que sejam apenas fofocas da cidade.

“E encontre-se com Mandana pessoalmente. Traga sua opinião sobre ela. Às vezes perguntas diretas são a melhor maneira de conseguir informações.”

Mensageiros reais foram treinados para serem discretos, bem como rápidos. Apesar da espionagem ser algo não habitual ao trabalho de Gobry, eu tinha certeza de que ele poderia fazê-lo. Mas eu também tinha visto que a nossa raposa doméstica tinha dentes afiados. “Tenha cuidado, Gobry,” eu disse. “Isso pode ser mais perigoso do que se pensa.”

Ele abriu um sorriso. “Minha senhora, isso apenas melhoraria a minha viagem.”

“No entanto, você deve prometer que, se você sentir qualquer ameaça, você vai procurar o Lorde Dario no palácio e dizer-lhe tudo o que eu lhe disse.”

Fiz o jovem rapaz me ajudar a voltar aos meus aposentos, mesmo não havendo uma real necessidade de sua assistência. Ele me segurou por um braço e Pari pelo outro, e eu fui mancando pelo caminho. Eu tinha minhas razões para essa falsa dependência.

Eu tinha certeza de que o mordomo estava nos assistindo desde o momento em que deixamos a casa. Ele pode não ter ouvido a nossa conversa, mas sem dúvida, tinha se posicionado de modo a poder ver o resultado de suas travessuras. Ele deve ter ficado desapontado por eu não ter aterrissado de cabeça. Agora, eu queria que ele acreditasse que eu sentia mais dor do que realmente estava sentindo.

Quanto mais impotente ele me achasse, mais seguro se sentiria. Os criminosos, como animais selvagens, preferem se sentir seguros; eles se mostram menos perigosos quando se sentem seguros.

Eu tinha uma outra razão para levar Gobry para longe do seu avô. Eu não queria Bardia por perto enquanto dava para o seu neto a minha última carta. Nos meus aposentos, tirei minha modesta bolsa com moedas de ouro e de prata, o pagamento da rainha para os meus anos de serviço. Foi ideia dela me pagar em moedas reais, ao invés de suprimentos alimentares como era comum, pois ela disse que seria mais sensato dispor de recursos financeiros que não dependessem de outros. O valor de suprimentos alimentícios relativos a três anos precisava de espaço para armazenamento, conexões para uma troca justa, cartas, reuniões; tudo isso teria exigido um mordomo. Damaspia talvez não tivesse noção da desonestidade de Teispes, mas sua cautela instintiva se provou indispensável.

Eu não tinha muitas moedas sobrando depois de ter quitado minhas dívidas com a rainha. Dei

algumas para o jovem.

“Gobry, use isso durante a sua busca, se precisar. Tente economizar o máximo que puder. Quando você voltar, quero que compre os materiais necessários para consertar a cabana de seu avô, se o Lorde Dario se recusar a fazê-lo. A umidade está se infiltrando e me preocupa com ele pois o outono está chegando. Você acha que pode fazer isso?”

Ele se curvou na altura da cintura. “Minha senhora é muito gentil.”

“Um último favor. Não quero que o seu avô saiba de onde o dinheiro veio. Ele é um homem orgulhoso.”

Esperar pelo retorno de Gobry provou ser bem difícil para mim.

Eu havia arrancado o máximo de segredos possíveis dos rolos de Teispes. Meu tornozelo estava muito dolorido para que eu me permitisse praticar qualquer atividade extensa. Senti-me inútil.

“Você vai ficar se lamentando o dia todo de novo?” Pari me perguntou enquanto pegava meus lençóis para lavar.

“Deixe-me em paz.”

“Por que você não quer conversar sobre isso? Iria fazer com que se sentisse melhor.”

Eu resmunguei. “Vá embora.”

“Pois não vou.”

Dei uma risada sem graça. Minha serva estava descontente com minhas escolhas e desconsiderava as minhas ordens muito frequentemente. Cáspio, o cachorro do meu marido, estava insatisfeito com o meu desempenho como sua dona desde que eu machuquei meu tornozelo e fiquei sedentária. Meu jardineiro desaprovava minha atitude para com o meu marido. Minha cozinheira achava que minhas maneiras não eram boas o suficiente. O Senhor Deus com certeza estava desapontado pelo fato de que eu raramente lhe dirigia um pensamento. Eu não estava agradando a ninguém, incluindo a mim mesma. “Que vida,” murmurei baixinho. Não tinha imaginado que Pari pudesse estar me ouvindo; mas como tinha ouvidos aguçados aquela menina.

“O que há de errado com sua vida?”

“Minha vida não faz sentido. Eu não consigo nada. Não ajudo ninguém. Eu sou um grande

desperdício.”

“Não ajuda ninguém? Você está falando sério? O que você fez além de ajudar, desde que saiu da sua cama?”

“O que eu consegui realmente? Nada. Apenas irritar o mordomo.”

“Minha senhora, você tem cuidado de nós, que é a coisa mais importante que qualquer um pode fazer por outra pessoa. Você mostrou interesse nas nossas necessidades. Você nos fez sentir valorizados ao se preocupar conosco. Mesmo que nada aconteça a partir dessas tentativas, ainda assim nos alegraremos pela sua preocupação.”

Balancei minha cabeça e descartei suas palavras. Ela me ignorou, um hábito irritante que havia adquirido ultimamente.

“Você se lembra do salgueiro que Bardia lhe mostrou? Lembra do que ele disse sobre ele: que o mestre não o amava por causa de sua utilidade, mas por causa do ele que era. *Ele toca a alma, isso é tudo*, disse ele.”

“E daí?”

“Você é como aquela árvore, minha senhora. Não é o que você produz ou consegue que a torna maravilhosa. É quem você é. Sua bondade, seu cuidado. A maneira como você se preocupa com o bem-estar de todos, mesmo o de um cachorro. A maneira como você

nos faz rir. A maneira como você fica de joelhos e limpa a casa de um servo. A maneira como você enfrenta um valentão como o Teispes sem deixar que o medo a impeça.

“A mente afiada que busca os mistérios sobre o pergaminho é apenas uma pequena parte de você. Nesta casa, tenho visto muito mais de você. E, minha senhora, eu lhe digo, você é o nosso salgueiro. Todos nós descansamos em sua sombra.”

Ela virou-se com um movimento rápido e começou a agitar os lençóis com um movimento de indignação. Para o meu espanto, eu vi que estava chorando. Levantei-me da cama e me aproximei dela, sem saber o que fazer ou dizer. Ela notou que eu estava me aproximando e largou os lençóis. Sem perceber, vi-me envolta em um forte abraço. Isso já tinha ido tão além do que eu já tinha vivido que no começo não sabia o que fazer. Então levantei meu braço endurecido e dei um tapinha no ombro dela uma ou duas vezes.

Ela riu e deu um passo atrás. “Você vai ter que aprender a abraçar melhor do que isso, minha senhora.”

Eu também ri, liberta de forma inexplicável dos meus pensamentos escuros. No fundo da minha mente foi plantada a ideia inconcebível de que a minha presença, não o que eu poderia fazer ou como eu poderia servir — mas o meu simples jeito de ser, poderia ser uma alegria para outra pessoa.

Capítulo Treze

Naquela noite eu sonhei que eu ainda trabalhava para a rainha.

Ela entrou correndo em meu escritório e gritou: “Você não é boa o suficiente. Vá embora imediatamente.” Eu não tive tempo para explicar ou implorar. Os guardas do palácio arrancaram as minhas roupas e eu fiquei nua e muito envergonhada diante de todo mundo.

Depois eu fui expulsa do palácio.

Voltei à consciência com o coração disparado, coberta em suor.

Enterrei meu rosto no travesseiro. Ó Deus, quando é que essa ferida será curada?

Dois dias depois meu tornozelo havia melhorado o suficiente para eu fazer uma longa caminhada à procura de Bardia. Ele estava nas vinhas, um trecho de terreno montanhoso situado fora dos jardins da propriedade, além do portão oriental. Demorou uma hora para que o encontrássemos; Cáspio perseguia cada coelho e cada pássaro pelo caminho. Ele os aterrorizou de tal forma que eu duvido que eles se atreverssem a retornar para esse lado da terra por uma semana.

Bardia nos deu um alegre cumprimento logo que nos avistou.

“O que você está fazendo?” Perguntei assim que eu vi a montanha de galhos em seus pés. Ele tinha cortado a videira até não haver mais nada além de alguns finos pedaços de cascas e folhas insignificantes. Em comparação, as plantas não podadas pareciam saudáveis e robustas.

“Podando.” Eu não senti firmeza nem na economia de palavras em seu discurso e nem na notável calma com o qual ele continuou cortando.

Metade de mim pensou que um homem que cresceu na terra sabia fazer o seu trabalho melhor do que uma escriba como eu. A outra metade pensou que qualquer pessoa de bom senso podia ver que o jardineiro-chefe estava indo longe demais. Ele estava arruinando a vinha. A metade de mim que apostou no bom senso ganhou.

“Bardia, pare!” Ordenei. “Você vai destruí-la.”

Os dedos ocupados ficaram imóveis. “Destruí-la, minha senhora?”

“Não sobrou quase nada enraizado no solo.”

Ele deu uma risada cínica. “Isso é o que significa podar.”

“Isso significa que você deve destruir a videira?” Tentei suavizar a minha voz, mas ainda assim, saiu áspera.

Suspirando, o velho colocou a sua pequena faca no chão. “A videira não tem alimento suficiente para nutrir todos estes ramos. Em duas primaveras, a planta pode até crescer, mas a maioria dos seus cachos de uva não vai nem mesmo amadurecer. E os que amadurecerem serão de má qualidade.”

Eu apontei para o chão. “Talvez, se você os alimentar melhor, eles possam dar conta do crescimento. O solo parece muito ruim aqui.” Eu não sei por que eu estava sendo tão dura. Eu sabia que Bardia não tinha ajuda suficiente. Como ele poderia alimentar essa videira? Ele tinha feito o que podia.

Bardia não parecia ofendido pelo meu desabafo. Com calma, ele disse: “Sim, é um solo muito pobre. Mas é disso que a videira precisa, minha senhora.”

“A videira precisa de solo ruim?” Levantei minhas sobrancelhas.

“Você acabou de dizer que ela não tem alimento suficiente.”

Ele pareceu estar pensando na sua resposta por alguns momentos, em silêncio, e eu pensei que finalmente o tinha levado a entender o raciocínio. Em vez disso, ele me chamou para ficar ao lado dele.

Estávamos perto do topo de uma encosta e ele apontou para baixo de nós. “O que você vê, minha senhora?”

Protegi meus olhos do sol. “Um vinhedo,” eu disse com um encolher de ombros.

“Não é qualquer vinha, mas uma das melhores da Pérsia. O próprio rei pede o vinho desta terra todos os anos. O meu senhor possui muitas vinhas, mas nenhuma produz vinhos que possam se comparar com os dessa vinha. Sua safra é pequena, mas excelente. “Poderia dar mais fruto se nós alimentássemos a terra de forma mais rica? Possivelmente. Mas então não teria o mesmo sabor.” Ele se abaixou e pegou um punhado de solo rochoso para me mostrar. “Este é o segredo da videira. Este solo pobre, este sol e esta inclinação.”

“Eu não entendo,” eu disse, começando a me lembrar de que ele tinha grande habilidade e anos de uma experiência aperfeiçoada.

Com um arrepio, percebi que eu estava fazendo papel de boba tentando corrigir um homem que tinha mais conhecimento do que eu jamais poderia pensar em obter.

Ele sorriu para mim gentilmente, como se ele pudesse sentir o meu desconforto e não tivesse interesse em caçar de mim. “Deixe-me compartilhar com você o segredo da videira, minha senhora.

“A videira precisa sofrer. Descendo nesta terra — lutando para sobreviver no terreno rochoso entre as pedras calcárias — isso é o que lhe dá o seu aroma. Seu sabor. O seu carácter único.

Estas uvas irão dar um vinho que apenas alguns outros vinhedos podem dar, não porque sua vida foi fácil, mas porque eles tiveram que lutar para sobreviver.”

Eu fiquei pasma. “A videira *precisa* sofrer?”

“Para ter a melhor qualidade, ela precisa sofrer sim. E lutar.”

“Sinto muito por isso, então. Nenhuma criatura deveria ter que suportar dor.”

“A dor faz parte desta vida. Ninguém pode escapar do sofrimento. Nem a videira, nem nós seres humanos, como você bem sabe, minha senhora. Mas e se nós formos como a videira, e se apenas a aflição for capaz de nos fazer melhores?”

Bardia estava certo em uma coisa; lutar bravamente era parte da vida. O mundo em que eu vivia não era o Éden; eu não precisei que a fé me ensinasse isso. A evidência aos meus olhos era mais do que suficiente. Este mundo por sua própria natureza estava cheio da bebida de gosto amargo que é a tristeza. Eu não tinha bebido deste cálice desde a minha infância? Não tinha perdido minha querida mãe? Não sabia do desinteresse de um pai que não conseguia me amar? Não passei noites e dias nas garras do medo, achando que eu iria falhar, mesmo depois de eu receber um chamado que alimentou minha alma? Eu não havia perdido aquilo a que eu me agarrava com tanta força? Não estava dentro de um casamento estéril? Não havia ficado presa nas garras de um homem traiçoeiro que ainda estava tentando me destruir?

Abaixei para pegar um galho que Bardia tinha recentemente cortado e descartado. Ainda estava verde e parecia fresco, mas sob o sol quente, cortado de seu caule, ele iria murchar e morrer em questão de horas. Estudei as lindas e largas folhas e disse: “É terrível que essas pobres plantas tenham que lutar contra o próprio chão ao qual estão enraizadas. Você tem que aumentar a dor da videira cortando-lhe os ramos, Bardia?”

Bardia pegou a sua pequena faca novamente e examinou-a com uma intensidade silenciosa.

No sol, a lâmina brilhava como um raio de luz estrelar. “Entenda, minha senhora, que eu sou jardineiro e eu sei o que a videira precisa para prosperar. Você só vê o que eu arranco, mas eu corto a videira a fim de restaurá-la. Eu a podo para enriquecê-la. Você está segurando em sua mão um ramo murcho e isso é tudo o que você vê agora, mas eu sei que eu estou dando a videira uma vida mais abundante.”

Sem que Bardia soubesse, suas palavras foram ao encontro do meu coração. Como judia eu acreditava em um só Deus — um Senhor sobre o céu e a terra. Um Criador com o poder perfeito. E esse Deus, em uma metáfora que Bardia provavelmente não conhecia, muitas vezes referiu-se a Si mesmo como um jardineiro e a Israel como Sua vinha.

Duas coisas roubaram a minha respiração enquanto Bardia me ensinava o segredo da videira. Em primeiro lugar, o fato de que o sofrimento melhorava o caráter do fruto da videira. Uma vida fácil, perfeita e confortável só iria estragar tudo. Se a minha vida fosse algo parecido com a videira, então essas dificuldades que eu estava enfrentando não iriam me arruinar. Elas poderiam muito bem ser a minha redenção.

Em segundo lugar, na estação certa, Bardia, o jardineiro perito, Bardia, o zelador zeloso, Bardia, aquele de quem estas plantas dependiam para sobreviver, cortava e podava a videira. Ele aumentava o seu sofrimento. Ele a desnudava até que, do meu ponto de vista pelo menos, não restasse nenhuma vida. Ainda assim, a videira necessitava desse cuidado implacável. Bardia afirmou que cortou a videira a fim de restaurá-la; ele a depenou para enriquecê-la.

Eu sabia que ele estava sendo seletivo naquilo que ele chamou de sofrimento da videira. Ele não permitiria que as pragas destruíssem as plantas, por exemplo, e não deixaria que as ervas daninhas se aproximassem. Embora ele estivesse sem ajudantes, não havia sinal de pragas ou besouro perto da plantação. Ele sabia o que podia destruir, o que devia melhorar, o que tinha de proteger.

Se Israel era a vinha de Deus, seria eu uma das suas pequenas videiras? Seria Ele, o Bardia da minha alma? Será que Ele me protegia do que podia me destruir? Estaria Ele podando-me agora, de propósito, só para me dar uma vida mais abundante? Será que eu, um dia, daria frutos dignos da mesa do rei?

O pensamento trouxe lágrimas aos meus olhos. Eu não iria deixá-las cair. Segurei o ramo que estava morrendo, que Bardia tinha cortado, até os meus dedos ficarem dormentes. Esta era a vida que eu queria, e Deus a tomou de mim. Eu não queria um fruto mais abundante. Só queria o que eu tinha anteriormente.

Enquanto esperávamos pelo retorno de Gobry, formei um plano. Precisávamos descobrir o

máximo que pudéssemos sobre Teispes.

Seus hábitos, suas conexões e seus passatempos poderiam nos dar pistas sobre o mistério da má gestão da propriedade. Isso nos remeteu às segundas-feiras. Para onde Teispes ia e ficava por tanto tempo? E com quem ele passava seu tempo?

A única maneira de descobrir seria seguindo-o. Eu não podia levar todo mundo; ele iria perceber se eu levasse tanta gente. Nem me atreveria a ir sozinha, pois se algo desse errado, eu iria precisar de ajuda. No fim das contas, eu levei Bardia comigo e convenci Pari e Shushan a ficarem em casa. Elas poderiam procurar ajuda no caso de nós não retornarmos.

Eu não dormi na noite de domingo. Passei horas ponderando se o meu precário plano daria certo. Teispes não era um homem para se brincar. Eu sabia que ele era perigoso. Meu esquema havia exposto tanto a minha vida quanto a de Bardia a um perigo muito grande. E para quê? Para capturar um mordomo desonesto? Se meu marido não se preocupava com o estado de sua propriedade, por que eu deveria?

Mas isso não era por causa da propriedade ou do dinheiro. Isso era por causa do bem-estar dos. . . dos meus amigos. De repente, eu percebi que já há algum tempo eu não vinha pensando nessas pessoas como meus servos. Eu os via como meus amigos. Eles tinham me oferecido um tipo de amizade que eu nunca tinha conhecido.

Eles tinham procurado a minha companhia e consideravam isso uma alegria. Eles ouviam os meus temores e me confortavam. Eles tinham me conhecido no meu pior estado e permaneceram ao meu lado. Eu tinha que fazer o que fosse possível para aliviar os seus infortúnios.

Enquanto o horizonte ainda estava escuro, vesti-me com a ajuda de Pari e me encontrei com Bardia à porta do quarto do mordomo. Nós não tivemos que esperar por muito tempo. Ele saiu, parecendo bem descansado. Havia pressa no seu longo passo enquanto ele se dirigia para os estábulos. Eu gemi no meu interior, lamentando sua expressão alegre; lamentando seu sono revigorante; e acima de tudo, lamentando a sua escolha enquanto caminhávamos para o destino.

Eu tinha pensado nessa eventualidade, é claro. Era a possibilidade mais provável dada a distância entre o palácio e a cidade. Mas eu não estava gostando de nada disso. Eu não poderia montar em um cavalo para salvar minha vida, e os burros me faziam ficar enjoada.

Nós escolhemos um burro. Pelo menos nós não precisaríamos nos preocupar com documentos de viagem; nós estávamos indo a um subúrbio de Persépolis.

Bardia e eu compartilhamos um animal dócil enquanto seguíamos Teispes a uma distância segura. Bardia, acostumado a montar o animal não treinado, sentou-se na frente e guiou o animal

de difícil manejo, enquanto eu sentada atrás dele agarrava a cintura magra do jardineiro, torcendo para que eu não caísse.

No momento em que Teispes entrou no centro de Persépolis, o sol estava nascendo ao leste, com uma aparência tão magnífica quanto a de uma coroa real. Sua visão gloriosa não causou nenhuma impressão em mim. Eu tinha apenas um desejo: que o mordomo chegasse em sua misteriosa missão para que eu pudesse descer dessa criatura que só balançava. Meu desejo foi atendido mais rápido do que eu imaginava. Em uma rua repleta de lojas, ele parou o seu cavalo e entregou suas rédeas para um rapaz que o estava esperando.

Bardia e eu paramos longe por medo de que ele pudesse nos notar. Entretanto, Teispes parecia não notar a nossa presença, e subiu um lance de escadas de madeira até o último andar de um edifício comercial. Eu fiquei para trás e examinei a rua. Muitos dos edifícios mais baixos eram ocupados por modestas oficinas de sapateiros, oleiros e tabernas. O andar superior, em contraste, parecia residencial.

Embora não fosse um bairro de luxo, não era tão barato também. Os edifícios pareciam estar em bom estado de conservação, a rua larga e limpa, com vasos de flores em miniatura ostentando cores alegres na frente de muitas das lojas.

“Espere aqui,” eu disse a Bardia; ele estava grudado em mim como uma cola, seguindo cada passo meu. Eu virei os olhos.

“Está bem. Fique em silêncio, e não interrompa, não importa o que eu disser.”

Em um andar abaixo do apartamento para onde Teispes havia se dirigido, havia um comerciante que estava começando a abrir a porta da sua pequena loja.

Cosméticos. Fabulosos. O único cosmético que eu sabia alguma coisa a respeito era o kohl; eu tinha visto uma vez as servas da rainha preparando uma quantidade do pó preto para usar nos olhos com o objetivo de escurecê-los. Com paciência meticulosa, elas tinham queimado amêndoas e pistaches, uma de cada vez. A fuligem tinha sido recolhida no fundo de uma tigela de barro e raspada para ser usada como kohl.

“Você tem kohl? Feito de amêndoas novas e frescas,” perguntei, tentando soar como se eu soubesse o que estava falando.

“Eu tenho vinte e três variedades, senhora. Qual você gostaria?”

Eu quase me engasguei com minha saliva. *Vinte e três variedades?* Quantas maneiras diferentes existiam de se queimar uma amêndoa até virar cinzas? Eu apontei a esmo para uma

ânfora de prata.

Era pequena o suficiente para não custar uma fortuna. Ele deu um preço que quase me fez engasgar novamente.

Depois de mais algumas tentativas e de pechinchar muito, eu me tornei proprietária de um kohl de que eu não precisava. No entanto, o meu comerciante estava com um humor expansivo, e era disso que eu precisava.

“Eu estou procurando um lugar para alugar na cidade. Um amigo me disse que o apartamento acima de sua loja pode estar disponível.”

“Aquele ali?” O comerciante ajeitou o chapéu arredondado.

“Aquele está bem ocupado. Você está mal informada.”

“Você tem certeza? Meu amigo parecia certo de que o apartamento iria ficar vago.”

“Nunca. Esses quartos estão ocupados por Aspasia. Ela está muito bem. Ela pode ser uma cortesã, mas só tem um cliente, e ele cuida bem dela; sim, ele cuida. Na verdade, você acabou de perdê-lo; ele está lá em cima agora.”

Bardia começou a limpar a garganta. Cutuquei sua costela com meu cotovelo e ele ficou quieto. “Uma *hetaira*, é o que ela é?

Sabe se ela precisa de alguma ajuda? Eu preciso mesmo de uma parceira.”

Bardia começou a tossir violentamente. Eu dei um tapa nas suas costas.

“Ele está bem?” O comerciante perguntou.

“Ah sim. É a idade, você sabe. Tão difícil de encontrar um bom ajudante nos dias de hoje,” eu disse. “E sobre essa Aspasia.”

“Está certo. Você queria saber se ela está no mercado para uma parceira. Eu duvido. Ela não precisa, pois ela tem esse sujeito de queixo comprido que a visita pelo menos uma vez por semana às segundas-feiras, faça chuva ou faça sol, e às vezes mais, quando ele tem chance. Ele paga tudo — o aluguel, suas roupas, sua comida.

Que necessidade ela teria de ter uma parceira?”

Seu olhar era ousado, na medida em que ele me examinava do topo da cabeça até a ponta dos

meus pés. “Agora, se você está procurando um protetor, eu poderia estar interessado em uma menina elegante como você. E então, qual é o seu preço?”

Esta foi a primeira vez na minha vida em que eu tinha recebido uma proposta, embora eu tenha inconscientemente procurado por isso. Eu não sabia se eu me sentia lisonjeada ou enojada. Parecia impossível que um homem pudesse realmente estar interessado o suficiente em mim a ponto de pagar por minhas atenções.

Antes que eu pudesse responder, Bardia avançou. “Você vai ter que falar comigo sobre isso, e eu estou ocupado hoje.” Então ele pegou minha mão e me arrastou atrás dele até que chegamos ao nosso burro que se encontrava amarrado; ele me colocou sobre o burro e juntou-se a mim antes que eu pudesse acenar um adeus ao meu novo admirador. Ele voltou para casa tão rápido que meus dentes estavam quase saltando da minha boca.

Enquanto saía dos estábulos, ele murmurava baixinho; eu não conseguia ouvi-lo bem, mas eu entendi algo sobre o seu destino se o Lorde Dario descobrisse aquilo. Eu o seguia, sentindo-me contida. Então notei que seus ombros estavam tremendo. Mas ele não estava tossindo.

“Você voltou cedo!” Pari gritou, assim que ela nos viu andando em direção a cozinha.

“Não cedo o suficiente,” disse Bardia. “Ela quase foi contratada como cortesã de um comerciante.”

“Como?”

“Eu estava tentando arrancar informações dele. E funcionou.”

“O que você descobriu?” Shushan perguntou.

“Nós vamos lhe contar, se você nos der comida,” eu disse.

Minutos antes, com enjoo por ter sido sacudida pelo burro, pensar em comida teria sido o meu fim. Agora, de pé em terra firme e livre do estresse da espionagem, meu estômago me lembrou de que eu não tinha comido nada desde o meio-dia do dia anterior.

Esquecendo as diferenças entre as nossas classes sociais, sentamo-nos juntos para uma refeição simples, de queijo de ovelha, pão achatado quente e lentilhas cozidas com cebolas, enquanto Bardia e eu compartilhávamos nossas aventuras com os nossos companheiros.

Pari sussurrou. “Que mulherengo, aquele mordomo safado.

Uma mulher em Ecbátana, outra em Persépolis. Onde é que ele arruma tempo?”

“Há algo suspeito aqui,” eu disse com a boca cheia de lentilhas.

“Nós sabemos disso,” disse Shushan.

“Não. Quero dizer alguma coisa que não faz sentido. Todo o dinheiro que ele poupa no funcionamento desta propriedade está sendo enviado para a fábrica em Ecbátana. Sabendo que é com esse dinheiro que ele está sustentando Mandana e os seus gêmeos, como ele está sustentando Aspasia? Ter uma cortesã em tempo integral não sai barato. Ele não consegue fazer isso com um salário de mordomo.”

“Ele deve estar administrando mal uma outra propriedade do Lorde Dario.”

“Eu não acredito nisso.” Eu tinha pensado anteriormente nessa hipótese de Shushan, então passei um bom tempo com os registros para ver se encontrava violações semelhantes em outros lugares. “Ele só é responsável por algumas propriedades. E pelo que pude ver, apenas duas delas apresentaram irregularidades consideráveis. Esta, e aquela em Ecbátana.”

“Então ele é o único responsável por uma cortesã que ele não pode bancar, e o pai de gêmeos que ele nunca vê,” disse Pari.

“Exatamente. Bem suspeito, como eu disse. Precisamos do relatório de Gobry, e então, talvez sejamos capazes de montar este quebra-cabeça.”

“Enquanto isso, minha senhora, espero que seus dias como uma *hetaira* estejam no fim. Eu não acho que o seu marido lorde aprovaria. E eu fiquei apavorado só de pensar sobre o que o seu sogro iria dizer.” Bardia tentou parecer sério. A visão dos seus cinco dentes saindo através de sua boca larga arruinou o efeito.

Eu levantei minhas mãos como se eu tivesse uma dúvida. “Eu não vejo por que eles deveriam se opor; eu sou uma menina de *classe*.”

Três pessoas gemeram em perfeita harmonia. “Está bem,” eu disse. “Eu estou me aposentando. Mas eu quero que vocês se lembrem de que foi uma carreira ilustre enquanto durou.”

Capítulo Quatorze

Gobry chegou cinco noites depois. Ele surgiu inesperadamente na porta da casa do seu avô; ele não teve a oportunidade de nos avisar sobre sua chegada. Ele deve ter tido que arrumar algumas conexões para conseguir completar sua missão para nós.

Os mensageiros reais normalmente viajavam em etapas. No final de cada etapa, o mensageiro entregava a carta a um mensageiro descansado que o esperava em uma casa real designada. Este processo acelerava a entrega da mensagem por todo o vasto reino da Pérsia. Independentemente do tipo de clima, sob a luz do sol ou na escuridão, os mensageiros reais entregavam as suas correspondências com uma eficiência inimaginável. Porém, raramente o mensageiro levava sozinho uma carta ao seu destino final se a viagem durasse mais do que um dia, como foi, certamente, a viagem para Ecbátana. De alguma forma, Gobry tinha conseguido ser enviado por todo o percurso de ida e volta de Ecbátana, o que significava que ele havia convencido alguém com autoridade para mudar as regras. Não era algo inédito, mas era necessário ser esperto e ter uma boa relação com as pessoas dentro da hierarquia. A realização desta missão deixou suas habilidades bem evidentes.

“Minha senhora, eu não posso ficar. Eu ainda tenho que me apresentar em Persépolis.” Ficou claro que Gobry tinha vindo diretamente para nos ver. Seu rosto estava cinza de cansaço e da poeira da estrada.

“Claro,” eu disse. “Diga-nos o que você puder.”

“Para começar, não existem gêmeos.”

“Não existem gêmeos?” Eu gritei.

“Nem mesmo uma criança, do sexo masculino ou feminino. É uma trama. Mandana nunca concebeu filhos. Além disso, eu investiguei por lá, e não há rumores de Mandana ter alguma vez se envolvido com algum homem.”

“Você se encontrou com ela face a face?”

“Sim. Ela afirma que não recebeu um aumento de salário nos últimos três anos. Seu estilo de vida é simples e parece confirmar essa informação. Eu entrevistei alguns dos seus trabalhadores. Todo mundo a admira muito. Ela é honrada e justa com seus empregados.

Nunca houve sequer um mínimo escândalo ligado à sua conduta.”

“Eu não entendo,” disse Pari. “Então para onde vai o dinheiro, se não vai para ela?”

“Teispes tem um intermediário em Ecbátana,” eu arrisquei.

“Sim ele tem, minha senhora. Seu irmão, para ser exato.”

“O que isso significa?” Pari perguntou.

Debrucei-me contra a parte de trás da minha cadeira. “Em vez de enviar os salários diretamente para Mandana, Teispes os envia para um agente. Este agente, então, paga a *arassara*. Mas ele paga uma fração dos salários que recebe.

“Enquanto isso, nos registros aqui, Teispes declara o pagamento maior e tem o recibo do seu agente para provar isso. Não há ninguém para comprovar a diferença. A *arassara* não tem motivos para opor-se ao montante do seu pagamento; ela só sabe que ela está sendo paga como de costume.

“A história toda sobre os gêmeos é uma invenção para fazer o aumento para Ecbátana aceitável no caso de alguém querer fazer perguntas, o que duvido que Lorde Dario alguma vez tenha feito.

Como Bardia havia falado antes, ele, como a maioria da aristocracia latifundiária, não está interessado nos detalhes de suas contas. Se elas parecem fazer sentido na superfície, ele fica satisfeito e deixa o resto para o seu mordomo.”

“Então Teispes e seu irmão estão dividindo o dinheiro extra entre eles?” Shushan perguntou.

“Exatamente. Não é um esquema sofisticado. Nós podemos facilmente provar a sua culpa agora que descobrimos os detalhes. Mandana deve ter os recibos de valores menores emitidos pelo agente.”

“Espere! Isso não implica apenas o agente? Talvez Teispes esteja tão no escuro quanto Mandana.”

Eu dei a Pari um aceno de aprovação. “Bem pensado. No entanto, como verificamos, ao contrário de Mandana, o padrão de vida que Teispes tem exibido está bem acima de suas condições há um bom tempo. Ele deve estar apaixonado por sua cortesã já que ele se recusa a compartilhá-la com outros homens. Quão longe ele iria para mantê-la?”

“Outro detalhe que aponta para o envolvimento de Teispes é que os salários atuais de

Mandana são ridículos. Qualquer mordomo iria investigar tal enorme irregularidade.”

“Junte isso à sua vida secreta e ao fato de que o seu agente não é um estranho, mas o seu próprio irmão; então a pilha de provas contra ele é tão alta quanto a Torre de Babel.”

“Obviamente Lorde Dario terá que fazer sua própria investigação e envolver o juiz local. Mas é hora de torná-lo ciente do que está acontecendo por trás dele.”

“Gobry, você já ficou tempo demais conosco. Estou muito grata pelo seu excelente trabalho. Eu não poderia ter encontrado um homem mais capaz, nem mesmo entre os empregados da rainha.” Bardia estufou o seu peito como se eu o estivesse elogiando.

“Faça o seu relatório no palácio,” eu continuei. “No entanto, venha nos visitar novamente quando puder. Enquanto isso eu vou redigir uma carta para o Lorde Dario resumindo o caso contra o seu mordomo. Se você puder nos ajudar e levar esta carta até Ecbátana, eu ficarei muito agradecida, Gobry, assim também como o seu senhor, sem dúvida. Qualquer mensageiro serve; você não precisa contar com favores especiais que o levarão a fazer toda a trajetória até lá novamente. Nós simplesmente precisamos que essa carta seja entregue ao Lorde Dario.”

A carta para o meu marido revelou-se complicada. Eu decidi elaborá-la como um documento oficial, ao invés de uma carta pessoal. No entanto, eu tinha um problema. Ele provavelmente suspeitaria de mim e imaginaria que eu estivesse envolvida em fraude, falsidade e roubo no momento em que ele lesse a primeira linha. O simples fato de eu acusar o seu mordomo iria provavelmente transformar o homem em um herói na mente de Dario.

Fiz umas cinquenta versões diferentes do que eu tinha na minha cabeça e descartei cada uma delas. Em um determinado momento, pensei em pedir para Bardia escrevê-la, porém Bardia não sabia escrever.

Quatro dias se passaram e eu ainda não tinha a carta. Para refrescar a cabeça, eu fiz uma caminhada solitária ao longo da avenida principal do jardim. Subitamente, Teispes apareceu diante de mim.

“Eu quero os meus pergaminhos de volta.”

“Como?”

Ele deu um passo em minha direção, ficando muito perto. Eu não queria mostrar o quanto estava intimidada por ele e mantive a minha posição.

“Os pergaminhos que você roubou de mim. Eu os quero de volta.” Seu hálito cheirava a

cebolas.

“Eles pertencem a meu marido, não a você. Se ele perguntar por eles, eu os entrego.” Puxei meu cachecol mais para perto, por cima dos meus ombros.

“Não se meta em meus negócios, mulher. Você vai se arrepender se o fizer.”

“Como se atreve a me ameaçar?”

Ele pegou a sujeira que se alojava debaixo de uma unha. “Vou fazer mais do que isso. Fique sabendo que você está sozinha aqui.

Quem veio visitá-la desde que o seu senhor a largou na minha porta?

Quem lhe enviou uma carta perguntando como você está? Você não é ninguém, e ninguém se importa com o que acontece com você, muito menos Lorde Dario.”

Engoli a seco. Eu havia me desesperado por horas com o fato de que não apenas Dario mas todo mundo na minha vida parecia ter me abandonado. Meu pai, Neemias, minha tia, meus antigos colegas de trabalho, a rainha — ninguém parecia se importar em perguntar sobre como eu estava nos últimos quatro meses. Eu poderia estar morta e ninguém saberia.

Teispes cutucou minha ferida até ficar roxa, eu pensei. Eu não iria ceder às suas táticas sujas. “Apesar do que você pensa, eu tenho amigos importantes.” Fiquei espantada ao descobrir que a minha voz estava firme. Eu forcei um sorriso em meus lábios. “É você quem vai se arrepender, se você se meter comigo.”

Ele cerrou seus dentes. “Devolva-me os meus registros.”

“Eu vou pensar sobre isso,” tendo dito isso, virei-me para caminhar de volta para o palácio. Eu não me senti segura até estar dentro dos meus aposentos com Cáspio e Pari ao meu lado.

Eu precisava daqueles registros para mostrar a Dario quando ele finalmente viesse investigar a minha reivindicação. Ele não iria confiar na minha palavra.

Minha única vantagem era que Teispes não tinha ideia do tanto que eu sabia sobre ele. Eu certamente não gostaria de enfrentá-lo, uma vez que ele descobrisse que cinco de nós tinham provas suficientes para pendurar a cabeça dele na extremidade de uma lança bem alta.

Depois do meu encontro com Teispes no jardim, eu não ia a lugar nenhum sem companhia. Sabia que Teispes não tinha esgotado suas ameaças. Cáspio, com o seu extraordinário e habitual senso de horário, desenvolveu uma intensa aversão pelo mordomo, o que significava que a

simples visão do homem fazia com que ele desse rosnados selvagens e latidos ameaçadores. O cachorro e eu nos tornamos inseparáveis.

Nós tomamos o cuidado de esconder os dois pergaminhos na cozinha. Parecia o lugar mais seguro. Shushan teve a ideia. Ela tinha um forno de pão defeituoso que não era usado há um ano. Nós envolvemos os pergaminhos em encadernações de couro e os escondemos na parte de trás do forno, cobrindo-os com lascas de madeira e cinzas velhas. Eu duvido que até mesmo Cáspio conseguisse desenterrá-los.

Nossa precaução pareceu sábia. Um dia, quando voltamos para meu quarto depois de uma visita a Bardia, encontramos o lugar em completa desordem. Teispes não tinha sequer se preocupado em esconder a sua busca. Demorou horas para arrumarmos o lugar.

Em cima da minha cama, encontramos destruído o pergaminho dos Salmos que Neemias tinha dado para o Dario no dia do nosso casamento. Em suas buscas grosseiras, Teispes tinha danificado o pergaminho. Eu o desenrolei com todo cuidado e descobri, para meu alívio, que poderia ser reparado. Sem pensar, comecei a ler.

Eu te amo, ó Senhor, minha força.

O Senhor é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador; o meu Deus é o meu rochedo, em quem me refugio.

Ele é o meu escudo, a força da minha salvação, minha fortaleza.

Invoco o Senhor, que é digno de louvor, e estou salvo dos meus inimigos.

Para minha surpresa, encontrei um estranho conforto nesses versos. Senti como se o homem que escreveu estas palavras conseguisse compreender a condição do meu próprio coração. Ele conhecia meus medos, meu senso de insuficiência, a minha batalha contínua para não desanimar.

Ele tinha sido perseguido por um rei poderoso, que tinha a intenção de matá-lo. Tinha perdido tudo por causa dessa perseguição incessante — casa, esposa, amigos, conforto. E ainda de alguma forma, através de provações angustiantes, através de cada erro de sua própria autoria, ele lutou contra o desespero e ganhou. No final, ele encontrou a paz no Senhor. E o Senhor permitiu que ele passasse por provas aparentemente impossíveis.

“O que é isso?” Pari perguntou.

“Você se lembra do menino Davi que lutou com Golias, o gigante? Ele cresceu e se tornou um rei sábio e poderoso. Mas antes disso, ele foi um músico, um soldado, um mercenário, um louco

e um poeta. Este é um de seus poemas.”

“Esse sim era um homem que tinha muitos empregos.”

“Ele fazia o melhor com tudo que lhe era confiado. Talvez fosse a maneira de Deus de treiná-lo para o futuro. Talvez Davi precisasse aprender a ser humilde antes que lhe fosse confiado um grande poder.”

“Será que o Senhor por fim o resgatou dos seus inimigos?”

“Sim.”

“Então, devemos pedir ao Senhor que nos resgate. Vou ser honesta, senhora; às vezes eu penso que Teispes é muito forte para nós.”

Eu sabia como ela se sentia. Achei irônico que alguém de nacionalidade persa lembrasse uma judia de pedir ajuda ao Senhor.

Era exatamente como Deus usava Pari para me trazer à humildade.

Então eu fiz o que ela pediu e ensinei-lhe como os filhos de Israel oravam. Fazia muito tempo que eu não orava. Percebi, afinal, que eu estava cercada por uma paz inesperada. Peguei o pergaminho de Neemias e coloquei-o cuidadosamente no meu peito.

No dia seguinte, Bardia informou que sua casa havia sido encontrada da mesma forma. Enquanto eu poderia suportar a intrusão no meu próprio domínio, o pensamento de que Teispes tinha desrespeitado o meu querido amigo e transformado a sua casa em uma bagunça me deixava indignada. Eu pensei até mesmo em soltar o cachorro atrás daquele ladrão boêmio. Depois eu lamentei o fato de que meus escrúpulos tinham me impedido de fazê-lo.

Eu agora estava vivendo no palácio do meu marido por quatro meses; mais de três meses se passaram desde que eu me levantei da escuridão da minha cama e resolvi viver.

Shushan insistia em uma refeição formal pelo menos uma vez a cada dois dias para me manter na prática do meu posto, disse ela. Uma noite, eu estava descansando em uma inestimável mesa dourada, esculpida por escravos jônios. Eu estava ainda mais dourada do que a mesa, graças a Pari. Ela tinha insistido em fazer em meu cabelo uma elaborada trança de cachos. Eu estava agasalhada, vestida com um dos trajes reais de Damaspia.

Uma seda azul-escura tinha sido feita para modelar a cintura e formava uma saia abundante feita de pequenas pregas que pareciam ondas cada vez que eu me movia. De forma inteligente, Pari tinha usado o tecido extra que ela tinha cortado do fundo para criar uma faixa modesta na

blusa.

Do nada, Shushan, exclamou: “Você está tão linda, minha senhora. Lorde Dario vai cair aos seus pés quando a vir.”

Eu estava engolindo um figo maduro quando Shushan fez o seu comentário. Eu o cuspi. Fiquei chocada a esse ponto.

Ninguém nunca tinha me chamado de linda antes. A não ser minha mãe. Eu — bem, eu era apenas boa com idiomas e somas.

“Não seja boba,” eu disse. “Eu não sou bonita.”

Pari fez um pequeno ruído em sua garganta. “Você é cega? Claro que você é linda. Você sempre foi; você simplesmente não sabia como cuidar de si mesma.”

Eu estava começando a ficar irritada. “Absurdo.”

Eu sabia que eu tinha mudado um pouco, com a constante atenção da Pari. Por um lado, eu tinha perdido peso. Minha própria decisão de comer refeições saudáveis, juntamente com o exercício diário que a minha nova rotina implicava, tinha me levado a perder o excesso de peso que eu tinha ganhado desde infância por causa da minha vida sedentária. Eu nunca seria uma Damaspia; nunca iria ter seus ossos estreitos e longa musculatura. Eu era baixa e redonda. Mas agora eu estava torneada e feminina. Eu estava aceitável, imaginei.

Mas ninguém no seu perfeito juízo iria me achar linda, e eu não queria construir esperanças vazias em meu próprio coração.

Retirei-me para o meu quarto, ignorando os olhares assustados das mulheres quando saí. O que eu precisava mesmo era focar na devastadora carta para Dario. Eu não podia me dar ao luxo de adiar isso por mais tempo. Gobry estava tentando encontrar um carteiro disponível para nós em breve, e eu tinha que estar pronta.

Sentei ao lado de Cáspio, peguei uma folha de pergaminho limpo e comecei a regidir a minha missiva.

Para Lorde Dario Pasárgada, amigo do Rei dos Reis, capitão do – O rosnado de Cáspio interrompeu minha linha de pensamento por um breve momento, antes que batesse na porta. Pari não teria causado aquele rosnado e nem o teria incomodado com sua batida.

Eu abri a porta e encontrei Teispes à minha frente.

“Minha senhora,” ele disse, e curvou-se.

Isso era algo novo. “Pois não.”

“Eu vim para lhe pedir desculpas.” Tentei esconder as minhas feições em algo parecido com uma indiferença. Ou pelo menos tentei não deixar transparecer o fato de que eu estava prestes a engolir a minha própria língua. “É mesmo?”

“Eu tenho me comportado de forma abominável. Mesmo tendo sido o seu senhor quem me deu as ordens para tratá-la de forma mais rude — rogo que me perdoe pela sinceridade — para tratá-la com desprezo, sinto vergonha de minha própria conduta.

Eu nunca deveria tê-la abordado de tal maneira, não importa o que meu senhor tenha me ordenado. Eu culpo as pressões deste trabalho. Eu administro tantas propriedades e, com o meu senhor sempre ausente, a responsabilidade recai inteiramente sobre os meus ombros. Eu nunca teria maltratado a senhora se eu não estivesse preocupado com tantos problemas.”

“Entendo.” Mas eu não entendia. Eu confiava naquele mordomo tanto quanto eu confiava em uma aranha que tecia uma teia para capturar uma mosca ferida. Eu imaginei que ele queria me amolecer a fim de que eu baixasse a minha guarda. Então eu forcei um sorriso em meus lábios e disse: “Diante dessas circunstâncias, vamos começar novamente?”

Ele curvou-se. “Minha senhora é muito gentil. Isso é realmente o que eu esperava”. Ele se abaixou e pegou uma bandeja.

“Uma oferta de paz,” disse ele.

Ele tinha me trazido vinho quente e tâmaras. O que chamou minha atenção, no entanto, foi a visão de um papel de pergaminho ao lado da bandeja. Eu peguei o pergaminho, preocupada com a sua proximidade ao vinho. Era uma cópia babilônica da Epopeia de Gilgamesh.

“Eu o encontrei na biblioteca do meu senhor. Eu imaginei que a senhora poderia se interessar.”

Uma vez que a biblioteca pessoal do meu marido ficava nos mesmos aposentos que os seus registros, eu não tinha tido a oportunidade de colocar minhas mãos em qualquer material de leitura desde que eu tinha chegado. Dar um pergaminho para uma faminta amante de histórias era a forma mais cruel de suborno. Eu quase sucumbi. “Obrigada,” disse eu. Coloquei o pergaminho em um sofá, peguei a bandeja e fechei a porta na cara dele antes que eu caísse em tentação.

Uma hora mais tarde, eu estava perdida na história de Gilgamesh quando Cáspio ficou parado do meu lado. Ele pulou e correu para a porta e começou a latir e choramingar, arranhando a porta com tanta força que eu pensei que ele fosse arrancá-la.

Então ouvi também o som de homens falando a distância. Cáspio estava agindo de forma selvagem perto da porta. Fiquei preocupada com o fato de que, se eu o deixasse sair, ele poderia morder alguém de fora que pudesse estar nos visitando. Tentei acalmá-lo com palavras de conforto, mas ele não quis ser acalmado. Por fim, segurei-o pela coleira e abri a porta com cautela, esperando para saber a identidade dos visitantes.

Cáspio saltou com tanta força que eu perdi o meu controle sobre ele. Ele se levantou sobre as patas traseiras e pôs as patas dianteiras sobre os ombros do homem em pé do lado de fora da minha porta.

O homem ficou preso sob a recepção extasiada de Cáspio, sua mão ainda levantada, claramente pego no ato de bater na porta. O cachorro começou a lambe seu rosto de maneira eufórica.

Eu dei um passo involuntário para trás, paralisada pela visão.

Minha carta permaneceria sem ser escrita, pelo que parecia. Meu marido tinha voltado para casa.

Capítulo Quinze

Eu tive pouco tempo para adequar a minha mente à chegada inesperada do Dario, enquanto Cáspio o mantinha ocupado com um delirante abraço de boas-vindas. Ele tinha feito a barba à maneira dos egípcios. Eu já tinha visto alguns outros jovens persas seguindo esta moda no verão, quando o calor torna a barba desconfortável. Barbeado, o seu rosto era ainda mais impressionante do que antes; porém, a ausência da barba fazia-o parecer estranhamente vulnerável. Pela primeira vez notei que quando ele ria havia covinhas em suas bochechas, e que todo o seu rosto se suavizava quando ele estava feliz.

Eu também vi que ele estava cansado. Olheiras marcavam seus olhos e ele parecia pálido. Cansado ou não, ele claramente apreciava a presença alegre de Cáspio.

“O que você está fazendo aqui, seu monstro sarnento?” Ele disse com uma risada que coloria a sua voz. “Abaixe-se. Senta.”

Para minha surpresa, Cáspio o obedeceu imediatamente. Ele nunca respondia aos meus comandos com nada menos do que um grande desdém.

Uma parte de mim teria preferido uma dor de dente a enfrentar a conversa que estava por vir. Outra parte de mim, no entanto, estava aliviada. Minha intuição dizia que Dario iria cuidar dos problemas com Teispes. Eu sabia que não teria mais de suportar o peso da responsabilidade.

É claro que eu ainda teria que fazê-lo me ouvir, o que era mais simples de falar do que de fazer.

Com Cáspio quieto e tranquilo, Dario então voltou sua atenção para mim. Franzindo a testa, ele disse: “Perdão, eu estava procurando o meu...” Ele parou de falar por um momento e olhou. “É você?”

Ele falou surpreso.

Por isso, eu não estava esperando. Será que eu mudei tanto assim desde que ele me encontrou naquela colina? Curvei-me. “Sou eu, meu senhor.”

“Bem. Você parece ter muitas faces.” Seu sorriso não era agradável. “Que conveniente.”

Escolhi ignorar sua provocação. Sem dúvida, muito mais comentários da mesma natureza

estavam por vir. Se eu respondesse a cada acusação amarga a fim de me defender, eu nunca iria resolver a questão do mordomo desonesto.

“Meu senhor, a sua chegada neste momento é muito apropriada.”

Dario encostou um ombro contra a parede e cruzou os braços.

“É mesmo?”

“Sim, de fato.” Eu limpei a garganta. “O fato é que eu tenho algumas más notícias.”

“Minha chegada é apropriada porque você tem más notícias?”

Isso é realmente típico de sua parte achar apropriado disseminar más notícias. Diga-me, esposa, o que é que você tem debaixo das mangas cobertas de seda desta vez?”

Afastei-me dele em um semicírculo de irritação. “Meu senhor, eu o humilhei uma vez, e eu sinceramente me arrependo disso,” eu disse, voltando-me para ele, desejando que ele acreditasse em mim.

“Um dia, espero que entenda que eu não fiz isso de forma intencional. Mas enquanto isso, estou aqui para lhe fazer bem.”

“Com certeza, faça sua boa ação. Faça o seu joguinho. Você vai ver que eu não sou um alvo fácil como Damaspia.”

Mais uma vez, ignorei o seu sarcasmo. “Posso lhe perguntar uma coisa? Você avisou Teispes sobre a sua vinda?” Pensei no acordo de paz que o mordomo havia me oferecido uma hora antes e me perguntei isso teria sido por conta de ele ter recebido o aviso da chegada de Dario e estar tentando proteger os seus planos.

Dario baixou as sobrancelhas. “Teispes. Não. Nós saímos de Ecbátana muito repentinamente e não tivemos tempo de avisar. Por quê?”

“Porque agora você vai ver por si mesmo como ele administra a propriedade enquanto você não está aqui.”

“Entendo. É sobre Teispes então, essa sua má notícia? Por acaso você acha que você faria um trabalho melhor administrando minha propriedade para mim?”

“Meu senhor, eu sei que você cavalgou bastante e deve estar muito cansado. Mas você se importaria de vir comigo visitar Bardia em sua casa imediatamente?”

Ele se endireitou e eu percebi que ele mal tinha prestado atenção em mim até agora. De repente ele ficou rígido e cauteloso. Ele ainda estava envolto em roupas de montaria de verão, calças escuras de linho e uma túnica de linho dividida na altura do joelho, dividida em ambos os lados para facilitar os movimentos. Não havia nada aristocrático nele; estava diante de mim um guerreiro completo. E o punhal da sua ira estava apontado para o meu coração.

“Se você tocou em um fio de cabelo daquele velho homem — se você já tentou manipulá-lo para fazer as coisas do seu jeito, prometo-lhe Sara, vou fazer da sua vida uma angústia.”

Longe de ficar irritada com a sua ameaça, fiquei animada por vê-lo protegendo Bardia. Eu poderia, pelo menos, respeitar isso. “Eu nunca iria prejudicá-lo, de nenhuma maneira,” assegurei-lhe. “Venha e veja por si mesmo.”

O sol havia se posto há muito tempo e eu sabia que iria encontrar o jardineiro-chefe em sua casa. Dario ordenou ao seu mastim que ficasse em meu quarto quando partimos. Percorremos o caminho juntos em silêncio. Tive que admirar a paciência de Dario. Nesse momento, eu teria feito muitas perguntas.

Antes de chegarmos na casa de campo, Bardia abriu a porta e correu para saudar-nos. “Meu Senhor! Meu bom senhor!” Ele gritou e segurou Dario em seus braços pegajosos, como se estivesse abraçando um menino em vez de um homem com o dobro do seu tamanho. Com espanto, vi meu marido receber aquele abraço sem pensar duas vezes ou hesitar.

“Como vai você, velho?”

“Muito bem. Por que você não nos disse que estava vindo?”

Seu senso de tempo é incrível, mestre. Estávamos prestes a mandar buscá-lo.”

“Podemos entrar, Bardia?” Eu disse.

Ele olhou para baixo. “Minha casa é —”

“O lugar perfeito para começarmos.”

Bardia concordou e nos deixou entrar. Dario o seguiu sem hesitar até que ele entrou e seus olhos se ajustaram à luz da lâmpada. “O que aconteceu aqui?” Ele explodiu quando olhou sobre ele e viu as paredes descascadas e o chão úmido. “Por que você está vivendo desse jeito?”

“A umidade do lago foi se infiltrando,” eu disse.

“Por que eu não fui informado sobre isso? Teispes sabe disso?”

“Sim, meu senhor. Eu mesma disse a ele, mas ele se recusa a fazer qualquer coisa sobre isso.”

“Isso é verdade?” Ele perguntou a Bardia.

“Sim, senhor.”

“Homem miserável! Eu vou falar com ele.” Dario saiu e foi tudo o que Bardia e eu conseguimos fazer para mantê-lo informado.

“Meu senhor,” eu ofegava. “Há mais, muito mais que você deveria saber antes.”

“*Mais?*” Ele parou e eu quase me choquei com ele.

“Talvez se nós formos para os meus aposentos primeiro, eu poderia dizer-lhe. Bardia pode se juntar a nós, se você preferir. Ele sabe tanto quanto eu.”

Dario assentiu e pôs-se a caminho com a sua marcha resoluta novamente. Quando chegamos à minha porta, eu estava sem fôlego.

Assim que entramos, Cáspio sentou-se, como que se culpando. A taça de vinho que o mordomo tinha trazido foi derrubada no chão,

seu conteúdo estava derramado sobre o piso; o cão tinha, obviamente, dado uma boa lambida.

“Cáspio!” gritei, puxando-o para longe do que restava do vinho.

“Você deveria ter vergonha de si mesmo. Olhe para essa bagunça.”

“Por que ele está aqui dentro?” Dario perguntou.

“Ele dorme aqui.”

“Aqui? Você transformou o meu melhor caçador em um cão de colo?”

Meu peito começou a coçar. “Ele estava faminto quando o encontramos. O que eu deveria fazer? Mandá-lo embora com fome?”

Além disso, ele mesmo decidiu que ele é o mestre do meu quarto.

Logo que entrou sentiu-se em casa. Ele tolera minha presença porque é generoso, pois com certeza ele acha que este quarto pertence a ele.”

“Onde está o responsável pela caça? Por que o meu cachorro foi deixado sem cuidados? Onde

estão os outros cães?” Sua ira saía por todos os poros enquanto ele permanecia nos meus aposentos, fazendo com que esse lugar diminuísse com a força de sua presença. “O que está acontecendo aqui?”

“Será que você não prefere se sentar, meu senhor?” Sugeriu, na esperança de acalmá-lo.

“Eu não estou com vontade de sentar.”

“Bem, Bardia e eu não podemos nos sentar, a menos que você sente; e será uma longa noite se você quiser nos manter em pé enquanto respondemos às suas perguntas. É uma história complicada.”

Ele olhou boquiaberto para mim como se eu fosse uma das criaturas místicas de pedra de Persépolis tomando vida. Percebi que, como de costume, eu tinha falado sem pensar, e que o ataque a esse tipo de resposta deveria ser algo novo para um jovem senhor Pasárgada.

“Perdoe-me. Eu não tive a intenção de ser tão rude.”

Ele balançou a cabeça e olhou para mim novamente com os olhos apertados. Sem dizer uma única palavra, ele se sentou em um banquinho. Sentei-me à beira de um sofá e Bardia cruzou as pernas e se acomodou no chão.

“Bardia, diga para o seu senhor quantos homens trabalham com você agora.”

“Dois. Um deles é em meio expediente, e o outro é um tolo desastrado que sabe tanto sobre plantas quanto eu sei sobre as estrelas, para dizer o mínimo.”

Dario se inclinou para frente. “Você quer dizer vinte.”

O jardineiro sacudiu a cabeça. “Quis dizer dois.”

“Isso é impossível. Como você pode cuidar da terra e da vinha com dois homens? Onde estão os outros?”

“Teispes os dispensou, mestre. Ele tem dispensado os funcioná-

rios de forma constante há três anos. Nós temos apenas alguns dos servos que meu senhor e seu pai contrataram. Ele não se atreveu a dispensar Shushan e eu, e manteve mais alguns outros, mas ele se livrou da maioria. A pequena equipe que ele contratou é inútil e preguiçosa. Eles são apenas seus espiões. O resto de nós, ele explora.”

Dario levantou-se. Por respeito, eu e Bardia também levantamos. “Pelo amor de Deus, vocês

dois podem se sentar? Fizemos o que ele mandou.

“Bardia, por que você não me disse isso antes? Você tem tentado cuidar sozinho dos jardins? Você deve estar muito exausto. Esta não é a velhice que você merece.”

“Eu não queria incomodá-lo com mais problemas, meu senhor.”

Dario estapeou sua própria testa com a palma da sua mão. “Mais problemas? Não é um problema cuidar de si mesmo corretamente.

Isto é minha culpa. Eu devia ter cuidado do seu bem-estar melhor do que tenho feito. Devia ter me certificado de que o mordomo era competente para o trabalho.”

Concordei com ele naquele momento. Ele percebeu seu fracasso antes que alguém o fizesse, e ele assumiu a responsabilidade sem desculpas. A raiva e a culpa que eu havia colocado sobre ele pela má administração da propriedade haviam sido arrancadas de mim. Naquele momento, vi o homem que ele era; vi o seu coração e ele não era egoísta e pouco confiável como eu tinha pensado. Ele era o tipo de homem que Bardia dizia que ele era.

Engoli minha tristeza pois ter um homem egoísta pensando mal de mim não doía tanto quanto saber que um homem verdadeiramente honesto achava falhas em mim. “Meu senhor,” eu disse, forçando-me a falar. “Temo que isso não é apenas uma questão de incompetência. Teispes vem praticando furtos nos últimos três anos.”

Dario ficou imóvel. “Essa é uma acusação grave. Você tem provas?”

“Nós temos, meu senhor.” Bardia concordou. “Minha senhora, sua serva Pari, Shushan, e eu, e mesmo Cáspio, nos unimos para encontrar provas nos últimos três meses. O meu neto Gobry se juntou a nós no final, e nos ajudou a encontrar as provas de que precisávamos para trazer as questões até o meu senhor. É por isso que estou tão feliz que tenha chegado. Nós finalmente conseguimos resolver este mistério, e estávamos prestes a mandar buscá-lo.”

“Entendo.” Dario sentou-se lentamente. “É melhor que vocês apresentem esta evidência, então.”

Bardia saiu para buscar os pergaminhos que havia escondido na cozinha. Sua ausência deixou um silêncio constrangedor. Ajoelhei-

-me ao lado de Cáspio e cocei suas costas. Ele me deu uma lambida apreciativa, em seguida, caminhou até seu mestre e sentou-se a seus pés. Dario deu um sorriso satisfeito.

“Ele é um bom cão,” eu disse para mostrar que eu não tinha nenhum rancor.

“Mais leal do que algumas pessoas.” Sua voz tinha uma ponta de amargura. Eu não saberia dizer se ele estava se referindo a mim ou ao seu mordomo. A ambos, provavelmente.

Lembrei-me de que ele tinha acabado de fazer uma viagem cansativa e estava prestes a dar de cara com uma grande quantidade de informações desagradáveis. “Posso trazer algumas bebidas refrescantes para você?”

Ele apontou para um jarro de água e uma bacia. “Isso está fresco?”

“Sim, meu senhor.” Eu os trouxe até ele juntamente com uma toalha egípcia limpa. Ele dispensou a minha ajuda e despejou a água ele mesmo, antes de lavar o rosto e as mãos. Pela maneira como ele afundou os dedos molhados em seus cabelos, eu poderia dizer que ele só desejava mesmo um banho quente, uma boa refeição e o conforto de sua cama.

“Nós podemos conversar amanhã, se você desejar,” sugeri, sentindo-me culpada por lhe dar tantas notícias desagradáveis sem ao menos lhe dar a chance de respirar. “Talvez você devesse descansar após sua longa jornada.”

“Você espera que eu descanse depois do que tenho visto e ouvido? Eu não vou descansar até chegar ao fundo dessa confusão.”

Bardia retornou logo em seguida com os pergaminhos envoltos em couro. Para meu alívio, ele era seguido por Pari que trazia uma grande bandeja de comida. Shushan não tinha tido tempo para preparar uma ceia mais elaborada, mas ela tinha enviado um prato quente de purê de berinjela e cebolas cozidas em azeite, açafrão e hortelã seca, juntamente com pão fresco e iogurte desnatado. Eficiente como sempre, Pari colocou a bandeja sobre uma mesa perto de Dario. Eu esperava que ele acenasse para ela ir embora com impaciência e começasse a sabatinar Bardia e a mim. Mas o aroma de comida de Shushan era muito tentador; então ele molhou o pão no purê de berinjela e levou o pedaço até sua boca antes que Pari tivesse a chance de entregar-lhe um guardanapo.

Um profundo suspiro escapou de seus lábios e ele fechou os olhos enquanto mastigava. “Ninguém cozinha como Shushan, nem mesmo os cozinheiros reais em Susã ou Persépolis.”

Fiquei contente de vê-lo comer. Por um lado, eu ainda estava me sentindo culpada por privá-lo de qualquer possibilidade de descanso com as minhas ilimitadas revelações. Por outro lado, eu sabia que ele ficaria com um humor bem melhor com o sabor da culinária de Shushan em sua língua.

Como se lesse meus pensamentos, ele abriu os olhos e fez um gesto com a mão. “Por favor.

Continue.”

Com detalhes meticulosos, coloquei diante dele todas as nossas investigações. Expliquei como eu tinha suspeitado de Teispes, e como ele se recusou a permitir-me entrar na sala de registros. Tentei encobrir a forma como consegui a chave de Teispes meramente dizendo que nós a roubamos dele.

“Espere um momento,” disse Dario, interrompendo minha breve narrativa. “Como você fez isso? Pelo que me lembro, ele nunca remove a chave de seu pescoço. Ou isso não é verdade?”

“Ah, é verdade,” disse Bardia.

Eu me contorci desconfortavelmente no sofá. Agora eu tinha que dizer ao meu marido como eu entrei sozinha sorrateiramente nos aposentos de um homem, e como eu coloquei as mãos nele enquanto ele dormia em sua cama. Dario ouviu a indiscreta história do meu roubo com um brilho sardônico no olhar.

“Minha esposa, ao que parece, tem mais talento do que eu poderia imaginar. Lembre-me de levá-la em nossa próxima campanha militar. Você pode infiltrar-se na tenda do general inimigo durante a noite e me trazer todas as informações de que preciso.

E se por ventura ele acordar antes de você ter terminado, diga-lhe que ele pode ficar com você, com os meus cumprimentos.”

Para minha surpresa, Bardia, geralmente tão respeitoso, o silenciou. “Ele não está falando sério, senhora. Quando ele conhecer a história completa, ele vai pedir o seu perdão, eu tenho certeza.”

“Ele não vai não, tenho certeza,” disse Dario, pegando outro pedaço de pão carregado com iogurte e berinjela.

Antes que perdêssemos o fio da conversa completamente, retomei onde eu havia interrompido e contei a parte de Cáspio na trama.

Dario caiu na gargalhada, um som que eu nunca tinha ouvido antes.

Eu poderia me acostumar com isso, pensei.

“Animal inteligente. Ele salvou muitos de vocês.”

“Ele salvou,” eu admiti, “embora ele tenha pago um preço por isso, coitado.” Eu descrevi como eu tinha visto Teispes batendo nele. Dario ficou pálido. Eu pude ver que ele teve de se

segurar para não levantar e procurar Teispes para fazê-lo provar do seu próprio remédio.

Olhei para o cão que me tinha salvo com tamanha coragem naquela noite; ele parecia estranhamente fraco e sonolento, apesar de o seu amado mestre estar por perto depois de uma longa ausência. Estendi a mão para acariciar sua cabeça. Dario deve ter tido o mesmo pensamento, e nossas mãos se tocaram em uma breve carícia sobre a pele eriçada de Cáspio. Eu puxei meu braço para trás rapidamente e o escondi nas dobras da minha saia. Não ousei olhar para Dario; não queria ver sua expressão sarcástica.

Eu me perguntei se ele achava que eu tinha propositadamente estendido a mão como uma desculpa para tocá-lo.

Ele se conteve para não fazer um daqueles comentários sarcásticos. “O que aconteceu depois?” Foi tudo o que ele disse, e ainda parecia entediado.

Então eu disse a ele sobre a minha descoberta das discrepâncias nas contas e mostrei-lhe os livros que previamente tinham me chamado a atenção. Eu tive que me ajoelhar perto do seu banquinho para lhe explicar os números. As pregas que saiam da minha manga roçavam em sua coxa cada vez que eu apontava algo no pergaminho.

Inesperadamente, ele agarrou a seda e a tirou de seu colo; ele se levantou tão rapidamente que eu perdi o equilíbrio. Com um baque, caí sentada para trás.

Ele enrolou o pergaminho e jogou-o sobre uma mesa. “Está bem. Eu posso ver que há uma atividade incomum. Isso não prova que ele é um ladrão, embora ele certamente precise se explicar. Você tem mais?”

“Sim, temos.”

Antes que pudéssemos divulgar os segredos dos passatempos de Teispes às segundas-feiras, Bardia disse-lhe sobre a laje solta nos degraus do jardim.

“Você acha que ele intencionalmente tentou ferir minha esposa?”

Isso é inacreditável, Bardia. O homem teria que estar louco.”

“Ou muito furioso. O meu neto foi quem descobriu a pedra. Ele nos disse que foi puxada por alguém de propósito.”

Dario afundou-se no banco. “Gobry sabe o que diz. Ele teve um amplo treinamento. Mal posso acreditar nisso. Mas por quê?”

“Ele deve ter descoberto os pergaminhos perdidos,” eu disse.

“Ele estava nos avisando para deixá-lo em paz.” Eu havia voltado para o sofá; fiquei a uma distância segura do meu marido. “De qualquer forma, Gobry concordou em fazer uma pequena espionagem para nós em Ecbátana. Nós havíamos desconfiado que os gêmeos de Mandana eram filhos de Teispes. Mas descobrimos que estávamos errados.”

Eu descrevi as descobertas de Gobry e Bardia completou com os detalhes de nossa viagem de espionagem em Persépolis. Felizmente, ele se omitiu em dizer ao meu marido sobre a minha curta carreira como cortesã.

Dario ficou em silêncio por um longo tempo. Eu podia ver que ele estava tentando digerir as implicações de nossas revelações. A profunda traição. O custo disso tudo para as pessoas que ele amava. O dano à sua propriedade. E o fato de que seu próprio descuido tinha permitido que a duplicidade de Teispes continuasse por três longos anos.

A seus pés, Cáspio tentou levantar-se e, em seguida, caiu. Ele fez isso várias vezes. No começo eu pensei que ele estava bêbado por causa do vinho, até que eu notei que sua respiração estava estranhamente rápida. Ele parecia estar com dificuldades de puxar o ar para os seus pulmões. Todos nós corremos para seu lado.

“Qual é o problema, rapaz? O que você tem?” Eu gritei.

De repente, o cão começou a tremer com movimentos bruscos; seu corpo enorme estremecia com movimentos incontrolláveis.

“Ele está tendo uma convulsão,” disse Dario. “Isso já aconteceu antes?”

“Nunca. O que devemos fazer? Você não pode ajudá-lo?” Comecei a tremer, olhando para o sofrimento da pobre criatura.

Dario sacudiu a cabeça. Depois de alguns momentos, a tremedeira parecia ter acabado. Uma grande bola de saliva saiu de sua boca. Ele balançou mais duas vezes antes de perder a consciência. Dario ficou rígido. Ele abaixou a cabeça e cheirou a boca do cão. “Amêndoas amargas,” ele disse, e virou para olhar para Bardia. Algo se passou entre eles naquele olhar, algo de que eu não estava gostando.

“O que isso significa?” Eu perguntei, o horror me afundando no chão.

“Diga-me, Sara, o que ele comeu hoje?”

“Ele comeu o que eu comi no jantar.”

“O que você comeu?” Mais uma vez eu vi aquele indefinível segredo passando entre os dois homens. Eles se viraram para olhar para mim. Os olhos verdes de Dario eram intensos e inabaláveis. “Ele comeu alguma outra coisa?”

Lembrei-me do vinho derramado. “Ele bebeu do vinho que Teispes me trouxe antes, lembra? E as tâmaras também.”

Dario correu para a taça quase vazia e começou a cheirar.

“Amêndoas amargas,” ele disse de novo, de forma enigmática.

Eu coloquei a cabeça de Cáspio no meu colo e comecei a acariciar seu corpo, agora inerte. “Mas o que significa isso? Por que ele está tão doente?”

Dario se agachou na minha frente. “Sara”. Eu estava muito infeliz para prestar atenção nele. Ele passou a mão no meu cabelo e forçou minha cabeça até que eu olhasse diretamente para ele. “Você bebeu o vinho, Sara?”

“Por quê?”

“Porque estava envenenado.”

Capítulo Dezesseis

E *nvenenado*?” Eu me lembrei de Teispes batendo na minha porta e entregando uma bandeja com um sorriso agradável. “Claro.

Foi Teispes.” Eu me senti completamente paralisada enquanto olhava para a forma inconsciente de Cáspio, sua barriga subindo e descendo com uma respiração superficial rápida.

“Você bebeu algum gole disso?” Dario perguntou de novo, e agora eu entendi a ênfase de sua pergunta.

“Não. Não, eu não bebi.”

Dario soltou um suspiro e me soltou. “Ele sempre entrega a sua comida, pessoalmente?”

“Não. Esta foi a primeira vez. Ele disse que queria pedir o meu perdão, e que ele estava arrependido de ter seguido suas ordens de me tratar com desprezo.”

“Eu não dei nenhuma ordem.”

Sacudi os ombros. “Ele disse que veio para fazer um acordo de paz. Seu erro foi que ele me trouxe uma cópia do épico de Gilgamesh da sua biblioteca. Eu fiquei absolutamente mergulhada na história para pensar em tocar na comida ou no vinho. Eu teria bebido logo em seguida, mas aí você chegou. E Cáspio chegou ao vinho primeiro.”

Dario se tornou um turbilhão em movimento. “Bardia,” disse ele, com uma voz calma, porém firme: “você tem um purgante que podemos dar-lhe? Provavelmente já está muito tarde para isso, mas devemos tentar.”

“Eu não sei como iria funcionar em um cão, mestre. Um purgante poderia fazê-lo sofrer mais.”

“É um risco que temos que correr. Ele vai morrer de qualquer jeito se não fizermos nada.” Eu não conseguia conter o choro com aquela notícia. Eu coloquei minha cabeça contra a de Cáspio e chorei. Bardia disse calmamente: “Eu vou buscar as ervas imediatamente.”

Dario correu para a porta. Um de seus homens estava atentamente de guarda à porta do meu quarto. Eu ouvi o suficiente do seu comando para saber que ele tinha mandado o homem prender Teispes.

Quando ele voltou, ele se ajoelhou junto a Cáspio. Gentilmente, ele começou a esfregar o peito do cachorro. “Você acha que ele está sofrendo?” Eu perguntei.

“Não mais. Ele está em um sono profundo.”

Eu balancei a cabeça. Eu tinha começado a tremer e não conseguia parar. As mãos de Dario nos meus ombros me fez levantar. Eu percebi que ele estava me cobrindo com uma capa. Ele deve ter se levantado tão silenciosamente como um gato, porque eu nem notei os seus movimentos. Ele voltou a se agachar diante de mim.

“Você aprendeu a amá-lo?”

Eu balancei a cabeça. Ele tinha sido o meu herói no perigo e meu companheiro em muitas horas solitárias.

Dario puxou a capa para mais perto de mim e me cobriu com o tecido, até que eu fiquei coberta do pescoço aos pés. “Obrigada,” eu sussurrei. Ele levantou-se para ir buscar um cobertor com o qual ele cobriu Cáspio.

“Ele é o cão mais brilhante que eu já tive,” disse ele. “E o mais fiel.”

Eu percebi que, embora ele não estivesse chorando, ele também estava de luto; só que ele mantinha sua dor dentro de si. “Eu sinto muito,” eu disse. “Talvez se eu tivesse conseguido resolver esse assunto de outra forma, ele não teria sido ferido.”

“Isso não é culpa sua. Aquele homem está fazendo isso, e ele deve pagar por isso. Que tipo de mal desencadearia tal comportamento assassino? O que será da Pérsia se os nossos homens se transformarem em fraudes e assassinos? E pensar que eu lhe dei a administração da minha casa.”

Houve uma batida na porta. Nos últimos dias eu os teria apenas convidado a entrar, mas o palácio agora estava cheio de homens de Dario e eu não poderia permitir que nenhum deles entrasse em meus aposentos. Sem falar nada, Dario levantou-se para abrir a porta. “É sua serva. Ela deseja permissão para entrar.”

Claro que com Dario no meu quarto Pari não poderia irromper sem aviso prévio, como era seu costume. “Ah, por favor, diga a ela para entrar. Ela ama o cão também.”

Pari entrou; sem palavras, nós nos abraçamos em um abraço reconfortante. O movimento na minha porta chamou a nossa atenção.

Era um homem de Dario, relatando que Teispes estava desaparecido.

“Eles o procuraram por toda parte,” Pari sussurrou em meu ouvido. “Não há nenhum sinal dele, e um dos cavalos está faltando também. Ele deve ter saído com pressa.”

Dario veio dar a mesma notícia. “Devo ir e encontrá-lo. Quanto mais cedo sairmos, mais chances teremos de prendê-lo.

“Eu acho que sei para onde ele foi. Os aposentos de sua cortesã em Persépolis seria o meu palpite. Ele pensará que estará seguro lá sem saber que eu o segui e sei sobre ele.”

“É um bom ponto de partida,” Dario admitiu. “Mesmo que ele não tenha ido lá diretamente, será obrigado a tentar entrar em contato com a sua *hetaira*. Vou colocar alguns homens na casa. Vamos pegar esse rato, mais cedo ou mais tarde.”

Dei-lhe o endereço. “Você também vai? Perguntei, tentando manter firme minha voz para não tremer.

“Claro.”

“Meu senhor, eu... eu não sei o que fazer com o cão. Quando Bardia chegar com o purgante, quero dizer.” Pelo que Dario havia dito anteriormente, não havia muito o que qualquer um de nós pudesse fazer. Mas, pelo menos, ele teve algum treinamento nas artes da cura em seus anos de estudo no palácio. Se qualquer um de nós pudesse ajudar Cáspio, seria ele.

Ele mordeu o lábio. Eu entendi a luta que estava diante dele: a necessidade de capturar um homem que o havia seriamente prejudicado, fazer justiça e acabar com o rastro de sua destruição, ou permanecer e fazer o que pudesse pelo seu amado animal.

Meu coração derreteu de alívio quando ele disse: “Eu vou ficar.”

Eu estava muito perturbada para conhecer meus próprios sentimentos, mas acredito que aquele foi o momento em que eu comecei a me apaixonar por Dario Pasárgada, o homem que me havia me desprezado por causa de minha traição pública.

Ele estava acostumado a comandar no campo de batalha. Sabia como organizar e mobilizar sob pressão. No momento em que Bardia chegou com seu saco de ervas, os homens de Dario estavam a caminho em três destacamentos diferentes — um se direcionou para a casa da *hetaira* de Teispes, outro em busca de pistas gerais e o último voltou para Ecbátana para prender o irmão de Teispes e conseguir provas com Mandana.

Eu não tinha mais interesse em Teispes. Toda a minha atenção estava voltada para a criatura que estava morrendo diante de mim.

Bardia e Dario fizeram uma infusão de ervas, discutindo entre eles as vantagens da mistura de uma com a outra, e a derramaram dentro da garganta de Cáspio. Como o pobre cão vomitou! Ele quase não tinha forças e eu fiquei preocupada pois o esforço para esvaziar o seu estômago seria suficiente para matá-lo. Várias vezes ele se engasgou e Bardia juntamente com Dario tiveram que ajudar a abrir manualmente a sua garganta. Fiquei espantada com a brandura e a paciência do meu marido. Foi este o mesmo homem que sentou ao meu lado no nosso casamento, totalmente envolto em uma fria amargura?

Finalmente, não havia mais nada no estômago do cachorro para expurgar. Só nos restava esperar.

“É um bom sinal de que Cáspio tenha sobrevivido até aqui, senhora,” Bardia me assegurou. “Ele é forte.”

Sentei-me com a cabeça de Cáspio no meu colo hora após hora, acompanhando a sua respiração, orando para que ele sobrevivesse.

Devo ter adormecido algum momento durante a noite, pois eu acordei num sobressalto. Minha cabeça estava no ombro de Dario, e eu

estava me apoiando fortemente no lado do seu corpo. Eu me virei para ele na esperança de encontrá-lo dormindo e sem notar a minha transgressão, mas vi que ele me observava.

“Perdão.” Eu me afastei, distanciando-me um pouco dele. Ele não disse nada, mas continuou a me olhar como se eu fosse um quebra-cabeça que ele não conseguia entender.

“Como ele está?” Perguntei. Minha garganta estava seca e áspera.

“Do mesmo jeito.”

Bardia tinha ido dormir em um canto do quarto, enrolado em um dos cobertores de Pari. Pari também estava dormindo no pé da minha cama, onde Cáspio normalmente descansava. Olhei desejosamente para um jarro de suco de romã que estava em uma mesa próxima, mas eu não queria perturbar o descanso do cão movendo sua cabeça. Para meu espanto, Dario levantou-se e despejou um pouco em uma taça de prata e a trouxe para mim.

“Eu... agradeço.” Ficamos em silêncio por um tempo. Tendo testemunhado a sua bondade, senti-me encorajada a perguntar: “O

que o trouxe para casa? Eu pensei que você iria passar o verão em Ecbátana.”

Ele suspirou. “A rainha.”

Ele não disse mais nada, o que era cruel. Ele deve ter percebido que eu estava me contorcendo de curiosidade. Eu não pude resistir e insisti: “A rainha?”

“Sim. Você sabe, a esposa do rei Artaxerxes. Acredito que você a conheça.”

“Acho que sim. Então, a rainha enviou você para casa? Por quê? Você fez alguma travessura?” Isso iria ensiná-lo a não se atrever a me atormentar. Ele sorriu diante da sua taça, antes de tomar um gole. Mas ele não disse nada para satisfazer a minha curiosidade, o canalha. Não é um homem para ser instigado a dar informações, concluí.

“Bardia disse que você limpou a casa para ele. Com a sua própria mão, ele disse.”

A rápida mudança de assunto me pegou desprevenida. Encolhi os ombros. “Ele não deveria ficar sabendo. Pari fez a maior parte do trabalho.”

“Eu agradeço a você por isso.”

Olhei para ele através do véu dos meus cílios. “Eu não fiz isso por você. Eu fiz isso por ele. Ele se tornou muito querido para mim.”

“Você estava certa; você me fez um favor, e eu sou grato por isso. Mas isso não apaga o passado, Sara. Isso não faz o que você fez desaparecer.”

Em algum momento no meio da noite meu cabelo tinha desfeito o penteado elaborado, e agora ele caía sobre as minhas costas em cachos soltos. Baixei a cabeça até que uma cortina de cabelos escondeu o meu rosto. Eu não queria que ele visse o quanto suas palavras haviam me ferido.

Dario se inclinou para trás. “Deixe-me dizer-lhe como eu contratei o Teispes. O tio dele ocupava o cargo de mordomo antes.

Quando seu tio faleceu, Teispes foi muito útil para mim naquele caos após a perda de um mordomo de confiança. Contratei-o sob a força dessas circunstâncias: sua ligação com o meu último mordomo, que era um homem honesto como poucos que o mundo tem para oferecer, e o bom serviço prestado a mim, quando ele tinha pouco a ganhar em troca.”

“Mesmo os homens maus podem ter conexões confiáveis.

Mesmo os homens maus são capazes de fazer o bem em algumas ocasiões.”

“Quer dizer que você não pode confiar em mim só porque você já viu um lado melhor da minha natureza. Pelo que você sabe, minhas ações atuais são tanto uma anomalia quanto era o

comportamento de Teispes após a morte do seu tio.”

“Eu não esquecerei tão cedo do fato de ter me tornado alvo de piada de todos os cortesões por causa do que você fez. Também não posso respeitar uma mulher que humilharia publicamente outra pessoa por causa de seus próprios interesses. Como posso colocar minha confiança em você quando sequer admite quais são os seus interesses, mas esconde-se atrás de desculpas esfarrapadas?”

Eu acariciava a cabeça de Cáspio. “E se você estiver errado? E se você estiver sendo cético, ao invés de perceptivo?”

“Às vezes, os dois são a mesma coisa. O melhor que um homem pode fazer é medir a evidência diante dele e fazer o julgamento mais sábio que puder. Foi isso que fiz com você.”

“Não é melhor cometer o erro de pensar que as pessoas são melhores do que são, em vez de erroneamente considerá-las piores?”

“Você me pergunta isso, neste dia, com os danos de Teispes ao nosso redor, porque eu pensei o melhor sobre ele do que eu deveria ter feito?”

O que eu poderia dizer? Ele considerou as minhas explicações como desculpas esfarrapadas. Eu cerrei os dentes. Ainda bem, pensei. Ele provavelmente não iria gostar de ser casado com uma ex-cortesã que tinha como um provável cliente um comerciante. Bebi o resto do meu suco azedo e cruzei as minhas pernas, que tinham começado a ficar dormentes.

“A rainha enviou-me para buscá-la,” disse ele, sem preâmbulos.

“O quê?”

“Eu vim para casa porque Damaspia me ordenou que a levasse para Ecbátana. Ela quer que você esteja presente na festa do equinócio.”

“Entendo.” Então Damaspia tinha *ordenado* que ele pessoalmente me escoltasse para Ecbátana. Ela, afinal, não tinha me esquecido.

Pensar na sua bondade não trouxe conforto. Aquela gentileza dela me trouxe até esta situação, para começar.

Um mau humor desceu sobre mim na medida em que eu me dava conta dos eventos recentes em minha consciência. Eu tinha escapado da minha própria morte por um acaso das circunstâncias.

Agora eu segurava em meus braços um animal amado cuja morte iminente lançava sua mortalha em todos os nossos corações. Mais uma vez, o meu marido tinha me rejeitado, embora com mais benevolência desta vez. O fato de que o meu inimigo estava finalmente prestes a ser apanhado não aliviava as angústias maiores da minha vida. Com anseio, lembrei da paz que senti quando orei com Pari. Eu não sentia nenhuma paz agora.

Por que Senhor? Gritei na privacidade de meus pensamentos.

Por que Você permitiu tanta dor em minha vida? Por que Você levou a minha mãe? Por que Você não faz o coração do meu pai se voltar para mim? Por que Você arrancou o meu trabalho das minhas mãos? Por que Você me casou com um homem que nunca vai cuidar de mim? Por que Você permitiu que esta pobre criatura fosse envenenada? Por quê?

Deus, ao que parecia, não tinha respostas para mim. Eu blasfemava contra Ele sem sucesso. Eu o agredia com os meus pedidos por uma explicação, uma desculpa, uma justificativa. Ele só me dava o Seu silêncio.

Pensei no Rei Davi e nas muitas decepções que sofrera. Ele também havia interrogado a Deus com a pergunta. *Eli, Eli, lamah azavtani? Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?* Eu fiz a Deus a pergunta de Davi, esperando que Ele honrasse o Seu amado rei pois Ele havia escolhido me ignorar.

E então permaneci em silêncio.

Lembrei-me que, nas Escrituras Hebraicas, às vezes você faz uma pergunta não porque você espera uma resposta literal, mas porque interrogar é uma outra maneira de expressar seus sentimentos. O rei Davi perguntava a Deus por que, mas ele nunca teve a intenção de pressionar a Deus com suas perguntas. Ele não estava pedindo ao Senhor que se explicasse. Ele estava apenas derramando seu coração diante de Deus. Ele estava dizendo ao seu Senhor que ele se sentia abandonado.

Tornei-me ciente do modo como eu me aproximava do Senhor. Eu tinha dirigido os meus porquês a ele durante anos, esperando uma explicação que me satisfizesse. Eu tinha colocado o Senhor em julgamento pelo que eu entendia ser a Sua insuficiência — Sua falha — e me recusado a lhe entregar meu coração, a menos que Ele me respondesse. A menos que Ele me desse uma explicação satisfatória sobre os Seus caminhos. Como era diferente o meu coração do de Davi.

Ocorreu-me que o Senhor deve ter se agradado do *brilhantismo* simples de Davi. Era o choro de uma criança que não compreendia o Pai, mas ainda assim se agarrava a Ele. O *meu por quê*,

por outro lado, era uma acusação. Era um dedo apontado para Deus.

Não mostrava nenhuma confiança nele.

Nesses momentos de exame interior, com outras pessoas e um cão doente no mesmo quarto em que eu estava, senti-me completamente sozinha diante de Deus. E eu vi o estado da minha alma pela primeira vez. Eu vi o quão arrogante eu tinha sido ao julgá-lo.

Ao rejeitá-lo.

Fui confrontada naquele momento com uma decisão. Cercada com lembranças das decepções da minha vida — um marido que estava perto de mim apenas por causa da ordem de uma rainha, um cão que estava morrendo no meu colo, uma casa que era pouco mais que uma prisão — cercada por essas dores, será que eu me voltaria para Deus como uma criança que confia nele em vez de uma juíza exigente? Será que eu pararia com as minhas acusações e as trocaria pela intimidade de uma criança que abraça o seu Pai com os braços ao redor do Seu pescoço? Uma criança, que, mesmo sem entender por que o seu Pai levou para longe o seu presente favorito, ainda assim volta-se para Ele em busca de conforto?

Será que eu trocaria o meu *por que* pelo *por que* de Davi?

Ocorreu-me que, mesmo se Deus quisesse me dar uma satisfação, Sua explicação faria tanto sentido para mim como a elucidação sobre o trato que Bardia deu à videira. Eu simplesmente não podia compreender um Deus que estava tão acima de mim.

Mas, como Davi, eu poderia ter o seu conforto. Eu poderia ter o Seu amor. Eu poderia ter sua paz. Eu poderia ter tudo isso mesmo sem entendimento.

Esta era a escolha que estava diante de mim então: uma rendição irracional que abriria o caminho para o amor, ou uma distância obstinada de Deus até que Ele se justificasse diante de mim. Até que Ele escolhesse governar o mundo da minha maneira.

Eu estava cansada de lutar contra Deus. Isso não tinha me dado nada além de amargura. Ele tinha me permitido perambular distante, ter meu próprio caminho, seguir a minha própria vontade. Provar o fruto azedo que era comandar a minha própria vida. Eu já estava cansada disso. Eu queria o coração de Davi. Eu tinha começado aquela noite com acusações afiadas contra o meu Senhor, e terminei com o desejo de amá-lo. Eu escolhi dar minha vida de volta para Deus em Seus termos, e não nos meus.

Como foi o Rei Davi quem me levou para este novo caminho, foi com suas palavras que eu orei em silêncio: *Ó Senhor, eu Te dou a minha vida.*

Eu confio em Ti, meu Deus!

Mostra-me o caminho certo, ó Senhor; aponta o caminho que eu devo seguir.

Guia-me pela Tua verdade e ensina-me, pois Tu és o Deus que me salva.

Não Te lembres dos pecados rebeldes da minha juventude.

Lembra-Te de mim na luz do Teu amor infalível, Pois Tu és misericordioso, ó Senhor.

Como posso descrever o que me aconteceu depois de fazer esta simples e sincera oração a Deus? Eu havia orado centenas, talvez milhares de orações antes dessa. Algumas vezes eu até fui sincera. No entanto, havia algo diferente desta vez. Talvez tenha sido a entrega de toda a minha vida. Talvez tenha sido permitir que Deus fosse o meu Senhor em Seus termos. Eu não sei. Eu só sei que algumas das paredes que eu havia construído contra o meu Senhor desde a infância começaram a desmoronar.

Quando terminei de orar, lembrei-me subitamente com clareza da primeira vez que eu tinha visitado o palácio do rei em Ecbátana.

Estávamos viajando durante dias, até que em uma tarde finalmente subimos através das montanhas ao longo da estrada de Khorasan.

Inesperadamente, avistamos uma parede gigantesca, circular, alta e dourada. Os Medos, que haviam originalmente construído o muro, tinham anexado finos escudos de placa de ouro por baixo da pedra, de modo que, quando o sol brilhava sobre eles, ficávamos cegos.

Quando passamos pelos portões, nos deparamos com uma segunda parede, esta de prata, igualmente massiva e avassaladora. E assim nós fomos entrando, circuito após circuito de muros, cada um mais alto do que o outro, cada um em uma cor diferente: vermelho, azul, púrpura, preto, branco. Na medida em que entrávamos, eu ficava mais atenta aos muros, pois eu só queria ter o pequeno vislumbre do palácio ou espionar a cidade através dos sete brilhantes círculos concêntricos de pedra colorida. Eu sabia que havia um magnífico palácio lá porque outros haviam se abrigado lá dentro e tinham dado testemunho de sua existência. Mas as evidências dos meus sentidos me apontavam para os muros altos, e não para o palácio além.

Até este momento, a minha vida com Deus tinha sido como a subida para Ecbátana. Eu só tinha visto os muros. Eu nunca tinha chegado perto o suficiente para sentir o conforto do interior. Eu estava perto, mas eu estava do lado de fora. Alguns destes muros tinham sido da minha própria criação: minha revolta; minha resistência; minha arrogância; minha necessidade de controle. Alguns tinham sido construídos em torno de mim pelos infortúnios da vida: minha

solidão; meu coração órfão; meu medo de rejeição. Eu tinha mantido Deus na baía e tirado a mim mesma de Seu conforto e misericórdia.

Naquela noite, enquanto eu orava, era como se alguns muros que eu tinha levantado entre mim e Deus tivessem caído, e eu me aproximei.

Uma paz inexplicável encheu minha alma. Eu segurava um cão precioso em meus braços enquanto ele lutava para respirar. Mas eu estava desprovida de toda a amargura. Eu não tinha mais nada que eu imaginava que eu estimasse. Mas uma esperança crescente me fortaleceu. Tinha começado a me preocupar com um homem que nunca poderia me considerar com igual ternura. Mas eu senti que, em relação a isso, eu estava bem comigo mesma.

“O que aconteceu?” Dario sussurrou ao meu ouvido. “Você está se sentindo bem?”

Eu percebi que lágrimas correram espontaneamente pelo meu rosto. Eu não conseguia nem mesmo me sentir constrangida quanto a isso: “Eu nunca me senti melhor.”

Ele esticou o braço e colocou a mão na minha testa. Sua palma estava seca e áspera. “Você não está com febre,” ele disse.

Eu ri. “Eu só estava orando. Está tudo bem. Eu não estou enlouquecendo.”

“Você parece minha mãe.”

Ele não poderia ter me feito um elogio melhor, e eu corei de satisfação. Sua expressão mudou, tornou-se fechada e retirada. Percebi que ele tinha falado as palavras sem pensar, e que ele não queria me convidar para uma conversa sobre sua vida privada.

Aproveitei o momento e me inclinei para verificar Cáspio. “Ele parece estar do mesmo jeito.”

“Deveríamos tentar dar um pouco de água para ele,” disse ele.

Ele estendeu a mão para mim quando ficou de pé.

“Eu não quero movê-lo,” eu disse.

“Você está sentada na mesma posição por horas. Seus músculos vão ficar com câibras se você não se mover um pouco. Vem. Ele não vai sentir a sua ausência. Seu sono está muito profundo.”

O mais suavemente possível, movi a cabeça de Cáspio do meu colo antes de estender a minha mão para Dario. Ele me levantou com um forte puxão. Ele estava certo; minhas pernas estavam instáveis debaixo de mim, e eu caí contra o seu peito. Seus dedos longos agarraram a minha

cintura, segurando-me firme. Por um momento eu descansava ali, contra o seu forte abraço. Então eu me forcei a voltar atrás. O ar em torno de mim tornou-se denso e estranho.

Tentei agir como se eu não estivesse terrivelmente constrangida, e disse a primeira coisa que veio à minha cabeça. “Eu tenho uma confissão a fazer.”

“Estou ouvindo.”

Capítulo Dezessete

Eu levei o seu presente de casamento. Você se lembra da coleção de salmos com a qual Neemias o presenteou? Você a abandonou na ocasião do casamento. Eu achei que você não a queria mais, mas eu devia ter perguntado.”

“É essa a sua confissão? Pode ficar com ela. Eu não me importo.”

“Obrigada. Significa mais para mim do que eu consigo expressar.”

Ele balançou a cabeça e pegou a vasilha de água de Cáspio.

Juntos, nos agachamos perto do cachorro adormecido. Seu coração ainda batia muito rápido por conta dos efeitos do veneno, e me preocupava o fato de o coração estourar por estar trabalhando tão aceleradamente. Dario me fez segurar a cabeça de Cáspio enquanto ele derramava um filete de água na boca frouxa do animal. O cão começou a se engasgar e Dario interrompeu seus esforços. Ficou claro que Cáspio não conseguiria ingerir mais nada.

Dario sentou-se sobre os seus calcanhares e observou Cáspio em silêncio. Sem se virar para mim, ele disse: “Vá para a cama.”

“Eu vou ficar em vigília com você.”

“Não, você não vai. Talvez você não tenha percebido ainda que temos que sair para Ecbátana. Vou tentar permanecer aqui o máximo que pudermos. Mas temos que sair em breve. Será uma viagem rápida e difícil se quisermos chegar para o banquete de Damaspia de acordo com sua exigência. Você vai precisar de suas energias. Não quero que você desmaie em cima de mim. Provavelmente vou ser culpado por isso.”

Hesitei, sabendo que eu deveria obedecê-lo, mas querendo ficar com o cão. “E se ele morrer enquanto eu estiver dormindo?”

“Eu prometo acordá-la se houver qualquer mudança.”

Hesitei um pouco mais. Ele apontou um dedo afiado. “Cama.”

Ele não chegou a mencionar, mas eu sabia pelo tom de sua voz que se eu não me movesse rápido, ele próprio iria me depositar lá.

Minha cama estava localizada em um canto modesto, que podia ser isolado do restante do recinto por uma cortina. Tirei minha capa enquanto me dirigia para cama, encolhendo-me debaixo das cobertas para não desalojar Pari no processo. As cortinas que me separavam do resto do recinto eram transparentes demais para que eu pudesse considerar a opção de trocar de roupa, então juntei as sedas luxuosas de Damaspia e as espalhei sobre mim o melhor que pude para impedir que amarrotassem.

“Não se esqueça de me acordar.”

“Eu fiz uma promessa, mulher. Agora, sossega.”

Eu não acreditava que eu seria capaz de dormir, mas assim que fechei os olhos, adormeci. O som de alguém batendo na porta me despertou. Era Shushan. Ela fez o nosso café da manhã e o trouxe para nós.

Pari se mexeu enquanto eu me levantava da cama. Sufocando um bocejo com a mão, ela perguntou: “Como Cáspio está?”

“Estou indo vê-lo.” O som da voz do meu marido me tornou desconfortavelmente ciente do meu cabelo bagunçado por causa da cama e da minha aparência amarrotada.

“Bom dia,” eu disse enquanto me ajoelhava junto a Cáspio e o encontrei inalterado desde a noite anterior. O mesmo sono anormalmente profundo, o mesmo batimento cardíaco rápido, a mesma respiração ofegante. Mas ele se agarrou à vida, então eu me agarrei à esperança.

Devia ser madrugada ainda; eu não tinha dormido mais do que duas horas. Bardia também estava acordado, dobrando o cobertor cuidadosamente formando quadrados perfeitos.

Dario voltou-se para sua cozinheira. “Shushan trouxe um banquete digno de um faraó egípcio. É melhor comermos.”

“Eu já alimentei os homens de Lorde Dario. Eles ameaçaram fazer um motim se eu não os servisse. Isso foi o que restou do banquete deles.” Shushan estava usando um tapa-olho, o que a fazia parecer mais como uma assaltante do que uma cozinheira estimada de um aristocrata. Eu imaginei que o seu olho devia estar irritado, ou ela nunca teria recorrido ao tapa-olho.

Sussurrei para que apenas ela pudesse ouvir: “O olho está lhe causando muito desconforto?”

“Está suportável.”

Eu não podia deixar de rir ao ver os meus amigos à minha volta. As circunstâncias extraordinárias tinham mudado as regras normais de decoro ainda mais do que o habitual. Não

era todo dia que eu dormia com *dois* homens em meu quarto. Depois de lavar as mãos e rosto e permitir que Pari escovasse o meu cabelo, me juntei a Dario à mesa do café.

O mais discretamente que pude, orei em voz baixa. Era um ritual que eu vinha realizando inúmeras vezes. Hoje em dia, no entanto, as palavras pareciam estar cheias de significado. Louvei a Deus com todo o meu ser por cada coisa boa que Ele providenciou. E eu *tinha* muitas bênçãos pelas quais devia ser grata.

Quando levantei meu rosto, mais uma vez, me vi como objeto do olhar atento de Dario. Lembrei-me que ele tinha sido criado como um príncipe persa, aprendeu a honrar o deus persa Ahura Mazda e a viver de acordo com os princípios da justiça. No entanto, ele também era meio judeu, influenciado por uma mãe amada que tinha sido dedicada ao Senhor. Meus simples atos de adoração o obrigavam a evocar memórias. Perguntei-me se ele sentia qualquer conflito em sua alma, preso entre dois mundos como ele estava. Será que ele tinha alguma vontade de saber mais sobre o Senhor? E se tivesse, como ele poderia satisfazer essa vontade se, ao fazê-lo, poderia estar decepcionando o seu querido pai?

Decidi que tais questões não eram da minha conta. Dario não iria me agradecer por considerá-las. Por agora, enquanto estávamos obrigatoriamente tão próximos um do outro, eu teria que suportar o peso do seu escrutínio curioso. Mas isso marcou o fim do meu envolvimento. Eu me esforcei para seguir o meu próprio conselho, para segurar minha língua, para ser discreta. Esforcei-me sem a certeza de que eu conseguiria seguir o meu próprio sábio conselho.

“Alguma notícia de Teispes?” Perguntei, colocando meus pensamentos perturbadores de lado.

Dario mordeu um pedaço perfeito de pão quente assado com recheio de creme doce e marmelo em conserva. “Ainda não.” Ele me parecia exausto. Lembrei-me de que, antes de ficar acordado a noite inteira para lidar com uma situação desagradável e estressante, ele tinha passado um dia inteiro sobre uma sela.

“Meu senhor, você deve retirar-se para seus apartamentos. Banhar-se, descansar, trocar essa roupa de viagem. Nós o avisaremos se tivermos notícias. Como você mesmo disse, ainda terá que enfrentar a viagem de volta para Ecbátana.”

Ele passou os dedos longos pelos cabelos. “Seria bom lavar essa poeira.” Uma perna longa esticou-se à frente dele. “Há ainda muito para organizar. Eu preciso recontratar os servos que Teispes dispensou e me livrar dos inúteis que ele contratou.”

“Eu posso ajudá-lo com isso, meu senhor,” Bardia se ofereceu.

“Eu sei como fazer contato com muitos dos nossos antigos empregados. Se eles estiverem

disponíveis, vão voltar, tenho certeza. Diga-me quais são os termos e condições e eu vou me certificar de que esse trabalho seja feito. Shushan pode me ajudar com a equipe interna.”

Shushan assentiu. “Tranquilamente. Basta deixar-nos alguns de seus homens, senhor, para que possamos enviá-los com as mensagens.”

Dario sorriu. “Com vocês dois por aqui, talvez eu nem precise de um novo mordomo.” Ele deu um suspiro enquanto se levantava.

“No entanto, terei de encontrar um em particular.”

Eu poderia ter-lhe dado três nomes adequados, sem sequer precisar pensar muito. Fiquei na minha, imaginando que eu seria a última pessoa a quem ele confiaria o bem-estar de sua propriedade.

“Até encontrarmos o homem certo, vou deixar o meu escriba pessoal aqui com vocês. Ele vai precisar de sua ajuda com o lado prático da administração da propriedade, mas pelo menos ele pode

consertar as contas e ver o salário dos novos funcionários.” Para minha surpresa, ele se virou para mim. “Enquanto isso, se eu precisar dos serviços de um escriba, eu imagino que você pode me ajudar.”

“Sim, meu senhor. Claro.”

“Isso deve ser algo angustiante para você. Você se casou com um aristocrata e acabou tendo que sentar-se na cadeira de um escriba.

Não se preocupe. Vou liberá-la da responsabilidade logo depois de chegarmos a Ecbátana. O rei precisa de contatos confiáveis.”

“Nada do que diz respeito a trabalhar como escriba me angustia.

Ficarei contente em ajudar.”

Ele levantou uma sobrancelha de uma forma tão zangada, como sempre fazia, que parecia estar questionando o mundo e tudo o que nele havia, para não mencionar tudo o que saiu da minha boca. “Traga-me as novidades. Vou aceitar o seu conselho e me retirar para os meus aposentos.”

Bardia e Shushan saíram para resolver a contratação de novos funcionários. Pari permaneceu e ajudou-me a cuidar de Cáspio. Nós tentamos dar-lhe mais água sem sucesso, então lhe fizemos

uma massagem. Duvido que nossa atenção tenha feito qualquer diferença para ele, mas isso fez com que nos sentíssemos melhor.

Minha noite longa e as poucas horas de sono estavam pesando sobre mim, e eu cedi aos cuidados de Pari enquanto ela me dava banho e arrumava o meu cabelo novamente. Em meu aposento a temperatura estava se elevando, e tudo o que eu queria era me envolver em meu antigo porém confortável robe, mas Pari advertiu-me que, com Lorde Dario em casa, eu precisava estar vestida como uma *lady*. Então eu me cobri com um linho egípcio requintado e fui fazer vigília junto a Cáspio. Parecia ridículo tanta elegância à beira do leito de um cão doente.

Pari saiu para ajudar Shushan na cozinha. Eu sabia que Shushan ficaria feliz com a ajuda, agora que ela tinha uma casa maior para alimentar. Sozinha pela primeira vez em dois dias, achei o meu quarto muito quieto. Meus pensamentos vaguearam e eu me lembrei do pedido de Dario para que eu o ajudasse como escriba com os seus negócios pessoais enquanto seu funcionário escriba permanecesse no palácio. Uma onda repentina de emoção invadiu a minha alma.

Isso eu sabia fazer . Isso eu sabia fazer *bem*. Talvez vendo a minha capacidade ele pudesse me tratar com mais respeito. Ele iria aprender a me valorizar. Se eu trabalhasse duro e superasse suas expectativas, ele poderia ser capaz de ver o meu valor. Pensei que talvez o Senhor tivesse aberto essa porta para mim. Tenazmente, agarrei-me a essa esperança.

Verifiquei Cáspio novamente e percebi que sua respiração tinha abrandado. Coloquei minha mão em seu peito. Seu coração ainda estava batendo de forma irregular, mas parecia um pouco melhor.

Ele ainda estava em um estado de sono profundo. Eu tentei sacudi-lo para acordá-lo; ele permaneceu inerte. Imaginei que seria melhor mandar buscar Bardia para ver se seria necessário informar Dario sobre a mudança. Ele tinha deixado um homem de guarda à minha porta, o qual eu enviei para buscar o jardineiro-chefe.

Bardia veio com uma tigela de jasmims colhidos “para alegrá-la, senhora”, disse ele. Desde que soube o quanto eu amava o cheiro de jasmims, com frequência ele me trazia flores frescas pela manhã. Ele concordou com a minha preocupação com a condição do cão e foi informar Dario. Eu não esperava que ele viesse, uma vez que a mudança era pequena e o cão ainda estava inconsciente. Mas em menos de uma hora ele estava de volta aos meus aposentos.

Ele também havia colocado roupas mais frescas. Ele não tinha dormido, eu deduzi pelos círculos sob os seus olhos, mas o seu cabelo molhado indicou que ele teve, pelo menos, a chance de se banhar.

Ele sentou-se com Cáspio por alguns momentos de silêncio, acariciando suas costas.

“Ele pode ficar assim?” Eu perguntei.

“Não por muito tempo.”

“E então?”

“Ele vai morrer. Seu corpo está sob tremenda pressão e ele não consegue se alimentar.”

“Mas ele pode despertar.”

“É possível.”

“Mas você não acha que seja provável, acha?”

“Eu não vou lhe dar falsa esperança, se é isso que você quer saber.”

“Não, eu quero a verdade.”

“A verdade é que já é um milagre ele ter sobrevivido tanto tempo.”

Ele saiu logo depois disso para ver as questões relativas à propriedade. Deitei-me perto de Cáspio. “Seja um bom cão e fique vivo,” eu disse. “Eu não quero perdê-lo.” Depois disso eu adormeci.

Dario me encontrou lá quando voltou para ver Cáspio. “Por que você não vai para a cama? Ele não vai ficar melhor porque você está aí deitada no chão.”

Sentei-me. “Desculpe-me, eu não queria cair no sono. Era para eu permanecer acordada.”

“Não é uma situação em que ficar acordada vigiando vai fazer diferença.”

“Meu senhor, e se ele permanecer assim durante dias?”

“Eu não acredito que ele vá....” Sua voz era sombria.

Ele acha que Cáspio vai morrer em breve, pensei. Enterrei meu rosto na minha mão, tentando não chorar. Depois de alguns momentos de silêncio, eu disse: “Eu não acho que nós chegaremos para a festa de Damaspia, mesmo se Cáspio... se recuperasse esta noite.”

Eu estava pensando em minhas viagens anteriores para Ecbátana que tinham levado semanas. Viajei para lá com outros servos da rainha em carros que levavam seus móveis e roupas.

Dario baixou a testa. “Se pegarmos a estrada real para Ecbátana, a viagem levará vinte dias. Mas nós vamos pegar as rotas mais diretas para chegarmos lá em dez.”

“As rotas mais diretas? As que atravessam as montanhas sobre estreitos precipícios?”

“Essas rotas são bem complicadas em certos trechos, eu admito.

Mas a cavalo teremos mais facilidade.”

Fiquei desanimada. “Eu não sei montar!”

Dario me olhou com uma perfeita incompreensão. “O que quer dizer que você não sabe andar a cavalo?” Ele tinha crescido com mulheres persas que cavalgavam desde a infância e montavam tão bem quanto alguns homens. Tinha caçado e viajado com elas. A ideia de uma mulher que nunca tinha montado em um cavalo não lhe havia ocorrido, disso eu tinha certeza.

O Império Persa tinha tido apenas seis reis. O grande Ciro, o primeiro governante aquemênida de um império que abrangia a maior parte do mundo conhecido, tinha começado a vida como o rei de uma nação insignificante cujas mulheres eram tão ferozes quanto seus homens. Não havia passado muito tempo desde que as mulheres persas vestiam calças de couro e iam para a batalha se os seus homens estivessem perdendo. A nobreza persa era civilizada e coberta de sedas e perfumes, mas eles ainda se lembravam da força de suas mulheres.

Eu inclusive conhecia algumas princesas que eram experientes no uso do arco e lança. Assim, a ideia de uma mulher que não sabia cavalgar desembarcou como um elemento estranho no mundo de Dario.

Envergonhada pela minha ignorância, eu disse: “Quero dizer que eu não sei como cavalgar.”

Dario abaixou-se até o tapete ao meu lado. “Bem, então, você tem duas opções. Você pode ir comigo e meus homens — uma opção extremamente desconfortável se você nunca montou antes — e agradar a rainha com sua obediência, ou você pode viajar em um carro e enfrentar sua ira pelo seu atraso. A escolha é sua, já que quem vai ter que pagar o preço é você.”

A velocidade e o alcance da cavalaria persa eram inigualáveis. Só de pensar em fazer aquilo me fazia perder a cor. “Talvez não chegue a tanto. Cáspio pode salvar o dia acordando logo depois do banquete.”

Minhas esperanças se frustraram não muito tempo depois, à medida que os batimentos cardíacos de Cáspio se tornavam notavelmente mais lentos. Ele lutava por cada fôlego. Dario ficou imóvel e atento. Embora Cáspio permanecesse inconsciente, eu imaginei que ele pudesse

estar sofrendo, pois sua respiração fazia um som horrível em seu grande peito. Dario se inclinou sobre ele e lhe fez uma carícia.

“Fique calmo, garoto. Estou aqui.”

Eu não conseguia segurar as lágrimas; sabia que Cáspio estava morrendo. Apesar das advertências de Dario, eu tinha me prendido em um fio de esperança. “Obrigada por tudo,” eu disse em seu ouvido, com minha voz refletindo meu coração partido.

Foi quase um alívio quando ele parou de respirar. Eu acho que eu não teria suportado vê-lo sofrer por muito mais tempo. Ergui os olhos angustiados para Dario, sabendo que ele entendia essa perda terrível. O brilho de lágrimas turvou sua íris verde. Por um momento, olhamos um para o outro com uma compreensão lamentável. Então me levantei e corri para minha cama e me enterrei debaixo das cobertas, dando vazão a uma tempestade de choro incontrolável.

Este seria o primeiro teste da minha nova fé. Mais uma vez, o pior tinha acontecido. Eu queria desesperadamente que Deus me desse um milagre. Desejava ter Cáspio de volta na minha vida. Em vez disso, eu o tinha perdido para sempre.

Eu deveria me voltar contra Deus porque Ele havia permitido que o meu fiel companheiro morresse pelas mãos de um terrível criminoso? Deveria rejeitá-lo, chamá-lo de indiferente ou fraco? Ou será que deveria me voltar para Ele em busca de conforto?

“Ajuda-me!” Gritei. “Ajuda-me a agarrar-me a Ti”. Ele não tinha respondido minhas orações para poupar a vida de Cáspio, mas esta oração Ele respondeu com uma velocidade espantosa. De repente eu estava cheia de paz e conforto. Senti-me agarrada a uma presença tão real que quase parecia um toque físico.

Pensei de repente na intrigante série de coincidências que tinha poupado a minha vida. A rainha enviou o meu marido para casa depois de meses de ausência. Sua viagem que o trouxe para o meu lado momentos antes de eu provar o vinho envenenado. Cáspio derrubou o copo e o bebeu — estranhamente fora do comportamento normal de um cão que nunca tinha tentado tomar minha bebida antes. Se ele não tivesse bebido o veneno, eu certamente teria morrido em seu lugar. Teria sido meu coração que teria parado de bater neste dia.

Comecei a perceber que a minha vida tinha sido poupada, não através de uma coincidência, mas através de uma complexa série de ocorrências que parecia apontar para a provisão de Deus.

Meu

Cáspio não havia morrido em vão. Ele tinha entregue sua vida para salvar a minha. Em vez de

me concentrar em sua morte, escolhi colocar meu foco neste milagre. Deus usou Cáspio para poupar minha vida. Longe de ser indiferente a mim, Ele tinha provado Seu cuidado por mim.

Esse pensamento fez com que eu sentisse a falta de Cáspio ainda mais, mas também me confortou. Sua morte não foi um desperdício.

Ele tinha comprado a minha vida e saúde com sua morte.

“Sara”. Era a voz de Dario. Senti minha cama afundar sob seu peso quando ele se sentou ao meu lado. “Você vai sair daí debaixo?”

Baixei as cobertas e sentei-me. Eu sabia que eu estava uma bagunça, com o meu cabelo em pé, meus olhos vermelhos e minha pele manchada. O que veio como uma surpresa para mim foi que Dario também parecia diferente de si mesmo. Os contornos perfeitos de seu rosto tinham perdido seu brilho habitual, tinham se tornado pálidos com círculos escuros e profundos sob os olhos inchados. Eu desejei tanto me jogar em seus braços, dar e receber conforto; mas os hábitos de uma vida inteira não seriam assim tão facilmente quebrados, então eu me contive firmemente, mas me sentindo desolada.

“Meu senhor?”

“Bardia e eu queremos enterrar Cáspio no jardim. Bardia pensou em fazê-lo debaixo do meu salgueiro. Você gostaria de vir conosco?”

Eu não confiei na minha voz, por isso apenas balancei a cabeça.

Ele levantou-se para me dar espaço para sair de debaixo das minhas cobertas. Arrumei minhas saias e deslizei. Cáspio estava deitado sob um fino lençol de algodão egípcio. Dario ergueu seu corpo em seus braços. Embora grande em vida, agora morto ele parecia diminuído e vulnerável.

Shushan e Pari se juntaram a nós no salgueiro e observamos enquanto Dario e um dos seus homens cavaram uma trincheira profunda perto do salgueiro. Suavemente, ele pegou o corpo de Cáspio, abraçou-o uma última vez e deitou-o na terra fria. Antes de eles encherem sua sepultura completamente, Bardia plantou um pouco de

bulbo onde o seu corpo estava. Na próxima primavera, o local de sua morte e tristeza seria transformado em um jardim colorido de vida.

Dario permaneceu sobre a sepultura fresca por alguns momentos. “Nem mesmo Ciro, o Grande, poderia gabar-se de ter um cão como você.”

“Você salvou minha vida,” eu disse. Parecia o epíteto perfeito para uma criatura tão fiel.

Poucas horas depois, Pari e Shushan serviram um almoço tardio em meus aposentos. Shushan entregou a Dario uma carta fechada antes de colocar a nossa mesa. Notei que ele deu um impiedoso sorriso quando leu a mensagem.

Eu não tinha apetite para o pato cozido com nozes com pasta de romã e os três diferentes tipos de pão de forno. Dario tinha, obviamente, conseguido encher os armários vazios da cozinha rapidamente. Mas eu não queria nem mesmo olhar para a comida.

Dario não parecia estar mais faminto do que eu. No silêncio, ele disse: “Partimos para Ecbátana amanhã.”

“Amanhã?” Engoli asperamente. “E o Teispes? Você não quer encontrá-lo antes?”

“Eu já fiz isso. A carta que recebi antes me dizia que ele foi capturado. Ele escondeu-se durante a noite, mas como você presumiu, ele surgiu no fim da manhã na porta de sua cortesã. Meus homens o pegaram e o estão trazendo de volta. Com a partida de Cáspio e Teispes em mãos, devemos partir para Ecbátana ao amanhecer.” Ele esticou o braço por trás da minha cadeira e virou-se na minha direção. “O que significa que você deve decidir se você vai se juntar a mim e aos meus homens na parte da manhã ou chegar mais tarde com a sua serva.”

Evidentemente que ele esperava que eu tomasse uma decisão imediatamente; no entanto, minha mente estava numa confusão. A dor pela morte de Cáspio parecia ter desacelerado o meu processo de raciocínio. Baixei os olhos num esforço inútil de bloquear a minha visão do corpo de Dario que se inclinava tão perto, enquanto tentava avaliar as escolhas que estavam diante de mim.

Eu considerei as dificuldades de montar com Dario e seus homens — horas sem descanso em uma sela estranha, sem levar em conta as noites que passaria em uma tenda em vez do conforto de uma estação de descanso. Por outro lado, eu teria que enfrentar a decepção de Damaspia se escolhesse a relativa facilidade de uma carruagem. Ela exerceu a sua influência para interceder por mim quando enviou Dario para me buscar. Não era pouca coisa para a rainha interferir na vida pessoal de um alto aristocrata, emitindo um comando direto. Em troca de tal consideração, ela teria todo o direito de esperar a minha chegada em tempo oportuno. Ela com certeza entenderia o meu atraso como uma afronta. Damaspia não aceitaria a minha inexperiência em cavalgar como uma desculpa adequada para atrasos. Não se podia dizer para a rainha da Pérsia que andar longas distâncias para vê-la era muito inconveniente.

Ocorreu-me subitamente que com certeza o Senhor me daria a força para fazer a coisa certa.

“É melhor eu ir com você, meu senhor, se puder ter a devida paciência, pois eu temo que

possa atrasá-lo com a minha inexperiência.”

Capítulo Dezoito

Diga-lhe que você não tem roupas de montaria,” Pari sussurrou em meu ouvido.

Lancei para ela um olhar irritado. “Fala para ele!” Ela sussurrou mais alto.

Reconheci para mim mesma que eu não poderia realizar essa viagem sem o equipamento apropriado. Mas a ideia de pedir ajuda a Dario diante da minha necessidade fez o meu estômago revirar. Eu não queria pedir nada a ele. Ele já tinha problemas comigo quando eu não lhe custava nada; agora, se eu comesse a lhe pedir favores, ele ficaria, sem dúvida, mais irritado.

Bem, não havia outro jeito. “Meu senhor! Peço perdão, mas eu não tenho nenhuma roupa adequada para montar.”

“Então use as que estão no armazém. Sua serva pode certamente fazer os ajustes necessários.”

“Ah, é que não temos acesso aos armazéns, meu senhor.”

“Como assim não têm... Ah. Teispes.”

Eu concordei meneando a cabeça.

Ele caminhou até a porta. “Venha comigo.” Fez um sinal para mim. “E você,” também acenou para Pari. Ele nos levou até os armazéns e usou a sua própria chave para nos permitir a entrada.

“Pegue tudo que você precisa.” Ele permaneceu conosco por alguns momentos, vasculhando as prateleiras. “Aqui estão algumas roupas que servirão.” Entregou a Pari. Virei-me para sair, mas ele sinalizou para que eu ficasse, e continuou a busca.

“Aqui estão eles.” Ele puxou vários pacotes de uma fileira de prateleiras na outra extremidade do galpão. “Está muito escuro aqui para ver. Venha para o meu aposento e eu vou lhe mostrar.”

Como os armazéns eram mais próximos da localização dos seus aposentos, fazia sentido nos encontrarmos lá.

Um de seus homens estava de guarda do lado de fora de sua porta, em postura ereta e alerta. Dario dirigiu-se a ele antes de entrar.

“Arta, você poderia selar Kidaris por favor? Leve uma boa lâmpada e espere por mim nos

estábulos.”

“Imediatamente, meu senhor.”

Perguntei-me onde Dario estava planejando montar enquanto o seguia para os seus aposentos. Eu não tinha ido lá desde o primeiro dia em que Pari me convenceu a sair da minha escura caverna de desespero. Fiquei parada em um dos lados; não entrei muito. Entrar em seu território privado me deixava incomodada. Eu sentia que estava invadindo seu mundo particular; que eu não pertencia àquele lugar.

Com um movimento descuidado, Dario deixou cair os pacotes em cima de um sofá verde com pés de leão cor de prata. “Pari, deixe-me ver o equipamento de montaria.”

Pari entregou a Dario o seu pacote. Desdobrando-o, Dario empurrou para o lado um pequeno pacote com hortelã, alecrim e eucalipto antes de desenterrar um par de calças de linho cor de argila, acolchoada na parte traseira e com costuras laterais para mais liberdade de movimento. A blusa era feita de duas camadas de linho branco puro e dividida nas laterais. Era um equipamento feminino, a julgar pelo tamanho, corte e bordado nas extremidades das mangas e da bainha. “Esta roupa era da minha mãe. Pode servir. Você pode provar lá.” Ele apontou para o seu quarto, que era ligado à sua sala de estar através de um arco aberto.

Eu nunca tinha vestido calças na minha vida. Levei as roupas meio insegura e sinalizei para Pari me seguir. As calças, que se prendiam à minha cintura com um cordão, se encaixaram bem. Mas a túnica estava apertada ao redor do peito e era muito transparente.

“Vamos dar uma olhada em você,” Dario falou do outro cômodo.

Tentei falar alguma coisa, mas as minhas tentativas se resumiram em palavras indiscerníveis.

“E então?” Ele tentou novamente.

“Meu senhor, não é decente! Eu não posso sair assim.”

“Bobagem,” ele gritou. “Minha mãe usava essa roupa o tempo todo.” Para meu horror, ele apareceu na porta. Cruzei os braços tentando parecer dócil e mordi meus lábios para me impedir de gritar pedindo que ele saísse.

“Entendo.” Ele puxou uma de suas orelhas. “Talvez haja mais peças nessa vestimenta do que eu consigo me lembrar.” Lancei-lhe um olhar agressivo.

Ele ergueu as mãos como se estivesse se rendendo. “Estou indo embora. Pari, você pode ajeitar aquela túnica para a sua senhora?”

Deve haver uma outra parte da túnica em algum lugar no armazém que possa ter passado despercebida.” Ao sair, ele disse: “Sara, você poderia por favor vir até a mim após se trocar?”

Eu não tinha a mínima vontade de estar dentro das mesmas quatro paredes com ele após o constrangimento de ser vista em roupas indecentes, mas que escolha eu tinha? Vestida com o meu próprio modesto vestido de saia rodada, fui até ele, com meu rosto em chamas. Para lhe dar o crédito, ele não fez nenhum comentário.

“Eu estava pensando em você usar isso na festa de abertura das celebrações do equinócio.” Em suas mãos, ele segurava uma roupa de seda com bordados de ouro na borda das mangas e em toda a saia.

Engasguei. “É lindo.”

“Minha mãe separou para minha noiva. Há um baú cheio de coisas no armazém.”

Ele disse *noiva*, singular, o que me confundiu. Cheguei à conclusão de que sua mãe deve ter separado algumas coisas para a sua esposa *judia*. Eu não me sentia digna do presente porque eu era uma espécie de esposa pobre — esposa só na formalidade.

“Eu vou usá-lo se você quiser, é claro. Mas você pode pegá-lo de volta depois.”

“Você não gosta dele?”

“É requintado. Eu... não é apropriado que você o dê para mim.

Você deveria guardá-lo para outra.”

Ele se sentou no sofá e balançou os pés. “Você me surpreende.

Na verdade, é um hábito seu. Você raramente faz ou diz o que é esperado.”

Encostei as minhas costas contra a parede. “Pelo menos você não fica entediado.”

“Irritado, frustrado, confuso, enfurecido. Mas nunca entediado.

Isso eu posso lhe garantir.”

Pari mostrou o seu bom senso ao chegar, o que me poupou de ter que responder ao comentário extraordinário de Dario. Ela tinha uma roupa cor de barro dobrada em seus braços. “Eu acredito que encontrei a peça certa, meu senhor.”

“Bom. Você poderia por favor colocar as roupas novamente? E

experimente estes,” acrescentou, lançando-me um par de sapatos de couro macio.

“Mas eu acabei de prová-los!”

“Proporcione-me uma diversão.”

Relutantemente, eu me retirei para o seu aposento interno e me troquei mais uma vez. A túnica ainda estava apertada, mas agora eu estava coberta com um mínimo de decência, graças à busca frutífera de Pari. “Eu posso afrouxá-la antes de você sair amanhã,” ela me assegurou.

Coloquei os sapatos enquanto caminhava de volta para o escrutínio de Dario, e fiquei feliz em descobrir que eles serviam.

Ele acenou com a cabeça quando me viu. “Aqui, pegue.” Ele jogou um fino xale de verão em minha direção. Eu coloquei-o frouxamente sobre a minha cabeça e ombros, feliz com mais uma peça para me cobrir.

“Vamos para os estábulos.”

“Os *estábulos*?”

“Sim. Certamente você já ouviu falar deles? É um lugar onde se guardam cavalos — aquelas coisas que você não monta.”

Eu mal tinha dormido em dois dias. Um animal que eu amava como se fosse meu tinha morrido. Estava por enfrentar uma jornada que eu temia. Não estava com paciência para comentários cáusticos.

Minha voz estava impregnada de sarcasmo quando respondi. “Que bela fonte de informação que você é. Como você aguenta ser tão inteligente o tempo todo?” Mas não havia nenhum indício de ofensa na risada que ele deu em retorno.

Nos estábulos, encontramos o seu servo, Arta, esperando ao lado de uma égua castanha selada. Parecia enorme para mim.

“Sara, conheça Kidaris. Ela é uma das minhas éguas mais gentis.

Mas ela também tem a energia necessária para acompanhar o resto dos cavalos. Vocês vão se tornar boas amigas nos próximos dias.

Aproxime-se e a cumprimente corretamente.”

Então foi por isso que ele tinha insistido que eu vestisse as minhas roupas de montaria. Ele queria que eu conhecesse o meu cavalo e ficasse confortável com ele antes de nossa partida de manhã cedo.

E eu pensei que ele estava querendo me irritar. Então me arrependi do meu comentário ácido e tentei consertar tudo tentando ser o mais dócil possível.

A égua deu um relincho amigável quando eu dei um passo vacilante para a frente. Seu puro manto castanho era marcado por uma mancha branca no alto de sua testa. Parecia uma tiara real.

Daí o nome *Kidaris*, eu imaginei, que significava *coroa* em persa.

“Olá, Kidaris.”

“Ela gosta de ser acariciada dessa forma.”

Tentei imitar Dario. Ao contrário de seus movimentos firmes e familiares, o meu toque era hesitante.

“Não, não demonstre medo. Ela precisa saber que você está no comando desde o início. Seja confiante. Chegue mais perto. Deixe ela se acostumar com você.”

“Ela é muito maior do que eu.”

“Sim, e ainda assim quem está no comando é você.”

Eu estou no comando, eu estou no comando, eu estou no comando. Ficava repetindo as palavras na minha cabeça, na esperança de acreditar nelas. Dario me deu uma escova e pediu gentilmente que eu escovasse Kidaris. Depois de algum tempo eu me senti confortável o suficiente para desfrutar da companhia da égua.

“Bom,” Dario disse. “Agora você deve aprender a sentar-se corretamente. Esta é a parte mais importante da montaria. Você deve sentar-se ereta para que o seu peso seja dividido igualmente entre os dois lados do cavalo. Se o seu equilíbrio estiver errado, você vai fazê-la perder o equilíbrio também, e ela não vai gostar.”

Ele me ajudou na sela e ajustou os estribos. Eu entendi porque eu precisava da calça e da túnica dividida. Dario ensinou-me a postura. “Você está relaxada. E suas pernas estão muito à frente.

Você vai perder o controle dessa maneira. Firme-se no lugar com suas coxas.”

Durante meia hora, ele me fez sentar sobre Kidaris sem me mover, criticando cada movimento. Em seguida, ele passou mais uma hora dando-me algumas lições rudimentares de montaria. Minhas costas estavam queimando no final do nosso treino. Eu me perguntava como eu conseguiria galopar, hora após hora, dia após dia. Eu me senti pequena e fisicamente inadequada para a tarefa.

Pari e eu ficamos até tarde da noite ajustando a túnica e o vestido turquesa que Dario tinha me dado. Pari estava programada para seguir em um carro com a maior parte da minha bagagem e da de Dario na manhã seguinte, acompanhada por dois dos homens de Dario.

Eu não achei prudente trazer Pari comigo; ela estava ainda menos familiarizada com cavalos do que eu, e tinha me dito que tinha um medo mortal deles. Então, eu arranjei para que ela viajasse com o carro de bagagem; eles viajariam pela estrada real principal, que era uma jornada mais longa, porém muito mais confortável.

Ela me ajudou a embalar um pequeno pacote contendo as minhas necessidades mais básicas para os dias em que eu estaria em Ecbátana sem ela ou minha bagagem.

“O que vou fazer sem você por dez dias inteiros?” Perguntei enquanto nos retirávamos para a cama. “E se eu estragar as coisas na festa de novo?”

“Você não vai estragar nada. Você aprendeu muito nos últimos meses. Além disso, estou certa de que a rainha irá enviar-lhe assistência. Só que desta vez não mande as servas embora.”

Eu gemi e puxei as cobertas para cima de mim. Seria a última vez que teria o luxo de uma cama por alguns dias. Mas eu não conseguia curtir isso. Eu sentia falta do peso do corpo sólido de Cáspio aos meus pés.

Permaneci deitada, porém acordada durante toda a noite, temendo a chegada da manhã, certa de que eu iria me tornar um incômodo para o meu marido e que ele iria gostar ainda menos de mim por causa disso. Em minha infelicidade, desejava o conforto da presença de Cáspio mais do que nunca.

Finalmente lembrei-me de me agarrar ao Senhor e à Sua misericórdia. Cada vez que um sentimento de medo avançava contra os meus pensamentos eu voltava minha atenção para o Senhor, em vez de perseguir as trilhas das minhas fantasias perturbadoras. Em vez de entreter os meus medos, concentrei-me em Deus. E no final, caí em um sono tranquilo.

Dario estava acompanhado por sete de seus homens, o resto havia sido enviado em várias

atribuições, ou designados a permanecer em seu palácio. Eu era a única mulher na viagem e a única que não sabia montar. Ele ficou perto do meu cavalo, seu garanhão preto elevava-se sobre a minha égua. Para minha surpresa, Kidaris tentou morder o garanhão.

Dario se aproximou e puxou minhas rédeas com a mão firme até Kidaris virar a cabeça com uma obediência dócil. “Mantenha a sua égua sob controle ou o meu cavalo vai machucar vocês dois,” ele retrucou. “Segure as rédeas como eu lhe mostrei.”

“Qual o nome dele?” Eu perguntei.

“Sansão.”

Chocada com o nome judeu, repeti: “Sansão?”

“Minha mãe o nomeou. Ele era enorme e forte, mesmo quando ainda era um potro. Eu nunca aparava sua juba em homenagem ao seu homônimo.”

Então sua mãe havia lhe ensinado algo da nossa história e fé. Eu não tive tempo para processar esta breve revelação enquanto ele fazia sinal para começar a nossa jornada. Toda a minha concentração foi gasta na tentativa de me agarrar ao meu cavalo.

Nós começamos nossa jornada no trote. Eu podia sentir que os homens estavam impacientes para galopar logo que a estrada se estendeu à nossa frente, mas Dario manteve o ritmo suave por mais uma hora. Eu percebi que ele estava me dando tempo para me acostumar com o movimento do cavalo. Ao mesmo tempo, eu estava aliviada e angustiada por sua consideração. Sabia que era um incômodo para ele e seus homens. Essa percepção, mais do que qualquer coisa, me levou a tentar acompanhar, a me esforçar além da minha capacidade. Eu não podia suportar a ideia de que eu causava transtornos aos outros, porque estava convencida de que eles iriam se afastar de mim. Não foi esta a lição que eu tinha aprendido na infância? Eu não tinha provado ser um incômodo para o meu próprio pai, que me rejeitou por causa disso?

Eu sabia que se eu me mostrasse útil de alguma forma, eu poderia ser aceita. Talvez ainda valorizada. Mas no fundo, eu também sabia que, exceto pelos meus talentos linguísticos e administrativos, eu tinha pouco a oferecer. Eu custava mais do que valia. E queria, com todas as minhas forças, esconder este segredo dos outros por tanto tempo quanto fosse possível.

Então, depois de uma hora, quando Dario me instruiu sobre como galopar, fiz o meu melhor para continuar. Não reclamei quando as minhas costas começaram a queimar e minhas coxas começaram a tremer de tensão. Mantive minhas costas tão eretas quanto pude e recitei as Escrituras para manter minha mente longe da dor.

“Você está bem?” Dario perguntou mais de uma vez.

Claro que eu não iria admitir que sentia como se minhas costas fossem quebrar. “Perfeita,” respondi e ignorei seu olhar preocupado.

Fiquei desconcertada com a sua atitude solícita. Para um homem que me mostrou o lado afiado de sua língua em todas as oportunidades, ele estava sendo desconcertantemente atencioso. Apesar de sua educação exigente, ele não teve nenhum problema em burlar as exigências de boas maneiras com o objetivo de me tratar mal na maioria dos dias. Ocorreu-me que, apesar de seus protestos, ele estava me tratando melhor como resultado de minha ajuda em relação a Teispes.

Nas margens das planícies férteis de Persépolis, chegamos a um pequeno córrego onde Dario pediu que parássemos. Eu não conseguia desmontar sozinha. Não que eu não soubesse como elevar a perna por cima e descer; a questão é que os meus músculos não me obedeciam. Simplesmente fiquei sentada sobre Kidaris esperando que alguém me ajudasse a descer. Dario me ajudou. Sem uma palavra, ele passou as mãos sobre minha cintura e me levantou do cavalo como se eu não pesasse mais do que um saco de trigo. Percebi que as minhas pernas tremiam. Dario deve ter notado, porque ele manteve as mãos sobre as minhas costas e me segurou até que eu ganhasse um pouco de força.

Desesperada para libertá-lo do trabalho de cuidar de mim, eu disse: “Estou bem agora, obrigada”

Um canto de sua boca levantou-se um pouco e ele se afastou.

“Como quiser.”

Oscilei tentando chegar numa parte gramada ao lado da estrada.

Um dos homens estava esfregando minha égua com grama seca e lavando-a. O sol havia aparecido no céu duas horas antes, e eu estava quase tão suada quanto Kidaris. Estendi meu corpo na relva e gemi.

Sabia que era inadequado eu me deitar na frente de oito homens, mas eu não tinha reservas suficientes de energia para me preocupar. Gostaríamos de estar na estrada em breve e eu não sabia como enfrentar as muitas horas que ainda se estendiam diante de mim.

Fechei os olhos e tentei não pensar nisso.

Uma sombra veio sobre meu rosto e eu forcei meus olhos a abri-rem. “Beba isso.” Dario estendeu um recipiente de couro.

“Obrigada por sua consideração; não estou com sede.” Durante minhas viagens anteriores, eu fiz parte de enormes comboios. Havia telas especiais e tendas de proteção para que os viajantes pudessem cuidar de suas necessidades com um mínimo de privacidade.

Com oito homens e oito cavalos como meus únicos companheiros, eu não beberia nada e esperava que o meu corpo não necessitasse de se aliviar até bem de noite. Eu certamente planejava não tomar qualquer líquido, a menos que fosse muito necessário.

“Não seja tola. Você não pode cavalgar no calor sem beber alguma coisa. Vai ficar doente antes do pôr do sol.”

Suspirei e fiz um esforço para sentar. Com um pouco de sorte, eu transpiraria a maior parte pela minha pele. Ele inclinou o recipiente de couro em sua própria boca depois que eu tinha acabado e bebeu com avidez.

“Quanto tempo nós descansamos?” Perguntei.

Ele me entregou um pedaço de pão de cevada. “Não muito. Já que nós e os cavalos já tivemos a oportunidade de comer e beber, vamos voltar para a estrada.”

Quando retornamos para os cavalos, o calor tinha se tornado insuportável. Puxei meu lenço sobre minha testa, tentando proteger os olhos. Moscas pareciam atraídas pelo cheiro dos cavalos; quando começamos a trotar lentamente, elas se reuniram em torno de nós densamente. Sendo animais altruístas, os cavalos compartilharam suas pragas com suas cargas humanas. Eu estava muito ocupada tentando me manter no meu lugar para tentar espantá-las.

O dia se alongava enquanto eu cavalgava, hora após hora, tentando acompanhar os homens acostumados a montar mesmo antes que soubessem andar. Dei-me conta de que o ritmo era lento para eles; para mim, no entanto, era um tormento. Eu me sentia tonta com o calor e o movimento constante.

Para meu horror, eu já não podia mais segurar a necessidade de me aliviar. Era fim de tarde e o dia não podia estar mais brilhante. Quando paramos, olhei à minha volta, desesperada para encontrar um local que pudesse me oferecer um pouco de privacidade. Eu tinha começado a me perguntar se Dario conseguia ler a minha mente, pois ele parecia ler os meus pensamentos com uma frequência alarmante.

“Vem comigo,” disse ele, enquanto ele me acompanhava ao explorar a área. Segui-o com alívio a um bosque nas proximidades que ostentava algumas árvores magras. Não é exatamente o que chamaríamos de privacidade. Dei-lhe um olhar angustiado.

“Vou avisar a todos para ficar longe. Você vai ficar bem aqui.” Se ele tivesse dado um sorrisinho que fosse, eu teria esquecido as minhas intenções de me comportar da melhor forma e daria um chute nele. Ele era sábio demais para fazer qualquer coisa além de virar as costas e ir embora.

Com uma explosão de inspiração, tirei minha longa capa e a coloquei sobre alguns arbustos como uma cortina baixa, improvisada.

Mas quando me abaixei, meus músculos estavam tão enfraquecidos dos rigores da montaria que, em vez de ficar de cócoras, acabei caindo de joelhos com um estrondo.

“Você está bem?” Dario chamou de algum lugar distante.

“Fique onde está!” gritei em pânico com o pensamento de que ele poderia pensar em vir investigar. “Estou bem.” *Humilhada. Degradada. Mas bem.* Será que alguma vez realmente pensei que eu gostava de viajar?

Depois disso, o que provou ser o nosso último descanso antes paramos de noite, Dario nos forçou bastante. Assim que deixamos o planalto agradável de Persépolis, entramos em um trecho desértico da estrada, que foi impiedosa com seu calor brutal. Nós galopamos até que eu não conseguia nem mesmo tentar me sentar ereta. Em algum ponto, devo ter adormecido na sela, pois acordei com um susto quando um braço envolveu a minha cintura. Antes que eu pudesse fazer uma pergunta, fui erguida bem alto no ar e colocada, sem a menor cerimônia, na frente da sela do meu marido.

Dario virou. “Arta, cuide da Kidaris, por favor. Sua senhora vai cavalgar comigo o resto do dia.”

Eu estava bem acordada agora, tentando sentar no colo do meu marido de um modo que não me encostasse no seu corpo. O inconveniente sobre cavalos é que esse desejo não pode simplesmente ser satisfeito. Sentei-me tão rígida quanto uma flecha, sem saber o que fazer comigo mesma.

Ele colocou o meu peso contra ele até eu ficar completamente inclinada em seu peito. “Relaxe,” disse ele em meu ouvido, sua voz era baixa e suave. “Sansão está sentindo a sua falta de naturalidade.

Pare de tencionar e tente voltar a dormir.”

Pelo bem do cavalo, fiz o meu melhor para conseguir. Joguei-me contra Dario, contorcendo-me para encontrar um local confortável. Senti os músculos do meu peito ficarem tensos contra as

minhas costas. “Você mesmo não está muito relaxado,” eu disse.

“Um homem não pode ter alguma paz em cima de seu próprio cavalo?” Ele rosnou.

Surpresa com o seu repentino mau humor, eu disse: “Sinto muito por causar tantos problemas para você.”

Em vez de responder, ele empurrou meu corpo para a frente sobre a sela para tão longe dele quanto o pequeno espaço que tínhamos permitia. Girei minha cabeça para olhar para ele. “Sou muito pesada?”

“Não, você não é muito pesada. Agora pare de se mexer e fique quieta. Temos várias horas de cavalgada antes de acamparmos.”

Capítulo Dezenove

No momento em que o sol mergulhou no horizonte e tivemos que parar, o sono me envolveu novamente, e eu mal notei quando Dario me deitou em um gramado seco, enquanto ele e os seus homens cuidavam dos cavalos e montavam tendas para a noite.

Os dias tinham se tornado longos; nós já tínhamos conseguido cavalgar uma distância razoável.

Em anos anteriores, quando eu acompanhava o comboio do rei e da rainha em suas frequentes viagens, eu ficava estupefata com o luxo de suas acomodações ambulantes; poucos palácios se comparavam às suas tendas. Os engenheiros da corte inventaram uma estrutura complexa feita de couro e bronze, contendo muitos quartos para acomodação das formalidades reais. Tapeçarias ricas, decorações em prata e ouro, sofás decorados com joias e colunas de bronze davam a ilusão de que estávamos abrigados em mais um dos palácios do rei, em vez de em uma mera tenda. Tinha ouvido falar que o rei e seus nobres generais viajavam dessa forma, mesmo quando se dirigiam para a guerra. Mas as tendas de Dario eram equipamentos ambulantes simples e leve, adequados para serem transportados por um cavalo rápido.

Eu não me importava mais. Se ele tivesse me deixado no meu canto na grama seca, eu não teria reclamado. Mas ele tinha outras ideias. “Vem.

Sua barraca está pronta,” disse, agachando-se ao meu lado. Eu o ignorei, desejando que ele fosse embora para que eu pudesse voltar a dormir.

“Sara, levante-se. Você não pode ficar aqui fora.”

“Sim, meu senhor.” E permaneci onde estava.

Ele me levantou e me carregou para a tenda. A abertura era bem baixa e ele teve que se abaixar para entrar. Vi com os olhos quase fechados que uma lamparina já estava queimando, e que ele tinha montado um saco de dormir. Ele me deitou em um colchão fino, nada muito delicado. Para minha surpresa, ele não foi embora.

“Boa noite,” eu disse, imaginando por que ele ainda estava ali.

“Eu não posso deixá-la desse jeito,” ele disse, parecendo irritado.

“De que jeito?” Perguntei, igualmente irritada. “Sara, este foi o seu primeiro dia em uma sela e você já cavalgou por horas. Se você acha que está com dor hoje, você não tem ideia de como vai se sentir amanhã. Seus músculos vão se enrijecer e você ficará dolorida.”

Parei de ficar sonolenta. “Se esta é a sua interpretação de um discurso encorajador, posso dizer que não me inspirou nem um pouco.”

“Não é discurso. Apenas a verdade. Você foi muito valente hoje, eu sei. Nem uma palavra de reclamação passou pelos seus lábios durante a viagem. Mas nem toda a coragem do mundo vai colocá-la de volta na sela amanhã se seus músculos não cooperarem.”

Abri um largo sorriso. “Você me achou valente?”

“Essa não é a questão fundamental.”

“Bom, eu não sei o que fazer sobre a questão fundamental.”

Ele colocou um pequeno frasco de barro no saco de dormir. “Este é um bálsamo preparado pelos magos para dores musculares. Você precisa friccioná-lo profundamente para que tenha efeito. Não pode aplicá-lo na pele; precisa ser aplicado profundamente na carne. Você entendeu?”

Abri a tampa do frasco e cheirei. Cheirava como camomila e alcaçuz. “Eu entendi. Friccioná-lo profundamente.”

“Mostre-me.”

“Como?”

“Eu não vou deixar você desperdiçar o meu melhor remédio usando-o errado, nem vou adiar a minha chegada em Ecbátana devido a uma simples ignorância. Mostre-me que você sabe o que fazer e eu vou deixá-la em paz.”

“Creio que assimilei suas simples instruções.”

“Então, vamos com isso. Eu gostaria de descansar também, se você não tiver nenhuma objeção.”

Lembrei-me de que ele tinha feito esta viagem de dez dias e, ao chegar em casa, teve que enfrentar uma situação de emergência, presenciou a morte de seu cão, não dormiu o suficiente e ainda teve que me carregar durante as últimas três horas. “Sinto muito,” eu disse, e me sentei.

Quanto mais cedo eu fizesse o que ele pedia, mais cedo ele se sentiria liberado para agir o seu próprio conforto. Mordi o lábio e puxei a barra da minha calça até a minha panturrilha. Enterrei as pontas dos meus dedos no frasco e peguei um pouco de bálsamo. No começo fiz o meu melhor friccionando-o profundamente em minha carne, mas não tinha contado com a dor que encontrei ao primeiro toque. Era como se a parte inferior do meu corpo fosse um hematoma gigante, e onde quer que eu tocasse, doía. Cerrei os meus dentes e fiz o meu melhor para cumprir as instruções de Dario.

Obviamente eu falhei. Ele empurrou a minha mão e assumiu a massagem. Eu gritei, chocada com seu toque, e então esqueci do meu constrangimento quando a dor tomou conta de mim. Enterrei meu rosto em meus braços para não gritar.

Ele parou. “Dessa forma. Você precisa aplicá-lo dessa forma.”

Eu concordei e sentei-me novamente. “Eu vou fazer assim.”

“Vamos ver.”

Mais uma vez eu peguei o bálsamo e fiz o meu melhor para imitar os movimentos de Dario. Ele me parou depois de alguns momentos. “Assim não vai dar. A pomada não terá efeito assim. Você vai ter que me deixar fazer isso.”

“Não! O que você quer dizer com isso? Vou montar amanhã, eu prometo. Não vou ser um incômodo para você ou para os outros.

Não vou reclamar.”

“Sara, você não sabe o que está falando. Sem esse tratamento, você não estará em condições de cavalgar pela madrugada.” Não querendo ouvir outro argumento, ele pegou do frasco uma quantidade generosa de bálsamo e começou a massagear uma panturrilha, depois a outra. Meu embaraço era pouco em comparação com a dor.

Enterrei meus dentes e fiz o meu melhor para engolir os meus gemidos. Quando ele terminou, eu mal tinha forças para suspirar de alívio. Abaixei as pernas da minha calça. “Obrigada, meu senhor.”

Ele sentou-se e não se mexeu. Estava com uma expressão impassível que eu tinha aprendido a reconhecer como um sinal de problema. Normalmente, para mim. Subitamente, dei-me conta de que ele não tinha acabado. Fechei os olhos e implorei. *Senhor tenha piedade.*

“Tem mais?” Perguntei.

“A pior dor será na parte das coxas.”

Se ele tivesse me tomado por sua esposa além da mera formalidade apenas, esta situação teria sido nada menos do que apenas uma inconveniência dolorosa. Mas nós não tínhamos compartilhado intimidades. Ele não tinha me abraçado como um noivo abraça uma noiva, o que fez com que eu percebesse que despir-me para o seu toque era absolutamente desconcertante.

Mais uma vez percebi que quanto mais tempo eu gastava discutindo mais eu atrasava o seu descanso. Não era culpa dele que estávamos nesta situação. Ele estava tentando ajudar e o meu acanhamento era um desconforto adicional para ele. Afinal, ele devia estar se sentindo tão estranho quanto eu nessas circunstâncias. Decidi que a melhor coisa para nós dois seria que eu cumprisse as suas determinações sem queixas.

“Será que dá para você se virar por um momento, por favor?”

Perguntei. Havia uma faísca de surpresa em seu rosto. Por um breve momento pensei ter escutado um sussurro de aprovação na suavização de seus lábios. Em seguida, ele se virou e me concentrei em remover as calças. Abaixei a túnica o mais baixo que consegui e joguei um cobertor em cima de mim quando me virei de bruços.

“Estou pronta,” eu disse.

Ele estava certo; os músculos das minhas coxas estavam em condições piores do que as canelas. Embora ele tivesse feito o máximo para me poupar, a dor me fez sentir náuseas. Quando ele finalmente terminou, disse: “Lamento ter lhe causado essa dor.”

“Não é culpa sua,” eu disse, com metade da minha cara enterrada no cobertor. “Você estava me prestando um serviço; e eu lhe agradeço.”

“Eu vou acordá-la antes do amanhecer,” ele disse, e pelo som da abertura da tenda, eu sabia que ele tinha ido embora.

Não me lembro muito do resto daquela viagem a não ser do fato de que parecia interminável; mesmo assim percorremos em dez dias o trajeto que a caravana da rainha levava três semanas para realizar.

Depois de três dias o meu corpo acostumou-se a montar de modo que a dor nos meus músculos havia diminuído gradualmente. No final da nossa viagem, eu conseguia montar em um cavalo com destreza suficiente para satisfazer as noções de equitação do meu marido persa. Mesmo pelas viagens no alto das montanhas, longe do conforto das rodovias reais, conseguia me manter firme na minha sela.

Perto do final da nossa viagem, eu já estava acostumada aos rigores da viagem rápida, e então comecei a prestar atenção na paisagem que ia mudando ao nosso redor. O deserto escaldante deu lugar à estepe, que deu lugar às montanhas arborizadas e às florestas deslumbrantes. Quando entramos na região dos Medos, o seu esplendor e o seu verde tiraram o meu fôlego. A cada hora aparecia um novo riacho, um rio espumoso, um campo fértil.

Chegamos à Ecbátana na manhã da festa do equinócio. Enquanto passava pelos muros da cidade, lembrei-me de novo do meu tempo de oração a Deus. Eu pensei, *eu não estou sozinha. O Senhor está comigo. Ele será a minha ajuda e meu escudo.*

Lembrei-me das dificuldades reais intermináveis que enfrentei — a preparação para uma festa real em apenas algumas horas sem a Pari, a tentativa de parecer apresentável para que eu pudesse desfazer alguns dos danos que tinha causado a Dario no dia do nosso casamento, a audiência com a rainha para o seu interrogatório — e em vez de ser tomada pela ansiedade, senti uma paz inexplicável. Eu conhecia a minha tendência ao fracasso; sabia o quanto eu poderia estragar esta noite. Mas na medida em que eu me rendia a Deus, sentia que o consolo que vinha do Seu poder era maior do que o medo das minhas fraquezas.

Ecbátana era menor e mais antiga do que Persépolis. No entanto, o seu esplendor lendário era tema de muitas histórias, novas e antigas. Embora eu tivesse estado lá antes, ainda achava inspiradora a visão das colunas douradas esculpidas e dos tetos de cedro com vigas banhadas em ouro ou prata. Era como se o próprio edifício me acusasse de ser indigna de caminhar por seus corredores opulentos.

Dario e eu havíamos recebido alojamentos adequados para o tempo de nossa estadia. Eu estava esperando ser colocada nos aposentos das mulheres. Em vez disso, quando chegamos, descobri que um aposento havia sido designado para nós dois. Esse arranjo me deixou assustada e percebi que era um dos planos astutos de Damaspia. Eu tentei não pensar em quais motivos estariam por trás de tanta provisão incomum. Provavelmente, outra aposta com o rei.

Achei nossos aposentos um tanto apertados. Não haveria espaço para o servo de Dario ou para a minha Pari. O cômodo principal, decorado primorosamente com pisos azuis e verdes, com desenhos de pavões e flores, ostentava uma cama. Eu tinha passado anos dormindo muito bem no chão em um simples saco de dormir; não teria nenhum problema em me acomodar em um saco de dormir no chão do pequeno anexo ao nosso quarto.

O que eu queria mais do que tudo era um banho quente. Eu cheirava a suor de cavalo. Uma mistura oleosa de poeira e do meu próprio suor cobria minha pele. Dario estava ocupado checando os seus homens. Decidi tentar organizar um banho para ele também, sabendo que ele não estava menos ansioso para se sentir limpo. Para minha alegria, encontrei a minha velha

inimiga, chefe dos servos da rainha, à minha porta quando eu a abri.

Ela se dirigiu a mim como sua dama e curvou-se como se estivesse sendo sincera. Eu não me lembrava de ter ficado boquiaberta por tanto tempo. Não é de admirar que Dario pensou que eu tinha tentado prendê-lo num casamento. Era extraordinário o quão diferentemente éramos tratados depois que nos tornávamos beneficiários de um título.

“Sua Majestade mandou-me para ajudá-la com os seus preparativos. Ela está à sua espera desde ontem.”

Com certeza Damaspia já tinha pensado em tudo. “Obrigada. Depois de uma viagem de dez dias, estava extremamente necessitava de um banho. E o Lorde Dario, sem dúvida, precisa de um também. É possível providenciar um banho privado para ele em um desses quartos, em vez de mandá-lo para a casa de banhos do palácio? A casa de banho deve estar lotada por conta da proximidade da festa.”

Eu usei a banheira das mulheres com a qual eu estava familiarizada por causa das minhas estadias anteriores em Ecbátana. A serva da Rainha enviou uma serva para atender todas as necessidades enquanto ela própria passava minhas roupas amarrotadas. Dentro de uma hora, eu estava felizmente limpa; já tinha começado a achar que eu nunca mais iria ter essa sensação novamente. Envolta em um robe limpo e um véu de mesmo padrão com cheiro de flor de laranjeira, apressei-me em direção aos nossos aposentos.

Meu marido disse “*entre*” quando eu bati. Encontrei-o imerso em uma banheira de vapor.

“Perdoe-me.”

“Ah. Pensei que você fosse o servo com mais água quente.”

Contei as rachaduras no teto e examinei o desenho no piso. Qualquer coisa que me impedisse de olhar em sua direção. “Vou me preparar no aposento das mulheres,” eu disse e, pegando o que precisava, saí. Achei tê-lo ouvido rir enquanto fechava a porta com força atrás de mim.

A própria chefe das servas providenciou a minha preparação.

Damaspia claramente não tinha nenhuma intenção de deixar as questões em minhas mãos dessa vez. Depois de horas de cuidados, eu estava pronta para a noite. Voltei para Dario e para os meus aposentos, esperando que ele estivesse apresentável agora.

Arta abriu a porta antes que eu batesse.

Dario estava vestido com uma longa túnica cerimonial de seda.

O modelo justo e longo com uma faixa pregueada na frente e calças justas por baixo enfatizava o seu peito musculoso e faziam suas pernas parecerem ainda mais longas. Percebi que as cores de nossas vestimentas foram escolhidas para combinar; sua túnica era do mesmo azul escuro da minha roupa de baixo, que aparecia no decote do meu vestido azul marinho e dourado.

Eu tinha sido arrumada com todo cuidado, meu cabelo foi arranjado em mechas delicadas e tranças no topo da minha cabeça decoradas com fitas douradas; meus lábios estavam pintados de um vermelho escuro que acentuava o seu aspecto carnudo.

Dario estendeu uma caixa bordada para mim. “Creio que isso combina com sua roupa.”

Dentro da caixa encontrei dois broches idênticos de ouro na forma de pequenas rosas, com miolos perfeitos em turquesa e um par deslumbrante de brincos de ouro decorado com mais turquesa.

Dario deu um passo adiante. “Posso?” Ele perguntou, estendendo a mão. Coloquei os broches na palma da mão estendida.

Ele colocou um em cima de cada ombro, fazendo com que o decote do meu vestido se abrisse ainda mais. Suas pálpebras baixaram de modo que eu não conseguia ver a expressão neles. “Eles combinam com você,” disse ele.

Meu coração estava batendo tão forte que eu mal podia falar, e eu não tentei. Com os dedos trêmulos, pendurei os brincos nas minhas orelhas. Por um momento, olhamos um para o outro. Não conseguia entender o que ele estava pensando; só sabia que meu coração estava cheio de desejo. Naquele momento, entendi a razão daquele desejo. Descobri que eu amava meu marido.

Sem se dar conta da enormidade da minha descoberta, ou do puro terror que se apropriava da minha alma, Dario acenou com a mão. “Vamos?”

Caminhei ao lado dele, equilibrando-me em minhas delicadas sandálias de salto alto, cambaleando por dentro. Decidi que eu não podia permitir que ele soubesse do meu segredo. Na melhor das hipóteses, ele teria pena de mim.

“O rei e a rainha nos convidaram para um encontro privado antes da festa,” disse Dario.

“Oh.”

“Eu esqueci de lhe agradecer por preparar o meu banho. Foi muito gentil de sua parte.”

“Mmm.”

“Eu não consigo me lembrar de já tê-la visto tão precavida com as palavras. Há alguma coisa errada?”

“Não.” *Claro que tinha. Eu estou apaixonada por você e você mal me tolera.*

Os guardas nos conduziram até o casal real com uma pressa lisonjeira. O rei desceu de seu trono para ficar diante de mim; levantou minha cabeça abaixada com sua própria mão. “Então essa é a sua *real* aparência?”

“Não, Vossa Majestade. Infelizmente eu só tenho essa aparência quando a chefe das servas da rainha aplica a sua arte em mim.”

Artaxerxes começou a rir. “Uma mulher honesta.” Ele se virou para Dario. “Então, o que acha de sua noiva agora, primo?”

“Ela certamente melhorou sua aparência.”

“Ouvi dizer que ela fez mais do que isso. Ouvi dizer que ela tirou de sua casa um elemento tão sujo quanto lixo.”

“Como ficou sabendo disso, Vossa Majestade? Acabamos de chegar à Ecbátana.”

O rei sorriu. “Eu sei de tudo.”

Dario cruzou os braços. “E pensei que meus homens se reportavam apenas a mim.”

“Não use isso contra eles. Eu sou difícil de resistir. Além do mais, fiquei sabendo muito pouco sobre essa história e estou impaciente para ouvir os detalhes.”

Para o meu crescente desconforto, encontrei-me no centro da atenção do rei e da rainha. Eles eram mais exigentes em suas perguntas do que um interrogador militar. Eu fiz de tudo para dar-lhes apenas uma ideia geral. O rei, insatisfeito com a minha breve versão, pressionou-me para que lhe desse detalhes. E Damaspia, esperta demais para deixar qualquer detalhe passar e mais familiarizada com a minha natureza, conseguiu arrancar de mim a forma como eu roubei a chave de Teispes, bem como os detalhes da minha conversa com o dono da loja.

“Você disse a ele que você era *o quê*?” Dario tossiu quando ouviu essa parte.

O rei soltou. “Você estava sendo desperdiçada como escriba. Eu deveria ter lhe dado a função de espiã,” o que era um grande elogio vindo do rei de um império cuja rede de espiões fazia grandes líderes estrangeiros tremerem.

Felizmente, Dario pegou o fio da história e contou à nossa audiência real sobre o vinho envenenado. Artaxerxes esqueceu o seu bom humor. “O homem tentou matar sua esposa?” Ele parecia ter ficado sem palavras por alguns momentos. “Apesar de ser o rei de um vasto império repleto de muitas ameaças, não temo outros reinos ou governantes. É o nosso próprio povo que vai determinar o futuro da Pérsia. Se nós estamos gerando e alimentando homens como o seu mordomo, então a falsidade deles vai nos enterrar vivos no futuro.

Um Teispes pode prender muitas pessoas boas debaixo do jugo de suas mentiras, como você viu. O caráter de uma nação inteira pode ser distorcido pelas ações de alguns homens corruptos.”

Eu entendi por que o rei achou difícil engolir a corrupção desenfreada de Teispes. Os persas acreditavam que eram as pessoas mais honestas do mundo. Fazia parte de sua religião a crença de que, sem a verdade, o próprio universo seria desfeito e perdido nas mãos do mal eterno. A honestidade era mais do que um mero ideal. Constituía o próprio fundamento da vida.

Eu compartilhava a angústia indignada de Artaxerxes. E, no entanto, parecia-me impossível manter um reino inteiro protegido do subterfúgio e da corrupção. Crenças, não importando o quão elevadas fossem, não conseguiam superar a natureza humana. O mal não era um problema persa; era um problema humano. Foi por isso que o Senhor, cujos padrões de verdade e honestidade eram ainda mais exigentes do que os de um persa, também nos forneceu sacrifícios para cobrir as nossas inevitáveis falhas.

“E como está o cachorro?” Damaspia perguntou.

“O cão morreu, Vossa Majestade,” disse Dario, com sua voz grave.

“Eu sinto muito. Ele parecia ser uma nobre criatura.”

Era considerado indelicado chorar diante do rei ou da rainha.

Engoli as lágrimas o melhor que pude. “Ele era um animal espetacular, *duksis*.”

“Uma grande perda. No entanto, se ele não tivesse morrido, certamente a nossa Sara teria. Eu não posso lamentar a troca.”

Fui tocada pelas graciosas palavras de Damaspia. “Muito gentil de sua parte, Vossa Majestade.”

Ela me deu o benefício de um de seus sorrisos arrebatadores. “E agora nós realmente devemos começar a festa, meu amor,” ela disse ao seu marido. “Eles não vão começar sem nós.”

Enquanto descíamos um amplo corredor ladeado por membros da sempre presente guarda de

elite do rei, os Imortais, Damaspia se dirigiu a mim. “Há muito mais que eu gostaria de lhe perguntar. Eu não a vi durante todo o verão. Por que você não vem caçar comigo na parte da manhã? É um encontro íntimo de amigos próximos e nós vamos ter tempo para conversar.”

Só de mencionar a palavra caça, empalideci. Eu esperava não chegar perto de um cavalo tão cedo. É claro que não podia dizer isso à rainha. “Estou a seu serviço, Majestade.”

“Uma parte da história eu deixei de fora,” disse Dario, “foi a de que Sara nunca tinha subido em um cavalo até a nossa jornada para Ecbátana. Ela fez isso em dez dias, mas eu duvido que ela vai estar bem para uma caçada amanhã.”

Eu não esperava que ele intercedesse por mim. Poderia ter deixado Damaspia fazer do jeito dela. Poderia ter se poupado do problema de intervir com uma pessoa de posição superior e, possivelmente, ganhar sua ira. Em vez disso, ele escolheu a sua própria inconveniência a fim de me proteger. Em toda a minha vida eu poderia contar nos dedos o número de vezes em que alguém falou algo a fim de me proteger.

Damaspia levantou a sua bela cabeça na minha direção. “Você manteve o ritmo com os homens, sem nunca ter montado antes?”

Como você conseguiu isso?”

Forçando uma leveza que eu não sentia em minha voz, disse: “Eu estava tão grata por ter escapado da morte por envenenamento que uma ferida causada por uma sela nem valia a pena mencionar.”

“Vejo que você não perdeu seu senso de humor. Bem, nós certamente não gostaríamos de colocá-la de volta em uma sela tão cedo.

Venha visitar-me antes do jantar, então.”

Baixei a cabeça. “Seria uma honra.”

Não houve tempo para mais conversa. Nós paramos diante dos portões esculpidos do grande salão de Ecbátana. Uma corneta foi tocada para anunciar a entrada do casal real e cada hóspede levantou-se. Dario e eu seguimos atrás de Artaxerxes e Damaspia, mantendo uma distância respeitosa. Para meu horror, eu estava mais no foco das atenções do que o rei e a rainha.

Depois que entrei na reunião de membros da realeza e cortesãos, tornei-me a figura estranha cuja presença arrancou risadas sem fim. Hoje à noite, a multidão estava sedenta por mais entretenimento. Seus olhares curiosos me procuraram, fixavam-se em mim, analisavam-me com

interesse minucioso até que comecei a sentir o meu coração bater em pânico.

A vergonha daquela noite nunca tinha me deixado. Nem todos os tratamentos de beleza da Pérsia, nem as roupas mais impressionantes do mundo poderiam me fazer sentir aceitável entre essas pessoas. Com uma súbita força, minha mente voltou para a minha noite de núpcias.

Eu *era* bizarra. Eu *era* inaceitável. Eu *era* feia. Cheguei a um impasse e não conseguia fazer com que meus pés se movessem. No meio do grande salão, parei, cheia de vergonha, impotente e amedrontada.

Capítulo Vinte

Eu fui arrancada do meu estado de inércia quando Dario agarrou com seus dedos a minha mão trêmula. Ele sorriu para mim, ignorando o fato de que eu tinha quebrado a etiqueta ao congelar no meio da nossa aparição pública. “Eu deveria ter dito a você antes,” disse ele, como se estivéssemos conversando na privacidade do nosso próprio aposento, e não na presença de todos os importantes chefes de Estado, “o quão adorável você está esta noite.” Ele acenou com a cabeça em um movimento gentil, demonstrando seriedade, como se estivesse tentando me assegurar de que ele falava a verdade. Então ele puxou a minha mão e eu o segui cegamente até um sofá perto da entrada do corredor.

Baixei a cabeça para evitar o peso de tanta curiosidade que vinha em minha direção. Dario colocou gentilmente um dedo sob o meu queixo e levantou minha cabeça. “Você não tem nada do que se envergonhar diante dessas pessoas.”

“Você, assim como todas essas pessoas, sabe por que eu não consigo enfrentá-las. Eu me sinto tão tola. Eles vão sempre me ver como um objeto de escárnio. E eles estão certos.”

Ele cruzou os braços e se inclinou para trás. “O que aconteceu naquela noite só diz respeito a você e a mim. Você só deve explicação a mim. A eles, você não deve nada.”

Baixei a cabeça. Ele se inclinou em minha direção e levantou meu queixo novamente. Desta vez, ele me segurou com firmeza até conseguir minha atenção. “Você é minha esposa. Você está aqui comigo. Isso é tudo o que eles precisam saber. Agora mantenha a sua determinação e reconquiste o terreno que você perdeu. Desta vez, eu estou com você.”

“Obrigada,” sussurrei com minha voz vacilante.

“Qual foi a primeira coisa que eu lhe ensinei sobre Kidaris?”

“A égua?”

“Sim, a égua que dei a você. O que eu lhe ensinei sobre ela?”

“Que eu não deveria ter medo dela, mesmo ela sendo maior do que eu?”

“Exatamente. Não há muita diferença entre as pessoas que estão aqui e a sua égua.”

Eu não podia deixar de rir daquilo. Eu fiquei um pouco escandalizada com seu simples desprezo pela alta sociedade persa.

“Assim está melhor,” disse ele. “Você tem um sorriso adorável.”

Esta foi a segunda vez que ele havia me elogiado nesta noite.

Apesar de eu saber que ele detestava mentir, eu não conseguia engolir essa declaração vinda dele. Eu ouvia suas palavras, mas não conseguia fazer o meu coração acreditar nelas.

“Você tem sido muito gentil. Estou em dívida com você.

Obrigada também por me tirar da caça de amanhã. Não podia me imaginar montada em um cavalo logo ao nascer do sol. Não consigo fazer mais nada além de tentar manter os meus olhos abertos.”

Dario se inclinou e pegou a faca adornada com joias colocada sobre a nossa mesa, e com ela cortou um pedaço do marmelo recheado que tinha acabado de ser servido e o ofereceu para mim. “Sei que você está cansada. Tem sido uma semana desgastante para você. Infelizmente, embora eu tenha certeza de que você deseja descansar mais do que qualquer outra coisa, vamos ser uns dos últimos a ir embora esta noite. Vamos festejar a noite toda e mostrar a todos que estamos em harmonia, e que não há motivos para a fofoca sem fundamentos que circula a respeito de nós.”

Como ele tinha previsto, já era tarde quando Dario e eu nos retiramos para o nosso pequeno apartamento. Assim que entramos, fui para o canto onde um dos servos reais tinha colocado um saco de dormir, conforme eu havia solicitado. Eu não iria dormir usando aquelas roupas herdadas de maneira alguma. Sentei-me no colchão e tentei pensar em uma maneira de me despir com Dario à vista, do outro lado do recinto.

“O que você está fazendo?” Ele perguntou, vindo em minha direção.

“Preparando-me para dormir.”

“Você não vai dormir aqui?” Ele apontou com a cabeça para a grande cama ornamentada no canto do aposento. “Vá para lá.”

Tenho certeza de que fiquei vermelha de vergonha.

Ele deu um passo para trás. “Eu não quis dizer... quis dizer que eu vou dormir no chão e você dormirá na cama. Eu não iria arrastar uma mulher por metade do caminho até a Pérsia para fazê-la dormir no chão.”

“Estou acostumada a dormir no chão.”

“Eu não me importo.”

Eu estava muito cansada para discutir. Sem uma palavra, levantei e me arrastei para a cama. Sentei-me e mais uma vez tentei descobrir como me despir no mesmo quarto em que se encontrava o meu marido.

“Sara? Esqueci de lhe contar; recebi notícias dos homens que enviei para encontrar o irmão de Teispes. Eles virão amanhã e trarão as contas de Teispes e os recibos de Mandana. Teremos que examiná-los e colocá-los em ordem. Você pode ajudar?”

Fiquei desapontada. O sábado havia acabado de começar. As horas do dia pertenciam ao Senhor. Eu tinha quebrado o sábado mais de uma vez, mas eu ainda não tinha rendido a minha vida completamente a Deus. Eu tinha me prometido que não iria mais ceder tão facilmente. “Meu senhor, eu... não posso.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Claro. Eu não deveria esperar que você quisesse trabalhar como escriba agora que está em uma posição elevada.”

“Não é isso!” Levantei-me e dei um passo em direção a ele. “Não é nada disso!” Pensei na ironia que me impedia de ajudá-lo quando finalmente tive a oportunidade. Eu não conseguia entender o tempo de Deus. Por que Ele fecharia esta porta quando Ele sabia que era a minha única chance de fazer meu marido me valorizar? “É o sábado, você entende? O dia do descanso judaico. O Senhor exige que guardemos o santo sábado. E eu... quero tanto honrá-lo agora, mais do que eu fiz no passado.”

Para meu alívio, sua expressão facial tensa se suavizou. “O sábado. Eu sei o que é. A minha mãe o guardava.” Ele se virou. Por cima do ombro, ele disse, “suponho que não haverá problemas se aguardamos um dia para lidarmos com essas contas.”

Respirei aliviada. “Eu terei prazer em analisar as contas do irmão de Teispes. Gostaria de saber se são tão extravagantes quanto as de seu irmão.”

Dario bocejou. “A simples menção de contas me dá sono, eu confesso. Vou para a cama.” Ele assoprou a lamparina e mergulhou o quarto na escuridão, resolvendo assim o meu problema de me arrumar para dormir na sua presença.

Apesar de minha exaustão, não conseguia dormir, meus pensamentos giravam. Mais uma vez Dario havia me protegido. Ele tinha me defendido diante de toda a corte. Pensei em suas palavras, *“você só deve explicação a mim.”* Para ser justa, suas palavras não estavam

completamente corretas. Minhas ações tinham ferido seu pai também; tinham lançado uma má impressão sobre a rainha, sobre Neemias e sobre meu próprio pai. Eu tinha prejudicado outros além de Dario na véspera do meu casamento.

Mas era o julgamento de estranhos que pesava tão fortemente sobre mim nesta noite. Aos olhos deles, eu era uma proscrita.

Eu sentia aquela sentença de rejeição e acreditava ser justa. Este era o meu problema: eu concordava com eles. Com a força desse consentimento, eu não conseguia me libertar da condenação que eu sentia.

Ó Senhor, me ajude! Eu me sentia tão pequena e solitária. Dario, com toda a sua ajuda, havia também me rejeitado.

Você só deve explicação a Mim. As palavras ecoavam em minha mente como um sussurro, mas não era a voz de Dario que as sussurrava.

Você só deve explicação a Mim. Senti as palavras se repetindo mais uma vez no meu coração, com mais força desta vez.

“Senhor?” Assim que pronunciei o Seu nome, comecei a lembrar das histórias do nosso povo. Pensei em outros homens e mulheres, marginalizados e sem esperança, a quem o Senhor tinha aceitado, amado e cuidado: Jacó, Moisés, Raabe, Rute, Davi. Esses eram homens e mulheres imperfeitos, cada um deles, um proscrito à sua própria maneira, a quem Ele tinha mudado, desejado, transformado. Aqueles que, contra toda a razão pertenciam a Ele, não porque eles não tinham defeitos, mas porque Ele os havia escolhido. Esta era a verdade de Deus. Esta era a Sua natureza, Seu coração revelado.

Pensei o quanto *essa* realidade pesava mais no equilíbrio da minha alma do que o julgamento de cortesões que eu mal conhecia. (...) *Você só deve explicação a Mim.* Meus pecados e fracassos estavam na palma da mão de Deus; eram pesados na balança de Sua santidade.

Só a Ele eu devia prestar contas. Será que eu poderia fazer o meu coração fixar-se somente na opinião do Senhor sobre mim, e assim ser capaz de ignorar os julgamentos dos outros, fossem eles bons ou ruins? Será que eu substituiria a realidade de Deus pela realidade daqueles que me aguardavam nos corredores do palácio do rei?

Se eu só tinha que prestar contas a Deus, então eu tinha mais sobre o que me arrepender. Lembrei-me do quanto endureci o meu coração para com Deus na véspera do meu casamento; de como eu tinha desconsiderado a vontade de Deus e insistido na minha.

Naquela noite, minha alma se apegou à minha dor e medo. Eu não tinha levado em conta os sentimentos de Dario ou como minhas ações poderiam afetar nossos pais. Eu tinha pensado somente em mim porque eu tinha pensado muito pouco em Deus. Se eu tivesse confiado em Deus, eu teria encontrado forças para pensar na dor dos outros, assim como também na minha própria. Eu teria evitado escolhas que causaram tantos danos.

A minha conta com Deus estava em um estado pior do que qualquer outra conta. Mas certamente aquele que aceitou Davi, mesmo depois de ele ter cometido assassinato e adultério, poderia prover aceitação suficiente para mim. Nas palavras do rei Davi, clamei a Deus: *Não te lumbres dos pecados e transgressões da minha juventude; conforme a tua misericórdia, lembra-te de mim, pois tu, Senhor, és bom.*

Passei o resto das minhas horas de vigília pedindo perdão ao Senhor. Quanto mais eu orava, mais o Seu amor infalível parecia crescer, e a medida da minha rebelião parecia diminuir. Era como se, pouco a pouco, sua bondade engolissem o meu pecado.

Quando finalmente caí no sono naquela noite, tive doces sonhos.

Na noite seguinte, Damaspia dispensou suas assistentes a fim de reunir-se comigo a sós. Ela me fez sentar em um banquinho de ouro perto dela e me ofereceu frutas de uma bacia que transbordava maçãs, peras, figos, amoras e algumas outras frutas que eu nem conhecia. O meu novo posto tinha me garantido esta honra; nos velhos tempos, eu teria ficado de pé em reverência à sua presença. Sem preâmbulos: ela disse: “Você teve um verão difícil.”

Eu pensei que ela estava falando de Teispes. “Sim, Vossa Majestade,” eu disse. “Mas eu estou feliz em me livrar dele.”

“Você se livrou dele? E o seu coração?”

“Meu coração?” Perguntei vagamente.

“Eu não imagino que você tenha gostado de perder o seu posto para acabar longe da corte e abandonada por seu marido”

Eu me ajeitei no banco de ouro, que rangeu sob o meu peso.

Apesar de sua beleza, não era confortável. Era muito típico de Damaspia me fazer sentar em uma cadeira incômoda enquanto fazia perguntas desagradáveis. “No início, foi devastador. Senti muita pena de mim mesma,” eu disse.

Ela sorriu. “E depois?”

Dei de ombros. “Fiz alguns amigos.”

“Fico feliz em ouvir isso. Você deve ter ficado solitária.”

Mesmo durante meus anos de trabalho na corte eu me sentia solitária. Apenas vivia ocupada demais para notar, e cansada e amedrontada demais para me preocupar. Na corte, eu tinha conhecidos, colegas, amizades superficiais. Mas não havia um sequer que conhecesse meu coração em qualquer que fosse o grau de intimidade, e nem eu sabia como alcançar o fundo do coração de alguém.

Os primeiros dias tranquilos que passei em minha nova casa tornaram minha solidão evidente. Sem distrações, sem a urgência das demandas do cargo, pela primeira vez em muitos anos eu não tive escolha, a não ser sentir solidão.

“Sim, Vossa Majestade,” eu disse, e deixei por isso mesmo.

Ela cruzou as mãos como um leque de marfim e colocou-as sobre seu colo. “Foi por minha causa que ninguém tentou contatá-la durante todo o verão. Eu tive uma boa razão para isso. Seu marido andou por entre esses muros como uma pantera ferida durante semanas. Eu temia que, se nós tentássemos escrever-lhe ou visitá-la, ele poderia entender isso de forma errada, como algum tipo de conspiração para interferimos, e assim ele ficaria ainda mais irritado com você. Então eu fiquei longe de você, e disse a Neemias para fazer o mesmo e dizer ao seu pai para manter distância também”.

“Depois de algumas semanas, o rei enviou Dario em missão para ajudá-lo acalmar-se um pouco. Quando voltou ele já estava mais tranquilo. Foi então eu lhe pedi para buscá-la.”

Lembrei-me que eu acreditei na declaração venenosa de Teispes de que o silêncio da minha família e dos meus amigos significava que ninguém se importava comigo. Agora, parecia que o oposto era a verdade. Eles se afastaram *porque* se importavam.

Eu tinha aceitado a versão de Teispes sobre os eventos. Na época, parecia ser verdade. Mas eu estava errada, e no meu desespero, foi fácil acreditar numa mentira.

Percebi que a rainha estava aguardando uma resposta, então respondi. “O meu senhor tem sido muito gentil desde o seu retorno.”

“Oh? Quer dizer que finalmente você se tornou uma verdadeira esposa?”

Eu não iria fingir que não havia entendido. Fazendo o meu melhor para manter minha expressão neutra, disse: “Não, Vossa Majestade.”

“Bem, ainda está recente. Diga-me, o que acha do seu apartamento aqui em Ecbátana?”

“Um arranjo muito... constrangedor.”

Damaspia riu. “Tive que fazer algumas manobras, para ser sincera. Até o rei ficou escandalizado por eu colocar marido e mulher no mesmo quarto. Mas você, tão bonita assim, e próxima a ele dia e noite, não vai demorar muito para aquele meu primo prestar atenção em você.”

Eu tentei esconder o meu aborrecimento com a sua interferência. Eu sabia que ela se sentia responsável, e até mesmo culpada, pelo resultado dessa união. Suas motivações eram boas, mas eu não podia deixar de desejar que ela parasse de se meter na minha vida. “Isso é agradabilíssimo, Vossa Majestade,” eu disse, com minha voz cética.

“Você ainda duvida? Com esses lábios, cabelos volumosos e brilhantes e todas essas curvas, você mexeria com a cabeça de qualquer homem. E agora que você está se vestindo como uma dama e não como uma camponesa órfã, você está mostrando sua beleza vantajosamente. Onde você conseguiu aquele suntuoso robe que você usou na festa de ontem à noite? Não era um dos meus.”

“Lorde Dario me deu. Sua mãe o separou para a sua esposa.”

“Ele *tem sido* gentil. Eu notei como ele estava atencioso na festa de ontem à noite.”

Eu dei um salto quando ela estendeu a mão para segurar a minha, não como rainha, mas como amiga. “Sara, você não nasceu como um de nós. Você não pode imaginar o que significa ter privilégio e influência desde o nascimento. Não pode imaginar a maneira como as pessoas se esforçam para estar perto de nós só para que possam nos usar. Você não pode imaginar como é nunca ter a certeza se alguém realmente se importa conosco ou só quer alcançar algum benefício através de nós. Confiança não é algo que conseguimos ter com facilidade, e uma vez quebrada, é difícil conseguir restaurar.”

“Essa é uma das razões pelas quais escolhi você para Dario. Sabia que você era confiável e leal. Sabia que ele estaria seguro em suas mãos. O problema é que ele não sabe disso ainda. Vai levar tempo para curar esse dano. Mas eu acho que vai curar, porque a verdade é que você não é quem ele pensa que você é. Quando ele conhecer você verdadeiramente, ele vai perdoar o que você fez.”

Após o meu tempo com Damaspia, parei para uma breve visita aos meus antigos colegas. Como de costume, eles estavam trabalhando naquele cubículo sem ar no quarteirão das mulheres. Por alguns momentos, permaneci à porta sem ser notada. Essa era a minha vida

simples de apenas alguns meses atrás. Eu me senti estranhamente alheia àquilo. Eu tinha pensado que vê-los trabalhando acenderia minha saudade do trabalho. Mas eu me senti como uma estranha naquela sala. Eu já não pertencia àquele lugar. A percepção veio como um choque, porque eu não sentia que pertencia à família de Dario também. Onde seria o meu lugar agora? Meu devaneio foi interrompido por um dos eunucos que, ao me perceber, deu um salto, derrubando seus pergaminhos no chão.

Tentei ajudar a apanhar as folhas, mas eles não me permitiram.

Ficou claro que eles também sentiam que aquele não era mais o meu lugar. Para eles, eu era agora uma dama da alta sociedade. Eles agiram de modo estranho comigo, e nada do que eu dizia conseguia deixá-los à vontade. Saí imediatamente, percebendo que eu era uma interrupção indesejada.

Tive um jantar solitário em meu apartamento naquela noite.

De Dario não havia nem sinal. Pouco tempo depois de minha refeição, um dos homens de Dario trouxe uma mensagem da parte dele dizendo que o rei tinha recomendado um escriba para substituir Teispes, e Dario tinha saído para conhecer o novo funcionário. De nada adiantaram os meus esforços para provar a ele o meu valor para esse serviço. Agora que ele estava prestes a contratar um novo escriba, ele não teria necessidade da minha ajuda. Eu voltaria a ser o incômodo que ele estava conduzindo em sua sela. Eu dormia em sua cama, usava as roupas de sua mãe e não dava nada em troca. A faísca de esperança que as palavras de Damaspia tinham acendido em mim começou a se apagar.

Tendo dormido muito pouco na noite anterior, não foi difícil deitar para dormir mais cedo. Eu não sei onde o meu marido passou a noite, mas não foi em nosso quarto.

Capítulo Vinte e Um

Neemias enviou a Dario e a mim um convite para visitá-lo na parte da manhã. Ele esteve presente na festa do equinócio, mas não tinha vindo nos cumprimentar. Eu suspeitava de que ainda havia um problema de relacionamento entre ele e Dario.

Este convite foi a sua maneira de oferecer um acordo de paz, sem dúvida.

De minha parte, eu já o havia perdoado há muito tempo por seu papel no arranjo do meu casamento. Ele não teve a intenção de me prejudicar. Na verdade, ele me fez um grande elogio ao acreditar que um homem como Dario iria me querer como esposa. A descoberta de que ele não tinha me ignorado por três meses, mas havia ficado longe por obediência à rainha Damaspia, removeu todas as barreiras remanescentes que eu havia levantado contra ele.

Na ausência de Dario, eu decidi aceitar o convite de Neemias por mim mesma, embora eu estivesse quebrando várias regras sociais ao fazê-lo. Como esposa de um nobre, eu já não tinha a liberdade de uma plebeia. Encontrar-me a sós com um homem, mesmo sendo o meu primo, era proibido. Mas eu duvidava que Dario se importaria. Eu era uma esposa imposta a ele. Ele parecia pouco preocupado com as minhas decisões.

Além disso, eu sentia falta da companhia de Neemias. Queria compartilhar com ele a alegria da minha nova fé; mais do que ninguém, ele iria entender o que isso significava para mim. Decidi não esperar por Dario e, ignorando a etiqueta, fui em busca do meu primo.

Encontrei Neemias fazendo as malas. Para começar, seus escritórios não estavam em perfeita ordem. Ninguém anunciou minha entrada e, ao entrar, encontrei meu primo com a cabeça enfiada em um baú de couro. “Está indo para algum lugar?”

Perguntei.

“Sara!” Eu me assustei quando ele me envolveu em um abraço paternal. “Estou muito feliz em vê-la.”

Eu não esperava tamanha recepção. Nem ele teve a intenção de se entusiasmar tanto, penso eu, uma vez que ele se afastou de mim com um passo firme. Achei tanto o seu súbito afeto quanto o seu subsequente constrangimento cativantes. “Eu estou indo para Susã, antes da corte, para preparar tudo para o rei,” disse ele, respondendo a minha pergunta inicial.

“Ah. Eu tinha esquecido que a corte estava indo para Susã.

Apenas alguns meses e eu já me sinto fora de sintonia com as rotinas da casa real.”

“Obviamente, uma vez que você está aqui desacompanhada, será que você não está procurando problemas?”

“Tudo vale a pena para poder ver você.”

Neemias me direcionou um olhar bravo. “É melhor você ir embora. Volte mais tarde com uma acompanhante apropriada.”

“Meu marido não vai se importar.”

Ele arqueou uma sobrancelha e me convidou a sentar em um sofá cor de açafrão. “Você teve um verão e tanto, pelo que fiquei sabendo.”

Eu imaginei que a essa altura ele sabia de cada detalhe do que eu tinha compartilhado com o rei. “Sim, meu senhor,” eu disse. Tecnicamente, ele não era mais o meu senhor, uma vez que minha posição agora era superior a dele. Mas os velhos hábitos persistiam. “Parece que você encontrou amigos fiéis em sua nova casa.”

“É verdade.”

Ele assentiu. “Bom.” Ele desviou os olhos por um breve momento. “Você tem passado algum tempo com o seu marido, finalmente. Como ele a tem tratado?”

Ele poderia ter feito aquela pergunta de muitas maneiras.

Com simples curiosidade. Com uma intenção intrometida. Com tons de críticas. Em vez disso, ele perguntou com uma preocupação honesta, com seu olhar de compaixão, e ao mesmo tempo com firmeza. Neemias sempre conseguiu me fazer sentir como se ele pudesse resolver os meus problemas mais graves.

Então, ao invés de contornar a situação como eu pretendia, a verdade me escapuliu. “Ele tem sido gentil, até mesmo dedicado, desde que descobri os problemas com Teispes. Mas ele nunca vai me amar. E ele jamais vai me tocar.”

“E você o ama.” Não foi uma pergunta. Eu deveria saber que ele iria descobrir o meu segredo mais profundo, sem esforço.

Desde a minha infância, esse homem sabia como adentrar a minha mente e expor o que eu

pensava.

Enterrei meu rosto em minhas mãos por um momento.

“Quão tola uma mulher pode ser?”

“Não é tolice amar o seu marido.”

“É sim, quando ele nem mesmo suporta me olhar.”

“Eu acho que isso já passou, pelo menos a julgar pela maneira como ele olhava para você na véspera do equinócio.”

“Era a sua maneira de me proteger das fofocas da corte. Eu disse a você, ele é gentil.”

Neemias tamborilou os dedos bem-cuidados sobre a mesa de alabastro ao lado dele. “Se ele demonstra gentileza é porque não mais a despreza. Você já caminhou bastante em poucos meses.”

Meu sorriso foi tingido pela tristeza. “Eu esperava que pudesse fazê-lo gostar de mim, ajudando-o como sua escriba. Ele deixou seu ajudante pessoal no palácio para ajudá-lo na ausência de Teispes. Até que ele contratasse um novo escriba, eu deveria ajudá-lo. Imaginei que assim ele pudesse enxergar que eu não era uma decepção completa. Mas isso não vai acontecer, ao que parece. O rei já encontrou um funcionário para ele.”

“Seu marido deve aprender a amar *você*, e não as habilidades que você apresenta. Você não lhe presta nenhum favor ao tentar conquistá-lo com o que tem muito menos valor do que você mesma.”

Eu me vi à beira das lágrimas. “Temo que ele não encontre muito o que amar em mim.”

Neemias ficou de pé. “Você está louca, menina?” Ele soltou um suspiro audível antes de sentar-se novamente. “Sara, você nunca soube o seu valor. Você nunca soube como você é maravilhosa.”

Pela primeira vez eu fiquei sem palavras. Metade de mim ansiava para que ele me dissesse o que era tão maravilhoso em mim. A outra metade se recusava a acreditar em qualquer coisa boa que ele teria para dizer.

Ele ficou pensativo por longos momentos. “Eu culpo o seu pai.”

“Tudo o que sou é culpa do meu pai,” eu disse com um sorriso trêmulo. “Mas do que

exatamente o estamos culpando?”

“Talvez se eu lhe contasse sobre o seu passado, você entenderia.

Você não conhece o seu pai muito bem. Alguma vez ele lhe disse que ele não tinha a intenção de se casar?”

“Isso exigiria uma conversa de natureza mais pessoal. Então, não. Ele não contou.”

“Ele era inteligente desde a infância. Um homem tímido. Ele me disse uma vez que ele pensou que nunca iria se casar porque ele não podia se imaginar conversando com uma mulher. Então, ele conheceu sua mãe e tudo mudou.”

“Ela era linda como você sabe, e gentil. De alguma maneira ela tinha um jeito de deixar os outros à vontade. Seu pai se apaixonou por ela à primeira vista, eu acho. Ele achava que o casamento era algo sem futuro, claro. Não podia imaginar uma criatura tão arrebatadora amando-o do mesmo jeito, ou se contentando com a vida humilde que ele iria lhe proporcionar. No entanto, ela o fez. Sua mãe retribuiu o amor do seu pai.”

Peguei uma taça de prata vazia que estava sobre a mesa perto de mim e a girei na minha mão, sem prestar atenção na obra de arte que era. “Eu sempre soube disso, de alguma forma. Ela costumava brincar com meu pai e fazê-lo rir em voz alta. Eu não mais o ouvi rir assim em anos.”

“Acho que ela foi a única mulher com quem ele teve um relacionamento profundo, certamente; a única com quem ele se comunicou em um nível significativo. De alguma forma, ela conseguiu tirá-lo de seu casulo. Quando ela morreu, seu mundo desabou.”

A memória de meu pai olhando para o espaço com os olhos avermelhados passou pela minha mente. Lembrei-me de quando era criança, chamando-o várias vezes: “Abba! Abba!” Minha voz cheia de terror de uma menina que já tinha perdido a mãe e agora ficava petrificada com o medo de que o pai desaparecesse também. Ele ignorava o meu choro.

Não foi o meu Abba que tinha desaparecido. Fui eu. Ele tinha parado de me enxergar. Eu tinha ficado invisível para ele.

“Eu estava lá, lembra?” Eu disse a Neemias.

“Você estava lá, sim. Mas você era muito jovem para entender. Nos primeiros meses de sua perda, ele estava muito devastado para prestar a mínima atenção em você. Então, quando ele começou a emergir desse abismo de dor, lá estava você. E ele não sabia o que fazer com você. Não tinha ideia de como cuidar de uma criança — de uma filha.”

“Eu sei. Eu era um incômodo para ele.”

“Sara, é aí que você está errada. Ele amava você. Ele não sabia como falar com você, como demonstrar o que estava em seu coração. Mas ele a amava.”

Cruzei os braços; com o cálice de prata esquecido entre meus dedos, endireitei-me, com minhas costas rígidas contra o sofá de veludo. “Meu senhor Neemias, eu imploro seu perdão por discordar de você. Mas a verdade é que fui uma decepção para o meu pai. Eu não era tão bonita quanto a minha mãe, ou cativante, ou doce. Eu dizia as coisas erradas. Precisava de muita atenção. Necessitava de muito cuidado.”

“Você acha que seu pai evitava você porque ele pensava que você não era boa o suficiente? Porque ele pensava que você exigia muito? Não! Seu pai evitava você porque ele não sabia como chegar até você. A deficiência não estava em você. Estava nele.”

Suspirei com descrença, mas Neemias me ignorou.

“Quando voltei a ter contato com vocês, o dano já havia sido feito. De alguma forma, você passou a acreditar que você não tinha nada de valor para oferecer. Não tinha mais nada a ver com seu pai; estava dentro de seu próprio coração e de sua mente.

Você foi assentou-se na cadeira de juiz e julgou-se deficiente.”

Cruzei os braços apertadamente sobre o meu peito. “Era a verdade.”

“Era uma *mentira*!” Neemias rugiu, fazendo-me saltar.

Ele limpou a garganta e, quando falou, sua voz estava calma novamente. “Eu pude perceber que aprender a ler lhe deu um sentimento de realização. Uma nova conexão com o seu Abba”.

“Eu acreditava que o Senhor lhe tinha dado o talento por uma razão. Também esperava que Ele usasse isso para trazê-la mais para perto de seu pai. Para curar essa noção equivocada que você abrigou em sua cabeça de que você não é especial. Sempre que eu passava um tempo em sua companhia, ficava admirado em ver o quão preciosa você era. Mas você não conseguia enxergar.”

Meus olhos se arregalaram de espanto. Ele me achava *especial*?

“Mas você mergulhou toda a sua alma no seu trabalho. Estabeleceu-se na corte e tornou-se a serva favorita da rainha. Por acaso você se sentia segura e feliz? Será que o seu sucesso lhe trazia paz?”

Preferi não responder e ele continuou.

“Sabe por que não? Porque você estava fora de sintonia com o projeto de Deus. O propósito de Deus inclui o uso de nossos talentos. Quando Deus criou o primeiro homem e depois a mulher, Ele lhes deu muitos dons. Em seguida, deu-lhes trabalhos que exigiam o uso daqueles dons. Ele lhes atribuiu uma grande tarefa, muito mais importante do que qualquer coisa que você possa realizar em sua vida. O homem e a mulher foram designados para tomar conta da terra. Foram designados para governar o mundo.”

Coloquei a taça de volta na mesa com um movimento inquieto. Eu conseguia perceber que Neemias estava se preparando para uma longa palestra. Talvez isso era o que eu precisava, pensei, e me forcei a escutar.

“Mas você acha que o Senhor os considerava dignos por causa de suas habilidades?” Ele continuou, ignorando a minha inquietação. “Eles ainda nem tinham começado a trabalhar quando Deus fez Sua primeira declaração sobre eles. Ele disse que eles eram *muito bons* quando ainda não tinham realizado uma única coisa. Eles não tinham provado ser capazes de nada ainda. Ele declarou que eles eram *bons*, não por causa do que eles tinham feito, mas por causa do que Ele os tinha criado para ser.”

Senti-me congelar quando ouvi essas palavras. Eu nunca tinha pensado na forma como Deus falava sobre Adão e Eva nesses termos. Neemias estava certo. Deus já os considerava bons antes que tivessem feito qualquer coisa de valor.

Neemias acenou com a cabeça, como se ele tivesse percebido que eu estava finalmente começando a compreender o que ele queria dizer. “Tudo na vida tem que ter uma ordem certa, Sara. O coração que conhece o Senhor como a fonte de sua beleza e valor conhece a liberdade. Você se perdeu nos dons que Deus lhe deu.

Essas bênçãos se tornaram o seu mestre”.

“Quando o seu ser mais íntimo estiver em sintonia com a ordem correta de Deus, você colherá o seu descanso. Sua alma experimentará a paz de Deus”.

“Em vez disso, o *seu* mundo interior produziu uma tempestade porque você perdeu a visão de quem realmente você era. Você vivia com medo. Medo de se mostrar insatisfatória. Por anos eu vi você viver uma vida desordenada. Você colocou o seu intelecto, sua capacidade de aprender mais rápido do que a maioria e o seu raciocínio e compreensão acima da média no centro de sua vida. Isso nunca foi o propósito do Senhor para você.”

Fiz um gesto involuntário com o braço; o cálice de prata escorregou e produziu um barulho

horroroso quando caiu no chão polido. Eu não tinha forças para pegá-lo. Estava totalmente absorta nas palavras de Neemias.

“Minha filha, os cuidados do Senhor por você nunca dependeram do que você conquistou. Você foi criada para o Seu amor, e não para ser o Seu burro de carga. Suas realizações são destinadas a ser uma resposta a esse amor; em vez de fazer do amor uma resposta às suas realizações”.

“Eu não sei se o seu marido vai algum dia amá-la do jeito que você deseja. Eu não sei se algum dia ele a verá como você realmente é, uma mulher de beleza e qualidades raras. Mas de uma coisa eu sei. Você pode se sentir amada e realizada mesmo sem o afeto do seu marido. A misericórdia do Senhor por você nunca cessa, Sara. Nunca.”

Eu usei a ponta da minha cara manga de linho para limpar o meu nariz. “Estou começando a entender isso. Estou começando a acreditar que o Senhor é um socorro bem presente na angústia.

Eu abri meu coração para amá-lo novamente.” Enxuguei as lágrimas dos meus olhos encharcados e lamentei: “Eu queria que você não fosse embora, *primo* Neemias.” Percebi como eu o havia chamado e mordi o lábio. “Perdoe me. Eu quis dizer, *meu senhor*.”

Ele riu. “Pode me chamar de Primo Neemias. Você não tem sido como minha própria filha há tantos anos?”

Fiquei boquiaberta, maravilhada. Já que a minha boca estava aberta, decidi usá-la. “Como você ficou tão sábio?”

“Eu sempre oro.” O olhar de Neemias transpirava bondade.

“Estou satisfeito por saber que você tem fé. Você vai precisar dela”.

“Sara, eu provavelmente já subi mais alto do que qualquer filho de Israel na minha geração. Alguns do nosso povo respeitam-me por isso. Outros me insultam e me chamam de traidor por viver com os persas e adotar o estilo de vida deles.”

Eu sabia o que ele queria dizer. Tendo vivido nos palácios do rei como uma judia, eu tinha enfrentado o preconceito de muitos do nosso povo que pensavam que eu tinha me tornado persa

demais. Eu concordei. “Isso deve ser muito difícil para você, meu senhor. Ao contrário de mim, você ainda é muito ativo na comunidade judaica.”

Ele encolheu os ombros. “Não é difícil se você não se importa com o que as outras pessoas pensam de você. Alguns me consideram um grande sucesso. Outros viram as costas quando me

veem. Isso não me afeta. Contanto que eu tenha a benignidade do Senhor”.

“Se um dia todas as obras das minhas mãos se desmoronarem aos meus pés, você acha que eu vou perder a noção de quem eu sou em Deus? Nem por um momento! Meu coração pode quebrar. Mas eu não vou me considerar menos homem por essa falha. Eu sempre terei minha posição diante do Senhor como Seu filho. Eu sei que sempre poderei ir a Ele e ser bem-vindo. Isso é quem eu sou. Meu trabalho é uma pequena parte de mim, uma atribuição vinda de Deus. Quer Ele me dê ou o retire de mim não vai mudar o modo como Ele me vê”.

“Isso é o que eu quero que você aprenda sobre si mesma, Sara.”

Antes que eu pudesse responder, o assistente de Neemias apareceu com uma convocação urgente; então eu me despedi, sabendo que o meu primo já tinha gastado mais tempo comigo do que ele tinha. Eu não estava com disposição para voltar para o meu apartamento, então decidi passear nos jardins.

Enquanto eu caminhava sob um arco coberto com rosas cor de rosa, eu ponderava sobre as revelações extraordinárias de Neemias. O primeiro pensamento que me veio foi que ele me considerava *maravilhosa*. Neemias? Meu bem-sucedido e procuradíssimo primo achava que eu era maravilhosa? Eu sabia que ele tinha me ajudado ao longo dos anos, mas eu sempre achei que isso era mais por conta de um dever que ele tinha para com a minha mãe do que por conta de qualquer afeição real por mim.

Parecia que eu tinha tantas coisas deixadas para trás. Eu pensei que meu pai me achasse uma decepção e eu tinha chegado a acreditar que eu era realmente um desapontamento.

Eu tinha passado tanto tempo tentando ganhar o seu amor e ele já me amava.

As últimas palavras de Neemias queimavam em minha mente: *Importa quem eu sou. O meu trabalho é... uma atribuição de Deus*. Eu não tinha a sua capacidade de descansar na opinião do Senhor sobre mim. Tinha construído minhas próprias medidas de valor e aceitabilidade. Elas eram falsas; destruíram a minha paz. Ocorreu-me o quão obstinadamente eu servi a essas medidas. Eu as servi com uma determinação mais feroz do que eu servia a Deus. Eu valorizava a boa opinião dos outros mais do que eu valorizava o Senhor. Acho que eu estava tentando compensar por todos os anos da minha vida durante os quais o meu pai tinha me ignorado.

Mas Neemias estava certo, o Senhor não se importava com o meu preço, ou se eu provava ser útil. Não significava nada para Ele se os outros pensavam bem ou mal de mim. Suas medidas eram muito diferentes das minhas.

Esmagada por minhas descobertas, desmoronei em um banco de mármore e inclinei-me contra

o seu encosto esculpido. Estava ventando e eu senti um vento frio através do meu vestido de linho branco. Puxei minhas pernas para cima do banco e passei meus braços em torno delas.

Neemias tinha me acusado de viver uma vida desordenada. Eu, que já tive o cargo de colocar em ordem a vida da rainha da Pérsia, não conseguia colocar ordem em minha própria vida. Eu conseguia gerenciar registros, mas meu coração havia me derrotado.

Quem poderia libertar um coração, senão Deus? “Senhor,”

gritei em minha mente. “Tu não vês as coisas da maneira que nós mortais as vemos. Julgamos por coisas exteriores, mas o Senhor olha para o coração. Assim, grande parte da minha vida tenho dedicado a coisas materiais. Eu queria ter excelência. Mas Tu, Oh Senhor, conheces o meu coração. Por favor, perdoa-me por servir os falsos mestres da minha alma. Ajuda-me a agradar somente ao Senhor.” Pensei por um momento e então continuei minhas orações. “Ajuda-me a *querer* agradar somente ao Senhor.”

Fiquei sem palavras. De alguma forma, no fim silencioso das minhas orações, eu acalmei a minha alma. Foi um silêncio de cura. Eu sabia que eu estava no início desta jornada — sabia que ter conhecimento do meu pecado e desejar mudar era apenas o começo.

Ainda assim, eu senti como se um outro grande muro em torno do meu coração tivesse começado a rachar. Como se ao reconhecer que os meus valores estavam de cabeça para baixo, eu tivesse permitido que Deus se aproximasse de mim. Eu senti sua presença como a de um Pai querido, em vez de uma divindade distante. Como uma criança que se acalma na companhia de um pai amoroso, eu fiquei contente e, em pouco tempo, adormeci.

Devia ser mais que meio-dia quando acordei, enrijecida por ter cochilado sobre um mármore duro. Um cobertor de bem-estar parecia cobrir minha alma. Eu sorri, cheia de alegria.

Eu estava muito feliz para voltar ao confinamento do palácio, então decidi continuar minha caminhada de mais cedo.

O doce aroma de milhares de flores perfumadas me envolveu enquanto eu caminhava, fazendo minha cabeça girar ao contemplar tamanha beleza. Não parei até chegar à parte mais interna do muro, alta e branca como uma barreira de gelo, onde eu finalmente parei.

Pelo canto do olho, vi um menino vindo em minha direção, com sua babá alguns passos atrás. Eu o reconheci. Era Arash, sobrinho favorito de Damaspia. Com três anos de idade, ele era adorável o suficiente a ponto de já ter um exército de admiradores. Ele se aproximou de mim com passos ousados; eu o tinha encontrado inúmeras vezes, enquanto trabalhava para a rainha.

“Você tem algum pergaminho?” Ele perguntou. Uma vez eu havia lhe dado um pequeno pedaço, e ele agora pedia um pergaminho cada vez que me via.

“Boa tarde, Arash. Sinto muito mas não tenho nenhum pergaminho para você hoje.”

“Ah.” Uma mão gordinha coçou sua cabeça.

Uma borboleta com asas lilás, atraída pelo cheiro das poções em meu cabelo, começou a voar em torno de mim. “O que é isso?”

Arash gritou.

“Uma borboleta.”

Com uma atenção lenta e deliberada, ele repetiu a palavra depois de mim. Nós tínhamos feito esse jogo antes. Na maioria das vezes ele já sabia as palavras, mas ele fingia aprendê-las de novo.

“O que é isso?”

“Um muro. Sabe que cor é?”

“Branco. O que é isso?” Disse apontando para a estrutura que sobressaía para fora da base do muro.

“Ah. Isso é um contraforte.” Imaginei que esta fosse uma palavra nova para Arash. “Ajuda a segurar a parede.” Repeti a palavra, quebrando-a em sílabas para me certificar de que ele sabia como pronunciá-la. Um brilho nos seus olhos me alertou para o fato de que um de nós estava com problemas, e eu tinha certeza que não era Arash.

Com toda a força de seus pulmões, Arash começou a gritar: “queromorte, queromorte.”

Uma forte risada masculina, logo atrás de mim, me fez girar assustada. Dario estava encostado na parede, uma perna flexionada no joelho de modo que um pé descansava sobre os tijolos.

“Você é uma ótima professora de línguas,” disse ele.

Antes que eu pudesse responder, avistei Damaspia caminhando em nossa direção. O que era isso? O ponto de encontro das nações?

Arash ainda estava gritando “queromorte” com todas as forças. “Eu é que vou querer a morte,” murmurei.

A boca de Dario se abriu em um sorriso lateral. No sol, seus olhos verdes pareciam joias vivas. Engoli em seco enquanto olhava para ele e me afastei. Distraída, pulei quando notei Damaspia de pé ao meu lado. Ela sentou-se no banco e acenou para que eu me sentasse perto dela.

“O que essa criança está gritando?”

Eu gemi. Naquele instante, Damaspia já tinha prestado atenção nas palavras de seu sobrinho.

“Arash! Pare com isso de uma vez! E é melhor obedecer.”

Ao som da reprimenda da sua tia real, a criança parou sua proclamação. Eu pensei que ele ia explodir em lágrimas de desespero.

Em vez disso, subiu ao colo de Damaspia e começou a dar-lhe grandes beijos barulhentos. “Feliz?” Ele perguntou entre os beijos. “Feliz?” Estávamos todos encantados, é claro.

“Seu levado. Sim, estou feliz e amo você. Mas você tem que parar com esse mau comportamento.”

Arash sorriu para Damaspia e concordou.

Damaspia virou-se para mim. “Será que esse danado do Dario lhe ensinou isso?”

Eu limpei a garganta. “Sinto muito, mas fui eu, Vossa Majestade.

Eu estava tentando ensiná-lo a dizer *contraforte*.”

Damaspia mordeu o lábio, e depois riu. “Você tem um talento impressionante para causar problemas sem se esforçar.”

“E eu recebi a culpa,” disse Dario, com a mão no coração como se mortalmente ferido.

“Oh sente-se no... *contraforte*, e fique quieto,” disse Damaspia.

Dario obedeceu. “Você sabe que Arash tem razão. Acho que alguém aqui quase morreu de vergonha.”

Eu coloquei minha cabeça entre minhas mãos.

Capítulo Vinte e Dois

Dario me levou de volta ao palácio. Fizemos um passeio em um ritmo descontraído, ambos em silêncio. A memória de Arash subindo no colo de Damaspia com tanta confiança me assombrou. Damaspia era a rainha da Pérsia. Mas para Arash, ela era apenas uma tia amorosa. Mesmo sendo disciplinado pela tia por conta do ato de travessura, Arash tinha confiança naquele amor. Ele sabia que podia subir para os braços de Damaspia e lá ser acolhido. Mesmo sabendo que tinha se comportado mal, ele sabia que seus beijos trariam alegria à sua tia. Arash sabia que ele não tinha que ser perfeito para fazer sua tia feliz.

Eu não podia deixar de me perguntar se o amor do Senhor era como esse, cheio de aceitação mesmo se eu tivesse feito algo errado. Ele esperava mudança de minha parte, mas me amava mesmo antes de eu mudar. Será que ele, como Damaspia, se alegrava quando eu me aproximava dele, mesmo na minha fraqueza? Havia essa segurança em Sua bondade?

No entanto, Ele era santo também, e não poderia descartar os meus pecados como se não acarretassem nenhuma consequência. Essa era a razão dos muitos sacrifícios que Ele exigia do meu povo. O templo em Jerusalém, onde eu nunca tinha ido, uma vez ficou vermelho com o sangue de cordeiros e touros para que nossos pecados pudessem ser cobertos. Jerusalém, que simbolizava o amor de Deus para com o Seu povo, também representava Sua santidade. Meu coração se contraiu com o desejo de visitar a Cidade de Deus, para oferecer-lhe sacrifícios ali.

Para ter certeza de que cada muro que se interpunha entre nós tinha sido, finalmente, esmagado por Sua misericórdia. Talvez, então, eu pudesse correr para Ele como Arash correu para sua tia, e sentir o seu terno abraço sem barreiras de culpa ou vergonha.

Através da névoa dos meus pensamentos, ouvi a voz entrecortada de Dario berrar mais alto do que o habitual: “Cuidado!”

Antes que eu tivesse tempo de reagir, o pequeno corpo sólido de Arash caiu ao meu lado quando ele passou correndo em algum tipo de brincadeira. Ele me pegou de surpresa e eu perdi o equilíbrio, caindo contra Dario. Ele passou os braços em volta de mim em um gesto instintivo para me equilibrar. Em vez de me largar depois de eu ter recuperado meu equilíbrio, seus braços me envolveram e me puxaram para si até eu me encostar contra o seu peito. Olhei para cima e o vi olhando para mim com uma ansiedade intensa. Sua mão arrastou-se por minhas costas. Lentamente, ele abaixou sua cabeça.

“O que estão fazendo?” Arash perguntou, puxando minha saia.

Dario deixou cair os braços. Sua boca inclinou-se em um lado.

“Nada que diga respeito a você, garoto. Vá encontrar sua babá.”

Arash suspirou, mas obedeceu.

“Se esse menino fosse filho do meu pai, ele já teria aprendido melhores maneiras,” Dario disse secamente e retomou a caminhada.

Eu forcei meus pés a trabalharem novamente. Eu meio que esperava que minhas pernas dessem um nó, fazendo-me cair na frente do meu marido em um emaranhado de membros desajeitados.

Para meu alívio, tudo parecia em condições normais de funcionamento. Até o meu cérebro. Eu disse: “Se ele fosse filho de seu pai, ele nem sequer iria vê-lo por mais dois anos.” Era um costume da nobreza persa não apresentar os filhos aos pais até a idade de cinco anos. A ideia era que, se a criança adoecesse ou morresse, o pai ficaria muito devastado.

“Meu pai não acredita nesse costume em particular. Ele insistiu em me ver no dia em que eu nasci, e me via todos os dias quando não estava viajando. Mesmo quando eu fui para o palácio para o meu treinamento formal, ele dava um jeito de infiltrar a minha mãe para uma visita pelo menos uma vez por semana.”

“Sua família parece maravilhosa. Vocês devem ter sido muito íntimos.”

“A sua família não era maravilhosa?”

“Minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. Acho que fomos felizes até aquele ponto. Mas depois disso,” eu disse, encolhendo os ombros, “meu pai não sabia o que fazer com uma menina.”

“Sinto muito.” Ele me lançou um olhar de soslaio. “Nós não sabemos muito um sobre o outro, não é?”

“Geralmente isso não é um requisito para o casamento.”

Ele virou a cabeça. “Eu esperava algo diferente.”

Eu queria lhe perguntar o que ele esperava. Eu queria me desculpar por arruinar seus sonhos. Eu queria lhe dizer que eu também tinha desejado mais do que isso. Mas antes que eu tivesse

tempo de formar qualquer palavra, ele mudou de assunto.

“Encontrei-me com o homem que o rei havia indicado. Ele deve sair-se bem como o novo administrador. Já o mandei à frente para Persépolis.”

Tentei esconder a minha decepção e meneei a cabeça educadamente.

“Antes de ele sair, mostrei-lhe os recibos de Mandana, bem como as contas pertencentes ao irmão de Teispes. Ele confirmou tudo o que você disse. Enviei os registros para a análise por parte do juiz real. O destino de Teispes não é nada animador. Se ele tivesse cometido apenas um crime, ele poderia ser exilado ou preso, apenas. Mas ele é culpado de muitas infrações à lei. Roubo, corrupção, tentativa de homicídio. Ele deve perder sua vida por conta de seus crimes.”

“Ele é culpado por muitos delitos. Ainda assim, eu não posso evitar sentir pena dele.”

Dario balançou a cabeça; em seguida, diminuiu seus passos até que paramos.

“Damaspia me disse que uma vez você também a ajudou. Ela disse que você a salvou de uma trama perigosa que objetivava arruinar sua reputação e trazer inimizade entre ela e a rainha-mãe.

Eu soube que você foi até Amestris sozinha e a convenceu sobre a inocência de Damaspia. Isso deve ter sido uma experiência inesquecível.”

“Vamos apenas dizer que Teispes é um coelhinho, se o compararmos a Amestris.”

“Sim, mas você ficou em suas garras por mais tempo, e ele tinha mais poder sobre você. A culpa é minha, Sara. Peço seu perdão.”

Engoli o nó em minha garganta. “Não precisa pedir perdão.

Confesso que, antes de você retornar, achei que você era negligente com os seus deveres. Mas depois que eu vi o quanto você cuidava dos seus servos, e como Teispes havia enganado você, parei de culpá-lo. Você não sabia.”

“Essa é a questão. Enquanto isso você descobria e ajudava o meu pessoal o tanto quanto pôde.” Ele passou a mão pelo cabelo escuro. “Damaspia me disse que foi por isso que ela providenciou o nosso casamento — para lhe agradecer por seu serviço.

Ela me garantiu que não foi você que arquitetou as nossas núpcias, e nem seu primo, o copeiro, mas que ela mesma estava por trás disso desde o começo. Por que você nunca me contou? Eu teria acreditado se você tivesse me revelado as circunstâncias.”

Fiz questão de ficar estudando o meu sapato. “Esse assunto não era da minha alçada. Era um assunto de Sua Majestade”.

“Damaspia disse que você ficou circunspecta. Nossa recepção de casamento — aquilo foi o seu plano para romper o nosso casamento? Você pensou que ao vê-la daquele jeito eu iria anular o contrato de casamento?”

Minha cabeça se ergueu subitamente. “Acho que vocês, nobres, devem todos passar pelo mesmo treinamento. Foi exatamente disso que Damaspia inicialmente me acusou, e não é verdade!”

Dario se endireitou até suas costas ficarem rígidas. Com os lábios apertados, ele disse: “Sara, temos a chance de um novo começo. Vamos começar pela honestidade. Eu falhei com você; eu assumo. Eu aceito a responsabilidade por minha parte neste desastre. Faça o mesmo. Confesse o seu erro, e eu vou perdoá-la como você me perdoou. Vamos ao menos ter a verdade entre nós, já que temos tão pouca coisa.”

Ali estávamos nós novamente. Ele acreditava em metade da minha história, pelo menos. Mas a outra metade ainda estava presa em sua garganta, e ele não conseguia engoli-la. Eu estufei minhas bochechas. “Eu confesso meu erro, meu senhor. Naquela noite, no meu desespero, eu só pensei em mim mesma.”

Ele meneou a cabeça, encorajando-me a seguir em frente.

Eu não tinha muito mais para falar. Eu não podia mentir apenas para agradá-lo.

“Por causa do meu egoísmo, eu não pensei em você ou em ninguém mais enquanto eu me preparava. Nunca me ocorreu o quanto as minhas ações feririam você. Eu não projetei aquilo para humilhá-lo de propósito, meu senhor, para me livrar do nosso contrato. Mas eu estava tão focada em meus próprios sentimentos que esqueci de Deus e de todas as outras pessoas. E não busquei nenhuma ajuda quando deveria tê-lo feito”.

Dario cerrou os dentes. Suavemente, ele disse: “E ainda você mente? Como fez com servas da rainha quando foram prepará-la para o casamento? Você me olha nos olhos e mente?”

Eu podia me sentir enrubescer. “Eu menti naquele dia. Mas estou lhe dizendo a verdade agora.”

“Eu estou dizendo a você; eu entendo por que você fez aquilo. Confesse e eu vou perdoá-la. Você não entende que se você mentir sobre uma coisa, então eu vou pensar que você vai mentir sobre todas as outras? Eu nunca serei capaz de confiar inteiramente em você.”

Que teia de ironia ele teceu sobre mim. A fim de fazê-lo acreditar que eu não menti, eu teria que mentir. Abanei a cabeça, sem palavras por causa de tamanha tristeza. Meu marido virou as costas e começou a avançar em direção ao palácio. Esperei alguns momentos antes de segui-lo com passos relutantes.

Será

que esse obstáculo de incompreensão e falta de confiança entre nós nunca mais seria superado?

O rei tinha convidado Dario para passar a noite à sua mesa.

Quando cheguei ao nosso aposento, ele tinha desaparecido; havia ido para a casa de banho do palácio e deve ter ido de lá direto para o quarteirão real, pois não vi nenhum sinal dele. Não tendo sido convidada, passei outra noite sozinha.

Como eu tinha viajado para Ecbátana a cavalo, eu só consegui trazer não mais do que três trajes, além de minha roupa de montaria. O resto das minhas roupas amontoava-se em algum lugar na estrada real entre Ecbátana e Persépolis. Nosso comboio de bagagem ainda viajaria por vários dias. Eu decidi considerar os tão poucos compromissos como uma bênção. Pelo menos ninguém notaria a limitação do meu guarda-roupa. Ou a frieza do meu marido.

Eu sentia falta de Cáspio e saudades dos meus amigos. Já não os via há doze dias. Em mais oito dias eu teria pelo menos Pari comigo.

Na manhã seguinte eu acordei com um convite da rainha para cavalgar com ela e sua comitiva. Vesti meu equipamento de montaria e despachei um servo do palácio para selar Kidaris.

Para o meu alívio, descobri que não tinha esquecido as instruções de equitação dadas por Dario. Meu corpo, agora recuperado da cansativa jornada, estabeleceu-se na sela com facilidade.

Encontrei Damaspia e suas damas e descobri que a intenção era de cavalgar na zona rural montanhosa em torno de Ecbátana. Iríamos a um piquenique na floresta exuberante além dos portões da cidade.

A maioria das damas de Damaspia já se conhecia e passou a primeira parte de nossa jornada conversando agradavelmente enquanto passávamos pelas estradas empoeiradas dos dois lados. Contento por estar cavalgando em silêncio, levei um susto quando Damaspia conduziu seu cavalo para perto de mim. Ela sinalizou para desacelerarmos. Quando estávamos alguma distância longe dos outros, ela disse: “O seu marido pediu quartos separados para o resto da sua estadia em Ecbátana.”

“Entendo.”

“Pensei que vocês estavam indo bem.”

“Ele está convencido de que, mais uma vez, eu estou mentindo para ele e diz que não pode confiar em mim.”

A rainha franziu o cenho. “Eu recusei a sua requisição. E o rei não lhe dará permissão para sair do palácio.”

“Não seria melhor deixá-lo ir, Vossa Majestade? Ele só vai ficar mais irritado se for forçado a ficar comigo”.

“Talvez você tenha razão. Vou dar-lhe tempo para se acalmar, e se ele não mudar de ideia, vou enviar você para os aposentos das mulheres.”

Cavalgamos através dos sete portões de Ecbátana em um ritmo moderado, com os guardas da rainha nos seguindo a uma distância respeitosa. A revelação de Damaspia pesava em minha mente. Com uma certeza deprimente, cheguei à conclusão de que Dario me abandonaria em uma de suas residências e viveria sua vida separado de mim. Então me lembrei de quão longe eu estava daquela menina da corte cujo mundo se desfez porque ela havia perdido seu posto. Eu tinha muitos recursos agora para me distrair desse desgosto. Eu tinha o Senhor. Eu tinha meus amigos. Eu tinha a verdade. Eu iria sobreviver.

Quando atravessamos o último portão, Damaspia pegou o ritmo da cavalgada, e com uma gargalhada descontraída, suas damas começaram uma corrida casual. Eu seguia em um ritmo mais calmo, sem humor para gargalhadas ou para correr atrás do vento. Na beira da estrada, avistei um menino. Virei-me para olhá-lo e fiquei surpresa quando ele acenou para eu parar.

Ele tinha nove ou dez anos, um menino de olhos escuros com cabelo desgrehado e mãos sujas. Ele era claramente uma criança camponesa que havia saído para cumprir alguma ordem.

Fiz Kidaris gentilmente parar perto dele.

“Minha senhora, há um homem que deseja vê-la. Ele está ali atrás. Ele apontou com o polegar para a floresta.

“Quem é?”

“Ele não disse, senhora. Ele apenas apontou para você e me disse para levá-la até ele.”

Apertei os olhos contra o sol enquanto olhava em direção às árvores. Ocorreu-me que talvez

fosse Dario. Que outro homem que eu conhecia em Ecbátana? Embora eu não pudesse imaginar por que meu marido angustiado poderia querer encontrar-se comigo no meio da floresta quando ele tinha acesso fácil a mim nos nossos aposentos, imaginei que ele iria explicar-se quando me visse.

O menino, depois de ter dado o seu recado, desceu a estrada no caminho de retorno ao palácio. Percebi que, ao demorar-me, eu havia colocado uma distância substancial entre mim e minhas companheiras. Odeio deixar Dario esperando; então eu ignorei a irritante sensação na boca do meu estômago e guiei Kidaris para dentro da floresta.

“Meu senhor?” Chamei, enquanto entrava em uma clareira sombreada.

Com uma velocidade desconcertante, um homem saltou diante de mim. Eu reconheci o cabelo escuro, agora desgrenhando e sujo; os olhos apertados, a longa mandíbula. “Teispes!”

Ele agarrou as rédeas de Kidaris antes que eu pudesse reagir.

Eu tentei puxá-las de suas mãos e chutei os lados da égua, dando sinal para que ela galopasse. Assim que Kidaris tentou, uma mão forte agarrou a parte de trás da minha túnica e me puxou para baixo. Eu fui ao chão com um baque pesado. Minha cabeça bateu numa pedra coberta de musgo que se projetava no chão da floresta. O impacto forte me deixou tonta e com náuseas, e eu não consegui me mover por alguns momentos.

Antes de eu ter comando total dos meus sentidos, Teispes me puxou bruscamente e me colocou sobre os meus pés.

Eu levei uma mão trêmula ao lado da minha cabeça. Meus dedos saíram molhados de sangue. Tentei limpar minha mente.

O que você está fazendo aqui? Resmunguei, com a descrença e a dor fazendo minha voz tremer. Pensei em gritar, mas a rainha e o seu guarda estariam longe e não conseguiriam me ouvir agora.

Senti sua mão apertar o meu braço violentamente. “Por que eu vim até você? Você arruinou a minha vida, então eu pensei em retribuir o favor.” Engoli em seco e comecei a lutar com ele.

Ele me bateu contra uma árvore. A casca áspera deve ter arranhado metade da pele das minhas costas. Eu fiquei mole em seus braços.

Eu percebi que eu estava fraca demais para ter alguma chance contra a sua raiva por meio de luta física. Tonta por conta da minha queda e perda de sangue, eu mal conseguia pensar direito,

muito menos subjugar um criminoso astuto. No entanto, minha única chance de sobreviver a este pesadelo seria superar Teispes com minha inteligência.

Antes que eu pudesse pensar em qualquer coisa que se assemelhasse a um plano, Teispes pressionou-me tão fortemente contra a árvore que a minha respiração tornou-se impossível.

Meus joelhos começaram a tremer.

“Por favor,” resmunguei. Pare!

“O quê? Isso dói? Que imprudente de minha parte”. Ele afastou-se o suficiente para me permitir um momento de recuperação. Eu percebi que ele tinha gostado da minha súplica, e pensei em usar isso contra ele.

Com um soluço, perguntei: “Como você escapou?”

Ele deu um sorriso de autossatisfação. “Nem todos os homens na Pérsia conseguem resistir a uma boa propina. Quando escapei, fui a Aspasia primeiro. Mas não estava lá, graças a você.

Você a levou para longe de mim. Em seguida, vim para Ecbátana para encontrar meu irmão, e aí descobri que o seu querido marido o tinha confinado com correntes. Todos os meus bens se foram. Tudo pelo qual eu trabalhei tão arduamente desapareceu por causa de você. Então eu decidi fazer-lhe uma visita antes de me mudar para uma parte mais agradável do império.”

“Muito inteligente de sua parte conseguir me trazer até aqui.”

“Eu sabia que você estava em Ecbátana. Mas eu não achei prudente entrar na cidade. Seu marido provavelmente já ouviu falar da minha fuga e deve ter aumentado a sua guarda. Então eu decidi acampar na floresta, sabendo que mais cedo ou mais tarde você iria sair do palácio. Eu sou um homem paciente. E a justiça estava do meu lado, pois assim que eu avistei o comboio da rainha, o menino camponês apareceu a pé, e por um pedaço de pão concordou em trazer você para mim. Você foi tão prestativa em ficar para trás, bem distante dos outros, fora do alcance da voz e dos guardas do palácio”.

“Você sempre esteve um passo à minha frente.”

“Quão gentil de sua parte notar isso. Se não fosse a vinda precipitada de Dario para casa, eu teria me livrado de você e de sua intromissão.”

Pensei em Cáspio e rangi meus dentes. Tentando manter toda a emoção longe da minha voz, perguntei: “Onde é que você pretende ir agora?”

Ele riu. Seus dentes estavam sujos, como o resto do seu corpo. “Você acha que vai me conquistar com uma conversa amigável? Você devia ter tentado isso em Persépolis. É tarde demais agora.” Ele puxou uma faca da bainha ao seu lado e apontou a lâmina para o meu rosto. “Só lamento que, ao matar você, estarei fazendo a Dario um favor.”

“Permita-me desiludi-lo dessa noção.”

Dario! Teispes e eu nos viramos para ele em choque. Ele estava a pé, o que explica por que nenhum de nós tinha ouvido a sua aproximação, e ele estava de frente para nós do outro lado da clareira. Em uma das mãos ele segurava um arco; com uma seta de ponta preta já preparada, ele mirou o chão. “Solte minha esposa, Teispes.”

Com um movimento brusco, Teispes me puxou para frente dele como um escudo. Ele apontou a faca contra o meu coração.

“Faça algum movimento se você quiser vê-la morta.”

“Se você fizer um arranhão nela, eu vou despedaçar você,”

Dario disse. Os pelos dos meus braços se levantaram em resposta à ameaça que pingava de sua voz. “Solte-a. Isso é entre nós”.

Teispes empurrou a faca com mais força contra o meu peito.

Eu cerrei meus dentes quando a ponta perfurou minha carne.

“Então, você realmente se importa com ela.” Ele deu um sorriso torcido. “Isso é bom.” Olhou em volta de si descontroladamente.

“Eu vou montar o meu cavalo agora eu vou levá-la comigo. Se você a quiser viva, você vai dar a sua palavra de que não vai me seguir. Ela virá comigo para garantir que você vai manter a sua promessa. Ao primeiro sinal de perseguição, eu vou matá-la, e com prazer.”

Dario pareceu-me tão imóvel como uma estátua. Eu podia ver sua mão agarrada à flexa dentada, firmemente presa em seu lado. “Minha esposa não vai a lugar nenhum com você, Teispes.

Solte-a!”

“Será que você consegue me matar? Acho que não.”

A faca em meu peito pressionava cada vez mais forte. Mordi o lábio para não gritar,

preocupada com a possibilidade de eu distrair Dario. Inesperadamente, Teispes começou a andar para trás, arrastando-me com ele, ainda sendo forçada a ficar diante dele como um escudo. Do canto do olho, vi seu cavalo amarrado a uma árvore.

Por um momento, ele afrouxou a faca no meu peito para facilitar a montaria, mas logo que ele se posicionou na sela, com o meu corpo pressionado contra ele, ele empurrou a ponta da faca contra minha pele novamente até o tecido da minha túnica de montaria ficar manchada de vermelho com o sangue.

Era um corte superficial, mas ardia como uma centena de picadas de abelha. Tentei engolir o pânico que borbulhava logo abaixo da superfície da minha mente. Eu sabia que se ele conseguisse cavalgar comigo para fora dali, eu estaria morta dentro de uma hora. Ele estava muito cheio de ódio para me deixar viver.

“Sara, não se mova,” disse Dario. Sua voz estava calma. Lembrei-me do dia em que ele tinha matado o leão, o quão precisa foi a sua mira, e como a minha vida foi poupada só porque eu me mantive imóvel. Mantive meu corpo rígido. Com um movimento tão rápido que eu quase não consegui ver, ele levantou seu arco, mirou e atirou a flecha.

Teispes gritou, sua voz estridente feriu meu ouvido. Tentei não vacilar quando a flexa de Dario voou direto na minha direção. Por um lado, ser baixa era uma vantagem, pois Teispes elevava-se sobre mim na sela. Desesperadamente, ele se jogou para o lado, ainda com seus braços me apertando, mas a flecha foi muito rápida e o atingiu no pescoço. Seu corpo continuou movendo-se para o lado, puxando-me com ele. Eu me debati quando vi o chão vindo em minha direção, tentando agarrar a crina do cavalo. Mas o peso de Teispes me puxou para baixo, e pela segunda vez naquele dia fui derrubada de um cavalo.

O tempo passava muito lentamente; percebi que Dario estava gritando meu nome e correndo em nossa direção. Eu vi as lâminas finas da grama correndo em minha direção. Notei a ponta negra da flexa de Dario despontando do lado do pescoço de Teispes, e a na sua face a estampa de uma máscara congelada de horror. Foi aí que atingi o chão. Lembro-me de Teispes aterrissando em cima de mim— lembro-me da pressão do seu corpo quando ele me esmagou com o peso da morte. Então me dei conta de que a sua mão tinha ficado presa sob o meu corpo; sua faca ainda estava segura por seus dedos congelados. Meu rosto estava no chão. Eu não conseguia me mover, mas eu conseguia sentir a faca, que agora estava enterrada em minha carne.

“Sara!” Vi as pernas de Dario vestidas de couro quando ele se ajoelhou ao meu lado. O peso saiu das minhas costas quando ele empurrou o cadáver de Teispes para longe de mim. Com seus dedos gentis, ele me girou. Eu gemia de dor.

“Oh, Sara.” Eu devia estar com uma aparência assustadora, minha cabeça e rosto cobertos de sangue e sujeira, uma faca enterrada em meu peito, sangue cobrindo a frente da minha túnica. Ele rasgou parte da minha túnica com um golpe rápido de sua faca e começou a examinar minhas feridas com cuidado.

Mesmo em meu estado de choque, eu podia sentir o tremor dos seus dedos enquanto ele me tocava. Eu estava muito chocada para ficar envergonhada.

Tem misericórdia de mim, Senhor, tem piedade! Respirei fundo e forcei meus lábios a se moverem. “Será que vou morrer?”

Capítulo Vinte e Três

Não, querida. Você não vai morrer”. Por um momento, esqueci que minha cabeça latejava e meu peito parecia que estava pegando fogo. Minha mente fixou-se na palavra *querida*.

Ele realmente *me* chamou assim ou eu estava começando a ter alucinações?

“Não é uma ferida tão profunda quanto aparenta, apesar de todo esse sangue. A faca escorregou para o lado e foi desviada por um osso.”

Engoli em seco. Uma sensação de alívio inundou-me ao tomar conhecimento de que eu não estava morrendo, mas isso não mudava o fato de que eu sentia como se estivesse. “Pode não lhe parecer tão profundo quanto um poço, mas eu lhe asseguro de que é impressionante vendo desse ângulo.”

Um fôlego profundo escapou dos seus lábios, meio que um suspiro, meio que uma risada. Com deliciosa gentileza, ele puxou meu o emaranhado de cabelo da minha face. Pensei que poderia estar perdendo minha sanidade quando o chão começou a tremer debaixo de mim e uma pulsação encheu meus ouvidos. Então vi a rainha e o seu séquito vindo em nossa direção sobre seus cavalos.

“Sara!” Damaspia gritou quando saltou de seu cavalo e se jogou ao nosso lado no chão. “É fatal?” Ela inquiriu de Dario.

“Não,” ele disse, ignorando a hierarquia, sem ao menos uma pequena inclinação de cabeça como reverência. “Ela se recuperará com um bom cuidado.”

“Temos que levá-la ao palácio. Os médicos pessoais de Artaxerxes vão cuidar dela.”

“Primeiro eu preciso usar esta faca para selar essa ferida. Ela sangrou muito. Tenho de estancar o fluxo antes de eu colocá-la sobre um cavalo.”

Ele se virou para mim. “Sara, eu preciso puxar a faca. Não vai ser nada agradável.”

“Você não pode fazer isso mais tarde? Depois de eu desmaiar seria o momento perfeito.”

Ele levou minha mão à sua boca e a beijou suavemente. Meu coração pulou uma batida. “Não, eu não posso adiar isso. Não quero que a infecção se instale ou que você perca mais sangue. A

demora é perigosa.”

Fechei os olhos. “Faça o que achar melhor.”

Ele foi lento e meticuloso na remoção da faca, não querendo rasgar ainda mais a minha carne. A dor era tão intensa que tive medo de perder o conteúdo do meu estômago. Por fim, não consegui reter o grito. Eu repetia o nome do Senhor na minha cabeça; agarrei-me a Ele pedindo força. Por um momento, a agonia diminuiu quando a faca foi finalmente retirada de mim e eu fui capaz de recuperar o fôlego. Então Dario pressionou fortemente contra a ferida com ataduras que ele tinha produzido a partir de não sei o quê; e mesmo eu tendo cerrado os dentes para não gemer, eu não conseguia impedir que as lágrimas corressem.

“Shhh”. Ele enxugou o meu rosto. “Está quase acabando.”

Eu não sabia por que ele estava sendo tão gentil, nem me interessava saber o porquê, contanto que ele não parasse. Eu imaginei que ele estivesse com pena de mim.

Eu devo finalmente ter perdido a consciência, pois quando eu finalmente voltei a mim, eu estava em seus braços enquanto ele caminhava em direção ao seu cavalo, Sansão.

“Onde você estava escondendo Sansão? Pensei que estivesse a pé,” eu disse, grogue, querendo manter minha mente em algo além do sofrimento pelo qual meu corpo estava passando.

“Ele estava do outro lado da clareira, escondido atrás das árvores.”

Damaspia mandou um de seus guardas se aproximar; Dario me entregou a ele enquanto montava. O guarda me deu de volta para o meu marido, tentando não me sacudir no processo. Os braços de Dario me envolveram. Ele sorriu para os meus olhos. “Como nos velhos tempos.”

O movimento do cavalo intensificou a dor na minha cabeça e no peito. Comecei a perceber que todos os lugares doíam. Duas quedas e o tratamento rude conferido por Teispes tinham me deixado coberta de hematomas. Para me distrair, eu perguntei: “Como você me encontrou?”

“Eu descobri esta manhã que Teispes tinha escapado. Embora eu tenha aumentado a guarda em torno do irmão dele, não consegui ficar tranquilo. Por fim eu vim ao seu encontro para alertá-la. Descobri que você tinha saído para cavalgar com a rainha, e decidi segui-la.

Quando alcancei a comitiva da rainha, descobrimos que você tinha desaparecido. Então Kidaris galopou ao nosso encontro, espumando por causa do esforço e sem um cavaleiro; então nós soubemos que você estava em algum tipo de apuro. Eu retornei e consegui seguir os rastros de Kidaris até a clareira. Por que você foi até ele espontaneamente? Não havia sinais de luta até a

clareira.”

“Ele enviou um menino para me dizer que havia um homem esperando por mim na floresta. Pensei que fosse você.”

Dario me puxou para mais perto dele. Ficamos em silêncio por um tempo. Desejei perder a consciência novamente para que eu parasse de sofrer. Finalmente eu disse: “Você poderia parar por um momento para que eu possa recuperar meu fôlego?”

Ele parou Sansão. Para Damaspia, ele disse: “Por que você e suas senhoras não se adiantam, Vossa Majestade? Nós vamos seguir em ritmo mais lento.”

“Vou enviar médicos para você imediatamente. Eles vão aguardar sua chegada em seus aposentos.”

Dario me mudou de posição em seus braços depois que todos haviam passado à frente. “Pronta?”

Eu tentei parecer confiante. “Sim.”

“Agora não falta muito. Estaremos no primeiro muro antes de você se dar conta.”

“Imploro seu perdão, meu senhor,” eu disse, alguns momentos depois.

“Estou ficando enjoada.”

Ele parou Sansão na hora certa. Eu fiquei muito envergonhada ao vomitar diante dele, pois apesar da minha insistência, ele se recusou a me deixar sozinha. Ele temia que eu pudesse começar a sangrar novamente, mas ele tinha feito um trabalho minucioso ao cobrir a ferida mais cedo, então ela não abriu. Minha cabeça latejava além da minha tolerância enquanto eu vomitava tudo o que havia em meu estômago. Quando eu finalmente consegui parar, Dario me deu um pouco de vinho para enxaguar a boca.

Temia que o vinho mal fosse capaz de encobrir o mau cheiro.

Agora o meu cheiro estava tão ruim quanto a minha aparência. De volta ao cavalo, resmunguei: “Aposto que minha aparência estava melhor na noite do nosso casamento.” Se o meu cérebro não estivesse tão ruim, eu nunca teria tocado nesse assunto tão sensível.

Eu vi que eu o tinha irritado quando seus olhos verdes se arregalaram. “Você é um terror, pequena escriba. Nunca se sabe o que vai sair de sua boca.”

“A julgar pelo presente que acabamos de deixar no lado esquerdo da estrada, não posso contestar a veracidade dessa declaração.”

Eu podia sentir a contração do seu peito debaixo do meu rosto enquanto ele ria. No silêncio que se seguiu, ele disse: “Eu não sei o que há com você.”

Sabidamente, guardei meus pensamentos para mim mesma.

Para fazer jus à palavra de Damaspia, encontramos dois médicos em nosso aposento, prontos para me atender. Eles disseram a Dario que ele tinha feito um trabalho proficiente, mas a ferida no meu peito teria que ser costurada. Eu desejei que eles me deixassem em paz para que eu pudesse dormir. Em vez disso, eles me cutucaram com seus instrumentos, costuraram-me como fazem com uma almofada fenícia, limparam de cima de mim a sujeira e o sangue, enfaixaram minha cabeça e colocaram pomada nas minhas feridas e contusões antes de finalmente me deixarem em paz.

Para o meu desconforto, Dario supervisionou cada passo do tratamento. Quando eles terminaram, eu estava quase nua, esparramada na cama, vestindo nada além de uma túnica curta, e assim mesmo cortada de um lado, deixando exposta grande parte do meu corpo. Ninguém parecia se importar com o meu recato.

Sozinha com Dario, puxei as cobertas sobre mim desajeitadamente, usando o meu braço bom. “Parece que você fez disso um hábito,” eu disse. Eu estava tonta de cansaço e dor, mas o sono não vinha.

Ele ajeitou as cobertas sobre mim com a precisão de um soldado. “Disso o quê?”

“De salvar a minha vida.”

“E parece que você adquiriu o hábito de pô-la em perigo.”

Eu alisei a colcha de linho com minha mão trêmula. “Obrigada pelo seu cuidado. Estou em dívida com você.” Baixei minhas pálpebras para que ele não lesse minha expressão. “Por favor, não se sinta obrigado a permanecer aqui comigo.”

Ele deu de ombros. “Eu não tenho nada melhor para fazer no momento. Vá dormir, Sara.”

Eu dei um sorriso sem graça. “Eu sei que todos fazem o impossível para obedecer a cada uma das suas ordens, meu senhor.

Mas eu tenho *tentado* dormir faz duas horas, porém sem sucesso.

Você realmente não acha que eu queria ficar acordada enquanto uma agulha entrava e saía da minha carne, acha?”

Ele passou o dedo no meu nariz em uma carícia casual. “Eu vou dizer uma coisa para você: você é corajosa.”

Eu queria que ele me chamasse de *querida* de novo, não de *corajosa*. Ele me fez parecer com um dos Imortais do rei. “Faço qualquer coisa para ajudar,” eu disse.

“Ainda hei de encontrar uma mulher menos prestativa.”

“Essa é a melhor forma de você demonstrar boas maneiras para uma criatura fraca e doente à beira da morte?”

Ele levantou a mão para esfregar a parte de trás do seu pescoço.

Para minha surpresa, percebi que minhas palavras tinham atingido sua consciência. “Eu estava brincando. Você tem sido muito gentil”.

Dario sentou ao meu lado na cama. O colchão afundou sob seu peso. Minha cabeça estava finalmente começando a cair sob o feitiço do vinho que os médicos derramaram na minha garganta, e eu tive dificuldade de me concentrar em suas palavras.

“Eu mandei uma mensagem para Damaspia cedo esta manhã,”

disse ele. “Pedi-lhe para separar nossos quartos.”

“Ela me disse.” Eu estava encontrando dificuldades para respirar. “Não que ela vá me dar ouvidos, mas eu pedi que ela libere você para que vá onde quer que deseje ir.”

Minha visão estava ficando turva e eu via o seu rosto através de uma névoa. Ele me estudou intensamente. “É isso que você quer?”

Quer que eu saia?” Ele acariciou a minha bochecha com uma ternura inesperada.

Achei que a combinação do seu toque e a sua conversa sobre sair dali muito confusa, então fechei meu olhos. “Acho que vou dormir agora,” eu disse.

“Ainda não. Responda-me primeiro.”

“O quê?”

Ele inclinou-se e aproximou seu rosto do meu. “Você quer que eu saia?”

“Não! Não, eu não quero que você saia!” Enquanto eu finalmente entrava em um estado de bendita inconsciência, sonhei que meu marido me beijava suavemente nos lábios.

Um dia inteiro e uma noite passaram antes de eu acordar. O sono não tinha suavizado os golpes da dor. Meu corpo parecia ter participado da batalha de Termópilas, no lado grego. Eu podia sentir o cheiro de mirra misturada com sangue debaixo de minhas ataduras.

A urgência do chamado da natureza somou-se à agonia de feridas e contusões ainda não curadas. Apoiando-me em meu braço bom, levantei-me para sentar-me na cama.

De repente, Dario estava sentado ao meu lado, empurrando-me de volta aos travesseiros. “O que você está fazendo? Você não deve tentar levantar-se ainda.”

Pisquei os dois olhos. “Eu não sabia que você estava aqui.”

Ele parecia tão renovado quanto uma das novas moedas do rei em sua túnica de linho limpa. Eu me sentia suja e despenteada em comparação. Examinei sua forma, que acabara de sair de um banho, com consternação. Ele sentava-se ao meu lado, observando cada um dos meus movimentos quando o que eu precisava era de privacidade. Com uma ansiedade indescritível, desejei que a minha dócil amiga Pari estivesse ali. Ela saberia como me ajudar.

Mas ela estava se arrastando em algum lugar pelas rodovias reais, e ainda muito longe de Ecbátana para me ajudar.

Uma das servas de Damaspia serviria, decidi, considerando a urgência da minha necessidade. Mas eu teria que incomodar Dario para me providenciar uma. Eu já não lhe tinha causado problemas suficientes? Ele não tinha declarado que queria um outro aposento? Mas ali estava ele ainda, preso a mim, sentindo-se preso pelo dever de me fazer companhia até eu me recuperar?

Será que eu poderia acrescentar mais uma inconveniência a uma pilha já tão alta? Mas que escolha eu tinha? Roí minha unha, tentando encontrar uma maneira de tirá-lo do meu quarto para que eu pudesse pelo menos me aliviar de forma discreta.

Ele entrou no turbilhão da minha mente com uma precisão alarmante. “Por que você tem tanta dificuldade em pedir o que você quer? Eu posso ver que você está desconfortável. Do que você precisa?”

“Eu já o incomodei o bastante. Se você pudesse sair do quarto por um momento —”

“Para quê? Para que você se levante e caia de cabeça de novo?”

“Eu não caí de cabeça,” eu disse, minha voz cheia de indignação. “Aquele homem me puxou

para baixo. Em todo o caso, gostaria de levantar e... fazer o que deve ser feito”. Eu tinha crescido em um país onde as pessoas eram profundamente discretas em relação às funções corporais. Os persas sequer cuspiam na presença um do outro. Apesar de sua formação refinada, Dario tinha viajado entre povos de muitas terras, a maioria dos quais não tinha tais escrúpulos sobre as suas necessidades pessoais. Ele não teria nenhum problema em ficar no quarto e insistir em me *ajudar*. Eu não conseguia imaginar nada mais constrangedor.

Algo da revolta estampada no meu rosto deve ter se revelado ao homem. Sem uma palavra, ele se levantou da cama e enviou Arta, que esperava em seu lugar habitual fora do nosso aposento, para buscar uma serva.

“Suas majestades ainda não o liberaram para mudar-se para os novos aposentos?”

“Quem disse que eu queria me mudar?”

Eu fiz uma careta, tentando lembrar do fio da nossa conversa pouco antes de cair na inconsciência. “Você disse. Você e Damaspia.”

Ele se sentou na cama mais uma vez. “Eu disse que queria mudar ontem de manhã. Depois disso mudei de ideia.”

Tentei cruzar meus braços e estreitar o meu olhar, mas percebi que ambas as intenções eram impossíveis. Uma machucava meu ombro e a outra a minha cabeça. Expelindo um suspiro irritado eu disse: “Obrigada por seu nobre sacrifício, meu senhor. Eu não sei se você se sente obrigado a fazer isso por causa de culpa ou alguma noção de dever equivocada. Mas acho que é melhor você ir.”

“Não, você não acha. Você me disse que quer que eu fique.”

Como fumaça num dia sem vento, a memória obscura da conversa de ontem começou a penetrar as teias de aranha da minha mente. “Isso foi porque você estava me incomodando e eu até mesmo diria que o nascer do sol é verde só para ter a chance de dormir.”

Sorrindo, ele colocou a mão no meu travesseiro e se inclinou para frente. Eu podia sentir o cheiro de menta e gengibre em seu hálito. “Alguém acordou de mau humor.”

Uma tímida batida na porta me economizou de ter que lhe responder. Dario me deixou sozinha com a serva que a rainha tinha enviado, o que foi um alívio. Quando finalmente a serva acabou de me deixar tão limpa quanto era possível sem um banho, e vestir em mim uma túnica limpa, eu estava morrendo de cansaço.

Eu não tinha força para continuar brigando com Dario quando ele voltou para o quarto. Ele poderia perder seu tempo à minha cabeceira se isso o satisfazia. Mas ele ficou em silêncio enquanto enchia um copo de vinho com ervas e o trazia aos meus lábios. Eu bebi o líquido sem objeção e caí em um sono inquieto.

Não havia nenhum sinal de Dario quando acordei. A serva que tinha me ajudado anteriormente estava cochilando em um banquinho ao lado da minha cama.

Muitos pensamentos preocupantes ocupavam minha mente.

Passei um tempo em oração, na esperança de aliviar o meu estado de agitação. Pedi a Deus para me perdoar por ser ríspida com meu marido. O que eu percebi enquanto orava era que eu não desejava a piedade de Dario. Eu não o queria ao meu lado por uma questão de dever ou culpa. Por fim, ele se cansaria de mim; quem conseguiria manter um relacionamento baseado em pena ou culpa? Em pouco tempo essas emoções desapareceriam para dar lugar ao ressentimento. E eu teria que suportar o seu abandono depois de ter experimentado a sua ternura.

Eu decidi que preferia rejeitá-lo de acordo com os meus termos, em vez de esperar para ser lançada fora de acordo como os termos dele. Orei mais, pois eu sabia que precisava de força e sabedoria. Tentei agarrar-me a Deus da maneira como Neemias tinha me dito, tentando lembrar-me de que o meu verdadeiro valor estava em Deus. Percebi que o meu coração ainda doía no final das minhas orações porque Deus não tinha milagrosamente apagado o amor que eu tinha pelo meu marido. Mesmo assim eu sentia consolo. Ele me fazia suportar a dor.

Com um forte suspiro, a serva acordou. Enxugando uma fina linha de saliva do queixo, ela implorou meu perdão e correu para buscar um pouco de sopa.

“Onde está o seu senhor, você sabe?” Eu disse, enquanto comia com um apetite inconstante.

“Ele foi chamado para atender o rei, minha senhora, por causa do homem que atacou minha senhora. Sua Majestade pediu que o Lorde Dario fizesse um relatório completo sobre o caso”.

“Entendo.” O germe de um plano formou-se em minha mente. Encaminhei a serva para buscar pergaminho e pena, e sentei-me para escrever uma curta missiva para a rainha. Quando a serva saiu com a minha carta, eu compus uma outra para Dario.

Meu Senhor, Agradeço-lhe por sua gentil atenção durante a minha recuperação. Eu desejo liberá-lo de toda a responsabilidade por conta das ações de Teispes. Para começar, nada daquilo jamais foi sua culpa. Estou indo para o quartirão das mulheres, onde receberei os cuidados prestados por mulheres, que é o mais apropriado. Por favor, envie Pari para mim quando ela chegar.

Sara Eu li o recado mais uma vez e percebi que estava seco — desprovido dos sentimentos que eu desejava manter escondidos do meu marido. Antes de eu perder a coragem, deixei o pergaminho no meu travesseiro e, com movimentos dolorosos, desci da cama.

Eu ainda não tinha terminado de me vestir quando a serva voltou com uma maca enviada pela rainha.

Damaspia me abrigou em minha própria câmara privada, à altura do luxo em Ecbátana, apesar de não ter janelas e ser tão pequena como um sapato de criança. Meu esforço simples me esgotou.

Corria pelo meu pensamento como um rio subterrâneo o pensamento de que eu não veria Dario tão cedo. Eu o tinha libertado de sua falsa noção de responsabilidade em relação a mim. Com Teispes morto e seu palácio em boas mãos, não havia mais nada para nos unir. Ele tinha deixado evidentes os seus sentimentos para comigo no jardim quando ele se afastou de mim. Qualquer que fosse a filantropia que ele tivesse estendido a uma esposa indesejada tinha se extinguido na teia de suas suspeitas. A única coisa que os persas odiavam mais do que as angústias da morte eram mentiras.

E Dario estava convencido de que eu era uma mentirosa.

O único efeito colateral benéfico de ser esfaqueada foi que eu podia dormir por longas horas e não tinha que perder tempo com meus pensamentos dolorosos. Um dia eu acordei e encontrei Pari fazendo vigília ao meu lado. Atirei-me aos seus braços, tremendo de alívio ao vê-la.

“Calma, calma, minha senhora. O que é tudo isso?”

Contei-lhe tudo. Eu lhe disse sobre o trato de amizade oferecido por Dario se eu assumisse até o que eu não tinha feito. Contei-lhe sobre a frieza de Dario enquanto se afastava de mim e sobre o ataque de Teispes. Eu lhe disse sobre o sentimento de culpa do meu marido e a razão pela qual eu o havia deixado. Eu até disse a ela o quanto eu o amava. Havia um alívio em compartilhar a minha dor com alguém além de Deus. Pari nunca me julgava pelos meus temores tolos, ou por minhas decisões precipitadas. Ela me ouvia com paciência, segurando minha mão enquanto eu falava.

Quando terminei o meu conto, ela balançou a cabeça. “Primeiro, vamos cuidar do seu bem-estar. Depois vamos lidar com todo o resto.” Ela era sempre prática, a minha Pari.

Quando pensamentos sombrios e o desespero me ameaçavam, ela me distraía quando possível, e me deixava chorar quando meu coração estava cheio demais para distrações. Os cuidados de Pari juntamente com sua atitude alegre provaram ser o melhor remédio para o meu corpo

castigado. Dentro de dez dias, eu estava caminhando pelos aposentos das mulheres, e com pouca dor.

Para minha surpresa, minhas aventuras com Teispes fizeram de mim o assunto favorito entre as senhoras nobres e concubinas alojadas no quarteirão das mulheres. Fui convidada para uma procissão interminável de almoços e jantares. Comecei a me esconder no meu quarto por medo de receber mais convites.

Damaspia, que era um gênio político maior do que o conselheiro mais brilhante do rei, encorajava essas visitas mantendo minha história viva com a sua própria versão do conto. Ao ouvi-la contar a história, pensava-se que eu era a mulher mais corajosa do império, e meu Lorde Dario o herói mais arrojado formado pela mão do Criador. Sem a minha vontade, tornei-me mais popular do que qualquer mulher em Ecbátana exceto a rainha. Eu sabia que a minha popularidade só iria durar até o próximo rumor interessante. Mas eu também reconhecia que Damaspia tinha me lançado na sociedade persa como uma vingança. Eu podia até ser logo esquecida, mas nesse momento eu era bem-vinda entre as mulheres de classe.

Lembrei-me de o quanto eu havia desejado isso, e fiquei surpresa ao perceber a pouca importância que isso tinha. A amizade que eu tinha com alguém tão humilde como Pari valia mais para mim do que a opinião de uma dúzia de mulheres aristocratas.

Quando Damaspia mandou me chamar depois de dez dias, eu pensei que ela queria que eu divertisse outra mulher com o meu conto macabro de rapto, violência, traição e resgate ousado. Em vez disso, encontrei-a sozinha.

Ela disse em sua maneira direta de costume: “Seu marido exige que você lhe seja devolvida. Sem demora”.

Capítulo Vinte e Quatro

Euesqueci do protocolo do palácio. “O quê?”

“Ele diz que você teve tempo suficiente para se recuperar de suas lesões, e exige que eu a envie de volta para ele imediatamente.”

“Mas por quê?”

Damaspia esticou o pé em um elaborado apoio de pés.

“Com que força lhe atingiram a cabeça, menina? Você é esposa dele.”

“O que você vai fazer, Vossa Majestade?”

“Enviá-la para ele. Imediatamente. Eu não vou me intrometer nos assuntos de marido e mulher. Cada nobre daqui até Báctria se levantará em uma fúria pior do que nos dias da desobediência da Rainha Vasti se eu fizer uma coisa dessas.” Ela acenou com a longa mão, cheia de joias, como se estivesse varrendo o ar. “Pode ir para o seu marido como uma esposinha obediente”.

Olhei para ela de boca aberta por um momento. Ela tinha se intrometido nos *assuntos de marido e mulher* desde que eu me vi casada. Meus ombros caíram quando percebi a futilidade de apontar as inconsistências da rainha para ela mesma. “Sim, Vossa Majestade.”

Pari veio comigo quando voltei para o apartamento de Dario. Ela não podia ficar lá; a residência era muito pequena para acomodá-la. Mas eu queria que ela estivesse comigo durante aquela entrevista inicial. Achei que a sua presença iria tornar o início menos desconfortável. Uma pessoa mais covarde do que eu ainda não havia respirado deste lado do Nilo. O pensamento de encontrar Dario face a face me petrificava. O que deu nele para exigir a minha volta? Ele deveria ter ficado aliviado de se livrar de mim sem problemas. Isso era o que ele queria antes de Teispes complicar a sua vida.

Em vez de Arta, um outro homem dos guardas de Dario estava vigiando nossa porta. Eu o reconheci da longa viagem para Ecbátana, e meneei a cabeça em saudação.

“Meres. Lorde Dario se encontra?”

“Sim, minha senhora. E aguardando sua chegada.”

Ele abriu a porta depois de uma batida leve, e a fechou atrás de nós assim que entramos. Dario virou-se e viu-me com Pari.

Ele estava vestido para caçar com calças de couro e uma túnica curta cujas mangas tinham a aparência de escamas de ferro. Era deprimente como a simples visão dele parecia alimentar meus sentimentos com uma nova força.

“Ha! Minha esposa fugitiva retorna finalmente.”

“Percebo que estamos atrapalhando o seu passeio a cavalo, meu senhor. Perdão, não vamos detê-lo.” Apontei para o seu equipamento de caça.

Seu sorriso era seco. “De modo nenhum. Acabo de regressar da minha caçada.”

“Oh.” – Ele me ignorou e foi para perto de Pari. “E como foi sua viagem para Ecbátana, Parisatis?”

Fiquei espantada com o meu marido. Onde ele tinha aprendido o nome completo da minha serva? E por que ele decidiu ser tão charmoso com ela, de modo que o seu encanto poderia até mesmo ter derretido um pingente de gelo? Sua maneira gentil, a forma como ele lhe deu atenção e sua maneira cortês respeitosa reduziu Pari a mais uma de seus devotos admiradores em instantes.

“Foi muito agradável, meu senhor. Obrigada pelo cuidado extra dedicado à organização da nossa viagem.”

“Eu estou contente de saber que você teve uma viagem confortável. Sua senhora a elogia muito. Fiquei sabendo que você cuidou muito bem dela quando estava doente.”

Pari enrubesceu com a cor das rosas do caramanchão do rei.

“Não é nenhuma dificuldade cuidar de minha senhora.”

“No entanto, eu gostaria de agradecer-lhe.” Ele entregou-lhe uma tira de pergaminho que ele deve ter preparado com antecedência. “Aqui está uma cota extra de trigo para você neste mês.

E um cordeiro. Você pode enviá-los para sua família, se desejar, com meus cumprimentos.”

As sobrancelhas de Pari subiram tão alto que quase caíram de sua testa. “Eu fico muito grata, meu senhor. Eu nunca recebi um presente tão generoso.”

“Você merece, Pari. Pode tirar o resto do dia de folga. Quando sua senhora precisar de você, ela mandará buscá-la.”

Antes que eu tivesse a chance de dizer uma palavra, ou expressar minha opinião sobre o assunto, Pari desapareceu da minha presença. Eu não tinha mais o meu escudo humano.

Dario sentou-se no sofá. “Você parece melhor do que a última vez em que a vi. Posso supor que você está recuperada?”

“Estou. Obrigada.” Ocorreu-me que ele tinha se mantido informado sobre o meu progresso enquanto eu estava no quarteirão das mulheres. Eu não teria me surpreendido se descobrisse que a própria Damaspia era a fonte de sua informação.

Ele estendeu a mão para o sofá. “Por favor, sente-se.” Ele estava descansando tão à vontade, tomando todo o espaço, de modo que eu teria que praticamente me espremer e sentar no seu colo.

“Estou confortável em pé.”

“Mas eu insisto.”

Eu sentei em um banquinho estreito na frente dele, o único assento disponível no aposento apertado.

“Sua partida pareceu-me... precipitada, digamos? Importa-se de explicar?”

“Deixei um bilhete.”

Ele moveu uma das longas pernas para o lado do sofá e a deixou pendurada. “E quão demasiadamente comovente era aquela carta. Eu imaginei que você pudesse se sentir inclinada a me consultar a respeito de uma decisão como essa.”

Ele me estudou com um olhar calculista. Sob o seu agradável semblante pulsava uma tempestade de raiva que ele tentava conter. Percebi que, porque o deixei, seu orgulho ficara ferido. “Eu não achei que você me deixaria se eu tivesse lhe pedido pessoalmente.”

“Você é honesta, pelo menos. Agora me diga *por que* você me deixou.”

“Eu disse a você —”

“Que você queria que mulheres cuidassem de você, eu sei.

Por isso deixei você ir. Eu queria lhe dar mais privacidade. Mas há muito mais nas suas ações do que simplesmente a exigência de privacidade.”

Fiz um estudo cuidadoso dos meus sapatos. Eles tinham frisos e brilhavam à luz derramada pela janela de treliça. “Primeiro, eu tenho uma pergunta para *você*. *Por que você* não saiu dos nossos aposentos? Era o que *você* queria. Antes de eu ser atacada, *você* tinha isso em mente. Depois *você* mudou de ideia. *Você* não precisa responder. Eu sei o motivo. *Você* se sentia responsável, de alguma forma; mas *você* não tinha uma razão genuína. Saí de lá porque *você* ficou comigo pelas razões erradas.”

Dario saltou do sofá tão rápido que quase caiu atrás do meu banco. Ele se inclinou em minha direção até o seu rosto ficar na direção do meu. “*Você está enganada.*”

Não havia espaço no nosso aposento restrito para alguém com pernas tão longas como as de Dario andar para lá e para cá.

Ele até que tentou, circulando no recinto com passos curtos. Ele parou na minha frente e disse novamente: “*Você está enganada.*”

Dei de ombros e virei-me, achando o seu escrutínio explosivo muito perturbador.

“Eu tentei falar com *você* no dia do ataque de Teispes, depois que os médicos saíram. Mas *você* caiu no sono no meio da minha explicação. Eu pensei que conseguiria falar com *você* no dia seguinte, mas quando a serva acabou de ajudá-la, *você* estava tão cansada que eu a deixei em paz. E, no terceiro dia, quando voltei ao nosso quarto, *você* tinha se liberado de mim, com nada além de uma nota de dispensa.”

Ele atirou-se sobre o sofá novamente. “Quando eu deixei *você* no jardim, eu estava furioso com *você* por sua recusa em me dizer a verdade.”

“Eu lhe disse a verdade.”

“Possivelmente. Mas também ambos sabemos que *você* mente de maneira convincente. No entanto, eu consegui me acalmar depois de uma ou duas horas, e me convenci de que *você* podia estar sendo tão honesta e inocente quanto parecia. Então Arta me passou um relatório interessante; ele disse que *você* foi vista saindo dos aposentos de Neemias sem uma escolta.”

Eu elevei a mão em direção a minha têmpora. “Sim, eu fiz isso. Ele nos convidou, mas *você* não estaria presente, e eu não queria esperar. Sinto muito; eu não tinha percebido que estava cometendo uma infração tão séria.”

“Você visitou um homem solteiro sozinha? Sem permissão?”

Sem ao menos uma empregada por uma questão de recato? Muitos nobres na Pérsia deixariam a esposa por conta de uma provocação muito menor do que essa. Você parece ter um grande carinho por esse copeiro.”

“Ele é como um pai para mim!”

“É o que você diz, mas como eu posso saber? Em cada situação você me dá razão para desconfiar de você. Foi por isso que decidi deixar você. Naquela manhã eu enviei tanto ao rei quanto à rainha uma solicitação de quartos separados. Ou uma permissão para deixar o palácio completamente.”

“Eu sei.” Mas eu não sabia que a minha visita a Neemias tinha instigado a sua vontade de me deixar. Minha transformação de plebeia a nobre tinha sido muito abrupta. Eu ainda tinha de internalizar o fato de que as regras que se aplicavam à minha vida haviam mudado drasticamente.

“Você só sabe até aqui, e tentou adivinhar o resto. Erroneamente, devo acrescentar. A verdade é que eu senti um golpe tão pesado sobre a minha cabeça naquele dia quanto o que você recebeu das mãos de Teispes. Quando eu entrei naquela clareira e vi a faca dele no seu peito, meu sangue congelou. Naquele momento prolongado de um perigo mortal, deparei-me com algumas descobertas surpreendentes. Eu percebi que eu estava furioso com você. Eu percebi que eu repudiava o seu comportamento. Mas também percebi que eu não estava preparado para perder você.

“Eu disse a você enquanto a levava para casa que eu não sabia o que fazer com você. A evidência da razão não me permite confiar em você sem reservas. No entanto, meu coração se recusa a acreditar o pior de você. Estou em um dilema, como pode ver — dividido dentro de mim mesmo. De uma coisa eu sei: eu não vou deixar você. Você vai continuar comigo e eu vou continuar com você, e isso não tem nada a ver com culpa ou dever.”

“Você deseja continuar comigo?” Exclamei com espanto. Peneirei suas palavras, tentando entendê-lo. Eu não consegui manter o sarcasmo longe da minha voz quando eu disse: “Você me quer apesar do julgamento que faz de mim?”

Seu sorriso estreito correspondeu ao sarcasmo da minha voz. “Eu quero você o suficiente para querer me arriscar. Eu sei que você *me* quer. Você já me disse de muitas formas.

Eu não me dei ao trabalho de refutá-lo. Ele sem dúvida ria na minha cara. Até agora, sua estranha tentativa de conquista parecia mais uma coleção de acusações sarcásticas do que uma

declaração de sentimento. Ele não havia falado nada sobre amor, nem estava demonstrando confiança. E ainda assim, em algum lugar dentro de mim, meu coração partido começou a saltar de júbilo. Ele me queria! Ele *me* queria!

Com o máximo de cuidado que a minha alma imprudente era capaz de ter naquele momento, eu disse: “Sem confiança, vamos nos estranhar na primeira provação que cruzar o nosso caminho.”

Dario virou o perfil perfeito para mim. Seu nariz, reto como uma flexa, arfava com uma emoção marcada. “É o melhor que posso lhe oferecer, Sara.”

Não muito tempo atrás, eu esperava que ele me abandonasse. Independente da condição; confesso que ele excedeu as minhas expectativas. Balancei a minha cabeça desajeitadamente, mostrando que estava de acordo.

Ele deu um leve suspiro. “Uma condição. Eu quero a sua promessa de que você vai falar para mim quando um problema surgir entre nós. Nada mais de fugir. Chega de visitas a homens sem escolta. Nada de segredos. Vamos discutir nossas diferenças.

Você deve me dizer o que se passa nessa sua cabeça; eu não posso sempre ficar tentando adivinhar.”

Eu me mexi no meu assento. “Eu prometo se você me fizer uma promessa. Prometa-me que vai ser razoável quando eu lhe fizer um pedido.”

“Eu não faço esse tipo de promessa, pois conheço o seu conceito de *razoável*, que bem pode ser definido como irracional.”

Engoli um sorriso. “Vou fazer um trato com você, meu senhor. Vou jogar um jogo de gamão com você, e o vencedor terá a sua promessa. O que você diz?”

Dario se inclinou para frente. “Feito.”

Eu era mais do que proficiente no jogo. Por estar familiarizada com o tabuleiro, eu já não tinha necessidade de contar os pontos. Eu podia ver com os olhos da minha mente onde cada dado iria parar. Ganhei três vezes seguidas antes de Dario começar a me esmagar. Ele teve uma sorte prodigiosa, bem como uma grande estratégia, e rolou mais duplas em um jogo do que eu tinha rolado em três.

“Eu acredito que consegui a minha promessa,” disse ele quando me esmagou pela última vez.

“Isso não é normal.”

“Não pode voltar atrás. Dê-me sua promessa.”

“Eu lhe dou minha promessa, meu senhor. Sem mais segredos.”

Jantamos sozinhos no aposento naquela noite. A trégua que ele havia forjado caiu sobre nós como um cobertor quente. Pela primeira vez, eu fui capaz de acreditar que ele gostava da minha companhia. Ele gostava de estar comigo. Ele ria com facilidade na minha presença e perguntava minha opinião sobre assuntos de importância sem desdém.

Nós estávamos provando um bolo de pistache adoçado com mel, uma nova receita inventada pelos chefes reais, quando a nossa ceia foi interrompida pela chegada de um mensageiro coberto de pó.

“É do meu pai,” Dario disse enquanto estudava a missiva.

“Está tudo bem?”

“Sim. Mas preciso dar atenção a algumas questões urgentes.

Levará várias horas. Não espere por mim.”

Fiquei aliviada e ao mesmo tempo decepcionada com a sua partida. Tanta coisa tinha acontecido no espaço de apenas algumas horas. Eu mal conseguia entrar na realidade dos sentimentos alterados do meu marido por mim. Ocorreu-me que eu tinha com Teispes uma dívida de gratidão. Foi a visão da sua faca pressionada contra o meu peito que fez Dario mudar de ideia sobre mim. As trevas tinham o seu papel nesta terra.

Minhas orações transbordaram com ações de graças naquela noite. Eu refleti sobre a manipulação divina dos eventos e nesse resultado improvável no fim de tantas desventuras ocorridas nos últimos meses. Eu não entendia os Seus caminhos. Mas com o passar de cada dia, eu aprendi a confiar neles. Pensei nas palavras que eu tinha dito a Neemias uma vez — que eu confiava mais em minha capacidade de cometer erros do que na habilidade de Deus em fazer Seus planos terem sucesso. Quão pouco eu sabia sobre o poder de Deus, e ainda menos sobre o Seu amor se eu acreditasse que o pecado e o erro humanos poderiam passar por cima dos seus planos.

Quando chegou a hora de descansar, eu decidi dar a Dario o presente que eu podia lhe dar: sua cama. Aconcheguei-me sob as colchas na diminuta alcova que ele ocupava quando eu estava no quarto, querendo que ele tivesse o conforto de uma cama para a noite. Desejei ardentemente ser uma boa esposa para o meu marido. Se eu não podia admitir amá-lo, eu poderia, pelo menos,

mostrar a minha ternura e desejo de cuidar de suas pequenas necessidades.

Eu estava quase dormindo quando ele voltou. Para meu espanto, ele levantou as cobertas e escorregou para o meu lado.

Sentei-me ereta.

“O que você está fazendo?” Falei com uma voz assustada.

“Estou deitando com você na cama.”

Ocorreu-me que ele percebeu minha presença em sua cama como um convite evidente. Devo ter aparentado tão descarada quanto a cortesã que um dia eu tinha fingido ser. “Você acha que eu vim aqui para. . . Você acha que eu estava tentando. . . Oh Deus dos céus! Eu estava apenas tentando deixá-lo dormir em sua própria cama.”

“Eu estou dormindo na minha cama.”

“Tudo bem.” Rolei para o outro lado do colchão e pulei para fora da cama ornamentada. Puxando o cobertor para baixo com movimentos desajeitados, dei um passo para trás e esbarrei em uma massa sólida. Esquivando-me com um suspiro, me vi diante de uma parede de músculo.

“Meu senhor?”

“Meu nome é Dario. Você poderia tentar usá-lo.”

Cruzei os braços. A lembrança da última vez que eu tinha usado o seu nome escapou das engrenagens da minha memória, deixando um gosto amargo na minha língua. “Não, eu não posso.

Você mesmo me disse para não ser tão íntima.”

Dario segurou meus braços com suas mãos, descruzando-os e me puxando para a frente em um movimento suave. “Lição número um: você está falando demais.”

Ele me puxou mais forte para os seus braços. Inesperadamente, seus lábios desceram sobre os meus. Meus olhos se arregalaram.

“Lição número dois,” ele murmurou quando levantou a cabeça.

“Feche os olhos quando eu beijar você.” Ele passou uma mão em torno da minha cintura e me ajustou ao seu corpo. Com beijos leves como pena, ele fechou os meus olhos antes de me beijar

os lábios novamente.

“Lição número três,” ele disse quando levantou a cabeça, com sua voz rouca. “Beije-me de volta. Assim, e assim.”

Eu mal me lembrava como se respirava quando ele parou.

“São quantas lições?” Eu perguntei, minha voz saiu como um fio.

Ele riu do fundo da garganta. “Eu vou lhe mostrar se você disser o meu nome.”

“Dario,” eu sussurrei obedientemente. E não foi a última vez que eu proferi o seu nome naquela noite.

Acordei com o gorjeio dos pardais ao nascer do sol. Dario dormia ao meu lado, seu corpo estendido ocupava a maior parte da cama. Os raios pálidos da luz da manhã iluminavam seu rosto.

Dormindo, faltava-lhe a aparência predatória que normalmente se estampava no seu semblante. Seus lábios, esculpidos e longos, eram suaves. Eu pensei no toque de seus lábios na noite anterior e virei-me para deslizar para fora da cama, envergonhada com minhas próprias reflexões.

Uma mão enrolou-se no meu braço e me puxou de volta.

“Onde você pensa que está indo? Você deve pedir minha permissão para sair, você não sabe disso?”

Suspirei espantada. “Não.”

Ele assentiu. “É verdade. De acordo com os costumes, quando Damaspia ainda não interferia no modo de vida das pessoas, você teria sido chamada ao meu aposento e não teria saído de lá até que eu a dispensasse.”

Puxei os lençóis para cima de mim. “Você pretende ser um marido tirano, percebo.”

Dario afofou dois travesseiros atrás dele e sentou-se. “Eu estou apenas lhe informando sobre os direitos aristocráticos.”

Minha boca ficou seca quando a alegria das horas encantadas que compartilhamos esmaeceu. Era fácil, na privacidade deste pequeno aposento, pensar nele como *meu* marido. Mas um dia viria, e talvez bem breve, quando eu teria que aprender a compartilhá-lo com outras. Eu iria até

ele e voltaria de acordo com seus caprichos, em uma longa fila de outras mulheres.

“O que foi? Você parece triste, de repente.”

Eu balancei a cabeça.

“Você prometeu não guardar segredos de mim.”

“Isso não é segredo. É um pensamento particular. Você não pode esperar que eu compartilhe cada pensamento que entra em minha cabeça “.

“Eu posso esperar sim. E eu ganhei esse direito, se é que você se lembra. Agora diga-me porque minha esposa está triste. Você pode sair da minha cama sem minha permissão, se isso a irrita tanto. Saia quando quiser. Eu não me importo.”

Tentei sorrir. “Isso é generoso de sua parte.”

“Mas?”

Como ele me pressionava para conseguir mais de mim. Por anos, eu me senti culpada, com uma alarmante frequência, por abrir minha boca e derramar meus pensamentos sem a devida consideração. Sentimentos eram outra questão. Aqueles eu guardava. Agora, aqui estava a pessoa cuja opinião significava mais para mim do que a de qualquer outra pessoa, e ele não estava satisfeito com o meu silêncio. Ele queria a revelação de toda a minha alma, quer fosse limpa e boa ou fraca e atolada na imperfeição. Eu não podia suportar mostrar-lhe meu coração inseguro para que ele o rejeitasse, o ridicularizasse...

Mas eu sabia o que o Senhor iria querer de mim. Aquele que desejava a verdade do meu íntimo iria querer que eu fosse como eu era para o meu marido. Eu podia descansar em Seu perdão e aceitação, independente do que Dario pensasse de mim.

Abri minha boca e fechei-a quando as palavras não saíram.

Limpando a garganta, forcei minha voz a obedecer. “Eu estava pensando em como a vida vai mudar com o tempo. Você vai se casar mais uma vez. E eu vou ter que aprender a compartilhar você.”

Capítulo Vinte e Cinco

Dario deu de ombros. “Eu não estou pensando em me casar novamente. Eu fiquei traumatizado da primeira vez.”

Eu empurrei o seu ombro. Ele agarrou meus pulsos e me puxou contra ele. “Eu estou falando sério. Não tenho a intenção de me casar com outra.”

Eu franzi o cenho. “Como Artaxerxes, você quer dizer? Casar com uma mulher e ter as demais como concubinas?”

Ele suspirou e me largou. Sua testa ficou sulcada com os seus pensamentos.

“Eu não pretendia reclamar, meu senhor,” eu disse, temendo tê-lo desagradado. “São apenas os delírios da minha mente. Viu como são incômodos e inúteis? Agora, talvez você não insista que eu os compartilhe.”

Ele permaneceu em silêncio. Lambi meus lábios. “Eu cresci com um pai que não podia sustentar mais que uma esposa. Não havia concubinas em nossa casa. Não estou acostumada a esse luxo. Dessa forma, eu sou abençoada”.

Dario parou o dilúvio de minhas palavras com um beijo tão apaixonado que eu esqueci o que eu estava falando. Ele me beijou até eu esquecer o mundo inteiro. Ele teceu uma rede de desejo sobre mim tão espessa que eu duvido que eu teria lembrado o meu próprio nome, se ele não o ficasse repetindo. Houve um desespero na maneira com que ele fez amor comigo naquela manhã.

Ele se agarrou a mim como alguém que tentava acabar com uma sombra de monstros antigos. Agarrei-me a ele também; eu tinha os meus próprios monstros para esquecer.

Comemos nossa refeição matinal em silêncio. Dario parecia preocupado e eu ainda estava angustiada por causa da conversa anterior.

“Você gostaria de sair para um passeio?” Ele perguntou depois do café.

“Contigo?”

“Eu poderia mandar Meres levar você, se preferir.”

“Ele é bem bonito. Posso pensar sobre isso?”

“Não, sua pequena salafrária, você não pode. Será comigo ou com ninguém.”

“Então suponho que é melhor que seja você.”

Passamos pelos muros de Ecbátana. O mundo ficava quieto e a atmosfera refrescante depois que deixávamos a agitação da cidade.

Era como se fôssemos os dois únicos ocupantes da Pérsia quando cavalgávamos lado a lado.

“Minha mãe cresceu em um lar como o seu,” disse Dario. Ele tinha o hábito desconcertante de mencionar temas ligados a nada.

“Um lar como o meu?”

“Um marido. Uma esposa. Esse tipo de lar. O pai dela era um simples mordomo.”

“Eu soube disso.”

Isto não era uma conversa casual; eu podia ver pela determinação da sua mandíbula que ele queria explicar sobre alguma coisa. Eu tentei afinar os ouvidos ao seu estado de espírito para entender o que ele desejava dizer.

“O casamento dos meus pais foi por amor. Eles escolheram um ao outro,” disse ele.

Eu comecei a pensar no luxo de amar alguém e saber que esse amor é retribuído. Meu peito apertou com uma ansiedade inédita.

“Eles devem ter sido muito felizes.”

“Em muitos aspectos eles eram. Ainda assim, minha mãe achou difícil adaptar-se à vida com um homem ligado a tantas outras mulheres. Muitas noites eu via seus olhos inundados de lágrimas ao saber que meu pai havia chamado outra em vez dela. Ela entendia, quando concordou em se casar com meu pai, que fazia parte do modo de vida de uma aristocrata persa compartilhar seu marido com outras mulheres. Ela poderia ter uma parte dele ou nada dele.

Ela escolheu ter uma parte. Embora ela tenha tomado essa decisão conscientemente, ela ainda pagava um preço. Ela sofria por causa de sua atenção dividida.”

Ele queria que eu soubesse que ele entendia a minha dor, eu imaginei. Que ele não me julgava por eu sofrer por causa disso. Ele queria que eu aprendesse a tolerar o seu estilo de vida como sua mãe tinha aprendido a tolerar o do seu pai.

“Eu vou tentar ser tão resignada quanto sua mãe,” eu disse.

Ele fez uma careta. “Quando eu era criança, lembro-me que prometi nunca fazer isso com minha esposa. Nunca fazê-la sofrer dores de solidão.” Ele mudou de posição sobre Sansão. “Eu desejava ter a vida de uma pessoa. Você sabe de quem?”

“De quem?”

“A do filho de Bardia, o pai de Gobry. Ele tinha uma esposa. Seus filhos lhe nasceram da mesma mulher, e todos eles viviam juntos, amontoados em uma pequena cabana na nossa propriedade. Mas eles eram felizes. Unidos. Eu tenho três meios-irmãos e duas meias-irmãs que eu mal conheço. Meus irmãos se ressentem de mim por eu ser o herdeiro principal do meu pai. Minhas irmãs parecem querer favores, e não afeição.”

Eu balancei minha cabeça. “Não existem famílias perfeitas, existem? Eu pensei que a sua chegasse perto da perfeição. Eu teria dado os cabelos da minha cabeça para experimentar o amor que seus pais compartilhavam com você.”

Ele se inclinou e pegou um cacho sedoso do meu cabelo com o qual começou a brincar. “Não se meta a doar os cachos dos seus cabelos com tanta generosidade. Eu gosto muito deles.”

Eu afastei a sua mão. “Aposto que Gobry teria trocado de vida com você num piscar de olhos.”

“Eu sei o quão privilegiado eu sou. Eu sei que sou mais afortunado do que a maioria. Mas eu sempre tive a esperança de dar aos meus filhos uma vida melhor ainda.

“Eu tinha a esperança de me casar por amor, como meus pais fizeram. Eu sabia que isso podia ser um sonho improvável para um homem na minha posição. Ainda assim, eu nutria essa esperança.

Eu me esforcei para pensar em maneiras de poupar minha esposa da dor que minha mãe tinha sofrido. Quando meu pai arranhou meu casamento com uma mulher sobre a qual eu nunca tinha ouvido falar, eu pensei que, neste ponto, pelo menos, eu poderia ter a consciência tranquila. O nosso casamento não era um casamento de amor. Você não me queria, e nem eu queria você. Eu pensei em poupá-la da minha presença, embora eu tenha feito o melhor possível para que você se sentisse bem em minha casa.”

“O que você quer dizer?” Eu não lembrava de nenhum resquício de boas-vindas quando cheguei à casa dele.

“Antes de eu me casar com você, eu tinha três concubinas. Todas vieram a mim por vontade própria; eu não aceitaria nenhum prêmio de guerra na forma de mulheres amedrontadas. Quando meu pai me contou sobre o nosso casamento, eu dei a cada uma das minhas concubinas a sua própria casa, com servos e renda suficiente para viverem uma vida confortável. Elas podem se casar se quiserem, ou manter-se independentes. Eu fiz esses arranjos para que minha esposa pudesse ser a única mulher da casa. Parecia uma maneira graciosa de começarmos a nossa vida”.

Meus dedos agarraram as rédeas de Kidaris com uma força convulsiva. “Você fez isso, mesmo tendo o seu casamento comigo significado o fim do seu sonho de um casamento por amor?”

Eu olhei para o chão, cega agora para a rica beleza do ambiente à nossa volta. “Você pensou no meu bem-estar enquanto eu só pensava em mim mesma e em como fazer as coisas à minha maneira. Estou envergonhada, meu senhor, mais do que nunca, de tê-lo tratado tão mal.”

Ele cortou o ar com a mão enluvada. “Eu não disse isso para envergonhar você. Eu disse isso porque esta manhã eu vi em seus olhos um reflexo do que eu costumava ver na minha mãe. Eu suponho que mesmo uma mulher que não ame o seu marido não tenha o desejo de compartilhá-lo. Pelo menos por enquanto eu quero que você saiba que não precisa ter essas preocupações.

Não vou me casar com outra contanto que você se mantenha fiel a mim e não minta.”

Meu coração transbordava de dor. O que eu tinha prometido nunca lhe dizer escorregou da minha língua. “Mas eu amo você,” eu gritei. Horrorizada por ter falado essas palavras em voz alta, chutei os lados de Kidaris com os calcanhares e saí galopando.

Ultrapassar um oficial persa de cavalaria é como tentar ofuscar a luz do sol. Dentro de momentos as rédeas da minha égua estavam nas mãos de Dario, e ambos tínhamos chegado a uma rua sem saída.

Com um movimento fluido, ele saltou de seu cavalo enquanto me puxava para baixo com ele. Ele deixou uma distância entre nós antes de parar. “O que você disse?”

“Nada!”

“Você falou sério?”

“Esqueça o que eu disse. Não importa.”

“Para mim importa,” ele disse, com ternura nos olhos. “Eu gostaria de ouvir você repetir.”

Baixei minha cabeça. “Eu disse que te amo.”

O problema com o amor, eu refleti, era que só um amor igual ou maior podia satisfazer as suas exigências. Em dois curtos dias eu tinha feito descobertas suficientes para colocar minha vida de cabeça para baixo. Eu descobri que meu marido não era indiferente a mim. Ele queria minha companhia e não estava disposto a me perder. Em sua bondade, ele havia feito uma promessa de não casar-se com nenhuma outra. Eu recebi dele mais honra do que Damaspia de seu rei, pois eu não compartilhava meu marido com concubinas.

E, no entanto, estranhamente, eu não estava satisfeita. Eu ansiava por mais. Meu marido me queria, mas ele não me amava.

Bondade, desejo, consideração não podiam substituir a ausência de seu amor. Não podia compensar o fato de que quando eu confessei o meu amor por ele, ele me beijou com paixão, com prazer possessivo, mas não houve ali uma declaração de amor por parte dele.

Mas eu também não conseguia tirar da minha mente o fato de que quando ele falou que não teria nenhuma mulher na sua casa além de mim, ele tinha usado as palavras *pelo menos por enquanto*, palavras que ressoaram como possibilidades nefastas para o futuro. Eu sabia que as expectativas de seu pai, bem como as tradições da sua cultura, exigiam que ele enchesse sua casa com mulheres e crianças. Por quanto tempo as doces memórias de uma mãe amada resistiriam ao peso esmagador de tal exigência? Sem o escudo do amor, da fé, como ele poderia permanecer firme contra tudo que os outros aristocratas consideravam como sendo o seu dever para com a família e a nação?

Sua promessa de não casar-se com outra, embora reconfortante, veio com condições. Enquanto eu me mantivesse fiel e não mentisse, ele tinha dito. Se eu cometer um deslize, se em seus olhos eu fosse infiel, então até onde ele iria para manter sua intenção de ter-me como sua única esposa?

Embora ele tenha aprendido a gostar de mim, ele ainda tinha que aprender a confiar em mim. Mesmo assim, a cada dia ele parecia mais disposto a livrar-se de suas dúvidas sobre mim. Eu duvidava que haveria um tempo em ele acreditaria em mim sem hesitação ou dúvida.

Eu passei muitas horas durante os dias do início do outono em súplica diante do Senhor. Eu tinha muitas horas de sobra, pois Dario, como cortesão, tinha suas responsabilidades. Suas funções ocupavam o seu tempo. Eu não tinha ocupações semelhantes. Caça e esporte, que eram o deleite de Damaspia e suas damas, pouco me interessavam. E nem também conseguia passar horas embelezando minha pele e cabelos para melhorar meus encantos. Eu fazia o mínimo, e já com uma relutante impaciência. Eu não poderia construir uma vida em torno de tais ocupações. Minha mente estava acostumada à atividade útil, e as poucas atividades que vinham de Ecbátana consistiam de conversas com meu marido e Pari, uma audiência ocasional com a rainha e um

horário estendido de pensamentos tortuosos sobre amar um homem que não me retribuía o favor.

O Senhor usou aqueles dias dolorosos para trazer minha alma a um relacionamento mais firme com ele. Se eu tivesse sido uma noiva amada, eu teria sido tentada a fazer do meu marido um ídolo. Amando Dario como eu amava, teria sido fácil cair em meu velho hábito de buscar todo o meu bem-estar nele. Em vez disso, voltei-me mais para o meu Deus e procurei encontrar descanso em sua bondade. Ele parecia o único fundamento certo na minha vida.

Uma tarde, quando eu não esperava que Dario retornasse até tarde da noite, a porta se abriu e ele entrou. Eu não o tinha visto desde o amanhecer, e olhei para ele com surpresa. Sua expressão fechada não revelava nada. Eu desisti de minhas orações e fiquei de frente para ele, sem saber o que pensar.

“Alguma coisa errada?”

Ele balançou sua cabeça. “Eu interrompi suas orações.”

“O Senhor deve estar se sentindo aliviado por essa interrupção. Eu o importuno muitas vezes.”

Ele estava vestido com o traje real completo, pois havia participado de uma missão oficial de estado. Com dedos impacientes, ele despojou-se do seu cinto de couro e sandálias cravejados de pedras preciosas, e caiu no sofá. Seus intensos olhos verdes me observavam com uma grande concentração.

Eu me contorci sob o desconforto do seu exame minucioso.

“Por que você está aqui? Pensei que a festa duraria até depois da meia-noite.”

Ele sorriu lateralmente. “Sim, por que estou aqui? Eu me fiz a mesma pergunta a cada passo que me distanciava do meu dever. Eu poderia dizer que fiquei morto de tédio com as conversas de vários chefes de estado.”

Sentei-me ao lado dele no sofá, sem entender o seu estranho estado de espírito.

“Você saiu?”

“Ah sim. Mas isso não é nada incomum. Eu participo desses eventos desde antes de eu ter barba.”

“Então por que você saiu?”

“Saí, esposinha, porque eu senti sua falta.”

Qualquer alegria que eu poderia ter sentido com essa declaração foi ofuscada pela ponta de uma acusação zangada em sua voz. “Você não parece feliz com isso.”

Ele passou a mão pelo cabelo e se afastou de mim. “Por que eu estaria infeliz? Não é nenhuma surpresa que você seja mais divertida do que um bando de velhos lordes ranzinzas pedindo novos favores. Qualquer um seria mais divertido.”

Debrucei-me bem longe dele também. “Que talento extraordinário você exhibe,” eu disse com um humor frio. “Com apenas algumas palavras você consegue insultar toda a aristocracia persa com seus chefes de estados estrangeiros, além de mim. Você realmente tem que me ensinar como se faz isso.”

Os cantos dos olhos dele se enrugaram. “Em nome da auto-preservação, devo declinar essa solicitação, minha senhora.

Você tem armas suficientes à sua disposição. Seria suicídio adicionar outras ao seu arsenal.”

Quando o seu temperamento se esfriou, a minha própria temperatura subiu. “Eu não sei de que armas você está falando, meu senhor”.

Acabei me encontrando em seus braços. “Aqui está uma,” ele murmurou contra a minha boca. “E aqui outra,” disse ele enquanto continuava me beijando.

Com o que me restava de força, eu tentei resisti-lo. “Não é justo você ficar zangado comigo só porque sente falta de mim.”

“Eu sei.”

Quando acordei, encontrei Dario olhando pela janela de treliça. Ele tinha ajuntado as cortinas de linho azul para um lado, e a luz da lua derramava-se em nosso quarto. Enrolando-me em um roupão, fui até ele na ponta dos pés e me posicionei ao seu lado.

Sem se virar para mim ele disse: “A corte se mudará para Susã em breve, mas eu quero voltar para a minha propriedade em Persépolis, Sara. Quero me certificar de que tudo está em perfeita ordem.”

“Oh, isso é maravilhoso! Vou ver Bardia e Shushan novamente.” Pensei em Cáspio, a quem eu não veria, e meu peito contraiu-se de dor.

Ele virou para mim. “Você não se importa de voltar? Você vai perder a maior parte das festas e da pompa da corte nessa temporada.”

“Claro que eu não me importo. Prefiro estar com meus amigos a entreter lordes e madames que não conheço.”

Ele franziu o cenho. “Você se tornou bem popular, pelo que ouvi dizer. Muitas senhoras procuram a sua companhia agora.

Você não vai sentir falta disso?”

“Não se trata de popularidade mas de entretenimento. Eu não tenho amigos verdadeiros na corte, salvo talvez a rainha. Sou grata pela aceitação entre as mulheres de classe por sua causa, e nada mais. E posso passar muito bem sem a companhia delas.”

Ele ficou em silêncio por um tempo enquanto retomava sua vigília do jardim através da janela. Quando ele finalmente falou, suas palavras eram comedidas. “Desde Teispes, eu me tornei consciente de o quão vulneráveis as minhas propriedades são.

Fico ausente muito frequentemente e não tenho tempo nem jeito para examinar todos os detalhes da gestão das minhas terras. Eu costumava pensar que eu poderia deixar esses assuntos para os meus mordomos e servos. Agora vejo que não é suficiente.”

Sua respiração saía como um suspiro abafado. “Eu vi quanto dano uma pessoa desonesta pode causar. Então eu tenho uma proposta para você, Sara. Eu quero que você supervisione a gestão de todas as minhas propriedades. Isso era o que você fazia para a rainha, não era? Você teria menos para fazer na minha casa, já que seu trabalho é gerenciar os meus gerentes, por assim dizer. Eu sei que mulheres de sua situação social não trabalham.

Eu estou ciente de que estou pedindo um favor incomum, e eu quero que você se sinta à vontade para recusar”. Ele manteve o olhar distante enquanto falava, como que desejando me dar completa liberdade para que eu elaborasse a minha decisão.

Meu estômago realizou uma nítida acrobacia. Ele realmente estava jogando no meu colo o que eu mais tinha desejado e achava que isso era um favor para *ele*?

Eu levei um tempo para examinar meu coração antes de precipitadamente lhe dar uma resposta. Como é que eu me sentia em voltar para o trabalho que eu sabia fazer bem e tanto amava? Se ele tivesse me feito esta proposta assim que nos casamos, quão diferente a minha vida teria sido. Será que eu teria aprendido a fazer amigos? A colocar as necessidades dos outros acima das minhas conquistas? Se ele tivesse me oferecido esta posição quando eu comecei a reconhecer meus sentimentos por ele, será que eu teria me agarrado ao trabalho como um meio de provar o meu valor? Como a única maneira que eu conhecia de fazer com que ele se importasse comigo, pelo menos um pouco? Será que eu teria mais uma vez me tornado uma

escrava de minhas próprias realizações?

Seria essa proposta hoje ainda uma tentação para mim? Deus me deu um vislumbre de sua liberdade, isso era verdade. Mas será que eu estava pronta para enfrentar a minha velha obsessão, minha querida paixão, meu ídolo? Será que eu conseguiria trabalhar sem tornar minhas realizações em um meio de alcançar aceitação e segurança?

Fechei meus olhos bem apertados e pedi orientação. Qual era a vontade do Senhor, não a minha vontade, nem a de Dario, mas a vontade do Senhor nisso? Eu obedeceria. Embora pudesse me matar, eu iria obedecê-la. Quando tomei essa decisão, um alívio súbito e inexplicável me inundou. Eu não tive uma visitação angelical. Ninguém falou comigo com uma voz de trovão. Mas eu *sabia* que o Senhor estava me impelindo a conceder o desejo do meu marido. Aquele que tinha me constituído no ventre da minha mãe iria me guiar diariamente e proteger-me da idolatria.

E quando eu falhasse, ele me levantaria, e me levaria ao arrependimento, tornaria-me limpa com o sangue de Seus sacrifícios, e me colocaria no caminho certo novamente.

Abrindo os meus olhos, contemplei o meu marido. Os lábios pressionados de Dario tinham ficado brancos de tensão enquanto ele esperava por minha resposta. Percebi com crescente clareza que ele tinha mais interesse na minha resposta do que na conveniência de ganhar um escriba sem custo. Isto era um teste para ele, um teste da minha natureza, da minha lealdade, da minha honestidade.

Eu sorri enquanto olhava para o seu perfil tenso. “Eu ficaria honrada, meu senhor. Para dizer a verdade, ando meio entediada. Há dias em que os seus chefes de estado ranzinzas parecem o máximo do entretenimento em comparação com os tratamentos de beleza conferidos pelos maquiadores de Damaspia. Eu adoraria servi-lo como servi à rainha.”

“Você tem certeza? Eu não a puniria se recusasse.”

“Eu não desejo recusar.”

Uma mão forte segurou a minha enquanto ele continuava olhando pela janela. Eu pressionei os seus dedos e juntei-me a ele em seu estudo do jardim banhado pela luz da lua. Ele pode não me amar, mas ele sentiu a minha falta por não me ver durante apenas um dia. Ele pode não confiar em mim com seu coração, mas ele me confiou a sua vasta riqueza e o cuidado dos seus vassalos. Ele podia ressentir-se e lutar contra isso, mas a cada dia ele entregava mais uma parte de si para mim. Meu sorriso brilhou de satisfação.

Eu pensei em como o Senhor tinha partido o Rio Jordão para Israel, a fim de levá-los à Terra

Prometida. *Dá uma parte do coração dele para mim, Senhor. E separa a alma dele para Ti mesmo.*

Capítulo Vinte e Seis

Quando retornamos, Dario consentiu em viajar pela estrada real com toda a comitiva. O fato de que passávamos as noites nas casas de repouso do rei em vez de em tendas, e adequávamos o ritmo da viagem para o conforto dos carros cobertos onde viajavam Pari e a nossa mobília fez da viagem uma experiência tranquila em comparação com a nossa louca corrida a Ecbátana.

Vinte dias voaram como uma brisa agradável.

Dario havia informado ao palácio sobre nossa chegada com antecedência. Chegamos depois do pôr do sol e encontramos o lugar todo aceso, cheio de lâmpadas, em antecipação à nossa chegada. O cheiro suntuoso da comida de Shushan nos cumprimentou antes de deixarmos os estábulos.

Parecia-me que a maior parte da equipe interna havia se reunido para nos cumprimentar, pois enfileirados diante de nós havia mais de cinquenta homens e mulheres, muitos dos quais pareciam estranhos para mim. Shushan chegou trazendo um buquê de rosas que acabara de desabrochar. “Bem-vindos ao lar, meu senhor. Minha senhora.” Ela se inclinou em reverência e me deu as rosas.

Eu joguei meus braços em tornos de seus ombros angulares e dei-lhe um abraço apropriado. “Senti sua falta.”

Ela tentou lançar um olhar de reprovação, mas mesmo à luz da lâmpada eu podia vê-la morder o lábio.

“Onde está Bardia?” Gritei.

“Aqui, minha senhora.” Dario foi o primeiro da fila a cumprimentar o velho jardineiro, beijando-o nos dois lados da face.

Na corte, ele teria irritado mais de um aristocrata com seu comportamento, pois esperava-se que um plebeu se curvasse diante de um aristocrata. Beijos só eram dados nas faces dos homens de posição. Mas o meu marido conferia esse tratamento aos homens mais por conta de seu caráter do que por conta de posição. Meu coração derreteu em aprovação.

Eu estava em casa. Eu tinha meus amigos à minha volta. Pela primeira vez em muitos anos, senti que eu realmente pertencia a algum lugar.

Embora parte de mim comemorasse esta reconfortante sensação de regresso ao lar, outra parte de mim angustiava-se. Isto por conta da primeira noite em que eu dormiria em um quarto separada de marido desde meu regresso da residência da rainha em Ecbátana. A separação doía. Cheia de autopiedade, lancei um pequeno sorriso para Dario antes de ir para o meu próprio aposento.

Eu sabia que Pari estava tão cansada e suja da viagem quanto eu, então pedi que ela encontrasse uma serva que me ajudasse com o meu banho e disse-lhe para tirar a noite de folga. Toda a poeira da Pérsia parecia ter grudado em meus cabelos e roupas. Deleitando-me em um longo banho, finalmente emergi para vestir uma camisola e um robe de lã, antes de dispensar a nova serva.

Arrastei-me para a cama sozinha. De agora em diante, eu teria que esperar pelo desejo de Dario para vê-lo. Eu não poderia correr para ele quando quisesse, ou procurá-lo sem uma razão séria.

O silêncio me envolvia com um peso opressivo. Se eu não tivesse perdido Cáspio, sem dúvida ele estaria comigo agora, sufocando-me com seus beijos molhados.

À luz das lâmpadas, tomei ciência das ricas peças de tapeçaria e do mobiliário opulento presenteados pela mão de uma rainha, e os lençóis bordados. Como a minha vida mudou, muito além das minhas fantasias mais extravagantes!

Tantos dos meus sonhos se tornaram realidade. Assim como muitos tinham se perdido.

Esta era a natureza da vida. Perda, sofrimento, tristeza, desgosto eram experiências que faziam parte do tecido do destino humano da mesma forma que a alegria, esperança e realização.

Se a felicidade se apoiasse apenas na captura dos sonhos, então a felicidade seria inconstante, de fato. Havia muitas coisas que eu queria desesperadamente, mas que provavelmente eu jamais possuiria: o amor de Dario, a aprovação de meu pai, uma criança da minha própria carne, a permissão de ir ao encontro do meu marido a hora que quisesse. E o que eu já tinha, poderia algum dia vir a perder.

Não. Se a minha alegria estivesse em ter tudo o que eu desejava, eu sempre lutaria com a infelicidade.

Tinha que haver um outro caminho para a alegria, uma outra estrada para a felicidade que não fosse a necessidade de realizar todos os desejos do meu coração.

Pensei em como o rei Davi falava muitas vezes como um homem que andava sobre duas

estradas de uma só vez. Ele tinha um pé firmemente plantado no caminho do sofrimento, e o outro na estrada da esperança e da alegria. Não era um caso de *ou isso ou aquilo* com Davi. Ele tinha aprendido a fazer os dois de uma vez, quando necessário. Ele conseguia chorar enquanto se regozijava.

Lembrei-me de um de seus salmos onde ele começou a louvar a Deus por Sua bondade: *Não me entregaste nas mãos dos meus inimigos; deste-me segurança e liberdade* Enquanto que no próximo fôlego clamou em angústia: *Misericórdia, Senhor! Estou em desespero!*

A tristeza me consome a vista, o vigor e o apetite.

Davi sabia como trilhar o caminho da aflição enquanto se firmava na alegria da presença de Deus. Eu queria aprender a ser como Davi, ter olhos que veem a mão amorosa do Senhor mesmo em meio a sonhos não realizados.

Uma batida suave na porta me acordou de meu devaneio.

Pari deslizou para dentro, com o cabelo ainda molhado após um banho recente.

“O que você está fazendo aqui? Eu lhe dei a noite de folga.”

“Eu lembro. Estou visitando, não trabalhando.”

Eu sorri e dei um tapinha no travesseiro ao meu lado. Ela se arrastou para cima da cama e esparramou-se confortavelmente. “Eu vi uma longa fila de homens esperando à porta de Lorde Dario. Ele sem dúvida vai estar ocupado até tarde da noite.

Eu imaginei que você fosse ficar sozinha em sua primeira noite em casa.”

A melhor — e a pior — das qualidades dos meus amigos era que eles conheciam o meu interior sem eu ter que contar-lhes.

“Estou feliz por sua companhia.” Também me alegrou saber que Dario não me chamou, não porque não desejava a minha presença, mas devido às suas responsabilidades.

“Já jantou?” Ela perguntou.

“Ainda não.” Eu secretamente desejava que Dario me convidasse para comer com ele. Mas se ele estava tão ocupado como Pari disse, ele não teria tempo.

“Eu vou buscar a janta,” disse Pari.

Ela voltou sem bandeja.

“Oh, bom. Alimento invisível. Isso significa que não vou ganhar peso se eu comer? Eu espero que você tenha trazido bastante, se esse for o caso.”

Pari me repreendeu com um olhar severo. “Meu senhor solicita sua assistência.”

“Ah.” *Assistência*. Então ele queria a escriba, não a esposa.

Vesti roupas adequadas e fui para o aposento de Dario, com Pari no reboque. Nós certamente estávamos prestes a forjar alguns novos precedentes aqui. Uma coisa era ser uma escriba da rainha. Eu trabalhava com eunucos e mulheres na maioria das vezes, e como plebeia, dificilmente se estranhavam minhas conversas com homens. Mas agora eu fazia parte da nobreza, e estava sujeita a regras rígidas de conduta. Dario havia estendido muitos protocolos por conta deste regime.

Encontrei-o na companhia de seu escriba. Seu rosto parecia rígido, seus olhos tensos. Ele se alegrou quando me viu.

“Sara! Você está cansada demais para dar uma olhada nesses números?”

“Não, meu senhor.”

“Excelente. Vidarna, minha esposa vai providenciar esses detalhes. Ela está cansada de nossa viagem de hoje, então não a afogue com todos os seus relatórios de uma vez só. Mostre-lhe o que parece urgente e guarde o resto para a semana que vem.”

A boca de Vidarna desceu em ambos os lados, enquanto suas sobrancelhas subiram. Ele não conseguia esconder sua decepção enquanto eu sentava perto dele e o convidava a começar. Dentro de cinco minutos, ele estava sentado ereto, com sua testa coberta de suor. Além de seu ceticismo inicial em relação a mim, não encontrei nenhuma falha em seu trabalho, e dei-lhe a orientação de que ele precisava para várias decisões menores.

Dario abafou outro bocejo. “O resto pode esperar, Vidarna?”

“Sim, senhor.”

Dario meneou a cabeça sinalizando a dispensa. Vidarna reuniu as ferramentas de seu ofício e saiu, seguido por Pari e pelo homem de Dario. Eu me levantei para segui-los. Dario agarrou meu braço e me puxou para o seu colo, onde ele descansava em um grande sofá. “Você não. Eu não disse que você podia ir.”

“Eu pensei que você tinha acabado com os escribas.”

“Os escribas podem ir para a lua. Mas a minha esposa, eu quero.”

Eu não consegui voltar para o meu quarto naquela noite.

Quando acordei, ainda em sua cama, já era o final da manhã e não havia nenhum sinal de Dario. Decidi sair em busca de Bardia logo que me vesti.

Um dia idílico de outono me cumprimentou com a mera sugestão de um frio no ar. Eu tinha buscado Pari para ir comigo e nós andávamos com passos preguiçosos. Um dos muitos novos assistentes de Bardia nos disse que poderíamos encontrá-lo na vinha.

O sol brilhava alto e claro, compartilhando o céu com algumas gordas nuvens brancas. Peguei-me rindo sem motivo, distraída pela beleza do dia. Eu estava completamente despreparada para a visão que encontrei quando chegamos à entrada do vinhedo.

Cumprimentaram o meu olhar espantado filas e mais filas de videira tão pesadas com uvas que era necessário uma vara resistente amarrada a cada uma das plantas para mantê-las na posição vertical.

Eu engasguei de alegria. Na última vez em que estive aqui, Bardia tinha podado a vinha tão drasticamente que o lugar mais parecia uma horta de varas do que uma vinha. Agora aquelas mesmas plantas floresciam com saúde, com tanto fruto viçoso que era de tirar o fôlego.

“Oh Bardia,” fiquei maravilhada ao vê-lo. “É glorioso.”

“Coma uma, minha senhora. Vai.” Eu dei um pequeno cacho a Pari e coloquei algumas uvas em minha própria boca. O suco explodiu na minha língua com uma mistura de sabores doces e picantes tão complexos que eu sorria de uma alegria gustativa. O aroma das uvas encheu o meu interior como um perfume de Damasco.

“Deliciosas,” eu murmurei. Antes de engolir, joguei outro punhado na minha boca.

Bardia riu. “Vá devagar, minha senhora. Deixe um pouco para a mesa do rei.”

“Que o rei venha e pegue para si. Esta é a minha quota.”

“Espere até você provar o vinho. Este ano está sendo muito bom, eu acho.”

O sol saiu de trás de uma nuvem branca naquele momento e brilhou a sua luz ofuscante sobre a fruta que estava diante de

mim. As uvas, vermelhas e gordas, assumiram uma qualidade translúcida.

“Rubis!” Gritei. “Eles se parecem com rubis na videira. Você cultivava uma colheita de rubis, Bardia.”

Ele me deu um sorriso modesto. “Não teria sido uma colheita tão boa se eu não tivesse escutado a senhora e parado de podar.”

Suas palavras provocantes me pararam. Com nova intensidade, examinei a videira frutífera que eu via diante de mim.

Lembrei-me que estive de pé perto deste mesmo lugar, segurando um ramo cortado.

Naquele dia eu tinha me sentido como a videira, despojada quase ao ponto de sucumbir, com tudo o que eu julgava precioso arrancado de mim. Como eu ansiava por minha antiga vida de volta. E, no entanto, como Bardia, Deus tinha planejado me trazer o bem dismantelando o meu mundo.

Eu achava que o meu trabalho era a medida do meu valor.

Eu tinha tornado as minhas realizações mais importantes do que amizades, mais importante do que o meu coração, mais importante até mesmo do que Deus.

Quanto mais eu me agarrava às minhas realizações, mais doente minha alma se tornava. E Deus, em sua misericórdia, em Seu amor incondicional, tirou a doença do meu peito.

Lembrei-me de repente das palavras do Senhor proferidas através do profeta Oseias: *“Portanto, agora vou atraí-la; Vou levá-la para o deserto e vou falar-lhe com carinho.*

Ali devolverei a ela as suas vinhas, e farei do vale de Acor uma porta de esperança.

O Senhor disse estas palavras para o reino de Israel durante uma temporada de intensa infidelidade. Mas ele pode muito bem tê-las falado para mim.

Numa época em que eu tinha me tornado vazia e infiel, ele me levou para longe das riquezas da vida na corte onde eu tinha transformado o meu sucesso em minha fonte de bem-estar. Em vez disso, ele me trouxe para um deserto de desespero e perda. Ele não me trouxe para este deserto para me destruir; Ele me trouxe aqui para falar comigo ternamente. Para falar do *Seu* amor, que curou as tristezas da minha infância. Para restaurar a mim o meu verdadeiro eu, que tinha sido sufocado sob o peso do meu apetite perverso por aceitação humana.

Olhando para trás, agora percebo que eu nunca poderia ter provado a verdadeira felicidade

enquanto minha alma continuava tão doente. As compulsões de um coração faminto não suportam a abstinência. Não conseguem provar a alegria a menos que consigam o que querem. E até mesmo depois que conseguem, ainda não ficam satisfeitas. A única maneira que eu conhecia de encontrar alguma felicidade na época era através da combinação dos seguintes fatores: ser bem-sucedida, ganhar aprovação e evitar o fracasso. E ainda assim todo o sucesso do mundo não me satisfazia. Simplesmente me deixava com uma fome maior.

Agora eu sabia que só o meu apetite por coisas divinas podia ser realmente satisfeito.

Em Sua misericórdia, sabendo que eu teria mais tristeza se eu tivesse o que eu queria, Deus me despojou das coisas que alimentavam a doença da minha alma. E isso me trouxe ao — Vale de Açar — Vale da *Tribulação*. Eu vi *com clareza que o meu sofrimento* pavimentou o caminho da minha cura. Meu coração já não se agarrava avidamente aos meus velhos ídolos. Ele ainda os queria. Isso eu não podia negar. Mas o meu coração queria Deus acima de qualquer coisa.

Como a vinha de Bardia, o solo da minha infância tinha sido pobre. Este mundo era um lugar decaído. Eu tinha lutado com a solidão e a rejeição desde muito cedo. Mas então, quando retornei para Ele, eu sabia que Deus não permitiria que essas perdas me aniquilassem. Por fim, Ele iria usá-las para o bem, embora o caminho da Sua bondade, às vezes, possa nos conduzir através do deserto e ao Vale da Tribulação.

Eu sabia que Ele tinha direcionado o meu caminho para lá.

Quando a estação chegou, o Bardia da minha alma tinha pego Suas tesouras e podado a minha estrutura, que já estava fraca. Ele me podou a fim de me dar uma vida mais abundante.

Será que eu produzi uma colheita de rubis como a vinha de Bardia no fim das contas? Pensei nas mudanças na minha vida.

Eu agora sabia o que significava uma amizade. Como aceitar ajuda. Como abrir meu coração. Eu aprendi como viver sem ser um sucesso estrondoso, sem ser admirada e aceita. Eu aprendi a amar o meu marido sem ser destruída pela realidade de que ele não sentia o mesmo por mim. Eu aprendi a ser alegre mesmo quando a vida era imperfeita. No deserto da minha vida, eu tinha aprendido a lição de Davi. Eu tinha aprendido a manter um pé na estrada da paz enquanto o outro permanecia preso na estrada da dor.

O mais importante foi que eu aprendi como agarrar-me ao Senhor. Aprendi a estar satisfeita, aprendi a confiar nele. Bem, na maioria das vezes. Ele ainda tinha muitas lições para me ensinar.

Ele ainda tinha que preencher muitas das minhas lacunas.

Deus me devolveu os meus vinhedos. Ele tinha levado uma vinha quebrada e doente onde só havia varas e a transformou em uma rica vinha que produzia joias. Eu tinha a minha própria colheita de rubis.

“Você tem comido as uvas de Bardia, pelo que vejo,” uma voz familiar sussurrou em meu ouvido.

Girei e encontrei a face divertida do meu marido me estudando. Ele estendeu o dedo e limpou o suco de uva que escorria no canto da minha boca. Ele o ergueu para eu ver uma pequena gota escarlate na ponta do seu dedo, que se assemelhava a uma gota de sangue. “A evidência do seu roubo,” disse ele, antes de lambar o dedo para limpá-lo.

Eu nunca aprendi a comer sem me sujar, pensei com um suspiro. “Não foi na verdade um roubo. Bardia me ofereceu. Ele estava me provando que eu estava errada.”

As sobrancelhas de Dario se juntaram. “Sobre o quê?”

“Bem, eu tinha lhe dado uma lição sobre como podar há alguns meses atrás.”

Os longos olhos verdes enrugaram-se nos cantos. “Você ensinou o meu jardineiro-chefe como podar? Lamento ter perdido esse espetáculo. O que exatamente você lhe ensinou?”

“Sobre suas medidas drásticas. Ele estava tratando a videira de uma forma rude, e eu o aconselhei a ser mais gentil.”

“Imagino que ele tenha lhe dado uma de suas lições.”

Lancei um olhar desconfiado sobre Dario. “Ele fez o mesmo com você?”

“Quando eu tinha cerca de dezessete anos. Você está um pouco atrasada.”

Eu ri. Por um momento, pensei sobre a possibilidade de compartilhar com meu marido persa as lições que Deus tinha me ensinado nas últimas semanas. Será que ele poderia começar a entender o mundo a partir de uma perspectiva tão diferente?

Eu decidi que mais do que qualquer coisa eu queria compartilhar essa parte da minha vida com ele. Eu queria que ele comesse a compreender a minha fé. Eu sabia que eu tinha que começar devagar. Eu não queria que ele pensasse que eu estava impondo minhas crenças a ele.

“O Senhor usou as palavras de Bardia para me mostrar um vislumbre de Sua sabedoria,” eu disse timidamente.

Capítulo Vinte e Sete

O Senhor?” Dario pegou suavemente a minha mão e começamos a caminhar em direção a um caramanchão de madeira coberto por uma profusão de rosas brancas que floresciam fora de época. “Bardia não sabe nada sobre o Senhor.”

“Eu sei. Mas é que Deus às vezes refere-se a si mesmo como um jardineiro e a Israel como uma vinha. Enquanto Bardia me ensinava o mistério da videira, eu sentia como se o Deus de Israel estivesse me mostrando como Ele poderia usar o sofrimento da minha vida para o meu bem.”

Dario nos acomodou no banco de mármore, na privacidade sombreada do caramanchão. Ele levantou minha mão com a palma virada para os seus lábios, levou-a até os seus lábios e a beijou suavemente. “Eu lhe causei muita dor. Eu sinto muito.”

Fiquei boquiaberta ao ouvir esse pedido de desculpas inesperado. “Você teve todas as razões para estar zangado comigo quando nos conhecemos. Eu devo ter sido uma terrível decepção para você.”

Ele deu um sorriso torto. “Com a raiva e a decepção eu sabia como lidar. O que me confundiu foi a mudança em meus sentimentos.”

“O que você quer dizer?”

“Quando retornei para buscá-la e levá-la para Ecbátana, eu ainda estava muito indignado com você. Então, para minha surpresa, encontrei uma mulher encantadora e comedida no lugar do pequeno monstro que eu esperava encontrar.”

“Eu descobri que eu me ressentia ainda mais por causa de sua beleza; eu não queria admirar nenhuma parte de você. Para meu espanto, a imagem vil que eu tinha construído de você na minha mente começou a desintegrar-se com tamanha rapidez que eu não conseguia me dar conta da realidade diante de mim. Você era amável e gentil. Meus servos mais confiáveis adoravam você.

Você tinha o valor de um dos Imortais do rei e a inteligência de um de seus assessores. Você era engraçada. Eu *gostava* de você.”

“Mas o acontecimento mais desconcertante foi quando percebi que eu *desejava* você. Naquela

primeiríssima noite. Cansado como eu estava depois da minha viagem esgotante de Ecbátana, e depois de enfrentar uma traição terrível por parte de um funcionário de confiança, senti-me tocado quando você se sentou ao meu lado com aquele seu vestido azul-escuro. Você se inclinou para me mostrar o seu pergaminho. Eu me lembro que eu tive que levantar tão rápido que quase tropecei em você.”

“Você está brincando!” Minha voz saiu num grito. “Você nunca me quis antes.”

“Sim, eu queria você. E isso me colocava em uma situação difícil. Eu queria ficar o mais longe possível de você. Desejar você era um inconveniente com o qual eu não contava. Eu não queria nada com você. Eu não tinha a intenção de perdoar você.

E então eu vi como você amava Cáspio, e isso derrotou a minha decisão de ignorá-la.”

“As coisas só pioraram naquela interminável viagem para o norte. Nos primeiros dias, eu tive de suportá-la sentada sobre a sela e aninhada em meus braços por horas a fio. Então, depois que você se firmou na sela, tive que encarar o fato de que você *não precisava mais* aninhar-se em meus braços. Todo o estado de coisas me tornou ranzinza além da tolerância. Você notou?”

Encostei-me nele. “Eu achei que era a sua natureza.”

“Normalmente sou tão afável como um cordeiro.”

“Claro que você é.” Eu disse e ele riu.

“Você foi muito gentil comigo naquela primeira noite no palácio,” eu disse.

“Mas então, saber que você era motivo de chacota na corte criou um nó na minha garganta. Eu não queria você, mas eu não queria que você sofresse também.

Eu tinha planejado livrar-me de você deixando-a sob os cuidados de Damaspia. Eu tinha me comprometido a apoiá-la em público, mas eu não tinha a mínima intenção de compartilhar meu tempo pessoal com você. Mas então eu não contava com a mente astuciosa da rainha. Ter que dividir um quarto com você era uma tortura absoluta. Você era espirituosa e encantadora. Eu queria passar todo o meu tempo com você, mas por outro lado não conseguia confiar em você. Eu evitava aquele quarto tanto quanto eu podia.”

“Ah. Eu me perguntava onde você passava as noites.”

“Tão longe de você quanto eu conseguia. Você quase teve que morrer antes que eu percebesse que não conseguiria viver longe de você.”

Meu coração derreteu quando levantei meus olhos e olhei para o seu lindo rosto. “Nesse caso, eu bendigo o dia em que Teispes me tomou como refém.”

“Bem, eu não! Aquele foi um dos piores dias da minha vida.

Eu não sei como uma mulher tão pequena pode causar tantos problemas.”

Assim que ele mencionou a palavra *problema*, veio à minha mente o fato de que nem tudo estava resolvido entre nós. Havia uma fundação rasa debaixo do meu casamento. Perguntava-me, com um sentimento perturbador, se toda a admiração que ele sentia por mim agora o ajudava a suportar o peso de sua desconfiança.

Em seguida, ele sussurrou meu nome, suavemente, como se ele gostasse do som do meu nome nos seus lábios, e me beijou, e eu esqueci minhas preocupações.

“Sabe, acho que você não fez isso tão bem quanto normalmente faz,” eu disse quando ele levantou a cabeça. “Talvez seja melhor você tentar novamente. Acho que você está sem prática.”

Ele deve ter me levado a sério a princípio, pois ele parecia desconcertado por um momento, antes de dar uma boa gargalhada.

Ele me puxou para os seus braços com um movimento brusco. “Minha vida teria sido um tédio sem você.” Então ele me beijou novamente, e ambos esquecemos o significado do tédio.

Naquela noite, eu me vi jantando sozinha com meu marido.

“Seu pai deseja vê-la,” disse ele, sem preâmbulos.

Eu me engasguei com um pedaço de cordeiro. “Meu *pai*?”

“Vocês não estão se falando?”

“É complicado. Eu estava zangada com ele por ter assinado o nosso contrato de casamento sem ter tentado me proteger. Você não vai entender isso. Você estava na mesma posição e não colocou a responsabilidade sobre o pai.”

“Então, você quer que eu o mande embora?”

“Embora? Ele está *aqui*? “

“Sim. Eu não disse que estava? Ele apareceu agora à noite para pedir minha permissão para uma visita.”

Levantei-me, quase derrubando uma bandeja de comida na minha pressa.

“Onde ele está?”

“Eu o mandei para os seus aposentos.”

Meu pai estava perto da parede mais distante, examinando um artigo de tapeçaria. Ele se virou quando me ouviu entrar. Eu esperava que ele permanecesse no outro lado da sala, mantendo a distância.

Porém, ele deu um passo em minha direção com passos hesitantes.

“Sara?” Sua voz transmitia espanto.

Eu tinha esquecido o quanto eu tinha mudado desde que ele tinha me visto pela última vez.
“Sim, Papai.”

“Uau... uau, você está linda!”

Eu tinha ouvido uma série de elogios semelhantes recentemente.

Mas nenhum perfurou meu coração tão profundamente. Baixei as pálpebras para esconder o véu de lágrimas.

Para o meu espanto, ele percorreu a distância entre nós e envolveu a minha mão em suas mãos trêmulas. “Filha, ele a trata bem?”

Você está infeliz? Porque eu levo você daqui, se você quiser. Eu não me importo se o seu marido é parente de doze reis. Eu não posso suportar que você seja infeliz.”

Olhei para ele com um olhar vazio, quase além da compreensão.

“Faria isso por mim?”

“Sim! Vamos embora agora. Venha. Vamos sair daqui imediatamente. Eu tenho um primo em Báctria. Podemos ir até ele para começar. E depois encontraremos nosso caminho.”

“O quê? Não! Quero dizer, eu não sou infeliz, Papai.”

Ele afastou-se com um passo. “Isso é tudo culpa minha. Eu estive pensando nisso desde o dia em que você se casou — aquele dia terrível quando todos ficaram examinando e julgando você. Se eu tivesse sido um pai melhor, você estaria preparada. Você não teria acabado em um casamento que você abomina”.

“Eu tenho sido um pai horrível para você. Eu tenho sido negligente. Eu sei disso. Em minha ignorância, eu errei muito. Com minha própria filhinha! Eu não sei como eu poderia enfrentar sua mãe”.

Para meu horror, ele desabou e começou a chorar amargamente.

“Papai!” Sem pensar, tomei-o em meus braços, tentando consolá-lo. Ele colocou um braço hesitante em volta do meu ombro. Pela primeira vez desde a minha infância, nós nos abraçamos. A amargura e a tristeza de anos foram lavadas em nossas lágrimas.

“Eu sempre pensei que eu fosse uma filha ruim. Ou, de algum modo, não boa o suficiente.”

“Você?” Ele mostrou-se surpreso. “Você era perfeita. O que você já fez de errado?”

“Eu era um incômodo para você,” eu disse, e depois de todas as minhas orações, eu ainda não conseguia dizer aquelas palavras sem que lágrimas corressem dos meus olhos.

“Eu era um escriba rude que não tinha ideia de como criar uma criança tão preciosa. Isso não a tornava um incômodo. Isso fazia de mim um péssimo pai. Oh, Sara, perdoe-me. Perdoe-me.”

“Com todo o meu coração. Eu amo você, Papai.”

Quando não tínhamos mais lágrimas, afastamo-nos um do outro. Para minha surpresa, meu pai segurou minha mão e começou a me puxar em direção à porta. “Vamos nos apressar e sair desse lugar. Eu tenho um carro esperando lá fora. Podemos viajar durante a noite.”

“O quê? Não, Papai! Não quero ir embora.”

“Você só está dizendo isso para me poupar do perigo.”

“Nada disso! Estou dizendo isso porque é verdade. Amo o meu marido. Ele é um bom homem.”

“Verdade?”

Dei uma risada sem vontade. “Sim, verdade. Vou chamá-lo para que possa conhecê-lo.”

“Eu o encontrei uma vez no casamento. Não foi uma experiência que eu gostaria de repetir.”

“Ele fica melhor quando o conhecemos melhor. Agora sente-se, enquanto eu mando chamá-lo.”

Dario veio em grande velocidade em resposta à minha solicitação.

“Meu pai acha que você vai comê-lo no jantar,” sussurrei em seu ouvido. “Então seja gentil. Ele veio para me sequestrar de suas garras cruéis e me levar embora. Eu mal consegui contê-lo.”

Dario soltou: “Nunca se sabe o que vai sair dessa boca,” disse ele em voz baixa. Em seguida, ele tentou ser encantador com o meu pai. Antes que uma hora passasse, ele tinha outro admirador devoto, como se precisasse de mais um. Fiquei aliviada ao ver que meu marido e meu pai pareciam estar mais à vontade um com o outro.

Meu pai saiu tarde naquela noite. Dario, por outro lado, permaneceu no meu aposento por horas. Eu estava quase dormindo quando ele sentou-se com uma velocidade repentina, bagunçando os cobertores.

“Eu esqueci!”

“Esqueceu o quê?” A minha fala estava lenta por causa do sono.

“Eu tenho algo para você.”

“Para mim? O quê?” Eu estava totalmente acordada agora.

“Um presente que eu queria ter-lhe dado mais cedo, mas você me distraiu.”

Ele saltou da cama e saiu do meu quarto, ainda puxando as mangas de sua túnica. Minha porta abriu-se escancaradamente alguns minutos depois. Dario caminhou em minha direção, segurando contra seu peito algo que eu não conseguia ver. Sentei-me, cheia de curiosidade. Para minha surpresa, o pequeno embrulho nos braços de Dario se moveu. Engoli em seco quando ele colocou em meus braços um cachorrinho de cor castanha, com olhos castanhos brilhantes. Ele era a própria imagem de Cáspio, só que muito menor. Com um suspiro, segurei-o junto ao meu peito. Virei meu rosto para ele, e ele me lambeu com ainda mais entusiasmo do que Cáspio costumava fazer. Ele roubou meu coração antes que eu tivesse a chance de tomar um novo fôlego.

“Oh! Que criatura arrebatadora! Qual o nome dele?”

“Isso é para você decidir. Ele é dos mesmos pais de Cáspio. Eu soube que havia uma nova ninhada no dia em que você voltou, e mandei trazê-lo de imediato.”

“Você está dando ele para mim?”

“Ele é o seu presente de boas-vindas ao lar. Eu sei que ele não vai substituir Cáspio. Mas eu acho que ele vai ocupar o seu próprio lugar especial em seu coração.”

Eu fiquei sem palavras. Trazendo o cachorro para perto de mim, dei-lhe um beijo na testa enrugada. Mas eu percebi que o que eu realmente queria era abraçar Dario, mas eu era tímida demais para tomar a iniciativa. Escondendo o rosto contra o corpo enrugado do cão, eu disse: “Obrigada, meu senhor. Eu já o amo.”

Dario afundou-se ao meu lado na cama, espalhando-se da maneira descuidada como sempre fazia, ocupando a maior parte do espaço. Juntando os travesseiros atrás dele, sentou-se ereto. “Eu acho que um pouco mais de demonstração de gratidão cairia bem. Você não tem ideia do que me custou para consegui-lo. Os agentes de Damaspia chegaram lá antes de mim.”

Eu ri, meio horrorizada. “Quanta gratidão você deseja?”

“Despeje sem economizar.”

Coloquei o cão no peito de Dario com um cuidado delicado.

“Cachorro, diga obrigado ao seu mestre por ter ido buscar você para mim”. Com uma obediência impressionante, o cachorro começou a lambar o rosto de Dario.

“Pare com isso!” Dario empurrou o cão delicadamente para o centro da cama, e sentou-se apoiando-se nos travesseiros novamente. “Não era o que eu tinha em mente.”

“Não?” Joguei meus braços em torno dele e dei-lhe um abraço esmagador. “Assim está melhor?”

“Mmm. Uma melhora significativa.”

Fiz chover beijinhos no seu rosto e pescoço. “Obrigada, obrigada, obrigada, meu senhor. Eu amo meu presente.”

“O que mais você ama?”

Afastei-me quando percebi o que ele queria. Suas pálpebras estavam a meio mastro, e eu não conseguia ler sua expressão. “Eu amo você.” Eu disse as palavras com uma lenta deliberação. “Eu te amo, muito.”

Os longos lábios inclinaram-se. “É incrível o quanto eu gosto de ouvir você dizer isso.” Era a sua vez de puxar-me para os seus braços.

Notas do Autor

O período da história persa em que *Colheita de Rubis* ocorre é um momento particularmente enigmático. Para um império mundial influente e duradouro, os aquemênidas nos deixaram como legado apenas o esboço de uma história surpreendente. O que nós realmente sabemos sobre eles chegou até nós basicamente através das percepções de seus inimigos, os gregos. Em tempos recentes, historiadores começaram a duvidar da precisão de algumas dessas percepções. Novos achados arqueológicos, bem como um exame mais cuidadoso do material grego, levaram a observações novas interessantes, as quais usei em *Colheita de Rubis*.

Sempre que possível, tentei manter um relato exato dos fatos, ou pelo menos tentei apresentar o enredo de uma forma coerente com o contexto da história. Mesmo não havendo evidência de escribas femininas na corte persa, existe uma documentação substancial que dá suporte ao papel das mulheres como escribas na antiga Mesopotâmia. De acordo com o respeitado historiador Wil Durant, “algumas mulheres tinham lojas e realizavam transações comerciais; algumas até se tornaram escribas, indicando que provavelmente tanto meninas como meninos recebiam uma educação ” (*Our Oriental Heritage: The Story of Civilization*, vol.1).

Por isso, achei que colocar uma judia no papel de escriba sênior da rainha da Pérsia não era uma ideia absurda.

As ideias modernas sobre a vida no “harém” fornecem uma imagem imprecisa sobre como viviam as mulheres persas da realeza no império aquemênida. Embora tivessem quarteirões separados, elas não eram enclausuradas, e eram livres para possuir e administrar propriedades. Elas viajavam e caçavam na companhia de homens. As princesas podiam cavalgar, e algumas eram proficientes no uso do arco e flecha. Pelo menos um historiador grego menciona que mulheres persas reais viajavam em carruagens fechadas.

Embora provavelmente isso seja verdade, considerando a liberdade que elas tinham de caçar junto com homens, é razoável supor que, em alguns casos, pelo menos, elas tinham permissão para viajar a cavalo. As mulheres de posição real eram autorizadas a ocupar determinadas funções públicas e podiam interagir com homens que não fossem seus maridos em circunstâncias especiais (como no caso de Ester, que convidou Hamã junto com seu marido, Xerxes, para um jantar privado em seus aposentos). As mulheres plebeias tinham uma liberdade ainda maior. As *arassaras* são um exemplo disso. Mulheres que trabalhavam como chefes de fábricas aparecem ocasionalmente em documentos de folhas de pagamento real.

Os homens persas exibiam um alto conhecimento de moda.

Jóias, perfumes exóticos e roupas luxuosas eram indispensáveis.

Sapatos com salto plataforma eram bastante populares nos círculos da corte entre os homens (Tom Holland, *Fogo Persa*). No romance — presumo que o mesmo acontecia com as mulheres — eu descrevo Sara usando saltos altos e trajes suntuosos. Embora não tenhamos muita informação sobre roupas femininas, eu usei imagens de mulheres reais, como as vistas em selos e estátuas, para descrever sua moda.

Alguns comentários sobre vários personagens deste romance podem ser úteis aqui. Embora Alogune seja uma figura histórica, a trama que a envolve nessa história é totalmente fictícia. No entanto, registros arqueológicos indicam que o filho de Alogune, Sogdiano, se propõe a assassinar o filho de Damaspia, Xerxes II, pouco depois de ele ascender ao trono. Eu imaginei que uma trama envolvendo Alogune daria a Sogdiano um motivo convincente (além da boa e antiga ambição) para uma posterior traição do seu meio-irmão.

Não há registro extrabíblico da existência de Ester ou Vasti. A única esposa de Xerxes registrada na história é Amestris. Isso não precisa indicar um conflito entre a Bíblia e a história; os persas tinham o hábito de registrar apenas os nomes das esposas e concubinas do rei que lhe davam filhos. Se Ester e Vasti não deram filhos a Xerxes, então seus nomes teriam ficado fora dos registros públicos. Alguns estudiosos sugerem que Vasti é Amestris, mas há problemas com essa teoria. Eu sugiro a minha própria teoria em *Colheita de Rubis*, embora ela também ofereça certas dificuldades, dentre as quais a mais pronunciada é a idade de Amestris quando Xerxes se casa com ela.

Vários historiadores antigos referem-se a Artaxerxes como um governante gentil e tolerante, um traço de personalidade que eu tento destacar no romance. Enquanto ele era conhecido como “o mão grande” por causa de um defeito congênito, ele não tinha problemas com suas papilas gustativas, pelo que sabemos.

Isso foi uma licença literária da minha parte. Da mesma forma, fui inspirada a dar a Shushan um olho falso quando li um artigo sobre a descoberta de um esqueleto em torno deste período que, de acordo com pesquisadores iranianos, ostentava um olho de pedra.

Alguns leitores perguntaram qual seria o termo apropriado para se fazer referência a Deus dentro da comunidade israelita dessa época. Na Idade Média, a comunidade judaica definiu para si um padrão restrito; qualquer menção direta a *D-us*, quer oralmente ou por escrito, era visto como quebra do Terceiro Mandamento. Alguns estudiosos acreditam que esta prática começou como uma tradição oral que tem raízes muito mais antigas. Outros estudiosos afirmam que esta

prática é de origem mais recente. Eu escolhi a segunda opinião, porque os escritores bíblicos se dirigem a Deus com muita liberdade em suas orações, bem como nos seus ensinamentos. Se o livro de Neemias refere-se abertamente a Deus, então, representamos esse tempo mais precisamente, simplesmente seguindo o exemplo de Neemias.

Embora não tenhamos certeza sobre o momento exato durante o qual os salmos foram reunidos em sua forma escrita, uma linha de raciocínio sugere o período persa como o início deste esforço. O presente de Neemias, uma coleção de alguns dos salmos, é uma referência a este momento significativo no tempo.

Espero que você tenha gostado das aventuras de Sara e Dario em *Colheita de Rubis*. *Estou ansiosa para continuar a história deles* no meu próximo livro quando eu relato a viagem de Neemias a Jerusalém. Mais uma vez eu vou abordar o símbolo dos muros — e dessa vez a importância de construí-los. Você pode ler um capítulo que começa na página 337.

Receitas

Infelizmente, nenhuma receita do período aquemênida sobreviveu. No entanto, listas de alimentos utilizados pelos servos e funcionários do rei nos dão uma boa ideia dos ingredientes.

Os persas adoravam utilizar uma grande variedade de carnes e veneravam os doces.

As receitas a seguir são derivadas da culinária persa de hoje.

Algumas destas receitas foram ligeiramente alteradas da sua forma tradicional em deferência aos hábitos alimentares saudáveis.

Tentei escolher pratos que utilizam ingredientes que já existiam na antiga Pérsia, exceto uma coisa: arroz. Na Pérsia de hoje, a vida sem um arroz devidamente cozido é um destino quase tão ruim quanto a morte. Mas, historicamente falando, a evidência mais antiga de arroz na Pérsia data do primeiro século a.C. Isso, contudo, não necessariamente significa que não havia arroz disponível na mesa de Artaxerxes; o rei tinha acesso aos alimentos mais raros de todas as partes do mundo, e seus cozinheiros viajavam para os cantos mais distantes do império, recolhendo receitas e ingredientes. Isso significa apenas que a pessoa comum provavelmente não comia arroz naquela época.

Purê de Beringela e Cebola

(Como servido a Dario no capítulo 15)

2 grandes beringelas sem sementes, lavadas
2 cebolas grandes, picadas
5 dentes de alho, picados
1 copo de soro de leite (produto encontrado em lojas especializadas. O nome persa é *Kashk*).

Ou, você pode substituir o soro com 1 copo de iogurte grego, espremido e coado com uma gaze)

2 colheres de sopa de hortelã seca, socada até que se reduza a pó (você também pode esfregar a hortelã entre as palmas das mãos)
1/2 colher de chá de cúrcuma
¾ xícara de óleo vegetal ou azeite
1/2 colher de chá de açafrão
Sal marinho e pimenta a gosto

Preaqueça o forno a 350°. Faça vários buracos nas beringelas e coloque-as no forno em uma forma por uma hora, ou até que fiquem macias.

Dica: Se berinjelas lhe dão desconforto gástrico, descasque-as, corte-as em fatias de meio centímetro, pulverize o sal e deixe por várias horas. Berinjelas *suam* um líquido escuro. Retirando esse líquido, você vai torná-las muito mais fáceis de digerir. Frite sua berinjela em vez de assá-la.

Em uma frigideira grande, frite as cebolas em ½ xícara de óleo em fogo médio, reservando o resto do óleo. Mexa de vez em quando. Certifique-se de que estejam macias e douradas. Adicione alho e mexa sem parar até dourar. Não deixe queimar. Reserve metade da mistura para a cobertura. Adicione cúrcuma ao resto da mistura e retire do fogo.

Quando a berinjela estiver pronta, retire a pele e, usando um garfo, amasse até obter um purê. Coloque a frigideira em fogo médio e adicione a berinjela à mistura de cebolas fritas. Frite por mais cinco minutos, até que esteja completamente macia. Adicione sal e pimenta. Sirva em uma bandeja.

Em uma frigideira, adicione o óleo em fogo médio alto. Adicione o pó de hortelã. Refogue e retire do fogo. Adicione o açafrão e jogue por cima a mistura de berinjela. Adicione a cebola e a mistura de alho por cima da berinjela. Sirva com soro de leite ou iogurte.

Delicioso com pão pita ou naan aquecido.

Arroz Basmati Branco

O arroz persa bem preparado tem grãos bem macios sem ser pegajoso. Embora mais complicado de se preparar do que o arroz branco comum, é tão mais delicioso que vale a pena o cuidado, o tempo e o esforço extras. Serve seis porções:

4 xícaras de arroz basmati (não substitua com outras variedades de arroz)

9 xícaras de água

½ colher de sopa de sal marinho

4 colheres de sopa de óleo vegetal

1 colher de sopa de manteiga derretida (opcional)

1 colher de chá de açafrão em pó (opcional)

Passo 1: *Cozinhe na água* — Coloque o arroz em uma tigela funda. Lave-o delicadamente com água quente quatro ou cinco vezes. Deixe o arroz de molho em água potável quente por uma hora.

Encha uma panela grande (antiaderente é ideal, mas não obrigatória), com nove xícaras de água e deixe ferver. Retire o excesso de água do arroz imerso e adicione à panela. Reduza o fogo para médio alto e mexa algumas vezes até que a água volte a ferver.

Prove alguns grãos de arroz após 6-8 minutos. Se o arroz estiver macio, escorra em uma peneira e lave delicadamente com água fria.

Não cozinhe demais.

Passo 2: *Cozinhe no vapor* — *adicione* óleo, ¼ xícara de água, e uma pitada de sal marinho no fundo da panela e reduza o fogo para médio.

Quando a água começar a ferver, coloque o arroz de volta na panela.

Neste ponto os grãos de arroz estão frágeis, então transfira-os delicadamente, com cuidado para não quebrar os grãos longos. Polvilhe sal a gosto conforme for adicionando o arroz.

Coloque várias toalhas de papel sobre a panela e recoloque a tampa firmemente. Isso faz com que o arroz termine de cozinhar através do vapor sem ferver. Depois de dez minutos, reduza a temperatura para fogo baixo. Cozinhe sem remover a tampa por mais 30-40 minutos.

Sirva o arroz em um prato com manteiga derretida (opcional).

Adicione o açafrão (opcional). Veja abaixo uma dica de preparação.

Deve aparecer uma crosta crocante dourada no fundo da panela, o que é ideal de acordo com a culinária persa.

• **Dica:** Se você estiver usando o açafrão, coloque um pouco de açúcar em um almofariz, e com um pilão esmague os filamentos de açafrão até que virem pó. Despeje duas colheres de chá de água fervendo sobre o açafrão. Quando o arroz estiver pronto para servir, despeje açafrão por cima. O aroma e a bela cor vão tornar o prato muito atraente. No entanto, evite as manchas, pois o açafrão pode marcar fortemente.

Kebab de Frango

1 colher de chá de açafrão em pó (ver dica de preparação acima)

½ xícara de suco de limão fresco

1 cebola grande, picada

2-3 dentes de alho, picados

¼ xícara de azeite

1 ½ colher de chá de sal marinho

Pimenta a gosto

1 kg de frango, cortado em pedaços de 3 cm. Peito, asa e drumets são especialmente bons para esta receita.

Para o molho: manteiga derretida, suco de um limão, uma pitada de açafrão em pó.

Em uma tigela grande, misture todos os ingredientes (exceto a mistura para o molho). Cubra e deixe marinar de um dia para o outro.

A melhor maneira de preparar este prato é em uma churrasqueira a carvão, usando espetos. Misture a manteiga, açafrão e o suco de limão, e passe o molho no frango enquanto assa. O frango deve ficar pronto em 10-15 minutos. Vire com frequência.

Para cozinhar dentro de casa, pré-aqueça o forno. Vaporize o fundo da panela com óleo. Cozinhe a galinha dez minutos de cada lado se estiver com osso, por menos tempo se for peito sem osso.

Sirva com arroz basmati.

Cordeiro ao Molho de Marmelo

(Servido no casamento de Sara e Dario)

O arroz branco é frequentemente servido com uma variedade de molhos de carne, chamados *khoresht*. *O marmelo é uma fruta antiga, celebrada* ao longo das eras por causa de seu cheiro agradável e único.

½ kg de cordeiro em cubos lavados e secos
2 cebolas grandes, cortadas em pedaços pequenos
3 dentes de alho, picados
3 marmelos médios, lavados e sem o núcleo, e cortados em forma de cunhas
¼ xícara de óleo vegetal ou azeite
¼ xícara de suco de limão
1 ½ colher de sopa de açúcar
¼ colher de chá de açafrão moído (veja a dica de preparação em Arroz Basmati Branco)
Uma pitada de canela
Uma pequena pitada de cada: cardamomo em pó, pó de semente de coentro e noz-moscada moída (opcional)
Sal marinho e pimenta a gosto

Em uma frigideira grande, doure cebolas em óleo no fogo médio. Mexa de vez em quando até que as cebolas obtenham uma cor dourada e fiquem caramelizada. Adicione alho e mexa até que o alho também fique com uma cor dourada. Salpique açafrão e mexa.

Adicione o cordeiro e aumente a temperatura para média alta. Mexa de vez em quando. Quando o cordeiro estiver dourado em todos os lados, abaixe a temperatura para fogo baixo.

Polvilhe canela. Adicione ¾ xícara de água fervendo. Coloque uma tampa na frigideira e deixe o cordeiro ferver suavemente durante 30 minutos.

Em uma panela separada, refogue o marmelo em ambos os lados rapidamente. Adicione à mistura de cordeiro e cozinhe por mais 30 minutos. Adicione o açúcar, o suco de limão, sal, pimenta e açafrão. Deixe ferver suavemente por mais dez minutos.

Sirva quente com arroz basmati branco.

Arroz Joia

(Também conhecido como Morrassa Polo)

Este prato não é apenas delicioso; suas cores deslumbrantes o torna favorito para recepções de casamento.

4 xícaras de arroz basmati

1 cebola grande
2 cenouras grandes, descascadas e cortadas em tiras finas
 $\frac{3}{4}$ xícara de cascas de laranjas frescas, cortadas em tiras finas, com a parte branca totalmente removida
 $\frac{3}{4}$ xícara de berberis (procurar em lojas específicas) ou você pode substituir com uvas-do-monte secas cortadas ao meio
3 colheres de sopa de amêndoas sem pele
2 colheres de sopa de pistache
 $\frac{1}{2}$ xícara de passas
 $\frac{3}{4}$ xícara de açúcar
1 colher de chá de açafrão
 $\frac{1}{4}$ xícara de azeite
 $\frac{1}{4}$ xícara de manteiga
Sal marinho

Prepare o arroz basmati branco da receita da página 394, até o final do passo um. Deixe-o descansar na peneira.

Ferva $\frac{3}{4}$ xícara de água com $\frac{1}{2}$ xícara de açúcar. Adicione as cascas de laranja e a cenoura. Ferva até ficarem macias, cerca de dez minutos. Escorra e reserve.

Se você estiver usando bérberis, lave-as e coloque-as em uma bacia de água. Agite suavemente e deixe na água durante um ou dois minutos. Remova os bérberis da água e coloque-os em uma toalha de papel para secar.

Em uma frigideira, adicione metade do óleo e manteiga juntos no fogo médio. Frite as cebolas até dourarem. Adicione os bérberis com $\frac{1}{4}$ xícara do açúcar ou uvas-do-monte restantes (não é necessário acrescentar açúcar porque já estão adoçados).

Mexa com frequência e remova do fogo após dois minutos.

Em uma panela grande antiaderente, adicione o restante do azeite e manteiga em fogo médio. Adicione $\frac{1}{4}$ xícara de água e uma pitada de sal marinho. Ferva. Adicione umas espátulas de arroz no fundo da panela cuidadosamente.

Em seguida, com uma colher, adicione uma camada da mistura de cenouras e cascas de laranja, uma camada de bérberis ou uvas-do-monte e a mistura de cebola, algumas amêndoas, alguns pistaches e passas. Alterne com uma camada de arroz até que a mistura esteja concluída. Cubra com várias toalhas de papel e tampe firmemente. Depois de vários minutos, baixe a temperatura para fogo **baixo**.

O arroz deverá estar pronto em 30-40 minutos. Sirva em um prato grande, tomando cuidado para não quebrar os grãos de arroz. Tente moldar o arroz na forma de uma pequena colina.

Se você estiver usando açafrão, adicione uma colher de chá de água fervendo ao pó de açafrão e despeje sobre o arroz. Para garantir que você não perca nada do açafrão, coloque uma colher do arroz de volta no prato do açafrão e mexa de modo que ele absorva todo o líquido que tenha restado no prato.

Sirva com *Kebab de frango*.

Agradecimentos

Serei sempre grata a Paul Sant house, o melhor introdutor ao mundo da publicação que um escritor pode desejar, e ao meu agente, Wendy Lawton em *Books & Such Literary Agency*, cujos instintos parecem infalíveis.

Eu sou muito grata a minha melhor amiga, Rebecca Rhee, que compartilhou toneladas de seu precioso tempo e treinamento prodigioso na edição de *Colheita de Rubis*, tornando-o um livro muito melhor do que teria sido, porém ainda mais grata por sua amizade insubstituível. A Lauren Yarger e Tegan Wild, minha grande gratidão por sua edição excelente e inteligente. Obrigada também a Emi Trowbridge, Cindy McDowell, Janice Johnson e Karen Connors, cada uma das quais fez uma diferença valiosa com suas sugestões e sincero encorajamento.

Estou em dívida com Kathi e Taylor Smith por me fornecerem um paraíso tranquilo para eu redigir, além de me alimentarem com uma comida incrível. Obrigada também por me ajudarem com os detalhes mais finos da arte de cavalgar. Sou grata aos meus amigos estimados Beth e Rob Bull, cujo filhote de mastim foi a inspiração para a raça do Cáspio, e cujo apoio constante coloca um sorriso no meu rosto. Sou particularmente grata a você pela ideia de ser Cáspio quem levou a chave de volta para Teispes.

Meu apreço constante por meu irmão, Ario Afshar, que sempre acreditou em mim mais do que eu merecia, e tem me apoiado de todas as maneiras possíveis.

Eu recomendo enfaticamente o meu grupo de escritores online — a galera do *ACFW Northeast*. É um alívio passar tempo com pessoas que falam a sua língua e entendem os seus desejos, mesmo que seja apenas pela internet.

Alguns profissionais tornaram a redação deste livro uma alegria: Bill Chiaravalle, cujos projetos de capa tanto para *Colheita de Rubis* quanto para *Pérola na Areia* criaram uma bela identidade para os meus livros; Dr. Torger Vedler, que graciosamente compartilhou seu raro conhecimento sobre o período e respondeu a inúmeras perguntas sobre os mistérios do império aquemênida, assim como também me levou aos recursos adequados; três editores talentosos da Moody — Deb Keiser, que acrescentou uma nova profundidade a *Rubis* ao me desafiar a deixar Cáspio morrer; Betsey Newenhuyse, que me ajudou a cuidar de muitos detalhes importantes; Pam Pugh, que foi tanto uma incentivadora quanto um anjo da gramática; Janis Backing, que me fortaleceu continuamente com seus doces e-mails, embora esse não fosse o seu trabalho. Obrigada por sua incrível ajuda e apoio.

Eu seria negligente se eu não agradecesse às muitas pessoas na Moody que são a chave para o sucesso de cada livro, mas cujos nomes podem não ser mencionados tantas vezes: pessoas como Ros, Brittany e todos os vendedores que colocam tanto tempo e empenho em cada projeto. Simplesmente, obrigada!

Trecho de “Colheita de Ouro”

Dario, num estalo, voltou à plena consciência, ciente de que um barulho estranho o havia despertado. Anos de treinamento militar tinham aperfeiçoado seu instinto de perigo, de modo que ele já estava fazendo uma análise dos arredores antes que seus olhos se adaptassem à luz das estrelas. Com alívio, ele observou que Sara dormia imperturbável próxima a ele, com o corpo bem apertado contra o seu lado em um esforço inconsciente para afastar o frio da noite.

Sem um ruído, ele virou a cabeça procurando por Arta, a quem tinha sido atribuído o serviço de guarda. Pela luz do fogo, ele podia ver o homem estendido no chão, com a cabeça caída para frente de forma brusca e em um ângulo estranho. O coração de Dario bombeou numa velocidade desagradável quando notou o líquido escuro ao lado do rosto inerte de Arta.

Dario desviou o olhar, com cuidado para não mover a cabeça muito visivelmente. Além de Arta, mais três homens andavam com ele. Dois deles foram amordaçados e amarrados, ele viu. Ele chamou a atenção do terceiro homem, Meres, que permaneceu alerta e não foi amarrado, fingindo dormir. Meres apontou para trás de si, levantando sutilmente a sobrancelha.

Seguindo o seu sinal, Dario observou que havia quatro intrusos. *Cinco*, na verdade, contando com um homem de ombros largos que usava uma capa de couro e vinha sorrateiramente em sua direção, segurando uma espada larga e curta. Dario empunhou sua faca, a única arma que ele tinha mantido presa contra sua coxa quando tinha caído em sua cama na noite anterior depois de uma viagem cansativa ao longo de subidas e descidas íngremes e perigosas.

O homem de ombros largos estava sobre ele agora. Cheio da calma peculiar que muitas vezes lhe vinha no calor da batalha, Dario percebeu que o homem segurava sua espada em um ângulo curioso, como se fosse um bastão. Ele não intencionava matá-lo, porém subjugá-lo, então.

Com um movimento muito rápido, Dario puxou sua perna, segurando seu oponente pelos tornozelos. Surpreso, o homem perdeu o equilíbrio por um momento. Dario rolou até os pés dele e, aproveitando-se da instabilidade do seu oponente, chutou-o com força na virilha. O homem deixou cair a espada e se dobrou com tanta dor que nem conseguia gritar.

Dario pegou a espada descartada e atingiu o homem na parte de trás da cabeça com um golpe pesado, usando o cabo de bronze. Com um grunhido, ele caiu inconsciente.

“Considere isto um favor,” disse Dario, sabendo pela experiência que o oponente não gostaria

de estar acordado para sentir esta dor.

“Dario?” Sara estava ajoelhada em sua cama, com os olhos arregalados em choque. Dario engoliu em seco. Quando consentiu que ela se juntasse a ele na viagem, ele não esperava coisa mais perigosa do que os passeios diários que, por ocasião, os levavam para estes grandes desfiladeiros. O pensamento do que poderia acontecer a ela no meio de um tumulto fez suas vísceras se contorcerem em um nó apertado.

Ele forçou sua voz a soar calma. “Esconda-se atrás daquela pedra.

Não se mova a menos que eu a chame!”

Ela não se mexeu. “*Depressa,*” ele sussurrou, uma mordida afiada enfatizava o comando. Para o seu alívio, ela obedeceu.

O resto de seus oponentes desconhecidos estava agora ciente de que ele não estava dormindo e não podia mais ser pego de surpresa. Ele viu Meres brigando com dois homens enquanto os outros dois vinham em sua direção. Dario franziu o cenho, perplexo com o fato de eles parecerem desarmados, exceto por uma vara longa e fina que um deles portava casualmente em uma mão. Ele usou os minutos que possuía antes que chegassem a ele para tentar soltar as amarras de um de seus homens, Sama. Ele teve tempo para cortar as amarras dos pulsos de Sama e pegar um escudo antes que seus dois adversários estivessem quase em cima dele.

Dario virou, tomando nota de pequenos detalhes que pudessem lhe dar uma vantagem na luta desigual. Por um canto da sua mente, ele tornou-se ciente de que a grama estava fria e úmida sob seus pés descalços e o ar estava fresco em seu peito.

Para seu espanto, viu que apenas um homem se aproximou dele, com andar lento. A luz pálida do fogo não conseguia esconder o fato de que mesmo ele tendo forma esbelta — era menor e mais magro que Dario — seu corpo compacto exibia um impressionante conjunto de músculos tonificados. O companheiro desse homem se deteve, sem qualquer pressa de vir em seu auxílio. Eles certamente não pareciam esperar muito problema de sua presa, Dario pensava.

Sem saber como o homem pretendia usar uma vara tão fina numa luta, Dario flexionou em uma das mãos sua faca afiada, analisando. Ele deu um passo à frente, numa postura bem praticada, e colocou seu peso por trás da faca enquanto atacava o homem. Para sua surpresa, o homem não se desviava nem para a esquerda nem para a direita, mas, no último momento, esticou um braço e com o que parecia um toque macio, empurrou o pulso de Dario como que fazendo um arco. Dario viu sua faca empunhada viajando para longe do alvo, enquanto a sua própria força era usada contra ele mesmo.

Ele recuperou o equilíbrio e virou-se para enfrentar seu adversário novamente. O bastão branco de repente girou no ar, soando mais como um chicote do que como uma vara de madeira.

Dario puxou o escudo para frente de seu rosto bem a tempo de deter um ataque de cima para baixo. Por incrível que pareça, a vara não partiu quando entrou em contato com o escudo espesso de vime e couro de Dario. Em vez disso, ela se dobrou e contornou o escudo, chicoteando o lado do rosto de Dario com um ataque doloroso. Ele colocou uma mão em seu rosto atingido; ele estava ensanguentado. Ele nunca tinha visto algo assim numa batalha antes.

Dario segurou a faca com mais força. O homem tinha tomado uma posição estranha, os joelhos dobrados, com um braço à frente e a palma da mão plana, a outra em torno da vara e posicionada para trás. Dario correu para ele, com a intenção de usar o peso de seu corpo para derrubar o homem no chão. Antes que ele tivesse a oportunidade, no entanto, seu adversário se esticou com uma velocidade tremenda e trouxe para baixo a borda da mão diagonalmente contra a lateral do pescoço de Dario. O golpe se abateu sobre Dario como a força de um metal, em vez de mera carne e sangue. Ele sabia que teria perdido a consciência se os músculos do seu pescoço não fossem tão fortes. Dario resistiu à tontura que o envolvia, engolindo forte para superar a vontade de vomitar.

Com um grunhido, ele jogou de lado o escudo e correu para o seu agressor, na esperança de surpreendê-lo com um contra-ataque inesperado. O homem agarrou Dario pouco acima do cotovelo e pressionou. Era como se uma ligação entre seu cotovelo e seus dedos tivesse sido retirada; Dario perdeu sua empunhadura da faca, seus dedos estavam sem força alguma.

Ele conseguiu se distanciar e assumiu uma postura defensiva, mas percebeu que estava perdendo o controle da luta. Ficou claro que seu oponente era especialista em uma forma de combate até então desconhecida por Dario. Com velocidade repentina, o homem correu em direção a ele e voou alto no ar como se tivesse um conjunto de asas, pousando num chute forte direto no estômago de Dario. Ele sentiu como se tivesse sido atingido por um tronco de árvore. Dario desabou, incapaz de respirar.

De canto de olho, ele viu o companheiro de seu oponente de pé ao seu lado com os braços cruzados, com um sorriso relaxado em seu rosto enquanto observava. Não era de admirar que ele não estivesse fazendo nenhum esforço. Ele deve ter visto seu amigo realizar essa façanha mais de uma vez. Sem aviso, o sorriso do homem vacilou e seus olhos se reviraram antes que ele caísse ao chão com um estrondo barulhento. Sama estava atrás dele, segurando uma enorme pedra em sua mão.

O adversário de Dario ficou distraído por um momento por causa do barulho de seu companheiro caindo no chão. Era a abertura que Dario precisava. O pensamento do que este

homem poderia fazer à sua esposa caso fosse derrotado deu a Dario força para ficar de pé novamente, ignorando o ardor em suas costelas. Aproveitando-se da situação surpreendente que deixou seu oponente boquiaberto, ele deu uma cotovelada na barriga do homem e bateu no lado de sua cabeça com um soco duplo. O homem cambaleou para um lado. Dario deu um chute contra seus joelhos na direção oposta e derrubou seu oponente. No chão, ele não poderia usar o bastão. Sama se juntou à briga e, juntando forças, eles finalmente subjugaram o adversário. Ele caiu inconsciente, com um fio de sangue descendo de seu lábio, o qual inchava rapidamente.

Eles correram para ajudar Meres; Dario sentiu uma onda de alívio quando percebeu que, embora os demais do bando de agressores fossem hábeis lutadores, estavam longe de ser tão extraordinários como o homem a quem ele havia enfrentado. Dentro de minutos, os dois oponentes de Meres foram anulados e amarrados com nós muito bem apertados, que os mantiveram impotentes atados um ao outro. Os outros três homens do bando, agora em vários estágios de inconsciência, foram contidos de forma semelhante.

Sara correu para o seu lado. “Você está bem?” Ela não conseguia esconder um pequeno tremor em sua voz.

“Você deveria esperar até que eu chamasse você.” Ele tentou soar severo, mas percebeu que o alívio abafou qualquer outra emoção em suas palavras.

“Eles não podem representar muito perigo agora, inconscientes e amarrados como estão. Você levou umas pancadas fortes. Alguma coisa quebrada?”

Descalça como estava agora, o topo de sua cabeça ficava na altura do peito dele. Seu cabelo, bagunçado por conta da cama e de sua corrida desajeitada, cobria o seu rosto desordenadamente.

Sua boca, que tremia de medo apenas momentos atrás, esboçava agora uma linha rígida. Ele a achou linda. “Eu devo ter algumas costelas quebradas.”

Ocorreu-lhe que, para uma mulher não acostumada com batalhas e derramamento de sangue, ela estava agindo com uma serenidade admirável. Sem lágrimas. Sem histeria. Nenhuma cena constrangedora diante de seus homens. Ele sabia que o autocontrole tinha um custo elevado, e apreciava isso ainda mais que antes. “Eu posso ter algumas costelas quebradas,” disse ele, mantendo sua voz leve.

“E sua bochecha está sangrando. Vai virar uma cicatriz, provavelmente. Que pena. Você não vai ser mais tão bonito quanto o Meres.”

Dario engoliu um sorriso, encantado com seu humor indomável. “Rapariga atrevida. É melhor você me assistir, então. Ou vai desmaiar ao ver um pouco de sangue?”

Ele teria rido de sua expressão ofendida se o gemido de um dos cativos não o tivesse forçado de volta à situação presente.

“Revistem-nos,” disse Dario com os dentes cerrados enquanto Sara amarrava suas costelas com ataduras. “Deixem todos nus se for preciso. Eu quero saber quem eles são e por que nos atacaram.”

Arta, que tinha recuperado a consciência e sentou para cuidar da forte dor de cabeça que sentia, rosnou. “Ladrões e patifes — é isso que eles são. Buscando a nossa prata, sem dúvida.”

Dario fez um som de desacordo com sua garganta. Os cinco homens não atacaram como ladrões comuns. Eles lutaram como profissionais, não como bandidos. Os seus cavalos de elite eram bem cuidados. Ele ainda podia lembrar dos movimentos incomuns do homem magro com quem ele tinha lutado; se não fosse a ajuda de Sama, ele teria perdido esse confronto. Aqueles não eram os movimentos de um ladrão comum.

Ele pensou por um momento sobre a possibilidade de aproveitar a oportunidade para resolver o enigma deste misterioso ataque ou de juntar os culpados em seus cavalos, entregá-los ao magistrado em Susã e deixá-lo resolver esse enigma. Afinal, o rei, que tinha convocado ele e Sara para uma audiência especial, esperava que chegassem em breve em Susã. Sem dúvida que, depois de meses de trégua, em honra ao seu novo casamento, Artaxerxes achou que já tinha mostrado bondade suficiente; o império necessitava do serviço de todos os seus homens habilitados se quisesse funcionar corretamente.

No entanto, algo sobre esses homens continuou a importuná-lo. Sentia-se desconfortável com a ideia de deixar a investigação para outra pessoa. Um mistério desconcertante estava em andamento aqui, e ele estava convencido de que precisava resolvê-lo, mesmo que isso significasse um atraso no encontro com o rei.

O sol já havia se elevado bastante no momento em que seus homens haviam feito um pequeno monte com os pertences de seus atacantes no meio do acampamento. Dario pegou o bastão branco e o examinou. Era feito de um tipo de madeira que nunca tinha visto. Ele o flexionou em direções opostas várias vezes.

Cedia com incrível facilidade, flexionando-se de várias formas; qualquer outra vara de madeira teria quebrado. Ele se perguntava como o bastão tinha sido feito para ter ao mesmo tempo a solidez da madeira e a flexibilidade do couro. Deixando-o de lado, começou a percorrer a pilha de sacos e pacotes à sua frente.

No topo da pilha repousava uma caixa impecável esculpida em marfim. No seu interior, Dario

encontrou um punhal decorado com joias requintadas. Ele o ergueu com a palma da mão; era uma peça cerimonial, mais para exibição do que para batalhas reais. No entanto, não era um punhal comum. O trabalho especializado e as joias raras utilizadas na sua criação revelavam uma oferta digna de um nobre de alto escalão. Dario o examinou por mais um momento, buscando marcas de identificação ou pistas sobre o seu dono. Não encontrando nada, ele o devolveu à caixa e o deixou de lado.

Ao contrário do punhal, tudo o mais que havia na pilha parecia comum e bem usado. Roupas extras, moedas, um par de frascos de óleo para o tratamento de couro e metal, equipamento de acampamento. Vinho. Bolos secos de tâmara. Nada incriminador. No fundo da pilha, uma bolsa de couro selada chamou sua atenção. Ele não reconheceu o selo; a palmeira e o leão estilizado decorativo não eram persas. Ele a mostrou para Sara. “Você reconhece este selo?”

Ela estudou-o antes de responder. “É estranho para mim.”

“Você pode quebrar a cera mantendo a integridade da figura?”

Preciso descobrir sua origem ao chegar a Susã.”

“Eu acho que sim. Depende da qualidade da cera.” Ela puxou sua faca e desenhou uma linha cuidadosa sobre o selo. Com uma pressão delicada, ela o partiu em duas seções intactas.

“O que você pensa que está fazendo?” A voz era profunda e calma.

Dario se virou e encontrou o homem de ombros largos, que o havia atacado, fitando-o com seus inteligentes olhos castanhos.

“Ah. Finalmente acordado. Você teve um cochilo agradável?”

“É melhor você deixar isso em paz.”

O sorriso de Dario era irônico. “Você não está em posição de fazer exigências, não é? Para quem é isso?”

O homem não disse nada. Dario desenrolou o couro e encontrou uma pequena carta dentro. “Não muito esclarecedora,” disse ele depois de ler.

“O que ela diz?” O homem perguntou, se movimentando contra as cordas apertadas.

“Você não sabe?”

“Eu só as carrego. Não as leio.”

“Tão nobre.” Ele estendeu a carta para Sara. “O que você acha?”

Ela a estudou em silêncio por um tempo. “Interessante.”

“Sério? Eu a achei decepcionante. *Execute as instruções que eu lhe enviar. Agora você tem tudo que precisa para as cerimônias de Ano Novo. Que você possa caminhar em segurança.* Como isso seria de alguma ajuda? Quais são as instruções? Isso é o que eu preciso saber.”

“Seu problema é que você não conhece a sua gramática. Vê a forma como o autor da carta usou o verbo *enviar*?”

Dario mudou de posição, passando seu peso de uma perna para outra. “Você está tentando me fazer dormir?”

Sara deu-lhe um toque no ombro. “Escute, meu senhor, e pode descobrir algo útil. A forma como o autor usou esse verbo indica que as instruções não virão mais tarde. E nem foram enviadas anteriormente. Quem escreveu esta carta está dizendo que as instruções devem ser entregues juntamente com esta mensagem, o que indica fortemente que estes cavalheiros estão com elas escondidas em algum lugar.

“Possivelmente neles mesmos.”

Dario puxou um cacho do cabelo de Sara, que esvoaçava em um ângulo estranho e o enrolou em seu dedo. “Essa é uma bela lição de gramática.” Ele se virou para o invasor. “Impressionante ela, não é? Para o seu azar. Gostaria de me dizer onde estas benditas instruções estão?” Ele suspirou quando o homem olhou para trás, mudo. “Eu acho que não.”

Ele ordenou a seus homens que revistassem os intrusos novamente enquanto ele olhava a pilha de suas posses mais uma vez.

Não havia outros itens de interesse nas bolsas restantes — nada que apontasse para as instruções que faltavam. A partir de uma súbita ideia, Dario começou a pesquisar as pilhas novamente.

Desta vez, ele não estava tentando *encontrar* algo, mas se certificando de que um determinado artigo essencial estava faltando.

“Onde estão os seus vistos de viagem — os seus *viyataka*?”

Ele perguntou.

A cabeça do homem virou de repente. “O quê?”

“Suas licenças. Vocês não podem estar viajando nas estradas do rei sem os documentos necessários. Os seus parecem estar faltando.”

“Acho que os perdemos.”

Dario deu um tapinha na pilha que estava na frente dele.

“Eu acho que não. Acho que era isso o que estavam buscando quando nos atacaram. Aconteceu de ter cinco homens no nosso grupo e cinco no seu. Isso deve ter sido uma coincidência muito conveniente para passar despercebido por vocês. Vocês estão viajando pelas estradas secundárias, por isso suas chances de se depararem com os soldados do rei são mínimas. Mas, para entrar em uma grande cidade como Susã, onde esta estrada leva, irão precisar de um *viyataka* oficial. É muito mais fácil entrar na cidade com os documentos adequados do que tentar esgueirar-se sem eles, o que deve ter sido o plano original de vocês.”

“Esqueceu uma coisa — você tem uma mulher, e nós não.

Como você pode ver, seus documentos de viagem não teriam qualquer utilidade para mim.”

Dario se ajoelhou na frente do seu prisioneiro e empurrou seu peito com o dedo indicador. “Você está se subestimando.

Seria bem fácil pagar uma mulher às portas de Susã para fingir ser um membro de seu grupo.”

O homem virou o rosto do olhar penetrante de Dario. “E daí?”

“Então, isso prova que vocês não são simples ladrões à procura de dinheiro. Vocês estão em uma missão de algum tipo — uma missão secreta o suficiente para impedi-los de solicitarem documentos de viagem. Gostaria de compartilhar que missão seria?”

Ele bufou. “Você se importaria de compartilhar a sua?”

Dario suspirou. “Você insiste em tornar isso difícil.”

Neste momento, seus homens já tinham vasculhado os intrusos e os seus cavalos até a pele, mas não encontraram nada.

Todo o bando já tinha recuperado a consciência, e eles resmungavam por estarem amarrados, mas não fizeram qualquer movimento para impedir serem revistados.

Com um movimento repentino, Sara pôs-se de pé e caminhou até o dono do bastão. “Esse corte de cabelo curto é incomum,” disse ela.

Dario franziu o cenho. Não era do feitio de sua esposa fazer análises de moda ou declarações públicas sobre a falta de estilo de alguém. Ele aproximou-se dela, não gostando de sua proximidade a um lutador excepcional, apesar de ele estar amarrado.

“Você deve ter cortado seu cabelo no mês passado,” Sara prosseguiu, recusando-se a se afastar do sujeito. “Talvez até tenha raspado, suponho, pela maneira como cresceu novamente.”

Dario olhou de canto para a sua esposa antes de se abaixar para examinar o couro cabeludo do homem. O sol tinha nascido enquanto eles estavam interrogando os ladrões, com sua luz de inverno brilhando. Sob a luminosidade do sol, a pele do homem brilhava pálida debaixo dos seus cabelos. Em seguida, com perplexidade, Dario notou marcas pretas em partes do couro cabeludo. “Tatuagens. Você tem tatuagens em seu couro cabeludo.”

O homem se virou para Dario e deu-lhe um sorriso suave.

“Primeiro a sua mulher, agora você. Vocês são obcecados por couro cabeludo?”

Dario conteve o impulso de dar-lhe um bom chute e fez sinal para Meres raspar a cabeça do homem.

“Deixem minha cabeça em paz!”, gritou o homem, mas de nada adiantou pois estava amarrado, e não havia como impedir que Meres realizasse sua tarefa.

Sua cabeça foi raspada em questão de minutos. Meres limpou o sangue que escorria de vários cortes rasos, em consequência da resistência fútil do homem. Uma curta mensagem escrita em aramaico tornou-se legível no couro cabeludo branco, tatuado com tinta preta.

Sara quase se engasgou enquanto a lia em silêncio. “Isso tem a ver com o rei!”

“O quê?” O homem virou a cabeça para se dirigir a Dario.

“O que diz?”

“Você não sabe?” Dario perguntou; pingava ceticismo de sua voz.

“Não consigo ler a minha própria cabeça, entende? O que diz? Diga-me.”

Dario, que tinha se enrijecido depois de ler a estranha mensagem, mudou o tom da voz e começou a ler em voz alta a tatuagem. “Esfregue o veneno que você tem em um dos lados do punhal. No dia de ano novo, apresente junto com um pombo assado como um presente do nosso sátrapa. Ele vai fazer você cortar o pássaro ao meio com o punhal e comer um pedaço, como garantia de que não está envenenado. Ofereça-lhe a carne do lado que foi cortado pela parte

envenenada do punhal.”

Os homens de Dario se entreolharam, intrigados. Artá coçou sua cabeça ferida. “O que isso quer dizer, além do fato de que algum pobre coitado vai ser assassinado?”

“A mensagem é a respeito do rei,” Sara explicou.

“O quê?” Várias vozes masculinas, incluindo as vozes dos seus atacantes, soaram ao mesmo tempo.

“Como você pode saber isso?” Perguntou Artá.

“Ele recebe presentes de embaixadores de todo o império no primeiro dia da primavera, que é o Ano Novo persa. Muitas vezes, os presentes são simbólicos: a água de um rio, para indicar que todo o rio pertence a Artaxerxes; terra, para significar que a própria terra é oferecida ao rei. Um pássaro seria uma maneira bonita de afirmar que o céu também é de domínio do monarca persa. Uma ave cozida seria provada pelo rei como um sinal de sua aprovação, o que, supõe-se, explica por que eles incluíram a faca.” Mas o rei tomaria a precaução de compartilhá-la com quem a trouxe, a fim de garantir que não está envenenada. No entanto, a pessoa por trás dessa trama inventou uma manobra inteligente para contornar essa dificuldade.

“O rei!” Artá quase explodiu quando pronunciou a palavra.

“Vocês estão certos disso? Eu pensei que as ofertas de Ano Novo fossem feitas em Persépolis.”

Dario assentiu. “Normalmente são. Este ano, o rei mudou os planos para que passasse o ano novo em Susã. Os chefes de Estado de todo o império já foram informados. Em menos de uma semana eles descerão à cidade com seus presentes para mostrar ao Império Persa que eles ainda são servos fiéis. Só que um deles está planejando usar essa ocasião como um meio para assassinar o rei. Apenas um oficial de alto escalão teria acesso ao rei no dia de Ano Novo, de modo que essa conspiração tem suas origens em uma pessoa de relevância em algum lugar do império.”

Houve um momento de um silêncio perturbador. Depois todos começaram a falar ao mesmo tempo, porém as vozes dos intrusos eram as mais altas, jurando ignorância em relação a essa trama. Finalmente um relativo silêncio tomou conta de todos.

Dario cruzou os braços; então pensou melhor sobre a situação enquanto o movimento causava-lhe dor no seu lado machucado.

“Como vocês conseguem ter a ousadia de professar inocência? A única evidência que falta contra vocês é o próprio corpo morto do rei.”

O homem que havia proibido Dario de abrir a carta lacrada agora se dirigia aos demais. “Meus senhores, minha senhora, meu nome é Nassir, da Babilônia. Estes são meus quatro irmãos: Nur, Naram, Nutesh. E aquele outro”, disse ele, apontando com o queixo para o homem tatuado, “é nosso irmão mais novo, Niqqulamuusu. Todos o chamam de Niq.”

“Que alívio,” disse Dario.

“Em primeiro lugar, por favor, aceitem nossas humildes desculpas pela maneira de nossa apresentação.”

Dario notou a boca de Sara se contorcendo pela utilização da palavra *apresentação*. Esse sujeito até que era divertido para um covarde assassino, ele teve que admitir. Nassir continuou. “Não pretendíamos causar nenhum mal a vocês. Você deve ter notado que fizemos um grande esforço para garantir que ninguém fosse realmente ferido. Nós não matamos pessoas.”

“Essa tatuagem dá testemunho contra a sua afirmação.”

“Este é um terrível mal-entendido, meu senhor. Permita-me explicar.”

Dario, que agora tinha a tarefa de interrogar os irmãos babilônios, fez sinal para que ele continuasse, curioso para saber que história ele iria inventar.

“Meus irmãos e eu somos mensageiros, por assim dizer.”

“Mensageiros trabalham para o império. Eu duvido que a administração real tenha contratado você ou” — Dario moveu a mão vagamente em direção ao grupo de homens amarrados — “seus irmãos.”

“Isso é verdade, senhor. Talvez a palavra *mensageiro* seja demais. Nós fazemos transporte de coisas. Como você bem observou, viagens pela Pérsia são reguladas por normas rígidas. Até mesmo correspondência, se for enviada sem a aprovação real, é lida e destruída após ser descoberta. No entanto, há aqueles que, por razões pessoais, não podem pedir autorização para viagem nem confiar sua correspondência ao correio oficial. A maioria das pessoas tem segredos que prefere não compartilhar com os burocratas do rei, que poderiam vendê-los para ganhar um dinheiro extra. Na minha experiência, esses segredos, em geral, são inofensivos ao império. Dizem respeito a assuntos de natureza pessoal — herança, amor, disputas de família. A nossa regra é nunca olhar para dentro dos pacotes e cartas que nos foram confiados. As tristezas e dores privadas das pessoas não são de nossa conta.”

“Que conveniente. E vocês não acham que essas regras atraem assassinos e bandidos de toda espécie?”

“Não, meu senhor. Pessoas que têm o assassinato em mente não iriam, de um modo geral, confiar a um estranho seus segredos. Somos homens de negócio honestos. Não temos nenhum interesse em assassinato. Apenas realizamos o transporte de documentos e mercadorias de uma parte do império para outra por um preço razoável.”

“Homens honestos, é assim que você considera?” Artá ficou boquiaberto. “Minha cabeça ainda está doendo como resultado da honestidade de vocês.”

“Isso é um negócio, senhor. Não agimos como se estivéssemos aqui para roubar seu ouro ou prata. Como o senhor tão sabiamente deduziu, precisávamos pegar seus documentos de viagem.”

Sara tentou abafar um suspiro de indignação; não teve êxito. Dario decidiu redirecionar a conversa. “Explique a tatuagem.”

“Ah, isso. Acredite em mim, meu senhor, se tivesse ideia do conteúdo vil dessa mensagem nunca teria colocado o couro cabeludo do meu irmão à disposição de tal esquema. O que aconteceu foi o seguinte. Um homem entrou em contato comigo e ofereceu uma grande quantia em dinheiro para que meus irmãos e eu transportássemos esse punhal e umas cartas para Susã.”

“Que homem?” Agora eles estavam chegando a algum lugar, Dario pensava.

“Aí está o problema, meu senhor. Ele me encontrou à noite, vestindo uma capa com capuz. Eu mal pude ver o seu rosto. Sua única apresentação foi um saco de ouro. Ele soava como um aristocrata, mas eu nunca descobri o seu nome.”

“Onde foi isso?”

“Na Babilônia. Mas o homem não era de lá; eu posso deduzir isso por causa do seu sotaque. Não sei de onde ele veio. Achei difícil caracterizar sua origem, pois era como se ele estivesse distorcendo sua voz. Ele pagou um valor extra porque queria tatuar sua carta no couro cabeludo do mensageiro. Ele disse que essa era a única maneira de ele se certificar de que sua mensagem não seria descoberta pelos espiões reais.”

“Se não fossem os olhos afiados de minha esposa ele teria se saído bem dessa. Como ele chegou a tatuar sua cabeça sem você saber o que a mensagem dizia?” Perguntou ele a Niq.

Niq deu de ombros. “Eles me mantiveram escondido em um quarto por um mês. Exceto pelo homem que raspou a minha cabeça e a tatuou, não vi ninguém, nem mesmo meus irmãos. Meu

quarto não tinha janela, de modo que eu não podia enviar ou receber qualquer mensagem. Eu não tinha ideia do que eles tinham escrito na minha cabeça. Eles me trancaram até que meu cabelo tivesse crescido e coberto a mensagem sobre meu couro cabeludo. Quando eu encontrar o patife que me arruinou com essa desonra, vou acabar com ele.”

“Você acha que o homem que o tatuou foi a mesma pessoa que falou com Nassir?”

Niq balançou a cabeça. “Não. Ele não tinha jeito de nobre.

Ele devia ser um servo simples, a julgar por suas maneiras. Seu mestre deve ter grande confiança nele para lhe confiar um trabalho como esse.”

Dario mordeu o lábio inferior. A origem da trama estava se mostrando um beco sem saída, se os irmãos estivessem falando a verdade. Apesar de ele ter frustrado o plano ao descobri-lo, ele sabia que era essencial encontrar o traidor. Sem dúvida, quem pretendia assassinar Artaxerxes iria tentar novamente. “Para quem você deveria entregar o punhal e as cartas em Susã?”

“Não tenho nenhum nome,” disse Nassir.

“Claro que não.”

“Mas eu tenho um lugar e horário de encontro.”

Dario sorriu lentamente.

TESSA AFSHAR

Continuação do livro colheita de rubis

Colheita de Ouro

“...um romance envolvente cujos personagens continuarão nos seus pensamentos muito depois do término da leitura. Não deixe de lê-lo!”

— *Jill Eileen Smith, autora recordista em vendas da série Esposas do Rei Davi.*

“Colheita de Ouro é uma grande história. Porém é também mais do que isso. As pessoas ganham vida em suas páginas, e você se identifica com as dores e lutas dos seus personagens.”

— *Chris Fabry, autora renomada e famosa locutora de rádio nos Estados Unidos.*

bvbooks www.bvbooks.com.br

TESSA AFSHAR

pérola na areia

Pérola na Areia é um romance sobre Raabe, personagem bíblica cuja história recebe um novo sentido através das palavras da aclamada autora e teóloga Tessa Afshar.

Aos 15 anos de idade, Raabe vê-se desamparada ao ser conduzida ao mundo da prostituição pelo próprio pai, o homem a quem mais admirava e tinha respeito. O sacrifício da essência da juventude era a única forma de salvação e sustento de sua família que enfrentava difíceis momentos no trabalho e na colheita.

Os anos se passaram e a esperança pelo amor verdadeiro é trocada pelo ressentimento fazendo Raabe buscar a independência e afirmar que jamais confiaria em outro homem novamente. Contudo, o que a moça não imaginava era que Deus tinha outros planos para sua vida... A chegada de Salmom, homem honrado e estimado pela nação de Israel, dá início a uma verdadeira batalha de sentimentos no então magoado coração de Raabe.

A deslumbrante e singela beleza de Raabe contrasta com a intensa trajetória de sua vida. O

sofrimento do passado a modificou de menina a uma mulher de fé, que transformou mágoa em coragem ao ajudar espiões na conquista da Terra Prometida.

Conheça essa história emocionante de uma gentia poupada da morte por possuir uma fé verdadeira e leal!

bvbooks www.bvbooks.com.br

Uma Rainha relutante
A História de Amor de Ester

Se você leu essa história como um relato bíblico sobre coragem. Experimente lê-la novamente como uma história de amor comovente.

Ela era uma menina simples que se deparou com uma escolha impossível.

Ele era um rei magnífico com um coração solitário.

O amor deles foi uma surpresa divina que mudou o curso da história.

A comovente história de Ester é revivida nesse livro inspirado que vibra com mistério, intriga e romance.

bvbooks www.bvbooks.com.br